Ao Snr.

Antonio Martinho

offerece

J. J. Ro. Arsejas.

CIRURGIA ANATOMICA, E COMPLETA

POR PERGUNTAS, E RESPOSTAS,

Que contèm os ſeus principios,

A OSTEOLOGIA, A MYOLOGIA, os tumores, as chagas, as feridas ſimplices, e compoſtas, as de armas de fogo, o modo de curar o morbo gallico, e o ſcorbuto, e a applicaçaõ das ataduras, e aparelhos, as fracturas, dislocaçoẽs, e todas as operaçoẽs Cirurgicas.

O modo de fazer a panacèa mercurial, e de compôr os remedios mais uſados na Cirurgia.

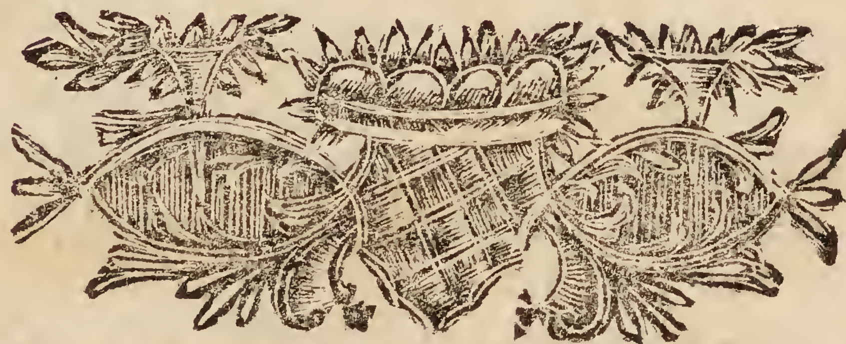
AUTHOR

MONSIEUR LE CLERE

Medico d'El-Rey Chriſtianiſſimo.

Traduzida em Portuguez

POR JOAM VIGIER.



LISBOA:

Na Officina da VIUVA DE IGNACIO NOG. XISTO.

Anno MDCCLXVIII.

Com todas as licenças neceſſarias.


WELLCOME
HISTORICAL
MEDICAL
LIBRARY

INDICE
DOS CAPITULOS,

E das principaes materias que estaõ conteûdas em cada Capitulo.

CAP.

TRA-

T R A T A D O

Das doenças Cirurgicas.

TRA-

T R A T A D O

Das feridas, e chagas, e costuras.

TRATADO

Das doenças dos ossos.

TRATADO

Das operaçoẽs da Cirurgia.

CAP.

CAP.

TRATADO

Das operaçoẽs das fracturas.

TRATADO

Das operaçoẽs que se fazem ás dislocaçoẽs.

TRATADO

Dos remedios necessarios a hum Cirurgiaõ.

LICENÇA
DA REAL MEZA CENSORIA.

PO'de correr. Meza 28. de Julho de 1768.

Arceb. Reged. *Gama.*

Coelho. *Vasconc. Per.*



CIRURGIA COMPLETA

POR PERGUNTAS, E RESPOSTAS,

Que contèm os principios, e todas as operaçoẽs da Cirurgia.

CAPITULO I.

Do Cirurgiaõ, e da Cirurgia.



CIRURGIAÕ que he?

He aquelle, que ſabe curar as doenças do corpo humano por huma applicaçaõ de maõ com methodo.

Quaes ſaõ em geral as boas qualidades de hum Cirurgiaõ?

Saõ trez: Ha de ſer ſciente em a theorica, experimentado na pratica, dócil na applicaçaõ de ſuas maõs.

Porque he neceſſario que ſeja ſciente?

Porque ſem ſciencia naõ póde conhecer o q̃ obra.

Porque experimentado?

Porque a ſciencia ſó naõ dá a agilidade das maõs, que lhe he neceſſaria, a qual ſe naõ póde adquirir ſem o exercicio.

Porque he neceſſario que ſeja dócil?

Porque deve abrandar com meyos agradaveis as dores, que he precizo fazer ſentir aos ſeus doentes.

Que couſa he Cirurgia?

He huma Arte, que enſina a curar os achaques do corpo humano por huma applicaçaõ de maõ com methodo.

Por quantos modos ſe fazem as operaçoẽs da Cirurgia?

Por quatro.

Quaes ſaõ?

A Sintheſis, que une as partes divididas, como ſaõ as feridas. A Diœceſis, que divide, e ſepára as partes, que por ſua uniaõ impedem a cura dos achaques, como he a continuidade dos abſceſſos, que he precizo abrir para ſe tirar a materia ſuppurada.

A Exereſis, que tira do corpo o que lhe he nocivo, como ſaõ as bálas, as frechas, ou materia ſuppurada &c. A Protheſis, que applica algum inſtrumento ao corpo para ſupprir a falta das partes, que faltaõ; como ſaõ as pernas, e os braços artificiaes, quando ſaõ perdidos os naturaes: tambem applica inſtrumentos para ajudar as partes enfraquecidas; como ſaõ os peſſarios confortantes na relaxaçaõ, ou cahida do collo da madre, as moletas para ajudar a andar em certas fraquezas &c.

Que he o que ſe ha de obſervar antes de fazer huma operaçaõ?

Quatro couſas: A primeira, qual he a operaçaõ, que ſe deve fazer; a ſegunda, porque ſe faz; a terceira,

ceira, ſe he neceſſaria, ou poſſivel; e a quarta o modo de a fazer.

Como ſe poderáõ conhecer todas eſtas couſas?

Conhecer-ſe-ha a operaçaõ, que ſe deve fazer, pela ſua definiçaõ, *id eſt*, explicando o que ella he em ſi meſma. Se ſaberá ſe ha de fazer, examinando ſe a doença ſe naõ póde curar de outra ſorte. Se julgará que he poſſivel, ou neceſſaria, conhecendo a doença, as forças do doente, e a parte affecta. Se ſaberá o modo de a fazer, ſe ſe tem bem exercitado na pratica da Cirurgîa.

Quaes ſaõ os fundamentos da Cirurgia?

Saõ trez: Primeiro, o conhecimento do corpo humano. Segundo, o das doenças, que neceſſitaõ da operaçaõ de maõ. Terceiro, o dos remedios, e dos ſoccorros, que lhes convêm.

De que modo ſe póde ter conhecimento do corpo humano?

Pelo eſtudo da Anatomîa.

De que modo ſe aprendẽ a conhecer as doenças, que pertencem á Cirurgîa; e os remedios, que lhes convêm?

Por dous modos? Primeiro, pelo eſtudo dos bons livros, e pelas liçoẽs, que ſe aprendem dos Meſtres da Arte. Segundo, pela pratica, que ſe faz, e que ſe vê fazer nos doentes.

Quaes ſaõ as doenças em geral, que pertencem á Cirurgîa?

Saõ os tumores, e os apoſtemas, as feridas, as fracturas, as deslocaçoẽs, e geralmente todas as doenças, para as quaes he neceſſario fazer operaçoẽs.

Quaes ſaõ os inſtrumentos em geral, que ſaõ neceſſarios á Cirurgîa, para curar eſtas doenças?

Saõ cinco : Que ſaõ as maõs, as ataduras, os medicamentos, o ferro, e o fogo.

Qual he a regra geral, que ſe deve guardar na applicaçaõ deſtes differentes ſoccorros?

Hippocrates nos enſina, dizendo que, quando os medicamentos naõ ſaõ ſufficientes, he neceſſario valer-ſe do ferro, depois do fogo, querendo dizer que he neceſſario ir por gráos.

Ha algumas doenças, que a maõ ſó do Cirurgiaõ poſſa curar?

Sim: Como quando ſómente ha alguma ſimplez, e pequena deslocaçaõ, a reduzirá facilmente o Cirurgiaõ com operaçaõ manual, ſem mais inſtrumentos, ou remedios Cirurgicos, excepto algum vulgar corroborante.

CAPITULO II.

Dos inſtrumentos da Cirurgîa portateis, e naõ portateis.

QUe he o que chamais inſtrumentos portateis; e naõ portateis?

Chamaõ ſe inſtrumentos portateis aquelles, que o Cirurgiaõ traz no ſeu eſtojo de algibeira, com ſua caixa de unguentos, e fios, ſe exercitar a Cirurgîa em Aldêas, aonde naõ haja botica: e naõ portateis, aos que naõ traz comſigo, mas que he obrigado aos ter em ſua caſa: os primeiros ſaõ deſtinados para os promptos ſoccorros, que dá quotidianamente aos doentes; e os outros para mayores operaçoẽs.

Quaes ſaõ os inſtrumentos em geral, que o Cirurgiaõ ha de trazer comſigo; e os que ha de ter no ſeu gabinete?

A maõ

A maõ he o primeiro dos inſtrumentos, e em quanto ás operaçoẽs, que ſe podem fazer com a maõ, ſe naõ deve uſar de ſoccorro eſtranho; mas nos caſos, em que a obra de maõs naõ ſeja ſufficiente, he neceſſario haver recurſo aos inſtrumentos, e maquinas, que, como ſegundas maõs, lhe ſaõ precizamente neceſſarios.

Os inſtrumentos Cirurgicos ſaõ ſoccorros eſtranhos, que fazem, ou ajudaõ a fazer com a maõ alguma operaçaõ ſobre o corpo humano, para lhe reſtituir, ou conſervar a ſaude. Neſte ſentido, o *numero*, a *figura*, a *materia*, e as outras condiçoẽs dos inſtrumentos dependem inteiramente da qualidade das operaçoẽs para que ſaõ deſtinados, e das partes para que haõ de ſervir, e ſuas acçoẽs ſaõ dirigidas a quatro principaes motivos, que ſaõ:

Unir as partes ſeparadas cõtra o curſo da natureza.

Dividir aquellas, ás quaes a uniaõ, e continuidade ſaõ nocivas.

Arrancar, ou extirpar do corpo o que he ſuperfluo.

Ajuntar, e ſoccorrer a natureza do que lhe falta.

Segue-ſe que o Cirurgiaõ deve ſempre ter aparelhados os inſtrumentos portateis, e trazêlos comſigo para os caſos mais communs; e os outros no ſeu gabinete, para operaçoẽs de mayor conſideraçaõ.

Para unir as partes divididas, he neceſſario ter ataduras, almofadinhas, tálas, canulas, agulhas, laços, e maquinas.

Para dividir as partes, que o neceſſitaõ, he neceſſario ter *lancetas*, *poſtemeiros*, *navalhas*, *dilatadores*, *ſerras*, *limas*, *legras*, *ſedenhos*, *verdugo*, toda a caſta de *cauterios actuaes*, *e potenciaes*, *agu-*

lhas para a hydropezia, e para operaçaõ da catarata &c.

Para arrancar, ou extirpar o ſuperfluo, he neceſſario ter *ventoſas*, *pinças*, *tenazes*, *bico de grou*, *bico de corvo*, *tira-fundo*, *ſaca-bálas*, *tentas cavas* para fazer ſahir a ourina da bexiga, *pyulcos* nome Grego, inſtrumento para chupar a ſordicie de hum abſceſſo profundo, *ganchos* para tirar os meninos mortos, e toda a caſta de inſtrumentos para tirar o ſuperfluo, ou nocivo, como *verbi gratia* o boticaõ para tirar dentes.

Para ajuntar, e ſoccorrer a natureza do que lhe falta; he neceſſario ter olhos, dentes, braços, e pernas artificiaes, moletas &c.

Em quanto aos inſtrumentos affectados para certas partes, he neceſſario conhecê-los, e tê-los aparelhados, como o *trepano*, *ſerras*, *legras*, *limas*, que naõ ſervem mais que para os oſſos; o *Miningophylax* em Grego he huma lamina de ferro, ou folha, de que ſe ſervem os Cirurgioẽs, para levantar o oſſo, para que naõ pique a membrana do cerebro, chamada Meninges; o *Speculum oris*, *naſi*, *oculi*, *uteri*, *ani*, que naõ ſervem mais que para abrir a boca, nariz, olhos, utero &c.

CAPITULO III.

Da Anatomîa em geral, e em particular de todas as partes, que compõem o corpo humano.

Que couſa he Anatomîa?

He a Analyſis, ou a diviſaõ exacta de todas as partes de hum corpo, para lhe conhecer a natureza, e a organizaçaõ de ſua maquina.

Que

Que couſas ha de importancia para obſervar, antes de fazer a diſſecçaõ de hum corpo?

Duas couſas: A eſtructura exterior do corpo, a ſimilhança, e correſpondencia das partes de fóra com aquellas de dentro.

Porque aſſim?

Porque ſem eſſe conhecimento, exterior, e geral, o Cirurgiaõ erraria muitas vezes no juizo, que deve fazer de huma deslocaçaõ, ou de huma chaga; por quanto pela deformidade, que percebe no membro, he que conhece a deslocaçaõ: e que tambem pela conreſpondencia, que as partes de fóra tem com as de dentro, he que tira as conſequencias certas de huma chaga dentro no corpo.

Que couſa he parte?

He huma das que ſe compõem em hum todo, e que vive de huma vida commũa com elle.

Quantas ſaõ as partes do corpo humano?

Pódem-ſe contar quinze, que ſaõ o oſſo, a cartilagem, o ligamento, o tendaõ, a membrana, a fibra, o nervo, a vêa, a arteria, a carne, a gordura, a pelle, a ſobre-pelle, os cabellos, e as unhas.

Oſſo que he?

He a parte mais dura, e a mais ſecca de todo o corpo, e a que faz ſeu principal ſuſtentaculo.

Cartilagem que he?

He huma parte, que obedece, macîa, que he quaſi da natureza do oſſo, e que ſe acha ſempre atada a ſeus extremos, para os adoçar, e facilitar os ſeus movimentos.

Ligamento que he?

He hum tecido membranoſo, ordinariamente adherente, ou pegado aos oſſos, para os ſuſtêr, e

algu-

CAPITULO IV.

Da divizaõ geral do corpo humano.

COmo se divide o corpo humano antes que delle se faça a dissecçaõ, e a demonstraçaõ anatomica?

Huns o dividem em partes similhantes, e dissimilhantes, chamando similhantes todas as partes simplez do corpo tomadas separadamente, como o osso, a vêa, o nervo &c.; e dissimilhantes, todos os membros, ou todas as partes compostas de muitas similhantes, ou simplez, *simul* juntas, como os braços, as pernas, os olhos, em as quaes se acha que tem ossos, nervos, e outras partes.

Outros o dividem em partes, que contêm em si, e conteûdas: as que contêm em si encerraõ outras, como o craneo, que encerra o cerebro, o peito, e os bofes: as conteûdas saõ encerradas em outras partes, como as entranhas, que o saõ no ventre, e o cerebro no craneo &c.

Alguns o dividem em partes espermaticas, e sanguineas: as espermaticas saõ aquellas, que foraõ traçadas ao tempo da formaçaõ; as sanguineas saõ as que accresceraõ depois pela creaçaõ do sangue.

Haverá ainda outros modos de dividir o corpo humano?

Sim: muitos o consideraõ como hum composto de ossos, de carnes, de vazos, e de entranhas, que explicaõ em quatro tratados, aonde o primeiro he chamado Osteologia para os ossos; o segundo Myologia para os musculos, ou carnes; o terceiro Angeyo-

geyo-

geyologia para as vêas, e arterias, e os nervos, que saõ os vazos; e o quarto Splanchnalogia para as entranhas.

Mas em fim a mais clara de todas as divizoẽs, que se póde dar do corpo humano, he a que o compara a huma arvore, aonde o tronco he o corpo, e os ramos saõ os braços, e as pernas. O corpo se divide em trez ventres: superior, mediano, e inferior, que saõ a cabeça, o peito, e o ventre baixo: os braços se distribuem em braços, pulsos, e maõs; e as pernas em coxas, pernas, e pés: as maõs se dividem em carpo, metacarpo, e em dedos: os pés se dividem em tarse, metatar-se, e em dedos: esta divizaõ he hoje seguida nas escólas.

Ou se póde dividir ultimamente em partes similares, e organicas: as organicas saõ aquellas, que saõ compostas de outras, como *v. g.* a cabeça, que he composta de muitas outras partes: as similiares saõ as que naõ saõ compostas de outras, como *v. g.* as vêas, as arterias, os ossos &c. que naõ tem em si composiçaõ de outras partes.

CAPITULO V.

Do Esqueleto.

PОrque se começa a Anatomîa pela demonstraçaõ do Esqueleto, ou dos ossos?

Porque os ossos servem de fundamento, e encosto a todas as outras partes do corpo.

Que he o Esqueleto?

He hum ajuntamento de todos os ossos de hum corpo quasi na sua situaçaõ natural.

Donde ſe tomaõ as principaes differenças dos oſſos?

Ellas ſe tiraõ de ſua ſubſtancia, de ſua figura, de ſua articulaçaõ, e de ſeu uſo.

Como ſe entende tudo iſto?

Em razaõ da ſua ſubſtancia ha huns oſſos, que ſaõ mais duros que os outros, como ſaõ os das pernas, e do eſpinhaço: reſpeitando ſua figura, huns ſaõ compridos, como os dos braços, e os outros ſaõ curtos como os do metacarpo: ſaõ alguns largos, como os do craneo, e da omoplata, ou eſpadoa; outros ſaõ eſtreitos, como as coſtellas: em razaõ de ſua articulaçaõ; huns ſaõ juntos por groſſas cabeças dentro de grandes cavidades, como os das coxas. Os outros ſaõ unidos por meyo de huma ſimplez linha, como os oſſos da barba: em razaõ de ſeu uſo alguns ſervem a trazer o corpo inteiro, como ſaõ os oſſos das pernas; e outros ſaõ deſtinados a preparar os alimentos, como os dentes, ou para formar alguma cavidade, como os oſſos do craneo, e os das coſtellas.

Quaes ſaõ as partes, que ſe diſtinguem nos oſſos?

Saõ o corpo, os cabos, as cabeças, o peſcoço, os apophyſes, os opiphyſes, os condylos, ou producçoẽs, os labios, e as criſtas.

O corpo he a mayor parte, e o meyo do oſſo: os cabos ſaõ as extremidades: as cabeças ſaõ as grandes eminencias, que ſe achaõ nas extremidades: o peſcoço do oſſo he aquella parte, que eſtá debaixo da cabeça do oſſo: os apophyſes ſaõ corcovas, que ſe achaõ nos cabos dos oſſos formando parte delles: os epiphyſes ſaõ oſſos juntos contiguos ás extremidades dos oſſos: os condyles, ou pro-

producçoẽs; saõ as pequenas elevaçoẽs, ou extuherancias dos ossos: as cavidades he serem encovados: os labios saõ as extremidades das bordas de huma cavidade, que está no cabo de hum osso: as cristas saõ as partes eminentes, que sahem no comprimento do osso.

De que modo estaõ juntos os ossos?

Em dous modos: por articulaçaõ, e por simphyse.

Quãtos modos de articulaçoẽs se achaõ nos ossos?

Geralmente ha dous modos: a diarthrose, e a synarthrose.

Que cousa he diarthrose?

He huma especie de articulaçaõ, ou commissura de ossos, que serve para os movimentos sensiveis, e evidentes.

Quantas especies ha de diarthrose, ou movimentos grandes?

Ha trez, que saõ: a enarthrose, a arthrodia; e o ginglymo.

A enarthrose he huma especie de articulaçaõ, que une dous ossos por huma grande cabeça de huma parte, e huma grande cavidade da outra; como he a da cabeça do osso da coxa no encaixe do quadril.

A arthrodia he a especie de articulaçaõ, que une dous ossos por huma cabeça chata recebida em huma cavidade pouco profunda, como a da cabeça do osso do hombro com o da espadoa, e a da duodecima vertebra do espinhaço com a primeira dos hombros.

A ginglymo he huma especie de articulaçaõ, que une dous ossos, que tem cada hum em seu cabo huma cabeça, e huma cavidade, pelas quaes recebem,

bem, e saõ recebidos no mesmo instante: tal he a articulaçaõ, que se acha nos ossos do cotovelo, e nas vertebras.

Que cousa he synarthrose: he huma articulaçaõ affectada, e sem movimento sensivel.

Quantas saõ as synarthroses, ou articulaçoẽs apertadas?

Saõ trez: a sotura, a harmonia, e a gomphose.

A sutura une dous ossos chatos por modo de costura, ou por hum ajuste de suas extremidades dispostas em fórma de serra, cujos dentes se achaõ reciprocamente encaixados huns nos outros: tal he a que vemos no craneo.

A harmonia, he huma uniaõ de dous ossos por huma linha simplez, como o osso da face com o do queixo.

A gomphose, he huma articulaçaõ apertada, que une dous ossos a modo de prégos mettidos nos seus buracos: tal he a dos dentes em seus encaixes.

Que cousa he symphise?

He a uniaõ de dous ossos pelo encontro de hum corpo mediocre, que os liga estreitamente: tal he a da rotula no joelho, e no hombro; e se chama vulgarmente coalescencia.

Destas trez especies de articulaçoẽs, ou symphises, faz-se alguma distincçaõ entre ellas?

Sim: porque posto que se façaõ todas por meyo de hum terceiro corpo, que as une, com tudo estes differentes corpos daõ cada hum differente denominaçaõ á sua articulaçaõ: assim a articulaçaõ, que se faz por huma materia glutinante, e cartilaginosa, se chama synchondrose, como a do nariz, da barba, do pubis; a que se faz por hum ligamento,

to, ſe chama ſyneuroſe, como a da rotula ao joelho; e a que ſe faz por meyo das carnes que tem os oſſos apertados, e ligados juntamente, ſe chama ſyſſarcoſe, como os oſſos dos queixos, o oſſo hyoîde, o do hombro, ou eſpadoa.

Os oſſos tem acaſo ſentimento, e movimento?

Naõ tem nem huma couſa nem outra: porque ſeu ſentimento de dor naõ procede mais que do perioſto, ou da membrana, que os reveſte; e ſeu movimento ſe naõ faz ſenaõ por meyo dos muſculos, que os puxaõ.

O tutano, ou miolo dá o ſuſtento aos oſſos?

Naõ; todos os oſſos ſe nutrem do ſangue como as mais partes; mas o miolo, ou tutano, he aos oſſos, o que a gordura he ás carnes: he hum oleo, que os humedece, e os faz menos frangiveis.

Saõ por ventura todos os oſſos da meſma côr?

Naõ; mas ſeguem o temperamento, e a côr das peſſoas.

Qual he o numero dos oſſos do Eſqueleto humano?

Contaõ-ſe ordinariamente 250. a ſaber: 61. na cabeça, 67. no tronco, 62. nos braços, e nas maõs, e 60. nas pernas, e nos pés: mas naõ ſe póde bem determinar eſte numero, porque huns tem mais, e outros menos. Ha alguns, que tem mais ſeſamoides, dentes, e oſſos no ſternum, do que os outros. Alguns tem muitas chaves na ſotura do lambdoides, outros naõ tem.

Fazey a numeraçaõ dos oſſos da cabeça.

Ha 15. no craneo, e 46. na face.

Os 15. do craneo, ſaõ: o coronal para a teſta, o occipicial para o de detraz da cabeça, os dous parie-

parietaes para o de cima da cabeça, e para cada banda, os dous temporaes para as fontes, o osso sphenoides, que fecha a base do craneo, o osso ethmoides, ou crivoso, situado á raiz do nariz, e os quatro ossinhos dos ouvidos de cada banda.

Dos 46. da face se contaõ 27. nos queixos superiores, que saõ: os dous zigomaticos, ou os ossos da maçaã do rosto, os dous lagrimaes dos olhos da parte do nariz, as duas queixadas, que recebem os dentes de cima, e que formaõ huma parte do céo da boca, e das covas dos olhos; os dous ossos do nariz, os dous ossos do céo da boca, que estaõ na extremidade, e detraz das ventas; o ultimo, que está só, he a mentula; este faz a divisaõ das ventas pela parte debaixo, e ordinariamente ha dezaseis dentes superiores.

O queixo debaixo tem dezanove, a sabér: dezaseis dentes, dous ossos que os recebem, e o osso hyoîde situado na base da lingua.

Como se divide o numero dos dentes?

Em incisivos, em caninos, e em molares. Os incisivos saõ oito, os caninos quatro, que naõ tem mais que huma raiz, e os molares vinte, que tem húma, duas, ou trez raizes.

Fazey a numeraçaõ dos ossos do tronco.

Ordinariamente ha trinta e trez no espinhaço, que saõ sette vertebras no pescoço, doze vertebras nas costas, cinco vertebras nos lombos, cinco, ou seis, e algumas vezes sette, no sacrum, trez, ou quatro no coccix, e duas cartilagens na sua extremidade.

Ha vinte e nove no peito, que saõ: vinte e quatro costellas, duas claviculas, e ordinariamente trez ossos no sternum.

Divi-

Divide-ſe o oſſo das nadegas em trez : em hilion, hiſchion , e pubis.

Fazey a numeraçaõ dos oſſos do braço.

Cada braço tem trinta e hum oſſo , que ſaõ : o omoplata , ou eſpadoa , o humerus , ou o oſſo do hombro , os dous do braço anterior chamados cubitus , e radius , o cotovello , ou radio ; oito oſſinhos no carpio , ou pulſo , cinco no metacarpo , ou na maõ, e quatorze nos dedos , trez em cada hum.

Fazey a numeraçaõ dos oſſos das pernas.

Cada perna tem trinta oſſos, que ſaõ o femur, ou oſſo grande da coxa ; a rotula , que faz o de cima do joelho, a tibia, e o peroneo, que ſaõ os dous oſſos ſocios da perna ; ſette oſſinhos na tarſe , cinco na metatarſe , e quatorze nos artelhos , a ſaber : trez em cada hum , e o pollegar naõ tem mais que dous.

Eiſ-aqui o numero dos oſſos do Eſqueleto humano , 250. ſem contar os ſeſamoides , as chaves do craneo , e alguns outros , que ſe naõ achaõ ſempre.

CAPITULO VI.

Da Myologia , ou Anatomia dos muſculos do corpo humano.

QUe couſa he muſculo ?

He o principal organo do movimento , ou huma porçaõ de carne , em a qual ha vêas , arterias, nervos , e fibras , e eſta he cuberta de huma membrana.

Quantas partes tem o muſculo ?

Trez : a cabeça , o ventre , e o cabo ; a cabeça

parietaes para o de cima da cabeça, e para cada banda, os dous temporaes para as fontes, o osso sphenoides, que fecha a base do craneo, o osso ethmoides, ou crivoso, situado á raiz do nariz, e os quatro ossinhos dos ouvidos de cada banda.

Dos 46. da face se contaõ 27. nos queixos superiores, que saõ: os dous zigomaticos, ou os ossos da maçaã do rosto, os dous lagrimaes dos olhos da parte do nariz, as duas queixadas, que recebem os dentes de cima, e que formaõ huma parte do céo da boca, e das covas dos olhos; os dous ossos do nariz, os dous ossos do céo da boca, que estaõ na extremidade, e detraz das ventas; o ultimo, que está só, he a mentula; este faz a divisaõ das ventas pela parte debaixo, e ordinariamente ha dezaseis dentes superiores.

O queixo debaixo tem dezanove, a saber: dezaseis dentes, dous ossos que os recebem, e o osso hyoîde situado na base da lingua.

Como se divide o numero dos dentes?

Em incisivos, em caninos, e em molares. Os incisivos saõ oito, os caninos quatro, que naõ tem mais que huma raiz, e os molares vinte, que tem huma, duas, ou trez raizes.

Fazey a numeraçaõ dos ossos do tronco.

Ordinariamente ha trinta e trez no espinhaço, que saõ sette vertebras no pescoço, doze vertebras nas costas, cinco vertebras nos lombos, cinco, ou seis, e algumas vezes sette, no sacrum, trez, ou quatro no coccix, e duas cartilagens na sua extremidade.

Ha vinte e nove no peito, que saõ: vinte e quatro costellas, duas claviculas, e ordinariamente trez ossos no sternum.

Divi-

Divide-se o osso das nadegas em trez : em hilion, hischion , e pubis.

Fazey a numeraçaõ dos ossos do braço.

Cada braço tem trinta e hum osso , que saõ : o omoplata , ou espadoa , o humerus , ou o osso do hombro , os dous do braço anterior chamados cubitus , e radius , o cotovello , ou radio ; oito ossinhos no carpio , ou pulso , cinco no metacarpo , ou na maõ, e quatorze nos dedos , trez em cada hum.

Fazey a numeraçaõ dos ossos das pernas.

Cada perna tem trinta ossos , que saõ o femur , ou osso grande da coxa ; a rotula , que faz o de cima do joelho , a tibia , e o peroneo , que saõ os dous ossos socios da perna ; sette ossinhos na tarse , cinco na metatarse , e quatorze nos artelhos , a saber : trez em cada hum , e o pollegar naõ tem mais que dous.

Eis-aqui o numero dos ossos do Esqueleto humano , 250. sem contar os sesamoides , as chaves do craneo , e alguns outros , que se naõ achaõ sempre.

CAPITULO VI.

Da Myologîa , ou Anatomîa dos musculos do corpo humano.

QUe cousa he musculo ?

He o principal organo do movimento , ou huma porçaõ de carne , em a qual ha vêas , arterias, nervos , e fibras , e esta he cuberta de huma membrana.

Quantas partes tem o musculo ?

Trez : a cabeça , o ventre , e o cabo ; a cabeça

he por onde entra o nervo; o ventre he o corpo, ou o meyo do musculo; o cabo he a extremidade, aonde vaõ dar todas as fibras do musculo, para formar o tendaõ, que se ata na parte que o faz mover.

Tem todos os musculos suas fibras direitas da cabeça para o cabo?

Naõ, huns as tem direitas, os outros transversaes, e os outros obliquas, ou circulares, segundo o movimento para que saõ destinados.

Quantas sortes ha de musculos respeito á sua acçaõ?

Ha duas sortes: de antagonistas, e de congenerados. Os antagonistas saõ os que fazem movimentos oppostos, como hum dobrador, e hum extensor, hum que baixa, outro que levanta. Os congenerados saõ os que contribuem a huma mesma acçaõ, como quando ha dous dobradores, dous extensores, entaõ hum suppre ao outro; pelo contrario, quando hum dos musculos antagonistas he cortado, o outro he inutil, e sem acçaõ.

Como se faz a acçaõ do musculo?

Faz-se por contracçaõ, e por extensaõ: a contracçaõ faz inchar, e a extensaõ prolongar seu antagonista.

Que he aponevrose?

He a continuidade das fibras do tendaõ, a qual faz hum tecido, que serve para fortificar o musculo na sua acçaõ.

CAPITULO VII.

Da Myologîa, ou Anatomîa dos musculos da cabeça.

QUantos saõ os musculos destinados para mover a cabeça, e quaes saõ?

A cabeça move-se por meyo de quatorze musculos, que saõ sette de cada parte; dous, que a abaixaõ, oito, que a levantaõ, e quatro, que a fazem mover ao redor.

Os dous, que a fazem baixar, se chamaõ sternoclinomastoides; tem seu principio no osso sternum, nas claviculas, e vaõ obliquamente atar-se na apophyse mastoide.

Dos quatro ascensores de cada banda, o primeiro he o spenico; seu principio está nas cinco vertebras dos hombros, e nas trez inferiores do pescoço, e sóbe obliquamente para se atar ao occipicio.

O segundo he chamado complexus, tem seu principio como o spenico, e tambem se ata ao occipicio, e formaõ ambos huma cruz de Santo André.

O terceiro he o grande direito, tem seu principio na segunda vertebra do pescoço, donde se vay atar ao occipicio.

O quarto he o pequeno direito; tem seu principio na primeira vertebra do pescoço, donde se vay atar tambem ao occipicio.

Os dous de cada banda, que movem a cabeça circularmente, saõ o grande, e pequeno obliquos.

O grande obliquo tem seu principio na segunda vertebra do pescoço, e se vay atar á primeira.

O pequeno obliquo tem ſeu principio no occipicio, e ſe vay atar obliquamente com o outro na primeira vertebra.

Quantos muſculos tem o queixo inferior, e quaes ſaõ?

O queixo inferior tem doze muſculos para ſe mover, ſeis de cada banda; donde quatro ſaõ para o fechar, e dous para o abrir.

O primeiro, dos que abrem, he levantador; ſeu principio eſtá no alto do ſternum da clavicula, e do acromion, e ſe vay atar exteriormente debaixo do oſſo do queixo inferior.

O ſegundo, dos que abrem, he o digaſtrico; tem ſeu principio em huma greta, que eſtá entre o oſſo occipial, e o apophyſe maſtroides, donde ſe vay atar interiormente debaixo da barba.

O primeiro dos que fechaõ he o cortaphytes, ou muſculo temporal: tem ſeu principio em baixo, e á ilharga do oſſo coronal, do oſſo parietal, e do oſſo petroſo, e ſe vay atar ao apophyſe coronoides do queixo inferior, depois de haver paſſado por cima do apophyſe do zigoma: ſuas fibras vaõ da circunferencia ao centro, eſtá cuberto do pericraneo, o que faz que ſuas feridas ſejaõ muito perigoſas, e quanto menos inciſoẽs melhor.

O ſegundo he o pterigoidien exterior: ſeu principio eſtá no apophyſe pterigoide, donde ſe vay atar entre o condilo, e o coroado de queixo inferior.

O terceiro he maſſeter: tem dous principios, e dous atilhos; o primeiro eſtá na pometa, e o ſegundo na parte inferior do zigoma; o primeiro atilho eſtá no angulo exterior do queixo, e o ſegundo na parte mediana, formando aſſim a figura de hum X.

O quar-

O quarto he o pterigoidien interior: ſeu principio eſtá no apophyſe pterigoide, donde ſe vay atar ao angulo interior do queixo; e por eſte modo com eſtes quatro muſculos ſe faz a maſticaçaõ.

Quantos muſculos tem a face, e quaes ſaõ?

Ha dous para a teſta chamados frontaes: ſeu principio eſtá na parte ſuperior da cabeça, donde deſcem por fibras direitas para vir atar-ſe á pelle da teſta perto das ſobrancelhas, aonde ſe tornaõ a unir: ſua acçaõ he de puxar a pelle da teſta para cima, á qual eſtaõ adherentes.

Ha outros dous chamados occipiciaes, dos quaes o principio eſtá na meſma parte dos precedentes, mas deſcem por detraz, e ſe vaõ atar á pelle do occipicio, que puxaõ para cima.

Ha dous muſculos em cada peſtana, hum ſe chama relevante, e outro baixante: o relevante tem ſeu principio no fundo da orbidade do olho, e vayſe atar por huma larga aponevroſe á borda da peſtana ſuperior: o que fecha, ou abaixa, chamado orbicular, tem ſeu principio no grande canthus, ou angulo do olho, paſſa por cima da peſtana de cima, vay-ſe atar ao pequeno angulo do meſmo olho, do qual faz o circuito.

Os olhos tem cada hum ſeis muſculos, quatro direitos, e dous obliquos: os direitos ſaõ o relevante, o baixante, o adductor, e o abductor.

O primeiro, chamado relevante, ou ſoberbo, puxa o olho acima; o baixante, ou o humilde, o puxa abaixo; o adductor o puxa para a parte do nariz, o abductor o puxa para a parte do hombro. Todos eſtes pequenos muſculos tem ſeus principios, e ſaõ atados no fundo da orbidade, por onde paſſa

o nervo

o nervo optico, e ſe vaõ terminar na cornea por hum tendaõ baſtantemente largo.

O primeiro dos obliquos ſe chama pequeno obliquo, e o outro grande obliquo, porque puxaõ o olho obliquamente: eſtes muſculos fazem as crianças veſgas, quando naõ fazem juntamente ſua acçaõ. O pequeno obliquo eſtá atado á parte exterior da orbidade perto do angulo grande, puxa o olho para a parte do nariz obliquamente. O grande obliquo ſe ata á parte interior da orbidade, e ſóbe a longo do oſſo á parte ſuperior do angulo grande, aonde ſeu tendaõ paſſa por huma pequena cartilagem chamada troclea, e vay-ſe fixar com o pequeno obliquo, para puxar o olho obliquamente para o angulo pequeno.

A orelha, que ordinariamente naõ tem movimento ſenſivel, naõ deixa de ter quatro muſculos, hum por cima, e trez por detraz: o primeiro eſtá ſituado ſobre as fontes, e vay-ſe atar á orelha para a puxar para cima; os outros trez tem ſeu principio na apophyſe manillar, e vaõ á baſe da orelha para a puxar para traz.

A orelha inteira tem trez muſculos: o externo, que pertence ao martello, eſtá eſtendido ſobre a parte exterior do ducto oſſoſo, que vay da orelha ao céo da boca: eſtá em huma ſinuoſidade muito obliqua, que he concava immediatamente acima do oſſo, que ſuſtenta a ranura, dentro da qual eſtá entreſachada a pelle do tambor. O interno eſtá eſcondido dentro em hum meyo ducto oſſoſo concavo dentro no oſſo petroſo: huma parte deſte meyo ducto eſtá fóra da caixa, e encerrada no alto de hum ducto, que vay da orelha para o céo da bo-

ca: a outra parte, que eſtá dentro na caixa ſe adianta até á freſta oval, e ſe encerra á parte poſterior do cabo do martello. O muſculo do letrier eſtá eſcondido dentro em hum cano oſſoſo concavo dentro no oſſo petroſo, quaſi no fundo da caixa, e ſe encerra na cabeça do letrier.

O nariz tem ſette muſculos, hum commum, e ſeis proprios: o commum faz parte do muſculo orbicular dos beiços, e puxa o nariz para baixo com o beiço.

Dos ſeis muſculos proprios ha quatro, que o dilataõ, os quaes eſtaõ ſituados exteriormente; e dous, que o apertaõ, os quaes ſaõ ſituados dentro.

Os dous primeiros dilatadores ſaõ piramidaes: tem ſeu principio na ſotura da teſta, e vaõ-ſe atar por hum fim largo ás azas do nariz.

Os outros dous dilatadores ſe parecem com a folha da murta: tem ſeu principio dentro no oſſo do nariz, e ataõ-ſe ao meyo da aza.

Os dous reſtrictores ſaõ membranoſos: tem ſeu principio na parte interna do nariz, e ſe ataõ na aza interna da venta.

Os beiços tem treze muſculos, oito proprios, e cinco communs: dos proprios ſaõ quatro para o beiço de cima, e quatro para o beiço debaixo, com dous communs para cada hum, e o impar.

O primeiro dos proprios do beiço ſuperior he chamado inciſivo: tem ſeu principio no queixo na parte dos dentes inciſivos, e vay-ſe atar ao beiço ſuperior.

O ſegundo he triangular, e antagoniſta do primeiro: ſeu principio eſtá na ilharga exteriormente, e debaixo do queixo inferior, e vay-ſe atar

perto

perto do angulo da boca ao beiço ſuperior.

O terceiro he o quadrado dentro no beiço inferior: tem ſeu principio para baixo da barba por diante, e vay-ſe atar na borda do beiço inferior.

O quarto he o canino, antagoniſta do quadrado: tem ſeu principio dentro no oſſo do queixo ſuperior, e vay-ſe atar ao beiço inferior perto do canto da boca.

O primeiro dos communs he o zigomatico: tem ſeu principio no zigoma, e vay-ſe atar ao canto da boca para puxá-la para a parte das orelhas; e eſte he o que ſe move quando ſe ri.

O ſegundo dos communs he o *Cuccinator*; he o que incha quando ſe toca trombeta: tem ſeu principio na raiz dos dentes molares dos dous queixos, e vay-ſe atar ro redor dos beiços.

O impar he o orbicular: faz hum *Sphinter* ao redor dos beiços para os fechar.

A campainha tem quatro muſculos, os dous primeiros ſaõ os pteriſtaphilinos externos: tem ſeu principio no queixo ſuperior por cima do ultimo dente molar, e ataõ-ſe á campainha por hum tendaõ delgado.

Os outros dous ſaõ os pteriſtaphilinos internos: tem ſeu principio no apophyſe pterigoide interiormente, e vaõ-ſe atar á campainha.

A lingua, toda muſculoſa, e toda fibroſa que he, naõ deixa de ter ſeus muſculos, que ſaõ ao numero de oito.

O primeiro ſe chama genioglofo: tem ſeu principio na parte inferior da barba, donde ſe vay atar debaixo da lingua para a fazer ſahir da boca.

O ſegundo ſe chama ſtiloglofo: tem ſeu principio

pio no apophyſe ſtiloide, donde ſe vay atar á ilharga, e por cima da lingua para a levantar para cima.

O terceiro ſe chama baſigloſo: tem ſeu principio na baſe do oſſo hyoîdes, e vay atar-ſe á raiz da lingua para a puxar para o fundo da boca.

O quarto he o ceratagloſo: tem ſua origem na ponta do oſſo hyoîdes, e vay atar-ſe á ilharga da lingua para a puxar para a banda: a acçaõ deſtes muſculos das duas bandas daõ todos juntos á lingua o movimento orbicular.

Qual he a acçaõ do oſſo hyoîdes dentro na garganta, e quantos muſculos tem?

O uſo do oſſo hyoîdes he de ſegurar a baſe da lingua: tem cinco muſculos de cada banda, que o tem como ſuſpendido.

O primeiro he o genihyoidien: ſeu principio eſtá na barba interiormente, donde vay atar-ſe para cima do oſſo hyoîdes, que puxa para cima.

O ſegundo he o milohyoidien: ſeu principio eſtá na ilharga do queixo interiormente, donde lateralmente ſe vay atar na baſe do oſſo hyoîdes, que puxa para cima, e para a banda.

O terceiro he o ſtylohyoidien: ſeu principio eſtá no apophyſe ſtiloides, donde vay atar-ſe á ponta do oſſo hyoîdes para o puxar para a ilharga.

O quarto he o coracohyodien: ſeu principio eſtá no apophyſe coracoides do omoplata, ou eſpalda, donde vay atar-ſe na baſe, e na ilharga do oſſo hyoîdes para o puxar para baixo, e para a ilharga.

O quinto he o ſternomohyoidien: ſeu principio eſtá no oſſo do ſternum interiormente, donde vay atar-ſe á baſe do oſſo hyoîdes, que puxa para baixo.

Quantos muſculos tem o alarinx?

Tem treze: quatro communs, e nove proprios. O primeiro par dos communs he o ſternothyoidien, ou bronchico: eſte vem de dentro, e do alto do ſternum; ſóbe ao longo das cartilagens da tracha arteria, e ſe termina em baixo da ſcutiforma; que puxa para baixo.

O ſegundo he o hyothiroidien, que naſce da baſe do oſſo hyoîdes, e ſe encerra na baſe do ſcutiforma; levanta o alarinx, dilata a parte baixa do ſcutiforma, e aperta por cima.

O primeiro par dos proprios he o cricotioidien anterior: tira ſua origem da parte poſterior, e ſuperior do annular, e ſe encerra em a parte ſuperior, e lateral do ſcutiforma para o fixar.

O terceiro he o chrycoarytenoidien lateral, eſte vem de dentro, e á ilharga do annular, e ſe encerra em baixo, e na ilharga do aritenoide para dilatar a abertura do larinx.

O quarto he o thyroaritenoidien, que ſahe de diante, e de dentro do ſcutiforma, e ſe termina da parte do aritenoide para fixar a abertura do larinx.

O quinto he o aritenoidien: toma ſua origem da parte aonde o anular ſe une com o aritenoide, e ſe encerra em ſua parte ſuperior, e lateral, para fixar o larinx.

Quantos muſculos tem o pharinx?

Tem ſette: O primeiro he o oſophagiano, que naſce da ilharga da cartilagem ſcutiforma, e paſſando por detraz do oſophago vem encerrar-ſe á outra ilharga da cartilagem, e empurra o alimento para baixo, extreitando o pharinx como hum ſphinter.

O ſegundo he o ſtilapharengien: naſce de dentro da apophyſe aguda do oſſo ſpenoides, e ſe encerra

cerra obliquamente á ilharga do pharinx, que dilata puxando-o para cima.

O terceiro he o ſpænopheringien: vem da apophyſe ſtiliforme, e ſe termina na ilharga do pharinx, que dilata puxando ſuas ilhargas.

O quarto par he o cephalopharingien: naſce da articulaçaõ da cabeça com a primeira vertebra, e aperta o larinx.

Quantos muſculos tem o peſcoço, e quaes ſaõ?

Ha quatro muſculos no peſcoço de cada banda, dous dobradores, e dous extenſores.

Os dous dobradores ſaõ o ſcaleno, e o direito, ou comprido: e os extenſores ſaõ o eſpinoſo, e o tranſverſal.

O ſcaleno tem dous principios apartados: hum na primeira coſtéla, e o outro na clavicula, e vay atar-ſe á terceira e quarta das vertebras do peſcoço.

O direito, ou comprido, tem ſeu principio da banda das quatro vertebras ſuperiores do peſcoço, e do occipicio.

O eſpinoſo tem ſeu principio na quarta e quinta das vertebras ſuperiores do eſpinhaço, e vay atarſe a todas as ſeis vertebras inferiores do peſcoço.

O tranſverſal tem ſeu principio nas cinco vertebras ſuperiores do eſpinhaço, e vay atar-ſe á extremidade das quatro vertebras do peſcoço.

CAPITULO VIII.

Da Myologîa, ou Anatomîa dos muſculos do tronco, ou do peito, do ventre, e das coſtas.

QUantos muſculos ha no peito, e quaes ſaõ?

O peito tem cincoenta e ſette muſculos: ha trinta, que ſervem para o dilatar; vinte e ſeis, que o apertaõ; e o diaphragma, que participa a huma, e outra acçaõ.

Os trinta muſculos, que dilataõ o peito, ſaõ igualmente poſtos de cada banda, e ſaõ em numero de quinze para cada huma. Ha o ſubclavicular, o grande dentilar, os dous dentilares poſteriores, e onze intercoſtaes externos.

Os vinte e ſeis, que apertaõ o peito, ſaõ tambem póſtos igualmente de cada banda ao numero de treze, que ſaõ: o triangular, o ſacrolumbario, com onze intercoſtaes internos.

O ſubclavicular toma todo o lugar entre a clavicula, e a primeira coſtella: ſua origem eſtá na parre interna, e inferior da clavicula, e vay encerrarſe á parte ſuperior da primeira coſtella.

O grande dentilar he hum muſculo largo, que tem ſette, ou oito denteluras: ſua origem eſtá na baſe interior do omoplata, e ſuas denteluras vaõ encerrar-ſe ás cinco verdadeiras coſtellas inferiores, e ás duas falſas coſtellas ſuperiores.

O dentilar poſterior, e ſuperior toma ſua origem por huma larga aponevroſe nas apophyſes das trez vertebras inferiores do peſcoço, e na primeira da dos lombos; e dalli, paſſando por baixo do thomboides,

boides, ſe vay encerrar obliquamente ás quatro denteluras, e ás quatro coſtas ſuperiores.

O dentilar poſterior, e inferior toma ſua origem por huma larga aponevroſe nas apophyſes das trez vertebras inferiores do lombo, e na primeira da dos lombos, donde ſe vay encerrar por quatro digitaçoẽs ás quatro coſtellas inferiores.

Os onze muſculos intercoſtaes externos ſaõ ſituados dentro nos eſpaços, que eſtaõ entre as doze coſtellas, indo obliquamente, e exteriormente de detraz em diante: tomaõ ſua origem debaixo da coſtella ſuperior, e vaõ encerrar-ſe por cima da coſtella inferior.

O triangular he o primeiro dos que apertaõ o peito, e occupa a parte interior do ſternum: ſua origem eſtá em ſua parte inferior, e vay encerrar-ſe emcima ás cartilagens das duas coſtellas ſuperiores.

O ſacrolumbario tem ſua origem na parte poſterior do oſſo ſacrum, e nas vertebras dos lombos, e vay ſubindo a encerrar-ſe á parte poſterior das coſtellas, cada huma das quaes tem dous tendoẽs, dos quaes hum ſe ata exteriormente, e o outro interiormente: eſte muſculo he carnoſo por dentro, e fibroſo por fóra.

Os onze intercoſtaes internos, ao contrario dos externos, tem ſua origem por cima de cada coſtella inferior, e ſobem obliquamente de detraz para diante, para ſe irem encerrar ao beiço inferior de cada banda de cima: eſtes muſculos internos com os externos formaõ aſſim, pela oppoſiçaõ de ſuas fibras, o que ſe chama huma cruz de Borgonha.

O diaphragma he tido pelo quinquageſimo ſeptimo muſculo do peito, que ſerve tanto para a ſua dila-

dilataçaõ, como para a sua restricçaõ: faz a separaçaõ do peito com o ventre baixo; está atado circularmente a todas as extremidades das costellas falsas, immediatamente debaixo da cartilagem xyphoides.

Os Anatomistas deste tempo acháraõ que o diaphragma era composto de dous musculos, hum superior, e outro inferior. O superior se ata ás extremidades das costellas falsas, e se termina em hum tendaõ chato no meyo, que se tomou sempre por sua parte nervosa. O inferior começa por duas producçoẽs, das quaes a mais comprida, que está na banda direita, sahe das trez vertebras superiores dos lombos; e a outra, que está na esquerda, vem das duas vertebras do espinhaço, e se vay acabar dentro na aponevrose do musculo superior.

Quantos musculos ha no espinhaço, e lombos, e quaes saõ?

Ha trez de cada banda: hum he para a flexaõ, e os outros dous para a extensaõ.

O triangular he o flexivel: sua origem está na parte posterior da costella do osso ilion, e da parte interna do osso sacrum, donde se encerra á ultima das costellas falsas, e ás producçoẽs transversaes das vertebras dos lombos.

Os extensores saõ o sacro, e o meyo espinoso: estes saõ os que fazem a estatura direita; estaõ de tal sorte entrelaçados ao longo do espinhaço, que parece havér tantos pares de musculos como de vertebras, dando-lhes a todas tendoẽs.

O sacro tem sua origem detraz do osso sacrum, e na extremidade posterior, e superior do osso ilion, e se encerra ás espinhas das vertebras dos lombos, e do espinhaço.

O meyo eſpinoſo tem ſeu principio nos eſpinhos do oſſo ſacrum, e ſe encerra a todas as producçoẽs tranſverſaes das vertebras do eſpinhaço até o peſcoço, e eſtá ſituado entre o ſacro, e o ſacrolumbario.

CAPITULO IX.

Da Myologîa, ou Anatomîa dos muſculos do ventre baixo.

QUantos muſculos ha no ventre baixo, e quaes ſaõ?

Ha dez, cinco de cada banda, que ſaõ: dous obliquos, hum aſcendente, e o outro deſcendente; hum tranſverſal, hum direito, dous pyramidaes, algumas vezes hum, e outras vezes nenhum.

O obliquo deſcendente, que he o primeiro, tem ſua origem por digitaçaõ na ſexta e ſettima das coſtellas verdadeiras, em todas as coſtellas falſas, e nas apophyſes tranſverſaes das vertebras dos lombos, e eſtá pegado ao grande dentilar do peito, donde vay á coſtella externa do oſſo ilion, para ſe terminar por huma larga aponevroſe á linha branca, que ſepara os muſculos, que eſtaõ de cada banda do abdomen.

O obliquo aſcendente tem ſua origem na parte ſuperior do oſſo pubis, e na criſta do oſſo das nadegas, e vay-ſe atar ás apophyſes das vertebras dos lombos, ás extremidades de todas as coſtellas, e á cartilagem xyphoides, e ſe termina na linha branca por huma larga aponevroſe.

O muſculo direito eſta ſituado entre as aponevroſes

vroſes dos obliquos: tem ſua origem nas cartilagens das coſtellas, no xyphoides, e no ſternum, e ſe encerra no oſſo pubis: tem varias partes nervoſas tranſverſaes para firmeza de ſeu comprimento.

O tranſverſal tem ſua origem nas apophyſes tranſverſaes das vertebras dos lombos, e ſe encerra na coſtella interna do oſſo das ilas, e no de dentro das cartilagens das coſtellas inferiores, e ſe termina por huma larga aponevroſe na linha branca, paſſando por cima do muſculo direito, e eſtá adherente ao peritoneo.

Os obliquos, e o tranſverſal, ſaõ furados pela parte das virilhas, para dar paſſagem ás vêas eſpermaticas dos homens, e ao ligamento redondo da madre nas mulheres. Tambem neſtas meſmas partes he que ſe fazem as quebraduras, ou hernias de hum, e outro ſexo, poſtoque os furos deſtes trez muſculos naõ eſtejaõ ſituados hum defronte do outro.

O pyramidal, aſſim chamado por cauſa de ſua figura, eſtá ſituado ſobre o tendaõ inferior do muſculo direito: ſua origem eſtá na parte ſuperior, e externa do oſſo pubis; e ſe vay terminar na linha branca, trez dedos acima do pubis; e algumas vezes até o embigo: eſtes muſculos naõ ſe encontraõ em todos os corpos, algumas vezes ha hum, e outras vezes dous, algumas vezes nenhum.

O uſo dos muſculos do ventre baixo he comprimir todas as partes conteûdas, para as ajudar a expulſar os excrementos.

Quantos muſculos tem os teſticulos?

Tem hum cada hum chamado cremaſter. Eſte muſculo toma ſua origem dos ligamentos do oſſo pubis,

pubis, e vay pela dilataçaõ de ſeu tendaõ embrulhar o teſticulo, que puxa acima.

Quantos muſculos tem o membro viril?

Tem dous pares, os erectores, e os dilatadores. Os erectores naſcem da parte interna do oſſo iſchion por baixo dos principios dos corpos cavernoſos, aonde ſe vaõ encerrar, e refazer ſuas fibras nas ſuas membranas. Os dilatadores tomaõ ſua origem do ſphinter, e do anus, e dahi eſcorregando obliquamente, vaõ encerrar-ſe na membrana dos corpos nervoſos.

Quantos muſculos tem o clytoris?

Tem dous erectores, que naſcem da eminencia do oſſo iſchion, e ſe encerraõ dentro no corpo nervoſo do clytoris. Ainda ha outros dous, que ſe cuida ſerem ſeus relevantes, que naſcem do ſphinter do anus, e ſe terminaõ no clytoris.

Quantos muſculos tem o anus?

Tem trez, que ſaõ: o ſphinter, que he largo de dous dedos, para abrir, e fechar o rectum; eſte muſculo, he dobrado, eſtá atado por diante ao membro viril nos homens, e ao vagina nas mulheres; por detraz ao coccyx, e lateralmente aos ligamentos do oſſo ſacrum, e nas nadegas.

Os dous relevantes naſcem da parte interior, e lateral do oſſo iſchion, e ſe encerraõ dentro no ſphinter do anus, para o tornar a levantar depois da ſahida dos excrementos.

A bexiga tem hum ſphinter para abrir, e fechar ſeu orificio.

CAPITULO X.

Dos musculos do omoplata, dos braços, e das maõs.

EM quantos modos se move o omoplata, ou espadoa, e quaes saõ seus musculos?

O omoplata se move para cima, para baixo, para diante, e para traz, por meyo de quatro musculos proprios, que saõ o trapeze, o thomboides, o relevante proprio, e o pequeno pectoral, ou pequeno dentilar.

O trapeze, ou capuchaõ, tem sua origem na parte posterior do occipicio, nas espinhas das seis vertebras inferiores do pescoço, e das nove superiores do espinhaço, donde se vay encerrar á espinha do omoplata, e á parte externa da clavicula até o acromion: este musculo faz varios movimentos por causa de suas fibras differentes: puxa o omoplata obliquamente para cima, para baixo, e para diante.

O thomboides está situado sobre o trapeze, seu principio está nas apophyses das trez vertebras inferiores do pescoço, e das trez superiores das costas, donde se vay encerrar a toda a base do omoplata, que puxa para traz.

O relevante proprio tem seu principio nas apophyses transversaes das quatro primeiras vertebras do pescoço por sahidas differentes; depois se torna a unir, e se encerra no angulo superior do omoplata, que puxa para cima.

O pequeno pectoral, ou pequeno dentilar, está situado

ſituado por baixo do pectoral grande: ſeu principio he por digitaçaõ, ou de dentelura na ſegunda, terceira, e quarta das coſtellas ſuperiores, e vay encerrar-ſe na apophyſe coracoides do omoplata, que puxa para diante.

Quantos movimentos ha nos humerus, ou no braço, quaes ſaõ, e quaes ſaõ os muſculos?

O braço faz toda a caſta de movimentos por meyo de nove muſculos, e he levantado pelo deltoides, e o ſobre-eſpinoſo, e baixado pelo muito largo, e redondo; he puxado por diante pelo grande pectoral, e coracoidien; he levado para traz pelo ſub-eſpinoſo, e pequeno redondo; chega-ſe ás coſtas pelo ſub-eſcapularis, e faz ſeu movimento em redondo, quando todos ſeus muſculos juntamente fazem a acçaõ ſucceſſivamente.

O deltoides, ou triangular, tem principio em toda a eſpinha do omoplata, do acromion, e da metade da clavicula, e por ſua ponta vay atar-ſe com hum forte tendaõ ao meyo do braço.

O ſobre-eſpinoſo tem ſeu principio dentro na cavidade, que eſtá por cima da eſpinha do omoplata, que enche, paſſando por cima do acromion, donde vay atar-ſe no peſcoço do oſſo do braço, que cinge de hum largo tendaõ.

O muito largo chamado aniſcalpor cobre quaſi todo o eſpinhaço, elle vem por hum principio largo, e nervoſo da terceira e quarta vertebra inferior do eſpinhaço, cinco vertebras dos lombos, da eſpinha do oſſo ſacrum, da parte poſterior do beiço do oſſo da nadega, e da parte externa das coſtellas falſas inferiores, donde vay atar-ſe ao angulo inferior, e á parte ſuperior, e interna do hombro.

O grande redondo tem ſeu principio dentro na cavidade externa do angulo inferior do omoplata, confunde-ſe com o muito largo, e ſe ata com elle por hum meſmo tendaõ á parte ſuperior, e interna do hombro, pouco para baixo de ſua cabeça.

O grande pectoral tem ſeu principio na metade da clavicula da parte do ſternum, cobre a parte anterior do peito, e vay atar-ſe por hum tendaõ curto, largo, e nervoſo, ao alto, e dentro do oſſo do braço entre o biceps, e deltoides.

O coracoidien toma ſeu principio da apophyſe coracoides do omoplata, e vay atar-ſe ao meyo do braço por dentro, puxa com o pectoral o braço para diante.

O ſub-eſpinoſo enche a cavidade, que eſtá por baixo da eſpinha do omoplata: ſeu principio eſtá na ilharga inferior do omoplata, donde paſſa entre a eſpinha, e o redondo pequeno, para ſe atar ao peſcoço do oſſo, que abraça, e puxa para traz.

O redondo pequeno vem da coſtella inferior do omoplata, e ſe ata ao peſcoço do oſſo do braço com o ſub-eſpinoſo, para igualmente puxar para traz.

O ſub-eſcapulario eſtá ſituado todo inteiro debaixo do omoplata: ſahe do beiço interno da baſe do omoplata, e ſe termina no peſcoço do oſſo do braço, que faz apertar contra as coſtellas.

Quantos movimentos tem o cotovello, ou antebraço, e quaes ſaõ os muſculos?

O cotovello, ou antebraço, tem duas caſtas de movimentos; o da flexaõ, e o da extenſaõ: a flexaõ ſe faz por meyo de dous muſculos, que ſaõ: o biceps, e o brachial inteiro; e a extenſaõ por outros

tros seis, que saõ: o comprido, o brachial externo, e o anconeus.

O biceps he hum musculo de duas cabeças, huma vem da apophyse coracoides, e a outra da borda cartilaginosa da cavidade glenoides do omoplata: estas duas cabeças descem ao comprido da parte anterior do braço, unem-se em hum mesmo corpo, donde sahe hum ligamento, que vay atar-se a huma tuberosidade, que está na parte superior, e anterior do radio.

O brachial interno he hum pequeno musculo carnoso, escondido debaixo do biceps: tem seu principio na parte anterior, e superior do hombro, e vay atar-se á parte superior, e interior do radio, para dobrar o antebraço com o biceps.

O primeiro dos quatro extensores he o comprido, tem duas origens: huma he na costella inferior do omoplata perto de seu pescoço; a outra desce da parte posterior do braço, donde vay encerrar-se ao olecrano por huma forte aponevrose, que lhe he commũa com o curto, e o brachial externo.

O curto vem da parte posterior, e superior do hombro, e vay atar-se ao olecrano com o comprido.

O brachial externo he hum musculo carnoso, que sahe da parte posterior do hombro, e vay atar-se ao olecrano com o curto, e o comprido.

O aconeus he situado detraz da dobra do cotovello: he o mais pequeno de todos, nasce da extremidade do osso do braço, no fim do curto, e do comprido, e vay encerrar-se descendo entre o radio, e o cubitus, trez, ou quatro dedos para baixo do olecrano.

Quan-

Quantos musculos tem o radio, e quaes saõ seus movimentos?

O radio tem duas castas de movimentos, que faz por meyo de quatro musculos: o redondo, e o quadrado fazem o da pronaçaõ; e o longo, e o curto o da supinaçaõ.

O redondo vem da apophyse interna do osso do braço, por hum principio muito carnoso, e vay terminar-se obliquamente por hum tendaõ membranoso na parte mediana, e exterior do radio.

O quadrado vem debaixo, e de dentro do cotovello, e vay encerrar-se na parte inferior, e exterior do radio por huma cauda taõ larga como sua cabeça: este musculo está escondido debaixo dos outros perto do punho, e he o que faz juntamente com o redondo virar o braço, e a palma da maõ para baixo, que he o movimento de pronaçaõ.

O longo he o primeiro dos supinadores: seu principio está trez, ou quatro dedos para cima da apophyse exterior do osso do braço, donde se deita ao comprido do radio para se atar na parte interna de sua apophyse inferior.

O curto he o segundo dos supinadores: nasce da parte inferior do condilo inferior, e externo do hombro; vira ao redor do radio, e vay de detraz para diante encerrar-se em sua parte superior, e anterior. Este musculo com o comprido, e superior, vira o braço, e a palma da maõ para cima, e faz o movimento de supinaçaõ.

Quantas castas de movimentos faz o carpio, ou punho, e quaes saõ seus musculos?

O punho faz dous movimentos, hum he de flexaõ, e outro de extensaõ: tem trez musculos para a flexaõ, e trez para a extensaõ. He

He de notar que aqui ha hum ligamento forte chamado annulario, que mantêm como hum bracelete apertado todos os tendoẽs dos mufculos juntos, e que ultimamente ferve para os dous offos do antebraço.

Os trez mufculos dobradores do punho, faõ o cubital interno, o radial interno, e o palmario.

O cubital interno toma fua origem da parte interior do offo do braço; paffa por baixo do ligamento annular, e vay atar-fe por hum tendaõ groffo ao pequeno offo do carpio, que eftá pofto fobre os outros.

O radial interno fahe da mefma parte que o cubital, e vay atar-fe ao primeiro offo do carpio, que fuftenta o dedo pollegar, e eftá deitado ao comprido do radio, e vay paffar debaixo do ligamento annular.

O palmario he pofto no numero dos que dobraõ o punho, poftoque efteja fituado na palma da maõ: nafce da producçaõ interior do offo do braço, e vay atar-fe por hum tendaõ largo aos primeiros tropeis dos dedos, efcorregando-fe por cima do ligamento annular, e debaixo da pelle da palma da maõ.

Os trez mufculos extenfores do punho faõ o cubital externo, o radial externo, ou comprido, e o curto.

O cubital externo toma fua origem da parte pofterior do cotovello, paffa debaixo do ligamento annular, e vay atar-fe á parte fuperior, e externa do offo do metacarpo que foftêm o dedo minimo.

O radial externo, ou comprido, tem fua origem na parte inferior do offo do braço, donde ef-

cor-

corregando-ſe exteriormente ao comprido do radio, paſſa debaixo do ligamento annular, vay atarſe ao oſſo do carpo que ſoſtêm o dedo moſtrador.

O curſo naſce da parte mais baixa do meſmo córte, depois ſe eſcorrega ao comprido do radio, paſſa debaixo do ligamento annular, e vay terminar-ſe ao oſſo do carpo que ſoſtêm o dedo do meyo.

He de notar que álèm deſtes ſeis muſculos ſe acha hum pedaço de carne quadrado debaixo do palmario, que parece naſcer do tenar, e que vay atar-ſe ao oitavo oſſo do carpo. Querem que ſeja aquella carne muſculoſa que ſerve com o hypotenar do dedo minimo para fazer o que ſe chama taça de Diogenes.

Quantos movimentos ha nos dedos da maõ, e quaes ſaõ os ſeus muſculos?

Os dedos da maõ ſe dobraõ, ſe extendem, e ſe voltaõ de huma banda, e outra por meyo de vinte e trez muſculos, dos quaes ha dez proprios, e treze communs.

Os communs ſaõ os que ſervem a todos os dedos, e os proprios ſaõ os que ſervem particularmente a alguns dedos.

Os communs ſaõ o ſublime, o profundo, o extenſor commum, os quatro vermiculares, e os ſeis interoſſoſos.

O ſublime, ou furado, vem da parte interna da producçaõ inferior do hombro, divide-ſe em quatro tendoẽs, os quaes paſſaõ debaixo do ligamento annular do punho, vaõ encerrar-ſe ao ſegundo tropel dos oſſos dos quatro dedos, depois de ſe terem atados, paſſando aos oſſos do primeiro tropel para o ajudar a dobrar. Nota-ſe que cada hum deſ-

tes

tes tendoẽs tem huma pequena fenda no feu comprimento, para deixar paſſar os tendoẽs do profundo.

O profundo eſtá debaixo do ſublime; toma ſua origem por cima do cotovello, e do radio; arraſta-ſe ao comprido deſtes dous oſſos, e ſe divide em quatro tendoẽs que paſſaõ debaixo do ligamento annular, e ſe eſcorregaõ nas fendas dos tendoẽs do ſublime para ſe atar ao terceiro tropel dos dedos que dobraõ com o ſublime: eſtes dous muſculos fazem juntamente a flexaõ dos dedos.

O extenſor commum, ou grande extenſor, he aquelle que eſtende os quatro dedos: naſce da producçaõ externa, e inferior do oſſo do braço, e ſe divide em quatro tendoẽs chatos que paſſaõ por baixo do ligamento annular, e vaõ atar-ſe ao ſegundo e terceiro tropel dos dedos.

Os quatro lumbricaes, ou vermiculares, eſtaõ dentro na palma da maõ, para fazerem conchegar os dedos do polegar; vem dos tendoẽs do profundo, e do ligamento annular, extendem-ſe ao comprido, e para a ilharga dos dedos, e ſe encerraõ a ſua ſegunda articulaçaõ, para fazer a adducçaõ para a parte do polegar.

Os trez interoſſoſos internos, e os trez externos ſaõ ſituados entre os quatro oſſos do metacarpo, tanto dentro da maõ como de fóra. Elles naſcem dos que entretecem os oſſos do metacarpo, unemſe com os lumbricaes, e ſe encerraõ á ultima articulaçaõ dos oſſos dos dedos, para fazer o movimento de abducçaõ, ou de diſtancia do polegar.

O polegar ſe move por cinco muſculos particulares, dos quaes ha hum que o dobra, dous que o eſten-

eſtendem, hum que o aparta dos outros dedos, e outro que o chega.

O dobrador toma ſua origem da parte ſuperior interna do radio para debaixo do ligamento annular, e debaixo do tenar, e vay atar-ſe ao primeiro, e ao ſegundo oſſo deſte dedo para o dobrar.

Os dous extenſores do polegar ſaõ o comprido, e o curto. O comprido vem da parte ſuperior, e exterior do cotovello, ſóbe por cima do radio, e vay atar-ſe por hum tendaõ garfeado ao ſegundo oſſo do dedo polegar: o curto tem a meſma origem que o comprido, faz o meſmo trajecto, e paſſa debaixo do ligamento annular, e vay encerrar-ſe ao terceiro oſſo do polegar.

O tenar faz apartar o polegar dos outros dedos, e he o que fórma o monte de Venus; naſce do primeiro oſſo do carpo, e do ligamento annular, e ſe encerra ao ſegundo oſſo.

O antitenar faz chegar o polegar aos outros dedos; naſce do oſſo do metacarpo que ſoſtêm o dedo do meyo, e vay atar-ſe ao primeiro oſſo do polegar.

O muſculo que ſerve para eſtender o dedo index, he chamado indicador; vem da parte mediana, e exterior do cotovello, e ſe encerra por hum tendaõ groſſo na ſegunda articulaçaõ do index, e no tendaõ do grande extenſor dos dedos.

O que faz chegar o dedo index ao polegar he chamado adductor: toma ſua origem da parte anterior do primeiro oſſo do polegar, e vay atar-ſe aos oſſos do index.

O que aparta o index do polegar he chamado abductor: naſce da parte externa, e mediana do oſſo do

do cotovello, e paſſando debaixo do ligamento annular, vay atar-ſe á parte lateral, e externa dos oſſos do dedo index.

O dedo minimo, ou articular, tem dous muſculos proprios, hum extenſor, e hum abductor.

O extenſor vem da parte inferior do condilo do oſſo do braço, e vay por hum tendaõ groſſo encerrar-ſe na ſegunda articulaçaõ do dedo minimo, e dentro no tendaõ do extenſor de todos os outros.

O abductor ſe chama tambem hipotenar; vem do pequeno oſſo do punho que eſtá ſituado ſobre os outros, e vay encerrar-ſe exteriormente ao primeiro oſſo do dedo minimo.

CAPITULO XI.

Dos muſculos da coxa, da perna; e dos pés.

Quaes ſaõ os movimentos da coxa?

A coxa faz cinco caſtas de movimentos: dobra-ſe, eſtende-ſe, leva-ſe para diante, e para fóra, e ſe move ao redor.

Todos eſtes movimentos ſe fazem por meyo de quatorze muſculos; trez para dobrar, trez para eſtender, ou extenſores, trez adductores, trez abductores, e de dous obturadores para o movimento em redondo.

Os dobradores da coxa ſaõ o pſoas, o iliaco, e o pectinoſo.

O pſoas, ou lumbario, eſtá ſituado interiormente dentro do abdomen na ilharga das vertebras; naſce das apophyſes tranſverſaes das duas vertebras inferiores das coſtas, e das ſuperiores dos lombos, e

deitando-ſe ſobre a face interior do oſſo das nadegas, ſe ata á parte inferior da junta da ſcia.

O iliaco naſce de todos os labios da cavidade interior do oſſo dos quadris, depois de ſe ter junto por hum tendaõ ao lumbario, vay-ſe atar com elle á parte inferior da junta da ſcia.

O pectinoſo naſce da parte anterior do oſſo pubis, e vem encerrar-ſe por diante ao oſſo da coxa, pouco abaixo da parte inferior da junta da ſcia.

Os que diſtendem a coxa ſaõ, o grande, o mediano, e o pequeno da nadega.

O grande da nadega toma ſua origem da parte lateral do oſſo ſacro, e da parte poſterior, e exterior do oſſo dos quadris, e da coxa, e nelle ſe encerra quatro dedos abaixo da parte ſuperior da junta da ſcia; he o mais eſpeſſo de todos os muſculos do corpo.

O mediano vem da parte poſterior, e exterior do oſſo ilion, e vay encerrar-ſe trez dedos abaixo da parte ſuperior da junta da ſcia.

O pequeno da nadega naſce da cavidade do oſſo ilion, e vay atar-ſe a huma pequena cova junto á parte ſuperior da junta da ſcia.

Os que naſcem da coxa ſaõ trez: ſuperior, mediocre, e inferior.

O ſuperior toma ſua origem do alto do oſſo pubis, e ſe encerra ao alto de huma linha que eſtá dentro da coxa.

O mediocre naſce do meyo do oſſo pubis, e ſe encerra junto ao oſſo da coxa hum pouco mais abaixo que o ſuperior.

O inferior ſahe debaixo do oſſo pubis, e ſe encerra junto ao oſſo da coxa, hum pouco mais abai-

xo que o mediocre. Alguns fazem destes trez musculos hum só, ao qual lhe daõ trez origens, e trez exercicios: estes musculos fazem chegar as coxas huma á outra.

Os abductores da coxa fazem o periforme, o quadrado, e os dobrados.

O periforme nasce da parte superior, e lateral do osso sacro, e do osso ilion, e vay atar-se ao pescoço da parte superior da junta da scia.

O quadrado sahe da banda externa da eminencia do osso ischiatico, e se ata á parte exterior da cabeça grande do osso da scia.

Os geminos nascem das duas pequenas corcovas que estaõ na parte posterior do ischiatico, e vaõ encerrar-se a huma pequena cavidade junto á cabeça da parte superior da junta da scia.

O movimento circular da coxa se faz por meyo de dous musculos chamados obturadores interno, e externo.

O obturador interno vem da circunferencia interior do furo, ou valario do ischiatico; e seu tendaõ passando por entre os dous geminos, vay encerrar-se a huma pequena cavidade á raiz da parte superior da junta da scia.

O obturador externo nasce da circunferencia exterior do furo do ischiatico, e vay encerrar-se á ilharga do outro, perto da parte superior da junta da scia.

Quaes saõ os movimentos da perna, e quaes saõ seus musculos?

A perna move-se em quatro modos: dobra-se, estende-se, mette-se para dentro, e para fóra, por meyo de onze musculos, trez dobradores, quatro exten-

extenſores, dous adductores, e dous abductores.

Os trez dobradores da perna ſaõ o biceps,o meyo nervoſo, e o meyo membranoſo.

O biceps tem duas cabeças: a mais comprida ſahe debaixo da eminencia do iſchiatico, e a outra da parte mediocre, e exterior do femur, e ſe vay atar á parte exterior, e ſuperior da epiphyſe do peroné.

O meyo nervoſo naſce da eminencia do iſchion, e vay encerrar ſe por detraz ao alto da epiphyſe da tibia. Eſtes trez muſculos eſtaõ ſituados por detraz da coxa abaixo das nadegas.

Os quatro extenſores da perna ſaõ: o direito, o vaſto interno, o vaſto externo, e o crural.

O direito toma ſeu naſcimento diante, e debaixo do ilion; e deſcendo em linha direita, cobre por ſeu tendaõ commum com os trez ſeguintes toda a rotula, e vay atar-ſe ao alto da tibia por diante.

O vaſto interno eſtá ſituado dentro na coxa: toma ſua origem do alto do femur interiormente, e hum pouco abaixo da parte inferior da junta da ſcia, para ir atar-ſe á tibia por tendaõ largo commum com o precedente.

O vaſto externo eſtá ſituado fóra da coxa: vem do alto, e do diante do femur, e vay encerrar-ſe por hum meſmo tendaõ com os precedentes.

O crural ſahe do alto, e do diante do oſſo da coxa entre as duas cabeças do oſſo da ſcia; depois cobrindo todo o oſſo, vay ainda atar-ſe ao oſſo da perna com os trez precedentes, depois de haver cuberto a rotula por ſeu tendaõ commum, que tambem ſerve de ligamento ao joelho.

Os

Os dous adductores, ou ajuntadores da perna saõ: o costureiro, e o engerido.

O costureiro, ou comprido, traz a perna para dentro: toma sua origem da espinha superior do ischion, e desce obliquamente por dentro da coxa para se atar ao alto, e dentro da tibia.

O engerido, ou curto, toma sua origem de diante, e debaixo do osso pubis, e vay atar-se interiormente ao alto da tibia.

Os dous abductores, ou affastadores da perna saõ: os fascia-lata, e o popliteo.

O fascia-lata, ou o membranoso, he como huma especie de banda larga, que cobre todos os musculos da coxinha: vem do labio exterior do osso ilion, e vay atar-se por huma membrana larga ao alto do peroneo pela parte de fóra, e desce algumas vezes até o cabo do pe.

O popliteo nasce do condilo inferior, e externo do osso da coxa, e vay obliquamente de fóra para dentro atar-se á parte superior, e interior do osso da perna.

Quaes saõ os movimentos do pé, e seus musculos?

O pé faz dous movimentos por meyo de nove musculos; dobra-se por dous, e estende-se por sette.

Os dous dobradores saõ: o pernil anterior, e o peroneo.

O pernil anterior, ou tibial, está situado ao comprido da tibia, e toma sua origem de sua parte anterior, e superior, donde vay atar-se por dous tendoẽs ao primeiro osso cutiforma, e ao do metatarse, que sustenta o polegar, depois de haver passado

ſado por baixo do ligamento annular.

O peroneiro anterior vem da parte mediana, e exterior do peroneo, inſinuando-ſe pelo eſpaço, que eſtá debaixo do malleolo externo, e vay atar-ſe por diante ao oſſo do metatar-ſe, que ſuſtenta o dedo pequeno.

Os ſette extenſores do pé ſaõ: os dous geminos, o ſolar, o plantario, o pernil, e os dous peroneiros poſteriores.

Os geminos ſaõ: hum interior, e outro exterior. O interior naſce do condilo interno, e o exterior do condilo externo, e inferior do oſſo da coxa, donde vaõ encerrar-ſe ao oſſo do calcanhar por hum tendaõ commum com os dous ſeguintes.

O ſolar toma ſeu naſcimento do alto, e detraz do oſſo da perna, e do peroneo; e confundindo ſeu tendaõ com o dos geminos ata-ſe ao oſſo do calcanhar.

O plantario, que eſtá eſcondido entre os geminos, e o ſolar, vem do condilo exterior do oſſo da coxa; depois, unindo ſeu tendaõ com os precedentes, vay atar-ſe com elles, e eſte tendaõ commum ſe chama a corda de Achilles.

O pernil poſterior toma ſeu naſcimento do ultimo do oſſo da perna, donde, eſtendendo-ſe até abaixo, paſſa pelo eſpaço, que eſtá no malleolo interno, e vay atar-ſe á parte interior do oſſo ſcaphoido.

Os peroneiros poſteriores, ou o comprido, e o curto, vem hum da parte ſuperior, e quaſi anterior do peroneo, do oſſo que ſuſtenta o polegar ao metatar-ſe, e o outro da parte mais baixa do peroneo, e vay atar-ſe ao oſſo, que ſuſtenta o dedo pequeno.

Que

Que movimentos fazem os dedos dos pés; quantos muſculos tem, e quaes ſaõ?

Os dedos dos pés, ou artelhos, ſe dobraõ, ſe eſtendem, e ſe levaõ para dentro, e para fóra, por meyo de vinte e dous muſculos, dos quaes ha dezaſeis communs, e ſeis proprios.

Os communs ſaõ: dous dobradores, dous extenſores, quatro lumbricaes, e oito entreoſſoſos.

O primeiro dobrador he chamado o ſublime, e o outro o profundo.

O ſublime naſce da parte baixa, e interna do oſſo do calcanhar, e ſe ata por quatro tendoẽs fendidos, que vaõ encerrar-ſe á parte ſuperior do oſſo do primeiro tropel dos quatro artelhos, e eſtá ſituado na planta dos pés.

O profundo toma ſeu naſcimento emcima, e detraz dos oſſos da perna, e do peroneo, e ſe eſconſa debaixo do malleolo interno pelo ſinus da eſpora: faz quatro tendoẽs, que paſſaõ pelos eſpaços do tendaõ do ſublime, e vaõ atar-ſe aos oſſos do ultimo tropel dos dedos para o baixar.

O primeiro extenſor he chamado o extenſor commum, e o outro o pedioſo.

O extenſor commum, ou o comprido, toma ſua origem do alto, e diante da tibia: na parte, em que ſe ajunta com o peroneo, ſe reparte em quatro tendoẽs, os quaes, depois de terem paſſado por baixo do ligamento annular, vaõ atar-ſe ás articulaçoẽs de cada artelho.

O pedioſo, ou o curto, eſtá ſituado ſobre o pé; vem do ligamento annular, e da parte baixa do peroneo: reparte-ſe em quatro tendoẽs, que ſe ataõ exteriormente á primeira articulaçaõ dos quatro de-

dos: eſte muſculo com o comprido faz a extenſaõ.

Os quatro lumbricaes naſcem dos tendoẽs do profundo, e de huma polpa de carne, que eſtá na planta dos pés: ajuntaõ-ſe por ſeus tendoẽs com os que eſtaõ interiormente entre os oſſos, e vaõ atar-ſe á ilharga dos primeiros oſſos dos quatro dedos para os trazer para o polegar.

Os abductores, ou os que alargaõ os dedos do polegar, ſaõ os oito entreoſſoſos, dos quaes ha quatro externos, e quatro internos. Os externos vem dos eſpaços, que eſtaõ entre os oſſos do metatar-ſe, e vaõ-ſe atar exteriormente á ilharga dos primeiros oſſos dos artelhos. Os internos eſtaõ no fundo do pé, e occupaõ os eſpaços, que eſtaõ entre os cinco oſſos do metatar-ſe: naſcem dos oſſos do tar-ſe, e de entre os dous oſlos do metacarpo, e vaõ atar-ſe com os quatro lumbricaes interiormente á parte ſuperior dos oſſos do primeiro tropel dos quatro dedos.

Dos ſeis muſculos proprios aos dedos dos pés, ha quatro deſtinados para o groſſo artelho, ou o polegar, os quaes lhe fazem fazer os movimentos da flexaõ, da extenſaõ, da adducçaõ, e da abducçaõ: os outros dous ſaõ o abductor do ſegundo dedo chegado ao polegar, e o abductor do dedo pequeno chamado hypotenar.

O dobrador proprio do polegar naſce do alto do peroneo por detraz, e paſſando pelo tornozello interno á planta do pé, ſe ata ao oſſo do ultimo tropel.

O extenſor proprio do polegar toma ſua origem do meyo, e de diante do peroneo, paſſa por cima do

do pé, e vay atar-se á parte superior do osso do grosso artelho.

O adductor proprio do polegar, ou tenar, toma o nascimento interiormente, e á banda do osso do calcanhar, dos ossos scophoides, e sem nome se estende sobre a parte do osso do metatar-se que sustenta o polegar, e vay encerrar-se no alto do segundo osso do polegar, que puxa para dentro.

O abductor proprio do polegar, ou antitenar, que puxa para os outros dedos, nasce do osso do metatar-se, que sustenta o dedo pequeno, e se escorrega obliquamente sobre os outros ossos, e vay atar-se ao primeiro osso do polegar interiormente.

O abductor proprio do segundo dedo toma seu nascimento no primeiro osso do polegar da banda de dentro, e se ata aos ossos do segundo artelho, que puxa para o polegar.

O abductor do dedo pequeno, ou hypotenar, vem da parte externa do osso do metatar-se, que sustenta o pequeno artelho, e vay atar-se ao alto do dedo pequeno exteriormente, para o alargar dos outros.

NUMERAÇAÕ

De todos os muſculos do corpo humano.

A teſta tem dous muſculos.	
O occipicio	2
As ſobrancelhas	4
Os olhos	12
O nariz	7
As orelhas por fóra	8
As orelhas por dentro	6
Os beiços	13
A lingua	8
A campainha	4
O larinx	13
O pharinx	7
O oſſo hyoides	10
O queixo inferior	12
A cabeça	14
O peſcoço	8
Os omoplatas, ou eſpadoas	8
Os braços	18
Os cotovellos	12
Os radios	8
Os carpos	12
Os dedos	48
O peito, ou as partes da reſpiraçaõ	57
Os lombos	6
O abdomen	10
Os teſticulos	2
A bexiga	1
O membro viril	4
O clytoris	4
O anus	3
As coxas	30
As pernas	22
Os pés	18
Os artelhos, ou dedos	44
Total	425.

CAPITULO XII.

Da Anatomîa dos nervos, das arterias, e das vêas em geral.

QUal he a eſtructura dos nervos?

Os nervos ſaõ corpos redondos, brancos, fechados dentro de huma membrana dobre, que lhes vem das duas meninges do cerebro: o ſeu uſo he de levar os eſpiritos animaes a todas as partes.

Aonde eſtá o principio, e a raiz de todos os nervos?

Todos os nervos tomaõ ſua origem da medulla dilatada, e da do eſpinhaço.

Como ſe faz a diſtribuiçaõ deſtes por todo o corpo?

Faz-ſe por conjugaçoẽs, ou pares, donde huma conjugaçaõ vay á direita, e a outra á eſquerda: ha nove pares, que vem da medulla dilatada, que entra dentro no craneo, e huma decima, que ſahe da medulla, que eſtá entre o occipicial, e a primeira vertebra do peſcoço, e paſſa pela duramater, por onde entra a arteria vertebral, para ſe ir diſtribuir em varias partes.

A que uſo eſtaõ deſtinados os nove pares de nervos, que vem da baſe do cerebro?

Saõ principalmente deſtinados para os ſentidos, e ainda para o movimento de ſeus organos, para os quaes os Antigos naõ conheciaõ mais que ſette.

O primeiro par he chamado do olfacto, que ſerve para o cheirar.

O ſe-

O ſegundo he para a viſta.

O terceiro vay aos motores dos olhos, e ſerve para o ſeu movimento.

O quarto he dos patheticos: faz conhecer as paixoẽs da alma nos olhos, aos quaes lança alguma fibra, como tambem aos beiços.

O quinto he dos goſtativos, ſerve para o goſtar, aos quaes lança certas fibras particularmente á lingua, os quaes leva tambem á teſta, ás fontes, á face, aos narizes, aos dentes, e ás partes pudendas.

O ſexto tambem he para o goſto.

O ſettimo he o nervo auditivo, entra no oſſo petroſo, aonde ſe divide em varios raminhos, que depois de ſahidos ſe diſtribuem aos muſculos da lingua, aos beiços, á boca, ao roſto, e á teſta.

O oitavo he o vago, que ſe une com o nervo intercoſtal, com os recurrentes, os diaphragmaticos, os meſentericos &c.

O nono, depois de haver formado hum tronco com o oitavo par, deita ramos, donde hum ſe vay juntar com hum ramo do decimo, para ſe diſtribuirem ambos dentro no muſculo ſternoioidien, e dentro na lingua.

O nervo intercoſtal, e o eſpinal, naõ ſaõ pares de nervos, mas ſim ramos de outras partes.

Qual he a diſtribuiçaõ, e o uſo dos trinta pares de nervos, que ſahem da medulla do eſpinhaço?

Ha ſette, que ſahem das ſette vertebras do peſcoço, doze das coſtas, cinco dos lombos, ſeis do oſſo ſacro, o progreſſo dos quaes he o ſeguinte:

O primeiro dos ſette pares de nervos do peſcoço, ſahe de entre o oſſo occipicial, e a primeira vertebra, chamada Atlas; ſeus filamentos ſe perdem

dentro nos muſculos do occipicio, e do peſcoço.

O ſegundo par ſahe de entre a primeira, e ſegunda vertebra do peſcoço; ſeus filamentos ſe perdem dentro nos muſculos da cabeça, e na pelle do roſto.

O terceiro par ſahe de entre a ſegunda, e terceira vertebra do peſcoço; e ſeus filamentos ſe perdem dentro nos muſculos dobradores, e extenſores do peſcoço.

O quarto, quinto, ſexto, e ſettimo par ſahem de entre as vertebras, como acima eſtá dito, e ſeus filamentos ſe perdem no peſcoço, no omoplata, no braço, e no diaphragma.

Deve-ſe notar que os braços recebem ramos naõ ſómente dos quatro ultimos pares de nervos do peſcoço, mas ainda dos dous primeiros pares das coſtas, os quaes ſe eſtendem até o cabo dos dedos: donde procede que na paraliſia dos braços ſe applicaõ remedios ſobre as vertebras do peſcoço; e que nas ſangrias ſe deve tomar muito ſentido de naõ picar o nervo, que acompanha a baſilica do cotovello.

Os doze pares de nervos, que ſahem de entre as vertebras das coſtas, ſe dividem cada hum em dous ramos como os outros, e ſeus ramos ſe diſtribuem aos muſculos do peito, aos das coſtas, e do abdomen.

Os cinco pares, que ſahem de entre as vertebras dos lombos, tem huns ramos mais groſſos que os outros, e a diſtribuiçaõ ſe faz aos muſculos dos lombos, ao hypogaſtro, e á coxa.

Dos ſeis pares de nervos, que ſahem do oſſo ſacro, os quatro de cima com os tres debaixo dos

lom-

lombos, daõ filamentos de nervos á coxa, á perna, e ao pé; e os dous ultimos pares daõ nervos ao anus, á bexiga, e ás partes pudendas.

Qual he a estructura das arterias?

As arterias saõ canos compridos, e redondos, feitos de quatro castas de tunicas, ou membranas, que tem seu principio ao ventriculo esquerdo do coraçaõ, aonde tomaõ o sangue, que trazem a todas as partes do corpo para seu sustento.

Qual he a construcçaõ destas quatro tunicas, ou membranas das arterias?

A primeira he delgada, e nervosa em sua superficie exterior; e por dentro he hum laço de venulas, de arteriolas, e filamentos de nervos, que entraõ dentro nas outras tunicas seguintes para as nutrir.

A segunda he a adherente á primeira, e toda chêa de glandulas brancas, que separaõ as sorosidades do sangue.

A terceira he toda musculosa, e tecida de fibras annulares.

A quarta he muito delgada, e tem suas fibras todas direitas.

Donde procede a pulsaçaõ das arterias?

Procede do coraçaõ, e responde perfeitamente a seu movimento quando se dilata, ou se aparta.

Como se chama o primeiro tronco das arterias, e que he o que se segue da distribuiçaõ, que se faz a todo o corpo?

O primeiro tronco das arterias se chama aorta, ou grossa arteria, que sahe immediatamente do ventriculo esquerdo do coraçaõ, ao qual dá (antes de sahir do pericardio) hum, ou dous pequenos ramos

cha-

chamados coronarios; depois ſe divide em duas partes, huma vay para cima, e ſe chama arteria aſcendente, e a outra para baixo, e ſe chama a arteria deſcendente.

A arteria aſcendente ſóbe ao comprido da tracha arteria até as claviculas, e ſe divide ahi em dous ramos chamados arterias ſubclaviculares, huma vay á parte direita, outra á eſquerda, e ambas produzem de cada banda ramos, que tomaõ nome das partes, ás quaes ſe diſtribuem, como ſaõ as carotidas, ou ſoporaes internas, e externas, que vaõ á cabeça, ás mediaſtinas, ás intercoſtaes, ás axilares, e ás outras.

A arteria deſcendente, antes de ſair do peito, dá ramos ao pericardio, ao diaphragma, e ás coſtellas inferiores; ao depois paſſa o diaphragma, e faz ſette ramos, ou vêas dobradas. A primeira he das que ſaõ chamadas celiacas, que vaõ ao figado, e ao baço. A ſegunda he das meſentericas. A terceira das emulgentes, que vaõ aos rins. A quarta das eſpermaticas, que vaõ ás partes da geraçaõ. A quinta das meſentericas inferiores. A ſexta das lumlares; e a ſettima das muſculares: e tanto que o tronco groſſo he chegado ao oſſo ſacro, ſe reparte em duas groſſas arterias chamadas iliacas, que ſe diſtribuem de cada banda, e fazem cada huma dous troncos de internas, e externas, que daõ ramos, ou pequenas arterias á bexiga, ao anus, á madre, e ás outras partes vizinhas: depois o ramo principal fórma as arterias curaes por dentro das coxas, que ſe communica multiplicando-ſe até o cabo dos artelhos, paſſando ſobre o tornozello exterior dos pés.

Qual he a eſtructura das vêas?

As vêas saõ ductos compridos, e redondos feitos de quatro castas de tunicas, ou membranas, as quaes saõ destinadas para tomar o sangue, que fica nas partes, depois de tomada a nutriçaõ, e para o trazer ao coraçaõ para ser revivificado.

Qual he a fórma das quatro tunicas, que formaõ os canos das vêas?

A primeira he hum contexto de fibras nervosas, e direitas.

A segunda he hum laço de pequenos vazos, que levaõ a nutriçaõ.

A terceira he toda semeada de glandulas, pelas quaes se filtraõ as sorosidades do sangue dos vazos da segunda tunica.

A quarta he hum contexto de fibras annulares, e musculosas, ou carnosas.

Quaes das arterias, ou vêas, saõ em mayor numero?

O numero das vêas excede ao das arterias; mas naõ ha quasi arterias sem vêas, que as acompanhaõ.

Aonde está o principio, e a origem de todas as vêas?

Todas as vêas tem sua raiz dentro no figado, e os trez grossos troncos, que delle sahem, se chamaõ a vêa-porta, e a vêa cava ascendente, ou descendente.

A vêa-porta se distribue a todas as partes contheudas no ventre baixo, e se termina no anus, aonde faz as vêas hemorrhoidaes internas.

A vêa cava se divide logo em dous ramos grossos, dos quaes hum sóbe ao ventriculo direito do coraçaõ, e fórma a vêa cava ascendente, e o outro desce até os pés, e fórma a vêa cava descendente.

Qual

Qual he a diftribuiçaõ da vêa cava afcendente?

Fura o diaphragma, vay ao coraçaõ, e dahi fóbe até as claviculas, depois de ter dado ao diaphragma hum pequeno ramo chamado phrenico; hum, ou dous, ao coraçaõ, chamados coronaes, outros ás coftellas fuperiores, e haver tambem feito o ramo chamado azigos da banda direita fómente. O tronco da vêa cava afcendente, havendo chegado ás claviculas, reparte-fe em dous troncos chamados fubclaviculares, hum vay á parte direita, outro á efquerda, e fazem ramificaçoẽs fimilhantes ás da groffa arteria afcendente, produzindo as cervicaes, ou foporofas, e as jugulares internas, e externas, que vaõ á cabeça, e ás efpadoas, e que formaõ a cephalica, a mediana, e bafilica da parte de dentro do cotovello.

A vêa cava defcendente acompanha igualmente as ramificaçoẽs da aorta, ou groffa arteria defcendente, até a quarta vertebra dos lombos, aonde faz dous ramos chamados iliacos, dos quaes hum vay á direita, outro á efquerda interiormente, e exteriormente, dando ramos a todas as partes contheudas no ventre baixo até o anus, aonde faz as vêas hemorrhoidaes externas; e o ramo externo do iliaco defce dentro na coxa para fazer a vêa crural, e as outras até a faphena, e as que eftaõ na ponta dos pés.

CAPITULO XIII.

Da Anatomîa do ventre inferior, ou ventre baixo.

QUal he a divisaõ do corpo humano, a mais clara, e a mais seguida nas escolas?

He aquella que o divide em trez ventres, o superior, o mediano, e o inferior, que saõ a cabeça, o peito, e o ventre baixo, e as extremidades, que saõ os braços, e as pernas.

Que he o ventre baixo?

He a cavidade do corpo que contèm as partes nutrientes, os rins, a bexiga, e todas as que saõ destinadas para a geraçaõ em hum, e outro sexo.

Que he o que se ha de considerar exteriormente no ventre baixo?

Suas differentes regioẽs, e as differentes partes que contèm.

Quaes saõ estas regioẽs?

He a regiaõ epigastrica, umbilical, e hypogastrica, que se chama de outra sorte epigastro, embigo, e hypogastro.

Qual he o lugar que occupaõ?

He depois da cartilagem xyphoides, até o osso pubis, que repartido em trez partes iguaes faz as trez differentes regioẽs, sendo o epigastro a primeira por cima, o embigo a segunda, e o hypogastro a terceira.

Quaes saõ as partes contheudas no epigastro, e que lugar occupaõ?

As

As partes contheudas no epigaſtro ſaõ: o figado, o baço, o eſtomago, e pancreas, que eſtá debaixo, o eſtomago occupa o meyo por diante, o figado tem lugar na parte direita, o baço na eſquerda, e eſtas duas partes da regiaõ epigaſtrica ſe chamaõ hypocondrios direito, e eſquerdo.

Que partes ſaõ contheudas dentro na regiaõ umbilical, e qual he ſua ſituaçaõ?

Saõ a mayor parte dos inteſtinos delgados, ou miudos, o duodeno, o jejuno, e o ileon, os quaes reſidem no meyo, aonde ſaõ rodeados de huma porçaõ de dous groſſos inteſtinos chamados cæcus, e colon; a eſtas couſas chama a vulgata entranhas; occupaõ as ilhargas, os rins, eſtaõ tambem neſte lugar por baixo, e hum pouco para a banda de detraz.

Que partes ſaõ contheudas no hypogaſtro, e que lugar occupaõ?

A mayor parte dos inteſtinos groſſos cæcus, e colon, lhe ſaõ contheudos, com o recto inteiro: tambem contèm huma porçaõ do ileon, o qual ſe vay metter nas ilhargas que ſe chamaõ as nadegas, e no meyo debaixo do oſſo pubis: a bexiga eſtá ſituada ſobre o inteſtino recto nos homens; e a madre nas mulheres ſe acha entre o recto, e a bexiga.

Como ſe faz a abertura de hum cadaver em huma demonſtraçaõ publica?

Começa-ſe por huma inciſaõ crucial ſobre a pellie, tomando deſde debaixo da garganta até abaixo, e atraveſſando de huma banda para a outra na parte do embigo, depois ſe deſapega eſta pelle pelos quatro angulos, e logo ſe deſcobre o paniculo adipoſo; acha-ſe debaixo deſta gordura huma mem-

brana

brana carnoſa chamada paniculo carnoſo, depois he a membrana commũa de todos os muſculos do ventre baixo, e eiſ-aqui o que os Anatomiſtas chamaõ os cinco tecimentos, que ſaõ a pellicula, ou epiderma, a pelle, ou derma, o paniculo adipoſo, o paniculo carnoſo, e a membrana commũa dos muſculos.

Os cinco tecimentos tendo ſido levantados, ſe achaõ cinco muſculos de cada banda, que ſaõ o obliquo deſcendente, o obliquo aſcendente, o tranſverſal, o direito, e o pyramidal, por meyo dos quaes o ventre ſe eſtende, e ſe aperta.

Depois ſe acha huma membrana chamada peritoneo, que contèm todas as tripas, e que forra interiormente todo o ventre baixo; eſte peritoneo eſtá fortemente atado á primeira, e terceira vertebra das coſtas.

O zirbo que eſtá debaixo immediatamente, ſe chama epiploon, ou coifa, eſtá ſobre as tripas, mantendo-as na brandura neceſſaria para ſua funçaõ, e tambem entretem o calor do eſtomago, e contribue á digeſtaõ.

Reſta a examinar o eſtomago, o pancreas, as tripas, o meſenterio, o figado, o baço, os rins, a bexiga, com as partes deſtinadas para a geraçaõ que eſtaõ nos homens, os vazos eſpermaticos, os teſticulos, e o membro viril; e nas mulheres os vazos eſpermaticos, os teſticulos, ou ovarios, a madre, e ſeu orificio, e vagina.

Que couſa he o eſtomago?

He o receptaculo dos alimentos que lhe ſaõ levados pelo oſophago, que he hum cano, ou eſpecie de tripa direita a que vay deſde a garganta até á entra-

entrada do estomago. O estomago está situado immediatamente debaixo do diaphragma entre o figado, e o baço, tem dous orificios; sua entrada se chama orificio superior, sua extremidade da parte debaixo se chama orificio inferior; sua figura he de huma corneta, a mayor parte de seu corpo está na banda esquerda, he composto de trez membranas, de huma commũa que recebe do peritoneo, e de duas proprias, as duas de cima saõ lizas, a de dentro he toda arrugada.

Que cousa he pancreas?

He hum corpo pingue composto de muitas glandulas cubertas de huma mesma tunica; está situado debaixo do orificio inferior do estomago, ajuda a diggestaõ, e a outras varias funçoẽs, mas seu principal uso he de separar as sorosidades do sangue, para as levar ao depois dentro ao duodeno por hum cano chamado pancreatico. Este succo serve para fermentar o chylo com a colera, para lhes expulsar as partes grosseiras daquellas que devem entrar nas vêas lacteas.

Quantas differenças ha de tripas, ou intestinos?

Ha duas differenças, delgadas, e grossas.

Quantas saõ as delgadas?

Trez: a saber, o duodeno, o jejuno, e o ileon.

Quantas saõ as grossas?

Trez: o cæcus, o colon, e o recto.

Porque razaõ se chamaõ aos intestinos huns delgados, e a outros grossos?

Porque os delgados saõ mais tenues, naõ sendo destinados mais que a levar o chylo do estomago ao lugar que lhe serve como de receptaculo; e os grossos

ſos ſaõ mais eſpeſſos, e mais fortes, e récebem excrementos groſſos fóra do ventre.

Os ſeis inteſtinos, ou tripas, ſaõ por ventura do meſmo comprimento?

Naõ: o duodeno que he o primeiro dos miudos tem ſómente doze dedos de comprimento. O jejuno que he o ſegundo, chama-ſe aſſim, porque quaſi ſempre eſtá vazio; tem cinco pés de comprido. O terceiro ſe chama ileon, por cauſa de ſuas grandes voltas que o fazem ir até aos oſſos das ilas, ou nadegas, onde cauſa a quebradura: tem quaſi vinte pés de comprido.

O primeiro dos inteſtinos groſſos he chamado cæcus, he muito curto, e naõ he propriamente mais que hum appendice, ou bolſa do comprimento de hum dedo; o que ſe ſegue he o colon, que he o mais largo de todos, eſtá cheyo de valvulas que algumas vezes ſe enchem de vento, e outros fermentos que excitaõ colicas; arroda os inteſtinos delgados, fazendo o caminho de cima abaixo do ventre por ſuas grandes circumvoluçoẽs, tem oito para nove pés de comprido: em fim o ultimo he o recto, aſſim chamado, porque vay direito ao anus; he mais comprido que a maõ; he carnoſo, e ſituado ſobre o oſſo ſacro, e a rabadilha.

Que he o movimento periſtaltico dos inteſtinos?

He o movimento ſucceſſivo, e de ondeaçaõ, pelo qual os inteſtinos daõ movimento inſenſivelmente decima abaixo ás materias que elles contèm; e ſe chama movimento antiperiſtaltico, o que ſe faz ao contrario debaixo para cima, como ſuccede no volvulo.

Que couſa he meſenterio?

He

He huma efpecie de tunica membranofa, e hum pouco carnofa, que eftá atada ao efpinhaço, no fundo, e no meyo do ventre, e que tem por fua dobradura todas as tripas paradas no feu lugar; eftá todo femeado de vêas vermelhas, de brancas, e aquofas, que trazem o fangue, o chylo, e a lympha, que ferve a fazer que efte ultimo feja mais liquido, e apto ao fermentar: tambem fe lhe obfervaõ trez glandulas, das quaes a mayor eftá no meyo, e fe chama pancreas afellius, as outras duas mais pequenas fe chamaõ glandulas lumbares, eftando fituadas perto do rim efquerdo: de cada huma deftas glandulas fahe hum pequeno ramo, e ambos fe ajuntaõ para formar a grande vêa lactea, ou o ducto peitoral, o qual ducto leva o chylo ao longo das vertebras do efpinhaço até á vêa fubclavicular efquerda, donde paffa á vêa cava afcendente, e defce dentro ao ventriculo direito do coraçaõ, aonde toma a fórma do fangue, dahi paffa aos bofes pela arteria pulmonaria, depois torna a vir ao coraçaõ pela vêa dos bofes, e torna a fahir pelo ventriculo efquerdo do coraçaõ, entra dentro na aorta, ou grande arteria, para fer no mefmo tempo diftribuido a todas as partes do corpo. Efta he a via da circulaçaõ do chylo, e da fanguificaçaõ do coraçaõ.

Que coufa he o figado?

O figado, he a mayor de todas as entranhas, eftá fituado no hypochondrio direito, apartado fómente hum dedo do diaphragma; fua figura fe parece com hum pé de boy, he convexo por fóra, e concavo por dentro; fua fubftancia he branda, e molle; fua cor, e confiftencia, he como fangue coalhado; he fendido por baixo, e produz duas

pencas, huma grande, e outra pequena; seu uso he de purificar a massa do sangue por filtraçaõ; está atado por dous fortes ligamentos. O primeiro está pegado ao diaphragma, e o segundo á cartilagem xyphoides; tem duas grandes vêas, que saõ a vêa porta, e a vêa cava, as quaes formaõ infinitos ramos como raizes dentro no figado; a vesicula do fel está dentro de sua parte concava, descarrega-se da colera dentro do intestino duodeno por vazos chamados meatos cholydocos: esta colera naõ he propriamente excremento, mas, ao contrario, he de grande utilidade para fazer a fermentaçaõ do chylo, e para o aperfeiçoar.

Que cousa he o baço?

O baço he huma entranha de figura de huma lingua de veado, está situado no hypochondrio esquerdo á opposiçaõ do figado, seu comprimento he de meyo pé, tem trez dedos em travez de largo, sua substancia he molle como a do figado, e se parece hum sangue coalhado escuro; está atado ao peritoneo, ao rim esquerdo, ao diaphragma, e por dentro ao zirbo; tambem está pegado ao estomago por algumas vêas chamadas vas breve; estes ligamentos naõ o impedem de se mover no ventre baixo, aonde muda muitas vezes da figura, e causa mil molestias por suas desordens. Seu uso he de subtilizar o sangue desencrassando-o.

Que cousa saõ os rins?

Saõ partes de huma consistencia carnosa mais dura, e mais fixa que as do figado, e do baço: saõ dous situados nas costellas da regiaõ umbilical sobre o musculo psoas, entre as duas tunicas do peritoneo; o direito está mais abaixo que o esquerdo, sua figura

figura ſe parece a hum feijaõ, recebem nervos do eſtomago, donde procedem os vomitos nas colicas nephriticas; eſtaõ atados ao diaphragma, aos lombos, á groſſa arteria pelas arterias emulgentes, á bexiga pelas ureteras: o rim direito eſtá ainda atado ao inteſtino cæcus, e o rim eſquerdo ao colon: ſeu uſo he de filtrar a ourina dentro nas valvulas, que tem em ſi interiormente, e de a fazer coar pelos vazos chamados ureteras dentro na bexiga.

Por cima dos rins immediatamente, ha de cada banda huma glandula chata, e molle, da groſſura de huma noz, chamaõ-ſe glandulas renaes, ou capſulas atrabilares, porque incluem em ſi hum licor negro, que ſe diz ſerve de fermento ao ſangue para o fermentar.

Que couſa he a bexiga?

He o receptaculo das ourinas, he de huma ſubſtancia membranoſa como o eſtomago, eſtá ſituada no meyo da regiaõ hypogaſtrica, tendo o oſſo ſacro para a cobrir por detraz, o oſſo pubis por diante, nella ſe faz diſtinçaõ de duas partes, que ſaõ fundo, e collo; pelo fundo membranoſo eſtá atada ao embigo, e ſuſpendida por meyo do uraco, e das duas arterias umbilicaes, que degeneraõ em ligamentos nos adultos, e pelo collo carnoſo, mais comprido, e torto nos homens, e mais curto, e direito nas mulheres; eſtá pegada no inteſtino recto áquelles, e no collo da madre a eſtas. Seu uſo em fim he de receber as ourinas, e de ſe deſcarregar dellas de tempo em tempo.

Quaes ſaõ as partes deſtinadas para a geraçaõ em o homem?

Saõ os vazos eſpermaticos, os teſticulos, e o

membro viril: os vazos eſpermaticos fazem huma vêa, e huma arteria de cada banda; as arterias vem da aorta, ou groſſa arteria do coraçaõ, e as vêas ſaõ troncos da vêa cava do figado: eſtas arterias, e eſtas vêas deſcahem dentro nos teſticulos, que ſaõ dous, encerrados dentro no ſcroto.

O uſo dos teſticulos he de filtrar o ſemen, que he trazido de todas as partes do corpo pelas vêas eſpermaticas chamadas preparantes, e dahi fazê-lo paſſar pelos vazos differentes ás veſiculas ſeminaes, donde he promovido dentro da uretera por dous pequenos ductos muito curtos.

O membro viril he huma parte nervoſa, e membranoſa regada com muitas vêas, e arterias, que contèm em ſi meſmo o ducto da uretera: ſua extremidade he feita de huma carne muito delicada, e eſpongioſa, chama-ſe balano, ou glande; a pelle que a cobre ſe chama prepucio, e por meyo deſta parte inchada, e teza pela fluencia dos eſpiritos, he que o homem expulſa o ſemen dentro na madre para produzir ſeu ſimilhante.

Quaes ſaõ as partes deſtinadas para a geraçaõ em a mulher?

Saõ os vazos eſpermaticos, os ovarios, ou os teſticulos, e a madre. Os vazos eſpermaticos ſaõ huma vêa, e huma arteria de cada banda como os ovarios, ou os teſticulos eſtaõ á ilharga do fundo da madre, ſaõ quaſi da groſſura dos homens, mas de huma figura chata, e as veſiculas que contèm ſaõ chamadas ovarios pelos modernos: os vazos, que vaõ deſtes teſticulos, ou ovarios, á ponta da madre, ſe chamaõ deferentes, ou ejaculatorios.

A madre he o principal inſtrumento, e lugar, aon-

aonde a geraçaõ ſe faz, he da figura de huma pera com a cabeça para cima: eſtá ſituada entre o inteſtino recto, e a bexiga; he de huma ſubſtancia carnoſa, e membranoſa: he retida em ſeu lugar por quatro ligamentos atados no ſeu fundo, dos quaes os dous ſuperiores ſaõ os ligamentos largos, que vem dos lombos, e os dous inferiores ſaõ os que vem das virilhas, onde formaõ huma figura de pé de pato, que ſe extende aos oſſos pubis, e á parte chata das coxas; o que faz com que as mulheres ſejaõ ſujeitas a mover cahindo ſobre os joelhos.

O collo exterior da madre he chamado vagina, he feito quaſi como huma garganta, que vay até junto dos labios da parte pudenda por fóra, e por dentro chega ao orificio interno da madre, que ſe parece ao focinho de hum pequeno caõ. O collo exterior eſtá atado á bexiga, e ao oſſo pubis por diante, e por detraz ao oſſo ſacro. Entre os labios da parte pudenda eſtá a nympha, que he a extremidade do ducto da bexiga, para conduzir as ourinas, e mais longe eſtaõ quatro carunculas, á entrada do vagina, quando eſtaõ todas juntas, he o que ſe chama virgo.

CAPITULO XIV.

Da Anatomîa do peito, ou ventre mediano.

QUe couſa he o peito?

He huma cavidade, dentro na qual eſtaõ encerrados principalmente o coraçaõ, e o boſe.

Que he o que ſe deve conſiderar exteriormente no peito?

Sua

Sua extenſaõ, e a ſituaçaõ das partes, que contèm.

Qual he a ſua extenſaõ?

Extende-ſe deſde as claviculas até a cartilagem xyphoides por diante, e ſe limita por detraz a duodecima das vertebras das coſtas, tendo todas as coſtellas para formar ſua circunferencia, e o diaphragma por baixo para o terminar, ſeparando-o do ventre baixo.

Qual he a ſituaçaõ das partes contheudas dentro no peito?

O boſe occupa o alto, e enche quaſi toda a capacidade deſcendo até dous dedos perto do diaphragma; o coraçaõ eſtá no meyo, tendo ſua ponta hum pouco á banda eſquerda debaixo das pencas do boſe, o qual he repartido pelo mediaſtino, que o diſtingue em parte direita, e em parte eſquerda.

Como ſe faz a Anatomîa, ou a abertura do peito?

Depois da demonſtraçaõ das cinco coberturas, ou tecimentos, e levantados os muſculos como ao ventre baixo, ſe levanta o ſternon, ſeparando-o das coſtellas, lança-ſe em cima do roſto, ou ſe tira inteiramente, para pôr mais deſcubertas as partes interiores do peito; e logo ſe vê o coraçaõ, o boſe, o diaphragma, e o mediaſtino, que eſtá adherente ao ſternou em todo ſeu comprimento.

Que couſa he o coraçaõ?

He huma parte, em a qual eſtá a fonte da vida, e a primeira acçaõ do movimento de todas as outras partes, e por eſta razaõ he que o chamaõ o primeiro vivente, e o ultimo moriente.

Que partes ſe conſideraõ no coraçaõ?

Sua ſubſtancia carnoſa, e todas ſuas fibras viradas

das em caracol, sua base, sua ponta, suas orelhas, seus ventriculos, seus grossos vazos, seu pericardio, e seus ligamentos: sua base he a parte superior, e a mais larga; sua ponta he a parte inferior, e mais estreita; suas duas orelhas saõ huns pequenos receptaculos, que deitaõ o sangue no coraçaõ por medida, estaõ situados por cada banda por cima dos ventriculos; seus dous ventriculos saõ cavidades que tem á parte direita, e á esquerda; seus vazos grandes saõ: a grossa arteria, a vêa cava, a arteria, e a vêa do bofe; o pericardio he hum sacco cheyo de agoa, dentro no qual o coraçaõ he guardado; está atado ao mediastino por sua base, e ás vêas grossas, que entraõ, e sahem de seus ventriculos.

Como se chamaõ as pulsaçoens continuas do coraçaõ?

Chamaõ-se diastole, e systole, que fazem dous movimentos, o primeiro he de dilaçaõ, e o segundo de contracçaõ, os quaes se communicaõ a todas as arterias, que sentem a mesma pulsaçaõ.

De que serve a agoa contheuda no pericardio?

Impede que o coraçaõ se incenda por seu movimento continuo.

Que cousa he o bofe?

He hum organo, que serve á respiraçaõ. O bofe he de huma substancia molle, e porosa, como huma esponja: está todo semeado de arterias, de vêas, de nervos, e de vazos lymphaticos todo penetrado de pequenos ductos cartilaginosos, que lhe vem da tracha arteria, e que se chamaõ bronchios, sua cor natural he de hum vermelho pallido com algumas sombras trigueiras, todo revestido de huma

ma membrana fina, e pollida, que recebe da pleura; eftá fufpendido pela tracha arteria, por fua arteria, e fua vêa propria, pelos ligamentos que tem ao fternon, ao mediaftino, e ainda muitas vezes na pleura: he dividido em parte direita, e em parte efquerda pelo mediaftino; tem quatro, ou cinco pencas; as que eftaõ da banda efquerda cobrem o coraçaõ: feu movimento continuo he compofto de infpiraçaõ para tomar o ar, e de expiraçaõ para o expulfar: o larinx, a que a vulgata chama o bocado de Adaõ, faz a entrada da tracha arteria dentro no bofe; o pharinx faz a entrada do ofofago no fundo da boca para ir ao eftomago.

CAPITULO XV.

Da Anatomîa da cabeça, ou do ventre fuperior.

QUe coufa he a cabeça?

He huma parte offofa, que contèm, e encerra o cerebro em fua capacidade.

Que ha de confideravel no exterior da cabeça?

Saõ as arterias das fontes, a que chamaõ temporaes, os mufculos temporaes, e as commiffuras do craneo.

Porque faõ effas coufas confideraveis?

As arterias das fontes faõ confideraveis, porque faõ expoftas por fóra eftando chegadas á pelle: os mufculos temporaes tambem o faõ; porque naõ podem fer offendidos fem caufar convulfaõ por caufa do pericraneo, de que faõ cubertos; e as commiffuras o faõ, porque dahi he que fahem as membranas do cerebro para formar o pericraneo.

Que

Que coufa he pericraneo?

He a membrana, que eftá debaixo da groffa pelle cabelluda da cabeça, e que cobre immediatamente o craneo.

Que coufa faõ Meninjes?

Saõ duas membranas, que encerraõ a fubftancia do cerebro.

Que coufa he commiffura?

He huma efpecie de coftura groffa, que une os offos do craneo.

Quantas caftas ha de commiffuras?

Ha duas: verdadeiras, e falfas; ou baftardas.

Quaes faõ as verdadeiras?

Saõ trez: a fagittal, a coronal, e a occipicial.

Qual he a difpofiçaõ, ou fituaçaõ das verdadeiras commiffuras?

A fagittal he direita, começa no meyo da tefta, e alguma vez á raiz do nariz, e vay acabar por detraz á junçaõ dos dous ramos da commiffura occipicial.

A coronal eftá feita a modo de coroa, paffando pelo meyo da cabeça no lugar da moleira, e defcendo pelas fontes para acabar feu circulo na raiz do nariz.

A occipicial he feita como hum compaffo aberto, de que as pernas eftaõ largas, ou apertadas para as efpadoas, e o botâõ eftá no alto da cabeça por detraz.

Quaes faõ as commiffuras falfas?

Saõ as que fe chamaõ efcamofas.

Qual he a difpofiçaõ, ou fituaçaõ deftas commiffuras falfas?

Eftaõ fituadas nas duas ilhargas da cabeça, e fa-

zem hum meyo circulo do tamanho das orelhas ao redor dellas meſmas.

Que differença ha entre as verdadeiras, e falſas commiſſuras?

He que as verdadeiras ſaõ feitas em fórma de dentes de ſerra, que entraõ huns nos outros; e as falſas, ou baſtardas ſaõ aquellas, que ſe parecem a eſcamas de peixe, que ſe ajuntaõ paſſando huma ſobre a outra.

Qual he o uſo das commiſſuras?

Os antigos nos diſſeraõ que eraõ para impedir que a ruptura de hum oſſo do craneo paſſaſſe a toda a cabeça: mas com mais razaõ diremos que tem os trez uſos ſeguintes: primeiro, de ajudar a tranſpiraçaõ do cerebro; ſegundo, de dar paſſagem aos vazos, que vaõ á duramater; terceiro, de reter as meninjes, e a maſſa do cerebro, que encerraõ.

Como ſe chamaõ os oſſos, que compõem o craneo?

O oſſo de diante ſe chama ſinciput: a teſta, o oſſo frontal, ou oſſo coronal: o oſſo de detraz da cabeça, que eſtá incluido na commiſſura occipicial, ſe chama occipicial, e os dous oſſos que formaõ o de cima, de que a commiſſura ſagittal faz a diſtinçaõ, ſe chamaõ parietaes; ha hum á direita, e outro á eſquerda: os de detraz das orelhas ſe chamaõ temporaes, eſcamoſos, ou petroſos. Ha o temporal direito, e o eſquerdo: eſtaõ atados por baixo dos parietaes por huma commiſſura falſa chamada eſcamoſa.

Que ha de notavel na eſpeſſura do oſſo do craneo?

A diſpola, que naõ he quaſi outra couſa mais que hum

hum tecido de pequenos vazos, que nutrem os ossos, e que fazem no meyo de sua espessura a distinçaõ da primeira, e segunda taboa do osso; donde succede algumas vezes que hum trepano exfoliativo, ou meyo trepano, ou legra, he sufficiente, quando sómente a primeira dessas duas taboas está quebrada, achando-se a outra em sua inteireza.

O cerebro, que he conservado dentro no craneo, he por ventura todo de huma massa igual?

Naõ: pelas meninjes se faz a distinçaõ em grande, e em pequeno cerebro: o grande occupa quasi toda a capacidade do craneo; e o pequeno está deitado de todo para traz aonde naõ faz mais que hum corpo; pelo contrario o grande está dividido em parte direita, e em esquerda pelas meninjes, que o cortaõ até seu fundo, e assim neste lugar se chama fouce.

Que ha de consideravel dentro na substancia do cerebro?

Saõ os ventriculos, ou cavidades que se lhe achaõ, com o grande numero de vêas, arterias, vazos lymphaticos, e nervos; levaõ o sentimento a todas as partes do corpo, e os espiritos para o seu movimento.

HISTORIA EXACTA

Dos orificios do craneo, e dos vazos, que nelle passaõ.

PAra ter exacto conhecimento de todos os orificios, com que o interior da base do craneo se acha furado, he necessario considerá-los, ou a respeito dos nervos, ou dos vazos sanguineos.

Ha nove pares de nervos, que nascem da medulla comprida, e que sahem fóra do craneo por muitos braços, que logo nomearemos.

O primeiro par he o dos nervos do cheiro, os quaes se dividem debaixo do osso crivoso em varios fios, que passaõ dentro ao nariz por diversos orificios, de que este osso he furado, e vaõ-se distribuir á tunica interior do nariz.

O segundo par he o dos nervos opticos, ou visuaes, que passaõ á redondeza dos olhos por orificios particulares cavos no osso spænoide immediatamente por baixo das apophyses clinoides anteriores.

Na porçaõ do osso spænoide, que faz o fundo da redondeza do olho, vê-se huma greta comprida de sette para oito linhas, a qual vay por baixo do orificio por onde passa o nervo optico, aonde está quasi redonda, e mais larga que para cima, onde se termina em hum angulo muito comprido, e agudo.

Ha varios pares de nervos, que entraõ dentro na redondeza do olho por aquelle espaço: primeiro,

ro, o terceiro par chamado os motores dos olhos; ſegundo, o quarto par chamado por Vvilis pateticos; terceiro, o ſexto par todo inteiro: alèm dos trez pares, que paſſaõ todos inteiros por eſte eſpaço, tambem lhe paſſa o ramo ſuperior do cordaõ anterior do quinto par, e he o que Vvillis chama ramo ophtalmico. Alèm da parte inferior deſte eſpaço, para a parte de detraz da cabeça, ſe vê no oſſo ſpænoides de cada banda hum orificio, que naõ paſſa a baſe do craneo, mas que faz huma eſpecie de ducto comprido de huma linha, pouco mais ou menos, que ſe abre atraz da redondeza do olho no alto do eſpaço, que eſtá entre a apophyſe peregoides, e o terceiro oſſo do queixo: por eſte ducto paſſa o ramo inferior do cordaõ anterior do quinto par.

Pouco mais, ou menos duas linhas alèm deſtes ductos, ſe achaõ ainda no oſſo ſpænoides dous orificios de huma figura oblonga, e tirantes ſobre a oval, que eſtaõ poſtos ás ilhargas poſteriores da parte mais interior do oſſo ſpænoides, e daõ paſſagem ao cordaõ poſterior do quinto par.

O orificio por onde paſſa o nervo auditivo, que faz o ſettimo par, eſtá no meyo da parte poſterior do oſſo petroſo, que eſtá chegado ao toutiço: eſte orificio, que he largo, he á entrada de hum ducto, que he cavo dentro no oſſo petroſo, e que profundando-ſe obliquamente de diante para traz do profundo de duas linhas, pouco mais, ou menos, fórma como o fundo de ſacco, cujo fundo he terminado em parte pela baſe do caracol, e em parte por huma porçaõ da boca do veſtibulo. No fundo deſte ducto ha varios orificios; o mais conſi-

deravel

deravel he á entrada de outro ducto que he cavo dentro no osso petroso, e se vem abrir entre a apophyse mastoide astiloides; os outros orificios daõ passagem aos ramos da porçaõ molle do nervo auditivo.

Por baixo deste ducto ha hum orificio consideravel formado pelo encontro de dous encaixes, donde o mais largo está dentro no osso occipicial, e o outro na parte inferior da apophyse petrosa. Do meyo da parte superior deste orificio sahe huma pequena ponta ossosa, aonde se ata hum appendice da duramater, o que reparte o orificio em dous. Pelo orificio anterior sahe o nervo do oitavo par, e o a que chamaõ nervo espinal. Diremos ao depois o uso do orificio posterior.

Perto do grande orificio do osso occipicial, por onde sahe a medulla estendida, se vê hum orificio quasi redondo, e oblongo, pelo qual passa o nervo do nono par: este orificio he inteiramente cavo no osso occipicial, e fazendo hum pouco de caminho dentro no osso, passa obliquamente de detraz para diante. Pela parte de dentro do craneo este orificio he algumas vezes dobrado; mas suas duas entradas se tornaõ a unir á parte externa do craneo, e os dous ramos, que formaõ a origem deste nervo, e que passando por estes dous orificios se tornaõ a unir tambem á sua sahida. Eis-aqui as passagens dos nove pares de nervos, que sahem da medulla estendida. Naõ fica mais que mostrar os caminhos por onde sahe o nervo intercostal, e o do decimo par. O intercostal sahe fóra do craneo pelo ducto que dá entrada á carotida interna. No que toca ao decimo par, como este nasce da medulla, que se acha encer-

encerrada entre o osso occipicial, e a primeira vertebra, sahe pelo orificio da duramater, por onde entra a arteria vertebral.

Para conhecer bem os orificios, por onde entraõ, e sahem os vazos que borrifaõ a cabeça interiormente, he necessario distinguî-los em os que se distribuem á duramater, e em os que saõ destinados para o cerebro.

Os vazos da duramater saõ ramos das carotidas, ou das vertebraes.

No osso spænoides detraz do orificio por onde passa o cordaõ posterior do quinto par, ha outro pequeno orificio quasi redondo, que dá entrada a hum ramo da carotida externa, o qual entrando se ata logo á duramater, e fórma diversos ramos pequenos, para ramificar toda a porçaõ daquella membrana, que cobre as ilhargas, e parte superior do cerebro.

No fundo, e em cima da parte lateral externa da redondeza do olho, por cima do angulo agudo da falta do osso spænoides, ha hum orificio, por onde passa huma arteria, que he hum ramo de carotida interna, que borrifa, ou rega o olho; por ella se distribue quasi toda a porçaõ da duramater, que cobre a parte anterior do cerebro.

A arteria vertebral entrando dentro no craneo, dá de cada banda hum ramo consideravel, que se distribue a toda a porçaõ da duramater, que cobre o cerebro pequeno, ou cerebello.

Em quanto ás vêas, que acompanhaõ estas arterias, ellas sahem quasi todas fóra do craneo pelos mesmos orificios, por onde entraõ as outras.

Ha quatro arterias grossas, que provêm ao cerebro

bro da materia que lhe he neceſſaria para ſe nutrir, e para formar ſeus eſpiritos; a ſaber: as duas carotidas internas, e as duas vertebraes.

As carotidas internas entraõ dentro no craneo por hum conducto particular, cavo no oſſo das fontes; a entrada deſte conducto he de figura oval, e eſtá ſituado na parte externa da baſe do craneo adiante da cova da jugular interna: eſte conducto ſe traz obliquamente de detraz para diante, e depois de ter feito, pouco mais, ou menos, trez linhas de caminho, acaba para a parte poſterior da parte intima do oſſo ſpænoides: a arteria faz o circuito deſte conducto, e na ſahida delle corre por baixo da duramater ao longo das coſtellas do oſſo ſpænoides até ás apophyſes clinoides anteriores; ahi ſe levanta para penetrar a duramater, e atar-ſe á baſe do cerebro. Eſtes vazos, depois de ſua ſahida do conducto do oſſo das fontes até á parte aonde penetraõ a duramater, fazem ſegundo circuito.

Na parte aonde as carotidas penetraõ a duramater, deitaõ hum groſſo tronco, que entra dentro da redondeza do olho pela parte inferior do orificio, por onde paſſa o nervo optico.

As arterias vertebraes, ſahindo dos buracos das apophyſes tranſverſaes da primeira vertebra, rodeaõ paſſando por baixo das apophyſes obliquas ſuperiores das ſette vertebras, depois penetraõ a duramater, e correndo por baixo da medulla, entraõ dentro no craneo pelo orificio occipicial, e ſe inclinaõ huma para a outra, e ſe tornaõ a unir, e naõ formaõ mais que hum tronco.

As vêas, que trazem o ſangue da ſubſtancia do cerebro, ſe evacuaõ dentro nas concavidades da dura-

duramater, as quaes se descarregaõ todas em aquellas, que se chamaõ lateraes, que sahem fóra do craneo immediatamente por baixo dos nervos do oitavo par, pela parte posterior do orificio, formado pelo encontro do osso occipicial, e da apophyse petrosa. Estes *sinus*, ou concavidades lateraes se vertem dentro das jugulares internas, que saõ recebidas dentro de huma cova consideravel, cava de cada banda á parte externa da base do craneo, que se chama a cova jugular interna.

Na parte superior, e posterior do orificio, por onde sahem os *sinus* lateraes, se vê huma abertura, que está na extremidade de hum conducto, cuja entrada está detraz dos condilos que estaõ ás ilhargas do tronco occipicial: este conducto faz duas linhas de caminho dentro do osso. O ducto, que está fechado, se abre immediatamente dentro no *sinus* vertebral; póde-se dizer que he como a primeira origem. Vê-se por ahi que o sangue contheudo dentro nos *sinus* lateraes se evacua por duas partes: a mayor porçaõ desce dentro nas jugulares do pescoço, e a outra dentro nos *sinus* vertebraes: estes conductos se naõ achaõ ás vezes mais que de huma banda; outras vezes hum, e mais o outro se achaõ fechados, e entaõ o sangue contheudo dentro nos *sinus* lateraes se evacua dentro nas jugulares internas.

A traz da apophyse mastoides, ha de cada banda hum orificio consideravel, por onde passa huma vêa grossa, que traz huma parte do sangue, que foy distribuido ás coberturas, e aos musculos, que cobrem huma parte de detraz da cabeça: esta vêa se abre dentro nos *sinus* lateraes, na parte aonde

 de

de ſe tornaõ a rodear; em certos ſugeitos ſe naõ encontra eſte orificio mais que de huma banda, e algumas vezes nenhum; e neſte caſo o ſangue contheudo neſtes vazos ſe evacua nas jugulares externas, com as quaes os ramos deſtas vêas ſe communicaõ.

Dentro de cada oſſo parietal, para a banda da commiſſura ſagittal, em pouca diſtancia da lambdoides, ſe vê hum orificio, por onde paſſa huma vêa, que traz o ſangue das coberturas da cabeça, e ſe evacua dentro no *ſinus* longitudinal ſuperior. Eſtes orificios ſe achaõ algumas vezes fechados de huma banda, e algumas vezes de ambas, entaõ o ſangue contheudo nos ramos deſta vêa ſe evacua na jugular externa.

No meyo da parte intrinſeca do oſſo ſpænoides ha hum, ou dous orificios pequenos, pelos quaes alguns modernos cuidáraõ que a lympha contheuda dentro na glandula pituitaria ſe evacuava dentro no *ſinus* da ſila do oſſo ſpænoides: com tudo conſta que eſtes orificios naõ ſaõ cheyos mais que de vazos ſanguineos, que levaõ, e trazem o ſangue dos oſſos, e das membranas, que compoẽm eſtes *ſinus*; e raramente ſe achaõ eſtes orificios nas peſſoas adultas.

Entre a eſpinha do coronal, e o *criſta galli*, eſtá hum orificio, que ſerve de entrada a hum conducto, que ſe lança de cima para baixo, do comprimento de duas linhas na eſpeſſura da taboa interior do oſſo coronal. A raiz do *ſinus* longitudinal ſuperior he fortemente preza neſte orificio, que dá tambem paſſagem a alguns vazos ſanguineos, deſtinados para a nutriçaõ deſta taboa interior.

Vem-

Vem-se outros varios orificios pequenos cavos em diversas partes da base do craneo : os principaes saõ os que se observaõ sobre a apophyse petrosa, e que daõ passagem a varios vazos, que servem á nutriçaõ daquella parte do osso das fontes, a que chamaõ a caixa do tambor.

Os outros orificios saõ principalmente destinados para os vazos, que servem á nutriçaõ de diversas partes da base do craneo.

CAPITULO XVI.

Em que se trata das ligas, ou laços, ataduras, fundas, almofadas, &c.

QUe cousa he laço?

He huma liga, que serve para as extensoẽs dos membros, nas reducçoens das fracturas, e dislocaçoẽs, ou para atar os doentes, quando he necessario de os sugeitar para segurança de alguma operaçaõ, que causa muitas dores : daõ-se-lhes differentes nomes, segundo seus usos, e muitas vezes trazem o nome de seu inventor.

De que se fazem os laços?

Pódem-se fazer de varias cousas; porèm ordinariamente se fazem de seda, de lãa, e de couro.

Que cousa he atadura?

He huma liga larga comprida, que serve de cobrir, e subjugar as partes, e aparelhos.

De que materia se fazem as ataduras?

Fazem-se de prezente de pano de linho : no tempo de Hyppocrates se faziaõ de couro, ou de raxa.

De quantas ſortes de ataduras ſe uſa em geral?

De duas ſortes: de ſimplices, e de compoſtas; as ſimplices ſaõ aquellas, que ſaõ unidas, e de dous cabos ſómente: e as compoſtas ſaõ aquellas, que ſaõ guarnecidas de lãa, de algodaõ, ou de outra materia, ou que ſaõ compoſtas de varios cabos atados, ou recortados em varias partes, ſegundo a neceſſidade.

Quaes ſaõ as condiçoẽs do panno de linho para ſe fazer as ataduras?

He neceſſario que ſeja limpo, meyo uſado, ſem bainha, nem ourélas.

Quaes ſaõ os nomes das ataduras?

Ha numero infinito, mas a mayor parte tomaõ ſeu nome de ſua figura, como as compridas, as eſtreitas, as triangulares, e as que tem varios cabos, ou que ſaõ guarnecidas: daõ-ſe-lhes nomes particulares, que tiraõ de ſeu author, ou de ſeu effeito: v. g. expulſivas, para repercutir; attractivas, para puxar; contentivas, para manter; retentivas, para parar; divulſivas, para eſpalhar; aglutinativas, para ajuntar, e conſolidar, &c.

Ha outras, que tem nomes particulares, que eſtaõ deſtinadas para certas couſas, como o cabreſto para o queixo inferior; as fundas para o mentum, ou barba, toutiço, eſpadoa, e perineo; e os eſcapularios, para o corpo, a modo de eſcapularios, ou banda dos frades; as fundas, que ſaõ conhecidas, para as deſcidas, ou quebraduras, e as meyas laranjas; os ſuſpenſorios para as bolſas, &c.

Ha outras infinitas, que ſe aprendem com a pratica, vendo trabalhar os Cirurgioẽs inſignes, que as inventaõ todos os dias conforme ſeu genio, e delles

delles ſe naõ póde aprender pela leitura, mais que as primeiras idéas.

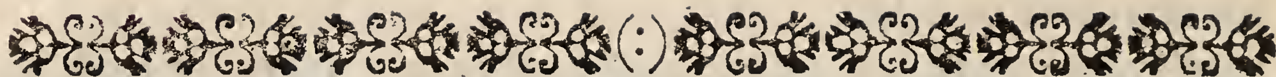
Quaes ſaõ as condiçoẽs geraes, que ſe haõ de obſervar nas ataduras?

Saõ muitas: A primeira ſe ha de tomar cuidado que eſtejaõ roladas, duras, e que naõ eſtejaõ nem muito apertadas, nem muito laças; ſegunda, he neceſſario deſatallas de tempo em tempo nas fracturas, para ver ſe eſtaõ laxas, para as apertar mais; terceira, que ſejaõ enroladas deſorte, que naõ inquietem o doente.

Que ſe deve obſervar para as almofadas, chumaços, e lechinos?

Haõ-ſe de fazer iguaes, doces, e proporcionadas á grandeza da parte, e do mal; devem ſer mais guarnecidas nas partes, ou lugares deſiguaes, para melhor enrolar as ataduras por cima, e humedecêlas ſempre com algum licor proprio para a doença, como tambem as ataduras.

Tratando das doenças, enſinaremos o modo de fazer as ataduras, que lhes convêm.



TRATADO

DAS DOENÇAS CIRURGICAS.

CAPITULO I.

Dos tumores em geral, apostemas, abscessos, exituras, pustulas, e tuberculos.

QUe cousa he tumor?

O tumor he huma eminencia, ou hum inchaço, que se fórma sobre alguma parte do corpo, por hum deposito de humores.

Como se faz este deposito de humores?

Em dous modos: por fluxaõ, e por congestaõ.

Que cousa he o deposito por fluxaõ?

He aquelle, que fórma o tumor de repente, ou em muito pouco tempo, pela fluidade da materia.

Que cousa he o deposito por congestaõ?

He aquelle, que produz o tumor pouco a pouco, e quasi insensivelmente, pela grossidaõ da materia.

Quaes dos tumores saõ os mais molestos, os que se fazem por via da fluxaõ, ou os que se fazem por via da congestaõ?

Saõ aquelles, que se fazem por via de congestaõ; porque sua materia espessa, ou grosseira, os faz sempre mais rebeldes aos remedios.

Donde se tiraõ as differenças dos tumores?

Tiraõ-

Tiraõ-se primeiramente, dos humores naturaes, ſimplices, miſturados, e alterados: ſimplices, como o fleimaõ, que ſe faz do ſangue, e a eriſipéla da colera; miſturados, como o fleimaõ eriſipelatoſo, que ſe faz do ſangue miſturado com huma porçaõ de colera; ou a eriſipéla fleimonoſa, que ſe faz da colera, miſturada com huma porçaõ de ſangue; alterados, como o meliceris, que he feito de varios humores, que ſe naõ diſtinguem por cauſa de ſua nimia alteraçaõ: ſegundo, a differença dos tumores ſe tira da ſimilhança, como a naſcida, o cravo, o carbunculo, a talparia: terceiro, das partes, ſobre as quaes eſtaõ ſituadas, como a optalmia nos olhos, a eſquinencia na garganta: quarto, da doença que as cauſa, como os buboẽs venereos, e peſtilenciaes: quinto, de certas couſas, que ſe encontraõ em humas, e naõ em outras; como os tumores encerrados, que tem ſua materia fixada em hum folliculo, e aſſim de outros muitos.

Quantos generos ha de tumores, que comprehendem ao meſmo tempo todas as eſpecies particulares?

Ha quatro, que ſaõ: os tumores naturaes, os tumores encerrados, os tumores criticos, e os tumores malignos.

Que couſa ſaõ tumores naturaes?

Saõ aquelles, que ſe fazem de hum dos quatro humores contheudos na maſſa do ſangue, ou de varios, ao meſmo tempo miſturados, juntos.

Quaes ſaõ os quatro humores contheudos na maſſa do ſangue?

He o ſangue, a colera, a phlegma, e a melancolia, os quaes produzem em particular ſua eſpecie

de

de tumor; e assim o sangue produz o fleimaõ, a colera a erisipéla, a phlegma o edema, a melancolia o scirrho: e sua mistura produz tambem o fleimaõ edematoso, ou a erisipéla fleimonosa, o edema fleimonoso: segundo a qualidade dos humores, que predominaõ, fazem, ou daõ o nome ao tumor.

Que cousa saõ tumores encerrados?

Saõ aquelles, cujas materias se achaõ contheudas dentro dos folliculos membranosos, como o meliceris, ou as alporcas.

Que cousa saõ tumores criticos?

Saõ aquelles, que apparecem de repente nas grandes doenças, e que as terminaõ a bem, ou mal, como as parotidas.

Que cousa saõ tumores malignos?

Saõ aquelles, que se achaõ acompanhados de symptomas extraordinarios, e molestos, de que se segue perigo, como o carbunculo na peste.

Que cousa he apostema, abscesso, exituras, e pustulas?

Póde-se dizer que todas estas especies de tumores naõ differem quasi entre si que de mais, ou de menos; com tudo, a fallar propriamente pelos nomes de apostema, e de abscessos, se entendem grandes tumores, que se podem suppurar, ou resolver; e pelos nomes de exituras, e pustulas se entendem pequenos tumores, ou simplices, que apparecem em grande numero, os quaes muitas vezes naõ suppuraõ, sendo huns feitos de muito pouco humor, e os outros de materia secca.

Que differença ha entre tumor, e apostema, ou abscesso?

He que todos os tumores naõ saõ apostemas; nem

nem abſceſſos; mas naõ ha apoſtema, nem abſceſſo, que naõ ſeja tumor: v. g. a verruga, e o ganglion, ſaõ tumores, e naõ ſaõ abſceſſos, nem apoſtemas; pelo contrario os abſceſſos, e apoſtemas ſempre ſaõ tumores, porque fazem corcovas, e elevaçoens.

CAPITULO II.

Do modo geral, que ſe deve guardar no curar os tumores.

QUe he o que o Cirurgiaõ deve principalmente obſervar nos tumores, antes que lhe applique remedios?

Deve conhecer trez couſas: Primeira, a natureza do tumor. Segunda, o tempo de ſua formaçaõ. Terceira, ſua ſituaçaõ. A natureza do tumor; porque ſe cura de outro modo o que he natural, do que o que he encerrado, critico, ou maligno. O tempo de ſua formaçaõ; devem-ſe obſervar quatro couſas: o principio, o augmento, o eſtado, e a declinaçaõ, em os quaes ſaõ neceſſarios remedios todos differentes. Sua ſituaçaõ; porque deve ſer recto no curar, e na abertura que ſe lhe póde fazer, para evitar o encontro de huma arteria, ou de hum tendaõ vizinho.

Por quantos modos ſe terminaõ todos os tumores, que ſe curaõ?

Terminaõ-ſe por dous modos: por reſoluçaõ, ou ſuppuraçaõ.

A deliteſcencia, ou endurecimento, e o eſthiomeno,

meno, ou gangrena, naõ saõ tambem dous modos, porque ás vezes se terminaõ os apostemas, e pelos quaes saõ curados?

Sim, mas he imperfeitamente; porque naõ se póde dizer positivamente que hum tumor, ou que huma apostema he absolutamente curado em quanto lhe fica alguma cousa do primeiro mal, como se faz na delitescencia, aonde as materias se achaõ endurecidas por huma resoluçaõ imperfeita, ou quando hum apostema degenerou em outro mal, como succede no esthiomeno, ou a gangrena, que lhe sobrevem.

Qual he a via mais vantajosa para curar os apostemas; a da resoluçaõ, ou a da suppuraçaõ?

He sem duvida que a da resoluçaõ he a mais feliz; e tambem he a que se ha de tomar em quanto puder ser: com tudo, he necessario exceptuar os casos, em os quaes os tumores, ou abscessos saõ criticos, e malignos; porque entaõ naõ sómente a via da suppuraçaõ prefere, mas tambem he necessario procuralla por todos os modos, ainda pela abertura, a qual deve ser feita nesta occasiaõ sem esperar a maturaçaõ perfeita.

Quaes saõ as circunstancias, com as quaes o Cirurgiaõ deve fazer as aberturas dos tumores?

Deve tomar sentido de naõ cortar as fibras dos musculos, e de naõ despejar por huma vez toda a materia, ou *pus*, em os grandes abscessos, por se temer que o doente desfalleça.

A abertura dos tumores deve ser por ventura sempre feita longitudinalmente, e segundo a direitura das fibras?

Naõ: algumas vezes he necessario que se abraõ
por

por huma incisaõ crucial, quando saõ grandes, ou quando ha hum lobinho, ou similhante tumor, para extirpar.

Quantas castas ha de materias, que sahem na suppuraçaõ dos tumores?

Ha quatro, que saõ: pus, sordes, sanies, e virus.

Que cousa he pus?

He huma materia espessa, e branca como leite.

Que cousa he materia sordida?

He huma materia espessa como o pus, mas que he de varias cores, e como lama.

Que cousa he sanies?

He huma materia aquosa, que sahe das chagas, como o humor, ou succo de huma arvore, que sahe de sua casca.

Que cousa he virus?

He huma materia aquosa, esbranquiçada, amarella, e hum pouco verde em o mesmo tempo, a qual sahe das chagas fedorentas, com qualidade corrosiva, e maligna.

Quantas cousas ha geraes dos tumores?

Ha trez: a primitiva, a antecedente, e a conjuncta. A primitiva he aquella, que dá occasiaõ ao tumor, como v. g. huma queda, ou huma pancada. A antecedente he aquella, que suppre com a materia ao tumor, como he a massa do sangue, v. g. que engrossa, e entretem o fleimaõ. A conjuncta he o sangue, ou a materia derramada, que fórma immediatamente o fleimaõ.

Que respeito se ha de ter para estas trez castas de causas em a cura?

Póde-se prevêr a causa primitiva, evitando as

 horas,

horas, as quedas, e as pancadas: remedea-se a causa antecedente, diminuindo o enchimento do sangue, e refrescando toda a massa pela sangria: tira-se a causa conjuncta, que he o sangue derramado, fazendo-o dissipar pela resoluçaõ, ou despejando-o pela suppuraçaõ.

Que cousa he crisis?

He hum deposito repentino de humores, que se faz em as doenças, e que ordinariamente as terminaõ.

Como se fazem estes depositos criticos?

Pelo vigor da natureza, que expulsa os humores pelo ventre, ou que os leva á habituaçaõ do corpo: pelo ventre faz os fluxos humoraes, os fluxos de ourina, e os fluxos de sangue; e pela habituaçaõ do corpo produz suores, tumores, e gangrena tambem.

Em que partes succedem ordinariamente vir os tumores criticos?

Nas glandulas, que os Antigos chamavaõ emunctorios do cerebro, do coraçaõ, e do figado: chamavaõ emunctorios do cerebro ás glandulas grossas, que estaõ por baixo das orelhas; emunctorios do coraçaõ ás que estaõ debaixo dos braços; e emunctorios do figado, ás que estaõ nas virilhas. Os tumores malignos pódem vir em todas as partes, mas os venereos succedem sómente nas virilhas.

C A-

CAPITULO III.

Dos Tumores naturaes.

ARTIGO I.

Do Fleimaõ, e de ſuas dependencias.

QUe couſa he fleimaõ?

He hum tumor vermelho feito de ſangue derramado em huma parte, a qual cauſa tenſaõ, dôr, e calor com pulſaçaõ.

Os aneuriſmas, e as varizes, que ſaõ tumores feitos de ſangue, ſaõ acaſo fleimoẽs?

Naõ: porque o ſangue, que fórma os aneuriſmas, e as varizes, naõ he ſangue extravazado, nem acompanhado de inflammaçaõ, mas ſómente hum tumor de ſangue feito pela dilataçaõ das arterias, e vêas.

Os echymoſis, ou contuſoẽs, que ſe fazem de ſangue extravaſado, ſaõ acaſo fleimoẽs?

Naõ: porque naõ he baſtante que o ſangue eſteja extravazado para produzir hum fleimaõ; he neceſſario tambem que faça dor, calor, e pulſaçaõ com inflammaçaõ, o que ſe naõ acha nos echymoſis, ſenaõ nos grandes, depois de muito tempo ſe naõ haverem remediado, em os quaes ſe deve logo dar ſahida ao ſangue pizado, para impedir a inflammaçaõ, a ſuppuraçaõ abundante, e varias outras conſequencias, que moleſtaõ.

O fleimaõ he acaſo ſempre feito de puro ſangue?

Naõ: ſuccede muitas vezes que participa da colera,

lera, da phlegma, ou da melancolia, o que faz que se chame fleimaõ erisipelatoso, e dematoso, ou scirrhoso; conservando comtudo sempre o nome de humor predominante, que he o sangue, e assim dos outros.

REMEDIOS.

Quaes saõ os remedios do fleimaõ?

Saõ de duas sortes: ou geraes, ou particulares; os geraes respeitaõ a causa antecedente, os particulares respeitaõ a causa conjuncta. A sangria, o regimento, e algumas vezes os purgantes curaõ o fleimaõ na sua causa antecedente, diminuindo o enchimento, o calor, e a alteraçaõ do sangue; as fomentaçoẽs, cataplasmas, e emplastros curaõ sua causa conjuncta, procurando a resoluçaõ, ou suppuraçaõ.

Em que tempo se ha de sangrar?

No principio, e augmento.

Quaes saõ os remedios, que se devem logo applicar sobre o tumor?

Saõ os resolutivos, e anodinos, taes como saõ os que se preparaõ com *cerefolio*, *cozido em soro de leite*, juntando-lhe hum pouco de *açafraõ*, para lavar o tumor, e applicar pannos molhados em cima, renovando muitas vezes; e tambem se lhe póde applicar o mesmo *cerefolio.*

Tambem hum copo *de ourina* de homem saõ, em que se coza *huma onça de enxofre*, e com este cozimento chapejar o tumor.

Tambem ultimamente se póde usar da *esperma de raãs* só, ou da *agoa de cal*, e *sabaõ*, misturado, ou

ou *das folhas de carvalho*, *e de tanchagem*, machucadas, e applicadas, resguardando-se sobre tudo dos remedios frios, de oleos; ou gorduras, que saõ perniciosos nas inflammaçoẽs grandes.

No augmento do tumor, e da dor, que he necessario fazer?

He necessario adoçar abrandando, e resolvendo. Para este effeito se compõem huma cataplasma com *folhas de sabugo*, *e de engos*, *de malvas*, *de violas*, *de macella*, *e de coroa de Rey*, ás quaes se ajunta *semente de linhaça* pizada, fazendo cozer tudo *em soro de leite*, e depois se lhe ajunta *huma gemma de ovo*, *vinte grãos de açafraõ*, *quatro onças de mel* a cada libra de cataplasma, com o que baste *de miolo de paõ*, para consistencia necessaria: em lugar das ervas acima, se toma *esterco de vaca*, em que se lhe mistura o mais referido para fazer huma cataplasma, que se deve renovar ao menos de doze em doze horas.

Que se deve fazer no estado?

Se o tumor naõ póde ser levado á pertendida resoluçaõ, se procurará a suppuraçaõ, pondo nas cataplasmas *alhos*, *cebolas de açucenas assadas na cinza*, *leite*, *e unguento basilicaõ.*

Ou se tomará simplezmente *hum copo de leite*, em o qual se fará derreter *huma onça de sabaõ*, para lhe molhar pannos, que se applicaráõ sobre o tumor, continuando por muitas vezes. Ou se lhe applicaráõ *azedas cozidas em manteiga crua*, *e hum pouco de fermento.*

O *emplastro diasulphuris* he muito excellente só; tambem se lhe póde misturar o *emplastro diaquilaõ*, *e o unguento basilicaõ.*

Na

Na declinaçaõ, depois da ſuppuraçaõ, que ſe deve fazer?

Deſſeccar-ſe-ha a chaga brandamente logo com o *emplaſtro diaſulphuris*, ou *diaquilhaõ*, depois ſe applicará o *emplaſtro diapalma*, ou *geminis*.

Se no tempo da grande inflammaçaõ houveſſe diſpoſiçaõ de gangrena, que ſeria neceſſario fazer?

Seria neceſſario uſar *de bom vinagre*, e em huma onça delle diſſolver *huma oitava de caparroſa branca, com outro tanto de ſal armoniaco*, para chapejar o tumor; ou tomar *a tintura de myrrha, e de azebre, com hum pouco de unguento egypciaco*, e fazer logo hum digeſtivo *de termentina, gemma de ovo, e mel*, miſturando-lhe hum pouco *de eſpirito de vinho*, ou *agoa-ardente*, ſe lhe ficaſſe alguma podridaõ.

REMEDIOS PARA OS ANEURISMAS, e as Varizes.

QUe he o que ſe faz para hum aneuriſma?

Se he pequeno, como o que ſuccede depois de huma ſangria mal feita, baſta applicar-lhe emcima chapa pequena de chumbo, ou huma moeda embrulhada dentro da almofadinha, e bem atada com atadura: hum pouco de papel maſtigado ainda he melhor.

Se o aneuriſma he conſideravel, ſe uſa do *emplaſtro adſtringente*, tal como o ſeguinte:

Tomay *de pós de bolo armenio, de ſangue de drago, de incenſo, de azebre, e de hypociſtis*, (que he o çumo da erva *hircina*, ou *putegas*) *de cada hum huma oitava* miſturay tudo com *dous ovos batidos*,

tidos, juntando-lhe *cera* para dar a consistencia de emplastro, que se applicará só, ou misturado com igual parte de *emplastro contra rupturam*, fazendo atadura para o subjugar.

O *emplastro de cicuta* he tambem maravilhoso.

Quando o aneurisma he excessivo, he necessaria absolutamente a operaçaõ.

Que he necessario fazer para as varizes?

Ordinariamente as varizes naõ saõ molestas, e saõ ás vezes uteis para a saude, com tudo se por sua grossura molestaõ, e pelas dores que causaõ, se adoçaráõ com o remedio seguinte:

Tomay de *mucilagens de semente de zaragatoa*, e *de linhaça*, *de cada huma duas onças*; *de unguento populeaõ duas onças*; *de oleo de minhocas*, *e de hypericaõ*, *de cada hum huma onça*, *farinha de trigo huma onça*, ajunte-se-lhe *cera* para fazer a consistencia de emplastro. Extender-se-ha sobre panno, ou couro, e applicá-lo haõ sobre a variz, subjugando-o com huma pequena atadura.

Se o sangue he muito abundante, se póde descarregar pela applicaçaõ das sanguixugas, ou por huma picada feita com a lanceta; depois se lhe applica *huma pasta de chumbo cozida em hum panno fino*, *atada com ligadura propria*; e se naõ, usa-se de hum adstringente como o seguinte:

Tomay *huma romãa* cortada em bocados, coza-se em *meyo quartilho de vinagre forte*, *com huma oitava de sal*, e deste cozimento com huma esponja se applique sobre a variz, e se ate com ligadura, continuando por espaço de hum mez, duas vezes no dia.

REMEDIOS PARA O ECHYMOSIS, contuſoens, ou pizaduras.

COmo ſe ha de curar o echymoſis ?

Deve-ſe, quanto póde ſer, tratar de o reſolver, applicando-lhe emcima *talhadas de carne de vaca*, renovando-as muitas vezes, ou pannos molhados *em eſpirito de vinho*, em que ſe tenha miſturado *açafraõ*.

Tambem ſe reſolve com *a raiz de norça* raſpada, e applicada, ou com *geſſo*, *ferrugem de chaminé*, *azeite*, e *vinho*, de que ſe faz huma miſtura, que ſe póem entre dous pannos ſobre o mal.

Se o echymoſis eſtá ſobre huma parte nervoſa, uſa-ſe *do balſamo do Perû*, ou em ſua falta *dos oleos de minhocas*, *e de hypericaõ*, *com vinho quente*; em o que ſe molhaõ almofadinhas para pôr emcima.

Quando o echymoſis he grande, que tem muito ſangue derramado entre couro, e carne, o mais ſeguro he fazer a abertura para fazê-lo ſahir, no receyo que ha de huma ſuppuraçaõ abundante, e moleſta, ou de gangrena; he neceſſario com tudo grande circunſpecçaõ ao roſto, que ſempre ſe deve deſviar das inciſoens.

DOS TUMORES, OU APOSTEMAS fleimonosos, e dos remedios, que lhes convêm.

QUaes saõ os tumores, ou apostemas, que dependem do fleimaõ?

Saõ: o bubaõ, o antraz, o carbunculo, os cravos, ou furunculo, o phyma, o phygeton, o panaricio, a queimadura, a gangrena, as frieiras.

Que cousa he bubaõ?

O bubaõ he hum tumor, que vem ás virilhas, acompanhado de calor, dôr, com dureza, e algumas vezes com febre.

Que cousa he carbunculo?

O carbunculo he hum tumor duro, vermelho, ardente, e inseparavel da febre, he cuberto de huma côdea negra, que ao depois cahe com a suppuraçaõ, e deixa huma chaga profunda, e molesta, e algumas vezes naõ suppura cousa alguma.

Que cousa he antraz?

O antraz he quasi a mesma cousa que o carbunculo, ha sómente esta differença, que o carbunculo apparece sempre nas partes das glandulas, e o antraz por todas as partes.

Que cousa saõ os cravos, ou furunculo?

O cravo he huma especie de carbunculo benigno e mitigado, que se parece á cabeça de prégo; e causa dores similhantes á de hum prégo, que estivesse affincado em alguma parte.

Que cousa he o phygeton?

O phygeton he huma pequena extuberancia vermelha, e inflammada, situada sobre as glandulas

miliares da pelle, aonde faz huma dôr picante sem suppuraçaõ.

Que cousa he phyma?

O phyma apparece do mesmo modo que o phygeton, e suppura-se.

Quaes saõ os remedios proprios para todas estas castas de tumores, e apostemas fleimonosos?

Saõ as cataplasmas, e os emplastros: anodinos, emollientes, resolutivos, e suppurativos, que se applicaõ por proporçaõ como se faz aos fleimoẽs.

Que cousa he gangrena?

A gangrena, e o sphacello significaõ a mesma cousa: comtudo faz-se distinçaõ; porque a gangrena he huma mortificaçaõ principiada, e o sphacello huma mortificaçaõ inteira, que se chama *nervosa*, e *syderaçaõ*.

Estiomeno he huma disposiçaõ para a mortificaçaõ, a qual he notada pela moleza da parte, e sua côr livida.

A definiçaõ da gangrena he huma mortificaçaõ de parte, a qual succede pela intercepçaõ dos espiritos, e pela privaçaõ do calor natural.

Quaes saõ em geral as causas da gangrena?

He tudo aquillo, que póde impedir o calor natural de existir na parte, aonde apparece, como as fortes ligaduras, os remedios adstringentes, ou os resolutivos mal applicados nas grandes inflammaçoẽs, a falta dos espiritos por causa de hemorrhagias, ou por velhice, as mordedellas de caõ danado, o frio excessivo &c.

Porque sinaes se conhece a gangrena?

Conhece-se pela côr livida da pelle, pela molidaõ, frieza, e insensibilidade da parte, e algumas

vezes

vezes por ſua ſequidaõ, e negridaõ, donde exhala hum fedor de cadaver com o ſangue podre, que ſahe depois dos furos, e eſcarificaçoẽs feitas. Em fim, conhece-ſe a gangrena pelos ſuores frios, e desfalecimentos, ſyncopes, tranſvarios, que ſuccedem ao doente, que ſaõ todos ſinaes precurſores da morte proxima.

A gangrena naõ ſuccede acaſo mais que ás carnes, e ás partes molles?

Tambem ſuccede aos oſſos, e eſta ſe chama caries.

Como ſe conhece eſta gangrena dos oſſos quando eſtá ainda eſcondida debaixo das carnes?

Conhece-ſe pela côr negra das carnes vizinhas, pelo fedor do ſangue podre, que ſahe, pelas dores profundas, que ſe lhe ſentem, as quaes ſaõ fixas, e continuas, antes que os apoſtemas, e chagas ſe façaõ; e quando a chaga eſtá feita, percebe-ſe huma aſpereza no oſſo.

REMEDIOS.

QUaes ſaõ os remedios, que convêm á gangrena?

Saõ aquelles, que tiraõ as partes mortificadas, e corrompidas, e que attrahem o calor natural; ſupprem eſtas duas indicaçoẽs, fazendo com o ferro a extirpaçaõ do que eſtá mortificado, chamando o calor natural pelos remedios ſeguintes:

Recip. *do bom vinagre huma onça, de caparroſa branca huma oitava, com outro tanto de ſal armoniaco*, chapeje-ſe a parte com eſta miſtura, e ſe

lhe

lhe appliquem chumaços embebidos neste licor: este remedio convêm na primeira disposiçaõ da gangrena. Póde-se tambem usar da agoa amarella, que se faz com solimaõ, e agoa de cal: toma-se v. g. *meya oitava de solimaõ em pó*, que se mistura em *huma libra de agoa de cal.*

Applica-se com mais efficacia *tintura de myrrha, e de azebre*, em a qual se mistura o *unguento egypciaco*; ou se applica a *agoa de cal*, em a qual se cozem *duas onças de enxofre, com duas oitavas de calamelanos em pó, em vazo de barro*, e quasi frio se lhe ajunta *quatro onças de espirito de vinho*, para fazer huma agoa phagedenica admiravel: chapeja-se a parte com ella, e se applicaõ chumaços, ou pannos embebidos sobre a parte.

Se a gangrena chega até o osso, he necessario logo lavar a chaga com *agoa ardente boa*, e applicar-lhe o *euforbio em pó*, e sobre os chumaços; abster-se de toda a casta de oleos, unguentos, ou gorduras.

Se estes remedios saõ inuteis, será necessario valer-se do fogo, ou ferro, ou da ampuraçaõ. Ao depois daremos o modo de o fazer.

Que cousa saõ frieiras?

Saõ tumores dolorosos, os quaes saõ muitas vezes acompanhados de inflammaçaõ, succedem particularmente nas partes nervosas, e exteriores, como no calcanhar: saõ muito sensiveis, e conforme o ar, e frio saõ mais, ou menos rigorosas.

De que remedios se usa para curar estas frieiras?

Lava-se, e se pōem o calcanhar de molho em *vinho cozido com pedra hume, e sal commum*, logo se applica huma cataplasma, que se compōem juntando-lhe

do-lhe *farinha de centeyo*, *mel*, *e enxofre*. O *çumo de rabaõs quente*, applicado com o *unguento rosado*, he tambem bom, ou o *oleo petroleo* só.

Que cousa he panaricio, ou unheiro?

O panaricio, ou unheiro, he hum tumor, que vem ordinariamente á extremidade dos dedos na raiz das unhas: he vermelho acompanhado de dores profundas, e taõ sensiveis, que o braço todo se refere; algumas vezes lhe sobre-vem febre, e gangrena, estando o humor fechado entre o osso, e o periosteo, que he aquella pequena membrana, que o reveste immediatamente.

Que remedios se applicaõ para a cura do panaricio?

Usa-se logo de cataplasmas anodinos, que mitigaõ a dôr excessiva, como o que se faz *de leite*, *semente de linhaça*, *figos*, *gemma de ovo*, *açafraõ*, *mel*, *e oleo de minhocas com miolo de paõ*. Depois tentar-se-ha a resoluçaõ applicando-lhe *oleo de amendoas*, *açucar de chumbo*, ou o *balsamo de enxofre*: o *emplastro de mucilagens*, e o *de enxofre dissolvidos em vinho*, he tambem hum bom resolutivo, e anodino.

Se he necessario vir a suppuraçaõ, se ajuntará á *cataplasma precedente*, *as cebolas de açucenas assadas na cinza*; ou far-se-ha nova cataplasma com *azedas cozidas*, *manteiga crua*, *e hum pouco de fermento*.

Que cousa he queimadura?

A queimadura he huma impressaõ do fogo feita sobre huma parte, dentro na qual fica muito ardor com empolas cheyas de serosidades, ou codeas, conforme o fogo fez mais, ou menos acçaõ.

Quaes

Quaes saõ os remedios para a queimadura?

A queimadura se cura pela applicaçaõ prompta *de lodo, ou lama fresca* applicada repetidas vezes; tambem pela applicaçaõ *das cebolas pizadas, do unguento rosado, e de populeaõ*, misturados com huma *gemma de ovo, da cal viva, dos caranguejos* pizados vivos em almofariz de chumbo &c.

Se a queimadura está no rosto, se usa particularmente *das mucilagens de pevides de marmellos, e de zaragatoa, e da esperma de raãs, do que se tomaõ partes iguaes, e a quatro onças se lhe ajuntaõ vinte graõs de açucar de chumbo*, estende-se este remedio com huma penna, e se põem por cima hum papel pardo: esta receita he maravilhosa.

Se a queimadura fez escara, ou codea, se fará cahir *com manteiga crua* estendida em huma folha de couve applicada moderadamente quente.

Se a codea he muito dura, e naõ cahe, he necessario abrî-la para dar sahida ao pus, onde a demora faria huma chaga profunda por baixo. Observa-se o mesmo para as empolas, ou pustulas caussadas da queimadura, dous dias depois de levantadas, e se applica o *unguento de cal viva, oleo rosado, e gemmas de ovos.*

ARTIGO II.

Da erisipéla, e suas dependencias.

QUe cousa he erysipéla?

A erisipéla he huma pequena elevaçaõ produzida por hum deposito de colera espalhada, e corren-

corrente entre couro, e carne; a qual ſe faz conhecer por ſua vermelhidaõ, ſeu calor grande, e picadas, que cauſa.

REMEDIOS.

Quaes ſaõ os remedios da eryſipéla?

A eryſipéla, que vem na cabeça, e no peito, naõ he ſem perigo, deve ſer curada com muito cuidado pelos remedios aſſim interiores, como exteriores: uſa-ſe interiormente do *diaphoretico mineral*, *de olhos de caranguejos*, *de caſcas de ovos*, *de pòs de viboras*, e outros. Uſa-ſe de bebidas de iguaes qualidades, como v. g. eſta: Rec. *de agoa de flor de ſabugo quatro onças*, *de ſal volatil de viboras*, *ou de ponta de veado*, *hum eſcropulo*, *de xarope de papoulas huma onça.* Miſture-ſe.

A ſangria naõ tem aqui lugar, ſalvo havendo grande enchimento; mas naõ ſe devem deſprezar as ajudas repetidas *com ſoro de leite*, *cerefolio*, *almeiraõ*, *violas*, ajuntando-lhe *huma oitava de criſtal mineral*, *e duas onças de mel violado.*

Exteriormente ſe applicaõ ſobre a eryſipéla *pannos molhados em eſpirito de vinho*, *nutrido de alcanfor*, *e açafraõ*, e ſe renovaõ cada vez que ſe ſeccaõ.

Tambem ſe uſa de *bagaço de uvas*, *e murta em pó*, *em igual quantidade*, *que ſe compõem ſobre hum papel pardo untado com mel*, e ſe applica ſobre o mal.

Se o calor, e a dôr ſaõ exceſſivos, tomar-ſe-ha *meya oitava de açucar de chumbo*, *vinte graõs de*

alcanfor, *outro tanto de opio*, *com duas oitavas de myrrha vermelha*, tudo misturado com *meyo quartilho de vinho branco*, em o qual se molhaõ pannos para applicar sobre erysipéla, renovando muitas vezes.

Para remediar ao rosto tomaõ-se panninhos de linho, que se molhaõ em hum remedio preparado com *meyo quartilho de soro de leite*, *duas gemmas de ovos*, *e huma oitava de açafraõ.*

Tambem he bom ordenar huma dieta racionavel: a bebida ordinaria seja *agoa cozida com raspaduras de ponta de veado*, *maçaãs verdeaes*, *flor de centaurea menor*, *e alcaçûs.*

DOS TUMORES, OU APOSTEMAS erysipelatosos, e de seus remedios.

QUaes saõ os tumores, ou apostemas, que saõ da natureza da erysipéla?

He o herpe secco, e o herpe humido: o herpe secco he o que se chama impigens; e o herpe humido saõ especies de bexigas, ou pustulas quasi vermelhas, que daõ vontade de coçar, e fazem na pelle pequenas chagas corroentes: a estas se pódem accrescentar varias especies de sarna, e coceiras.

Para hum, e para outro se pódem applicar os remedios referidos para a erysipela, como saõ: os *lavatorios feitos com agoa de cal*, *cozimento de losna*, *e sal armoniaco huma oitava*, *sobre quatro onças de licor*; ou tomar *meya oitava de sal de chumbo*, e pô lo em hum copo de *cozimento de molarinha*, *ou de cerefolio.* Tambem se usa *do oleo de tartaro*

taro per deliquium, de que ſe faz hum linimento com o cozimento referido, ou por ſi.

ARTIGO III.
Do Edema.

QUe couſa he Edema?

O Edema he hum tumor pallido, molle, e muito pouco ſenſivel, feito por hum depoſito de humor fleimatico.

Quaes ſaõ os remedios do Edema?

Saõ as fomentaçoẽs, cataplaſmas, linimentos, e emplaſtros.

As fomentaçoẽs ſe fazem com os *engos* poſtos em molhos em forno quente, (depois que o paõ eſtá cozido) borrifaõ-ſe com *vinho*, e ſe tiraõ logo que fumegaõ, ou evaporaõ; cortaõ-ſe-lhe os atilhos abrindo-os, e aſſim quentes ſe cobre com elles a parte, pondo-lhe por cima hum panno quente: repete-ſe, e faz-ſe aſſim tranſpirar o humor pelo ſuor.

As cataplaſmas ſe compõem com *macella*, *coroa de Rey*, *hypericaõ*, *ſalva*, *engos*, *alfavaca de cobra*, *raiz de norça*, *e cebolas*, tudo cozido em *vinho branco* com *mel*, e ſe lhe ajunta, ſe querem, *huma pouca de ſemente de cominhos*, *ou de funcho*, *pizados*.

Tambem ſe fazem cataplaſmas com *eſterco recente de cavallo*, *e ſemente de cominhos pizada*, *cozidos em vinagre forte*, ajuntando-ſe-lhe no fim *farinha de cevada* até tomar ponto de pappas.

Os emplaſtros ſe preparaõ com *huma onça de*

diapalma, *meya onça de unguento marciataõ*, *huma onça de oleo de açucenas*, *meya onça de pós de cominhos*, *e huma onça de cera para fazer corpo.*

Se ha dureza, se applique o *emplastro de mucilagens*, ou *diaquilaõ gommado*, accrescentando-lhe o *extracto das gommas galbano*, *ammoniaco*, e *bdelio tirado com vinagre.*

Naõ se haõ de esquecer os *purgativos de jalapa em pó até huma oitava*, *em vinho branco*, ou *meya onça de pastilhas de citro*, *ou de diacartamo*, os quaes purgaõ felizmente os humoras pituitosos, e sorosos, que nutrem os Edemas.

DOS TUMORES, OU APOSTEMAS Edematosos.

Quaes saõ as especies dos tumores que saõ da natureza do Edema?

Saõ os aquosos, ventosos, a ranula, a lupia, a talparia, o bronchocello, o glanglion, a tinha, as alporcas, e todas as especies de hydropesias geraes, e particulares.

Que cousa saõ phlictanos, ou empolas?

Saõ pustulas, ou bexigas cheyas de agoa branca, e hum pouco amarallenta.

Que cousa he emphysema?

He hum tumor, em o qual ha flatuosidades, ou ventos detidos com huma pouca de fleima mucilaginosa.

Que cousa he ranula?

He huma bexiga cheya de agoa viscosa, que vem debaixo da lingua na parte do freyo; tambem se chama ransinha.

Que

Que cousa he lupia, ou lobinho?

He hum tumor formado de huma pituita espessa a modo de gesso, que se pôem no numero dos tumores encerrados.

Que cousa he talpa, ou talparia?

He hum tumor molle, e bastantemente largo, que ordinariamente vem á cabeça, e rosto, e que contêm huma materia branca, espessa, e pituitosa.

Que cousa he bronchocello?

He hum tumor, que vem na noz da garganta, e que a engrossa muito, sendo feito de huma pituita espessa misturada com hum pouco de sangue: chama-se tambem guéla, e se pôem no numero dos tumores encerrados.

Que cousa he glanglion?

He tumor bastantemente duro, indolente, e vacilante, produzido de huma pituita espessa: achase sempre sobre algum nervo, ou tendaõ.

Que cousa he *fungus*?

He hum tumor espongioso, que vem sobre os tendoẽs pizados, e enfraquecidos por alguma topada.

Que cousa he tinha?

He hum tumor esbranquiçado, e escamoso, que se forma na pelle da cabeça por huma pituita viscosa, e misturada, e que tem raizes dentro no couro.

Que cousa saõ alporcas, ou scrophulas?

Saõ tumores, que vem ordinariamente nas glandulas do pescoço, e em qualquer parte que as haja, se formaõ de huma pituita viscosa, sorosa, e maligna, e dizem que sua origem he nas glandulas do mesenterio: saõ tambem do numero dos tumores encerrados.

Que

Que couſa he hydropeſia?

He hum tumor molle, feito por hum depoſito abundante de ſoroſidades nas partes aonde apparece.

Quantos generos ha de hydropeſias?

Ha trez eſpecies geraes, que chamaõ: aſcites, tympanites, e leucophegmacia.

Que couſa he hydropeſia aſcites?

He aquella, que fórma o tumor, ou inchaço do ventre baixo por hum ajuntamento de agoas.

Que couſa he hydropeſia tympanites?

He a que faz igualmente o tumor, ou inchaço do ventre baixo, com eſta differença: que ſe lhe encontraõ muitos ventos miſturados com as agoas, o que faz o tumor tranſparente, e ſoando como hum tambor, de que tomou ſeu nome.

Que couſa he a hydropeſia chamada leucophlegmacia?

He hum tumor, ou, para melhor dizer, huma inchaçaõ geral de todas as partes do corpo, aſſim como do ventre baixo: faz-ſe de huma pituita viſcoſa, e mucilaginoſa, donde procede a impreſſaõ dos dedos nas partes aonde com elles ſe aperta.

Quaes ſaõ as eſpecies particulares de hydropeſias?

Saõ aquellas, que ſuccedem a differentes partes, das quaes trazem os nomes: aſſim ha hydrocephalos, que he a hydropeſia da cabeça; exomphales do embigo; hydroceles do eſcroto: tambem ha a do peito, e a da madre.

Quaes ſaõ os remedios proprios para todas as eſpecies deſtes tumores, ou de hydropeſias?

Saõ em geral todos aquelles, que convêm ao edema, os quaes ſe applicaõ diverſamente, como ſaõ:

saõ: os *linimentos*, *fomentaçoẽs*, *cataplasmas*, *emplastros*; e se deve esperar bom successo dos remedios internos, que saõ: os *diaphoreticos*, *sudorificos*, *e purgativos*, acompanhados de hum regimento, ou dieta exacta.

O cozimento da raiz de norça com canella, *e alcaçùs*, faz ourinar muito; tambem o *cozimento de rabaõs*, *e senouras*, *e a infusaõ de salva em vinho branco.*

ARTIGO IV.

Do scirrho, e dos remedios, que lhe saõ proprios.

QUe cousa he Scirrho?

He hum tumor duro, immovel, e quasi indolente, e de côr livida, e trigueira, o qual he formado de humor melancolico, que succede muitas vezes aos fleimoẽs, e edemas mal curados.

Como se cura o scirrho?

Amollecendo, e resolvendo, e raramente fazendo-o suppurar.

Abranda-se pela applicaçaõ de huma cataplasma composta *de folhas de malvas*, *de violas*, *de losna*, *de sabugo*, *de arruda*, *malvaisco*, *macella*, *esterco de cavallo*, *cebolas de açucenas*, coze-se tudo em *vinho*, e depois se lhe ajunta *mel*, *e gordura de porco*, para fazer cataplasma com *miolo de paõ.*

Resolve-se com os emplastros compostos dos *de diaquilaõ*, *meliloto*, *e de mucilagens*, aos quaes se ajunta *oleo de minhocas*, *e flores de enxofre*, e para fazer o remedio mais efficaz, se lhe ajunta o *oleo*

de

de tabaco, e a gomma ammoniaco, dissoluto em vinagre.

He necessario tambem acompanhar estes remedios topicos, ou exteriores, com os que se daõ interiormente, e que servem para preparar os humores para as evacuaçoẽs convenientes, como saõ: *os olhos de caranguejos preparados, as mandibulas do peixe* Lucis, *os cozimentos de salsa parrilha, o uso do bom vinho, e dos alimentos leves, e de facil digestaõ.*

DOS TUMORES SCIRRHOSOS, e de seus remedios.

QUaes saõ os tumores, que participaõ do Scirrho?

Saõ o polypo, o carcinoma, o sarcoma, o fico, e o cancer.

Que cousa he polypo?

He huma excrescencia de carne fungosa, que vem dentro nos narizes. Hyppocrates confunde o carcinoma, e o sarcoma com o polypo, de que diz saõ especies.

Que cousa he fico, ou desejo?

He hum tumor, ou excrescencia de carne, que vem ás nadegas, ás espadoas, ás coxas, á cara, e outras partes, cujas figuras, e differentes similhanças lhe fazem tambem dar differentes nomes; porque humas vezes parece como o fructo da planta *Ribes*, ou uvas; outras como huma amora, outras como peixes, e arvores, como eu tenho visto, e algumas vezes como passaros, ou outros animaes,

maes, conforme os deſejos, que tiveraõ as mãys na ſua prenhidaõ de couſa que naõ puderaõ gozar.

Quaes ſaõ os remedios do polypo, e das outras eſpecies de excreſcencia deſta natureza?

O polypo póde ſer curado no ſeu principio, mas póde-ſe temer que degenere em cancer incuravel, quando no ſeu principio ſe naõ fez caſo, ou foy mal curado.

Alèm dos remedios geraes, que ſaõ algumas ſangrias, e purgantes repetidos, com regimento, ou dieta exacta, ha remedios particulares, que ſaõ os que deſſeccaõ, e conſomem inſenſivelmente a excreſcencia, como o *cozimento de biſtorta*, *de caſcas de romaãs*, *e de tanchagem*, *em vinho vermelho*, que ſe faz ſorver pelo nariz muitas vezes no dia, e ſe lhe metem mechas molhadas, que de tempo em tempo ſe renovaõ outras molhadas; tambem ſe lhe ajunta huma pouca *de pedra hume*, *e mel.*

Tambem ſe traz na boca *huma folha de ſalva*, ás vezes huma pouca *de raiz de piretro*, e outras *tabaco*, ou outra couſa deſta natureza, que faça ſalivar. Se o mal dura muito, e naõ cede aos remedios, he neceſſario vir á ſuppuraçaõ.

No que toca aos que ſaõ *à nativitate*, e de deſejos, he melhor naõ tocar nelles, muitas vezes ſe tiraõ as nodoas, que ſe trazem de naſcimento, pela applicaçaõ que ſe faz aos meninos de ſuas pareas quentes logo depois do parto.

Que couſa he cancro?

He hum tumor duro, ſenſivel, e ulceroſo, produzido de hum humor requeimado, de que a malignidade he quaſi invencivel pelos remedios.

Quantas differenças ha de cancros?

Duas: ha cancro primitivo, e cancro degenerado; o cancro primitivo he aquelle, que vem de si mesmo, e apparece logo da grossura de huma ervilha, ou de huma fava, que naõ deixa de fazer huma dôr interior, continua, surda, e picante, por intervallo: neste tempo se chama occulto, e quando está grosso, e aberto, se chama cancro ulcerado, o qual he tanto menos capaz de soccorro, quanto he mais conhecido por seus horriveis symptomas, ou circunstancias.

O cancro degenerado he o que succede a hum tumor, ou apostema rebelde, e mal curado, e que sem haver tomado a natureza de cancro cego, se forma hum cancro degenerado.

Que remedios se devem fazer a hum cancro primitivo cego?

Como se naõ conhece bem neste estado, muitas vezes se naõ faz caso: com tudo he de muita consequencia prever seus progressos; sobre tudo a precauçaõ de huma dieta exacta, e pelos remedios geraes que vaõ a emendar a intemperança das entranhas; e depois se pódem dar *meyos banhos*, e interiormente usar dos *soros*, ou *leite de burras*, e geralmente os especificos, como: os *olhos de caranguejos*, *pós de viboras*, *pós de millepedes &c.* Em quanto aos remedios topicos, se naõ faça algum, salvo se queira applicar sobre o tumor *huma pasta de chumbo azougada*, tudo o mais naõ serve senaõ para amollecer a pelle, e a fazer abrir. Tambem se póde tomar por bebida a *agoa de escorcioneira*, *de borragens*, *e de lingua de vaca*, *e o alcaçùs*, ou *agoa cozida com azougue só em panella*

de

de barro, huma onça em cada canada.

Quaes saõ os remedios do cancro ulcerado?

Alèm dos que respeitaõ aos geraes, que saõ os mesmos, que os do cancro cego, ha os topicos, que pódem aqui ter lugar. *Os pós de sapos, de toupeiras, de raãs, e de caranguejos calcinados*, applicados em cima o alimpaõ perfeitamente; e para o lavar o *caldo de viboras*, e o *de caranguejos*; e tambem estes se daõ interiormente: os detersivos feitos com a *agoa de cal, ou soro de leite purificado, e cozido com cerefolio*, saõ muito bons, a que se pódem misturar *alguns graõs de açucar de chumbo, ou alcanfor*.

Se as dores saõ violentas, recorrer-se-ha ao *laudano opiado, hum, ou dous graõs, em huma pouca de conserva de rosas*. A extirpaçaõ se póde tambem fazer com bom successo quando o cancro está nas glandulas, ou dentro na carne.

Para a cura dos cancros degenerados he necessario reparar na especie do tumor, donde tomou nascimento.

CAPITULO IV.

Dos tumores bastardos, ou encerrados.

QUe cousa he tumor, ou apostema encerrado, ou bastardo?

He aquelle, que he feito por hum deposito de humores misturados, e corruptos donde as materias estaõ contheudas dentro em kistis, ou folliculos membranosos.

Quaes saõ as especies destes tumores?

Saõ o ſteatoma, o atheroma, o meliceris, a lupia, ou lobinho, o brochoncéla, ou guéla, e as ſcrophulas, ou alporcas.

De que modo ſe conhece a differença deſtes tumores?

Conhece-ſe o ſteatoma por ſua materia, que parece cebo. O atheroma pela ſua, que parece açorda. O meliceris, porque parece mel. Eſtas trez caſtas de tumores ſe naõ diſtinguem bem no exterior, em a que naõ mudaõ de côr natural da pelle, que conſerva igualmente neſtes trez a impreſſaõ dos dedos, que ſe lhe apertaõ. A brochoncéla ſe conhece pelo lugar, e parte, que occupa, que he na garganta, e por ſua conſiſtencia hum pouco dura ſem alteraçaõ da pelle. Conhecem-ſe as alporcas por ſua dureza deſigual, e ſua ſituaçaõ ſobre as glandulas, ou ſeja no peſcoço, ou nos ſovacos, ou em outras partes, ſem alteraçaõ da pélle.

REMEDIOS.

QUal he o methodo, que ſe deve obſervar para curar eſtes generos de tumores?

He neceſſario attender logo á reſoluçaõ, como em todos os mais: com tudo o mais ſeguro he fazê-los ſuppurar, e extirpar o folliculo: que eſtá ſujeito a ſe encher depois da reſoluçaõ do humor.

Quaes ſaõ os remedios proprios para reſolver?

Saõ todos aquelles, de que ſe póde uſar para os edemas, e para os ſcirrhos; os ſeguintes ſaõ eſpecificos, e particulares.

Recip. *Alecrim*, *ſalva*, *loſna*, *ſabugo*, *celidonia*

nia mayor, *macella*, *coroa de Rey*, *hypericaõ*, *e tabaco*, coza-ſe tudo *em vinho branco com ferrugem de chaminè*, *e mel mercurial*, ajunte-ſe-lhe *ſemente de cominhos pizada em pó*, *e oleo de minhocas*, para ſe compôr cataplaſmas, para ſe renovar duas vezes no dia; ao depois, ſe o tumor ſe naõ diſſipa, ſe applicará o emplaſtro ſeguinte maravilhoſo.

Recip. *Partes iguaes de emplaſtro diaquilaõ*, *de Vigo*, *quatruplicado de mercurio*, *e Divino*; derretaõ-ſe juntos, e ſe lhe miſture *açafraõ*, *e oleo de tabaco*, para de tudo fazer hum emplaſtro para ſe applicar ſobre o tumor, ſem o tirar ſenaõ de oito em oito dias, para o refreſcar, e o tornar a applicar depois de haver lavado o tumor *com ourina quente*, *ou ſalmoura*.

He neceſſario lembrar-ſe que os remedios exteriores naõ produzem ſenaõ com imperfeiçaõ o effeito que ſe eſpera, ſenaõ ſaõ ajudados dos remedios interiores, taes como purgativos, e a dieta exacta.

Quaes ſaõ os remedios proprios para fazer ſuppurar?

Póde-ſe uſar dos que ſe applicaõ para as outras eſpecies de tumores.

Em quanto á ſuppuraçaõ do folliculo, faz-ſe repartindo o tumor em quatro, procurando a ſuppuraçaõ, e conſumindo o folliculo pouco a pouco: ſó o bronchoncello naõ póde ſoffrer a extirpaçaõ pelo grande numero de nervos, vêas, e arterias vizinhas, entre as quaes o tumor ſe acha embaraçado; com tudo faz-ſe a bronchotomia, que he a operaçaõ para eſte tumor.

CAPITULO V.

Dos tumores, e apoſtemas criticos, malignos, peſtilenciaes, e venereos.

QUe differença ha entre os tumores, ou apoſtemas criticos, malignos, peſtilenciaes, e venereos?

He que os tumores, ou apoſtemas criticos, ſaõ indifferentemente todos os tumores que ſe formaõ no fim das doenças em qualquer parte que eſtejaõ.

Os apoſtemas, ou os tumores malignos, ſaõ aquelles, que ſaõ rebeldes aos remedios, e que ſe naõ deixaõ vencer facilmente.

Os apoſtemas, ou tumores peſtilenciaes, ſaõ aquelles, que ſaõ acompanhados de febre, desfallecimento, dores de cabeça, inquietaçoẽs, e abatimento, que vem em tempo de peſte, e que ſaõ contagioſos.

Os apoſtemas, ou tumores venereos, ſaõ aquelles, que apparecem ſómente nas virilhas, e ſe ſeguem depois do acto venereo com mulheres impuras.

Com tudo, o apoſtema critico póde ſer maligno, peſtilencial, e venereo. O apoſtema maligno póde naõ ſer nem critico, nem peſtilencial, nem venereo. Mas o apoſtema peſtilencial, e venereo, ſaõ ſempre malignos.

Quaes ſaõ as eſpecies ordinarias de apoſtemas, ou tumores criticos?

Saõ: antraz, furunculos, fleimoẽs, e parotidas.

Quaes ſaõ as eſpecies de tumores, ou apoſtemas malignos?

Saõ:

Saõ : o cancro, as alporcas, e outros ſimilhantes.

Quaes ſaõ as eſpecies dos tumores, ou apoſtemas peſtilenciaes?

Saõ: os carbunculos que vem por toda a parte, os antrazes que vem debaixo do braço, e os buboẽs, que ſe formaõ nas virilhas.

Quaes ſaõ as eſpecies dos tumores, ou apoſtemas venereos?

Saõ: as mulas, ou buboẽs nas virilhas, os cavallos, que vem no prepucio; o balano, e os condilomas, que apparecem no ano.

Como ſe diſtingue hum bubaõ peſtilencial, de hum venereo?

Por ſua ſituaçaõ, e ſeus accidentes, o bubaõ peſtilencial ſendo mais alto, e o venereo mais baixo; de outra parte a febre, os desfallecimentos, o abatimento univerſal, ſaõ os accidentes ordinarios do bubaõ peſtilencial; e o bubaõ venereo procede ſempre da impuridade do acto venereo, e naõ tem outros accidentes que os dos mais tumores ordinarios, que ſaõ: o calor, a dôr, e as picadas, &c.

Em quanto aos remedios, ſaõ como os dos mais tumores.

CAPITULO VI.

Do Scorbuto.

ESta doença ſe conhece pelas chagas da boca que ſaõ muito fedorentas, por huma ſalivaçaõ abundante, ou por grandes dores de cabeça, vertigens, epilepſias, apoplexias, paraliſias: o roſto com hum vermelho pallido, e obſcuro, eſtá algumas

mas vezes inchado, inflammado, e femeado de puftulas; os dentes abalaõ, e fazem dôr; as gingivas eftaõ inchadas, com comichaõ, apodrecem, fazem-fe em chagas, e cancrofas, e o queixo quafi immovel; os membros fe encolhem, e fe naõ pódem extender; os doentes fe vem eftupidos, e adormecidos; refpiraõ difficultofamente, tem palpitaçoẽs no coraçaõ, e toffe, e cahem em desfallecimento. As chagas fazem ás vezes tanta defordem, que os doentes tem as faces todas comidas, que fe lhes vem os dentes. Tem vontade de vomitar, curfos, e dores; os inteftinos inchaõ, tem puftulas vermelhas, e lividas no ventre; e nas partes naturaes fe lhes fazem algumas vezes chagas, e todo o corpo fe deffecca &c.

No principio efta doença he facil de curar, mas quando he antiga, e que as entranhas eftaõ infectas, fe faz incuravel, como tambem quando he doença propria da terra, ou que o doente he velho.

Para curar efta doença he neceffario começar por huma dieta exacta; e para adoçar a maffa do fangue fe ha de alimentar de bons caldos de gallinha, ou franga, comerá frangaõs, e ovos frefcos, e nos caldos lhe poraõ ervas antifcorbuticas, como *os agrioẽs*, *efpinafres*, *raizes de falfa*, *aypo*, *efparragos*, *efcorcioneira*, *e coclearia.* Devem-fe prohibir os adubos, e coufas azedas, ou que fe pódem azedar: poderá beber bom vinho vermelho com moderaçaõ; tomar-fe-ha o exercicio, e defcanço tambem com moderaçaõ; o efpirito alegre, izento de toda a paixaõ violenta.

Os remedios, que fe feguem, tomados interiormente, faõ muito bons para a cura do fcorbuto.

A tin-

A tintura de seixos, de dez graõs atè trinta; o antimonio diaphoretico, de seis graõs atè trinta; o marte diaphoretico, de dez graõs atè vinte; o crocus martis aperitivo, de seis graõs atè dous escropulos; o coral preparado, de dez graõs atè huma oitava; o espirito volatil de sal armoniaco, de seis gottas atè vinte; o espirito de agrioẽs, de coclearia, e de outras ervas antiscorbuticas, de meya atè huma oitava; a tintura de antimonio, de quatro gottas atè vinte; o sal volatil oleoso armoniaco, de quatro graõs atè vinte; o espirito de goayaco, de meya atè huma oitava; o tartaro vitriolado, de dez graõs atè trinta; os saes volateis de tartaro, de viboras, e de ponta de veado, de seis graõs atè quinze de cada hum; o espirito de gomma amoniaco, de oito gottas atè dezaseis; o precipitado de mercurio côr de rosas pallidas, de quatro graõs atè dez; a panacéa mercurial, de dez graõs atè hum escropulo; estes dous ultimos haõ de ser misturados com purgantes.

O doente tomará algumas ajudas emollientes, e detersivas quando se for deitar; procurará ter o ventre livre com tizanas, depois se lhe ordenaráõ sudorificos brandos feitos de *cozimentos de molarinha, de almeiroẽs do campo, douradinha, escabiosa, sedum menor*, a que chamaõ por outro nome *sempre viva menor, chamedrios, borragens, escorcioneira, polipodio, salsa, funchõ, flor de giesta, de sabugo, e de calendula.* Os seguintes mais fortes saõ para temperamentos frios.

Os cozimentos de coclearia, de lepidium, a que chamaõ por outro nome *Nasturcio aquatico, de persicaria, de celidonia menor, de trifolium fibrado, de angelica, de graõs de zimbro, &c.*

Q Os

Os cozimentos para lavar a boca feraõ feitos com *falva*, *alecrim*, *hiſſopo*, *folhas*, *ou gomos de carvalho*, *coclearia*, *agrioẽs*, *erva ſanta*, *roſas*, *raiz de biſtorta*, *ariſtoloquia*, *tormentilla*, *lirio Florentino*, *balauſtias*, *&c.*

Para confortar as gingivas fazem-ſe gargarejos com as plantas antiſcorbuticas, como o *eſpirito de coclearia duas oitavas*, *hum eſcropulo de eſpirito de vitriolo*, *hum eſcropulo de ſal commum*, *quatro onças de agoa roſada*, *e de tanchagem.* Se as gingivas eſtaõ podres, ſe esfregaõ com *mel roſado*, *e com algumas pingas de eſpirito de ſal.*

Para mitigar as dores dos membros ſe fará tomar banhos, e fomentaçoẽs: o *cozimento de pào de ſaſafras*, *com alguns graõs de laudano opiado*, applaca as dores tomado interiormente.

Para mitigar as dores do ventre ſe daraõ ajudas com *ſoro de leite*, *e açucar*, *gemmas de ovos*, *xarope de dormideiras*, *oleo de minhocas*, *de coclearia*, *de macella &c.*

Contra a hydropeſia ſe tomará a *eſſencia de trifolium fibrado*, *e de enula*, *de vinte atè trinta gottas.* O *leite* tomado interiormente impede o vomito. O *caldo de caranguejos* adoça o ſangue.

O fluxo do ventre ſe para com a *eſſencia de loſna*, *e o eſpirito de almecega.*

A febre ſe pára com os febrifugos, e antiſcorbuticos. As nodoas ſe fomentaõ com os *cozimentos de ervas aromaticas*, *e antiſcorbuticas*, *e ſalitre.* Para as chagas de pernas ſe faraõ *huns pós com ſal de chumbo*, *crocus martis*, *myrrha*, *mercurio*, *calamelanos*, *de cada hum partes iguaes*, que ſe poraõ ſobre fios para ſe applicarem ſobre as chagas.

O re-

O remedio ſeguinte he excellente para adoçar o accido dos humores. Rec. *Meya onça de eſpirito de coclearia, duas oitavas de eſpirito de ſal armoniaco tartarizado, e huma oitava de tintura de coral*; tomando trez vezes no dia quinze, ou vinte gottas deſte licor *em cozimento de gomos, ou olhos de pinho.* Contra os tuberculos, Recip. *Dous molhos de flor de macella, e de ſabugo, meya onça de raiz de norça raſpada, hum pouco de miolo de paõ*; coza-ſe tudo *em leite*, e ſe faça cataplaſma.

Para abrandar as dores de cabeça, tomar-ſe ha *vinte, ou trinta gottas de tintura de alambre em eſpiritos, ou agoas antiſcorbuticas.*

Facilita-ſe a reſpiraçaõ tomando-ſe *duas oitavas de eſſencia de enula campana, com meya oitava de eſpirito de gomma ammoniaco*; tomar-ſe-ha trez, ou quatro colheres varias vezes no dia.

Para impedir a podridaõ das gingivas, tomar-ſe-ha *huma oitava de tintura de gomma laca, trez oitavas de eſpirito de coclearia, com quinze, ou vinte gottas de oleo de tartaro*, e ſe esfreguem as gingivas varias vezes no dia. A *agoa ardente alcanforada, ou o eſpirito de vinho*, he grande remedio. Todos os lavatorios feitos com as agoas, ou cozimentos das plantas antiſcorbuticas ſaõ muito bons.

Para a magreza ſe tomará *leite de cabra, com eſpirito de coclearia*, e as outras agoas tiradas das plantas antiſcorbuticas. As *apozemas de endivia, almeiroẽs, azedas, becabunga, e a agoa de caracoes*, ſaõ muito boas.

Uſa-ſe no Hoſpital do *unguento de eſtoraque*, que ſe applica ſobre as nodoas, e durezas, que vem ás pernas.



TRATADO

DAS FERIDAS, DAS CHAGAS, e das foturas, ou cofturas.

CAPITULO I.

Das cofturas.

AS cofturas fe fazem fómente ás feridas recentes, e ainda fanguinolentas, quando a ligadura as naõ póde reunir, como faõ as tranfverfaes, em as quaes naõ ha contufaõ, nem perda fe fubftancia, nem grandes hemorrhagias; que naõ faõ feitas por mordedélas de animaes venenofos; que naõ ha grandes inflammaçoẽs, e que os offos naõ eftaõ defcobertos; porque ordinariamente he neceffario fazê-los exfoliar: tambem fe naõ fazem no peito por caufa de feu movimento.

Os inftrumentos para fazer as cofturas faõ as agulhas direitas, e curvas, fio encerrado, e os dedos. A coftura entrecortada para as feridas tranfverfaes, a torcida para os labios leporinos, ou beiço rachado; a fecca para as feridas fuperficiaes; e a coftura de facco para cozer os inteftinos, e as bolfas, faõ as cofturas mais uteis.

A coftura entrecortada, he a que fe faz por pontos feparados. Depois de haver tirado todas as coufas eftranhas, hum miniftro chegará os labios da feri-

ferida, a agulha enfiada com linha encerrada passará defóra para dentro no meyo da ferida, e se faraõ pontos conforme seu comprimento: he necessario furar com vantajem no labio da ferida, e penetrar até o fundo, porque poderia ficar sangue no espaço, que impediria a uniaõ. Se a ferida tem angulos, começar-se-ha a cozer pelos angulos. Antes de dar o nó, se haõ de chegar os labios da ferida bem juntos hum perto do outro. He necessario começar os nós pelo do meyo; faz-se logo hum simplez da banda opposta ao escorrer da materia; póde-se pôr sobre este nó huma pequena almofadinha de panno encerrado, sobre a qual faz hum nó corrente, para que se possa descobrir se succedessem accidentes. Se se puzer emplastro sobre a ferida depois da costura, he necessario pôr fios, ou almofadinha sobre os nós, para que se naõ peguem ao emplastro: se succede inflammaçaõ á ferida, alargar-se-haõ os nós, e quando os accidentes passaõ, se tornaráõ a apertar. Mas se a inflammaçaõ continúa, he necessario cortar os fios passando por baixo huma tenta. Quando a ferida está reunida, se cortaõ os fios, passando tambem huma tenta por baixo; para os tirar tem-se com o dedo perto do nó, porque se naõ torne a abrir a ferida. Para fazer a costura torcida ao labio leporino, ou beiço rachado, se passa huma pequena agulha direita dentro ao labio da ferida, e se daõ voltas com a linha na agulha, encruzando por cima a cada huma. Para fazer a costura secca ás feridas muito em superficie, se toma hum pouco de panno novo, ao qual se fazem digitaçoẽs, ou varios angulos, a ouréla deve ser da banda dos angulos, ou digitaçoẽs,

e ſe ata hum pequeno cordaõ a cada angulo. Molha-ſe eſte panno aſſim cortado em cóla forte, e applica-ſe diſtante hum dedo do labio da ferida; poem-ſe de ambas as bandas da ferida, aſſim, e bem pegados, ſe ataõ os cordoens para chegar os beiços da ferida.

Para fazer a coſtura de ſacco chegaõ-ſe os dous labios da ferida entre os dous dedos, paſſa-ſe a agulha por baixo dos labios, e ſe cozem ao comprido, como fazem os corrieiros, e luveiros.

CAPITULO II.

Das feridas em geral.

QUe couſa he ferida?

He huma ruptura recente, violenta, e ſanguinolenta da uniaõ natural das partes molles, feita por hum inſtrumento picante, raſgante, ou incindente.

Que he o que ſe ha de obſervar antes de tudo para o tratamento das feridas?

He neceſſario notar as differenças, como tambem os inſtrumentos que as fizeraõ, para tirar as conſequencias para a applicaçaõ dos remedios.

Donde ſe tiraõ as differenças das feridas, e quaes ſaõ?

Tiraõ-ſe, ou de ſua figura, ou de ſua ſituaçaõ: tocante á figura, ſe chamaõ compridas, largas, triangulares, grandes, pequenas, ſuperficiaes, profundas; tocante á ſituaçaõ, ſe chamaõ ſimplices, complicadas, perigoſas, ou mortaes.

Que

Que cousa he ferida simplez, ou complicada?

A ferida simplez he aquella, que abre simplezmente a carne, e que naõ tem accidente algum: a ferida complicada, pelo contrario, he a que se acha acompanhada de accidentes, como a hemorrhagia, fractura de osso, dislocaçoẽs, aleijoẽs, &c.

Que cousa he ferida perigosa, e mortal?

He aquella, que he complicada, de que os accidentes saõ perniciosos, como quando ha huma arteria aberta, ou picada, hum nervo, ou hum tendaõ cortado, quando he chegada a huma junta, e que se acha com huma dislocaçaõ, ou fractura: a ferida mortal he aquella, a que deve seguir-se a morte, como he a que está situada profundamente em huma parte principal, e necessaria á vida.

Quaes saõ as partes, dentro nas quaes as feridas saõ mortaes?

Saõ: o cerebro, o coraçaõ, o bofe, o osophago, o diaphragma, o figado, o estomago, o baço, as tripas miudas, a bexiga, a madre, e geralmente todos os grandes vazos.

Em que consiste a cura das feridas?

Em ajudar a natureza a fazer promptamente a uniaõ das partes, que foraõ divididas, depois de lhe haver tirado tudo o que lhe póde fazer obstaculo.

Quaes saõ as cousas, que fazem obstaculo á promta uniaõ das partes?

Saõ as cousas estranhas, que se lhe encontraõ, como bálas, páos, pedras; algumas vezes saõ accidentes que as acompanhaõ, como a hemorrhagia, a inflammaçaõ, o estiomeno, ou a mortificaçaõ; o hypersarcosa, ou excrescencia de carne: a dislocaçaõ,

caçaõ, a fractura de hum osso, huma esquirola, e alguma vez hum ar contrario.

REMEDIOS.

QUaes saõ os remedios para parar a hemorrhagia em huma ferida?

O remedio commum he huma especie de cataplasma, que se faz *com pós de azebre*, *de sangue de drago*, *de bolo armenio*, misturado junto com *claras de ovos*, e applicado sobre a ferida. O seguinte he excellente.

Recip. *Duas onças de vinagre*, *huma oitava de caparrosa queimada*, *duas oitavas de crocus martis adstringente*, tudo misturado, e bem batido se lhe *molhem fios*, e sobre elles lhe ponhaõ *pós de cucumellos*, applique-se este remedio, e parará a hemorrhagia, fazendo ligadura bem proporcionada, se naõ os adstringentes naõ obraõ bem.

Tambem se usa de *teas de aranha*, *farinha subtil dos moinhos*, *e de pós de páo de carvalho carunchoso*, *ou ferrugem de chaminè de forno*, *com çumo de esterco de jumento*, *ou de boy*, *e clara de ovo.*

Ha o cauterio actual, e potencial, ou as ligaduras sómente, que saõ infalliveis.

O cauterio actual naõ he sempre seguro, porque a escara feita pelo fogo vindo a desatar-se, a hemorrhagia torna a começar como de antes; e o caustico potencial quasi sempre tem bom successo como o seguinte: Recip. *Parte igual de caparrosa*, *e de pós de cucumellos*, applicados *sobre fios* na parte donde sahe o sangue, e no instante o sangue

dos

dos vazos será parado: mas he necessario tomar sentido de naõ tocar o nervo, ou tendaõ, porque a caparrosa he capaz de excitar convulsoẽs.

Como se tira a inflammaçaõ, e o estiomeno de huma ferida?

Se a inflammaçaõ procede da presença de alguma cousa estranha, he necessario tirá-lo logo com pinsetas. Se vem da quantidade do pus, ou materia, he necessario dar-lhe sahida.

Se a inflammaçaõ se faz por causa de dores grandes, he necessario mitigá-las com cataplasmas, e linimentos anodinos, taes como saõ os que ficaõ descriptos, e propostos na cura do fleimaõ; ou se chapejará a parte com *espirito de vinho alcanforado, misturado com outra tanta agoa*; *o açucar de chumbo em agoa de cal*, faz o mesmo effeito; *a agoa de caranguejos* só, faz maravilhas.

Contra o estiomeno, ou mortificaçaõ, se usa do *vinho cozido com losna, hypericaõ, alecrim, e azebre*; ou se toma *a tintura de myrrha, e azebre*; ou sómente o *espirito de vinho nutrico com alcanfor, e açafraõ.*

Que se deve fazer á convulsaõ, que sobrevem a huma ferida por causa de hum nervo, ou de hum tendaõ ferido?

Se a convulsaõ he feita por presença de alguma cousa estranha, que o pica, he necessario tirá-lo.

Se a convulsaõ procede do nervo estar ferido, he necessario pôr dentro na *chaga algumas gottas de oleo destillado de alfazema*, de que aqui se faz hum caso particular: deste mesmo oleo se póde dar algumas gottas interiormente em algum licor appropriado, como o *cozimento de losna, e de centaurea.*

O *balſamo do Perû* ſe póde applicar do meſmo modo, e he excellente remedio.

Tambem ha *o oleo de minhocas*, *de caracoes*, *de hypericaõ*, *e de trementina*, que ſe applicaõ com feliz ſucceſſo.

Se a convulſaõ procede da mordedella de algum animal venenoſo, he neceſſario logo applicar *ventoſas*, *ou ſanguixugas*, e pôr dentro na chaga *triaga com eſpirito de vinho*, *ou o fogo*, deixando ao Medico o cuidado dos outros remedios internos.

Que ſe faz para tirar as couſas eſtranhas de huma ferida?

Quando ſe naõ pódem tirar com os dedos, ou com as pinſetas, faz-ſe tomar ao doente a primeira ſituaçaõ, em que eſtava antes que foſſe ferido, para ter mais conhecimento para os achar: ou uſar-ſe-ha de emplaſtros, que tem a virtude de os attrahir para fóra, tal como o ſeguinte:

Recip. *Huma onça de triaga*, *meya oitava de gomma ammoniaco*, *huma oitava de bdelio*, *duas oitavas de unto de porco montez*, *onça e meya de cera*, de tudo ſe faça emplaſtro.

Dizem que a *gordura de lebre* ſó, faz o meſmo effeito, e os Cirurgioẽs fazem diſſo ſegredo; miſtura-ſe, ſe querem, com o *emplaſtro de betonica.*

As bálas de chumbo pódem algumas vezes ficar toda a vida ſem fazer mal.

Que ſe faz para tirar as excreſcencias?

Uſa-ſe dos *pós da pedra hume queimada*, *do unguento egypciaco*, *ou da pedra infernal.*

Depois de haver tirado tudo o que faz obſtaculo á uniaõ dos labios da ferida, que he o que ſe ha de fazer para ter bom ſucceſſo?

A

A uniaõ das feridas he propriamente obra da natureza, mas póde-se procurar pondo-lhe *hum pouco de balsamo do Perû*, e chegando com os dedos os labios da ferida, que he necessario manter, chegados com a ligadura, por *hum emplastro glutinativo*, por *huma costura secca*, com tanto que a ferida naõ seja mais que superficial, impedindo de lhe entrar o ar. Em falta do balsamo do Perû se faz hum excellente com as flores abaixo descriptas.

Recip. *Flores de meimendro*, *de hypericaõ*, *e de consolida*, façaõ-se infundir ao Sol todo hum veraõ em *oleo de linhaça*; quanto mais velho he este oleo, melhor he, expondo-o todos os veroẽs ao Sol, estando o vaso bem tapado. Ha tambem o *balsamo dos balsamos*, *que he o balsamo samech de Paracelso*.

E para naõ expôr as feridas ao ar he bom cobrîlas por cima do aparelho com algum emplastro, que se chama ordinariamente o emplastro do Cirurgiaõ, tal qual o seguinte, que resolve, fortifica, e abranda a dôr, e a inflammaçaõ.

Recip. *Mucilagem de raiz de consolida mayor*, *e de alforfas*, *meya libra de alvayade*, *duas oitavas de opio*, *huma oitava de alcanfor*, *huma oitava de açafraõ em pó*, *duas oitavas de sandaraca*, *huma onça de oleo de bagas de louro por expressaõ*, *meya libra de rezina*, *outro tanto de trementina*, *e cera*, faça-se cozer tudo em sufficiente quantidade *de oleo de linhaça*, depois se faça emplastro segundo a arte.

Nas grandes feridas, ou chagas, he bom pôr por cima do aparelho huma cataplasma como o seguinte:

Recip. *Folhas*, *e flores de macella*, *e de coroa de*

 Rey,

Rey, *grelos*, *ou olhos de losna*, *malvas*, *malvaisco*, *cortado tudo miudamente*, *semente de linhaça*, *e de cominhos em pó*, coza-se tudo em *vinho*, e se lhe ajunte *farinha de cevada*, para lhe dar huma justa consistencia. Se se temer que sobrevenha gangrena, se lhe pódem misturar os *pós de myrrha*, *de azebre*, *de açafraõ*, *com o espirito de vinho.*

Acaso he necessario em todas as feridas pôr-lhe mechas, e servir-se de diggestivos, e suppurativos?

Naõ, basta fazer a reuniaõ plenamente com os balsamos nas pequenas feridas, porque se lhes naõ deve fazer suppuraçaõ; mas he necessario applicar os diggestivos, e os suppurativos, sómente nas grandes, e naquellas, que estaõ com contusaõ; evitando o máo methodo dos Cirurgioẽs do campo, que mettem em demasia mechas nas feridas; mas devem-se contentar de simplices chumaços, os quaes devem ser ensopados no diggestivo ordinario composto de *trementina*, e *gemmas de ovos*, *com huma pouca de agoa-ardente*, *ou com a tintura de myrrha*, *e azebre.*

Tambem se ajudará a suppuraçaõ, mundificando, e vivificando a ferida, se lhe puzerem fios molhados na composiçaõ seguinte:

Recip. *Meya onça de azebre*, *e de myrrha em pó*, *duas oitavas de sal de Saturno*, *hum escropulo de sal armoniaco*, *o mesmo de cravos da India pizados*, *huma oitava de agoa da Rainha de Ungria*, *e meya onça de basilicaõ*, misture-se tudo.

Em fim, todo o segredo consiste em bem limpar as chagas, seja com *panninhos*, ou com *injecçoẽs de tinturas de myrrha*, *e de azebre*, ou seja com simplices cozimentos *de losna*, *de escordio*, *de bugula*,

gula, de ſanicula, de marroyos em vinho branco, e ordenar o uſo interior de cozimentos vulnerarios, de *pós de olhos de caranguejos*, *e de açucar de chumbo*, para abſorber o accido, que faz hum obſtaculo muito grande á prompta cura das chagas.

Quantas ſaõ as plantas vulnerarias de que o cozimento ſe toma interiormente?

Saõ: a *alchymilla*, *ou pé de leão hera*, *terreſtre*, *veronica*, *hypericaõ*, *loſna*, *centaurea*, *bugula*, *ſanicula*, *cerefolio*, *e outras*. Tambem ſe dá o *caldo de caranguejos*, que he excellente, e que tem o lugar de bebida vulneraria.

As coſturas ſaõ algumas vezes de grande ſoccorro para a reuniaõ das feridas, quando os apparelhos, ou ligaduras as naõ pódem unir.

CAPITULO III.

Das feridas particulares da cabeça.

QUe he o que ſe deve conſiderar logo em huma ferida da cabeça?

Duas couſas: a ferida, e o inſtrumento que a fez. Pela conſideraçaõ da ferida ſe conhece ſe he ſuperficial, ou profunda; e pela conſideraçaõ do inſtrumento ſe faz hum juizo mais acertado da meſma ferida.

Que he o que chamaõ ferida ſuperficial na cabeça, e ferida profunda?

Chama-ſe ferida ſuperficial na cabeça aquella que eſtá na pelle ſómente; e ſe chama ferida profunda a que chega até o pericraneo, ou á ſubſtancia do cerebro.

Que

Que se deve fazer a huma ferida superficial?

Cura-se com *agoa da Rainha de Ungria*, ou com hum pequeno de *balsamo*, pondo por cima o *emplastro de betonica*, ou o *emplastro de Cirurgiaõ*: se a ferida he muito grande, he necessario fazer-lhe costura.

Que se deve fazer a huma ferida profunda?

Se está no pericraneo, tê-la aberta, e esperar a suppuraçaõ.

Se chega até o craneo, he necessario examinar se ha contusaõ, ou fractura; na contusaõ he necessario esperar a suppuraçaõ, e a sahida da esquirola, e ter a ferida aberta; na fractura se deve examinar se está na primeira taboa sómente, ou se está nas duas; conhece-se que naõ está mais que na primeira pela legra, e tinta dos impressores, e porque o ferido naõ tem accidentes; conhece-se que está nas duas taboas, quando os sinaes apparecem, e que se sabe de certo da fractura pela incisaõ crucial das carnes pelo descobrimento da fractura.

Quaes saõ os sinaes da fractura das duas taboas do craneo, e da derramaçaõ do sangue sobre as membranas do cerebro?

Saõ a perda do juizo no tempo da ferida, a hemorrhagia pelo nariz, boca, ou ouvidos; o assombramento, e pezo da cabeça, e sobre tudo os vomitos biliosos, donde se conclue a necessidade de usar do trepano.

Que consequencia se póde tirar do conhecimento do instrumento, que fez a ferida?

He que este instrumento, ou he de córte, ou de ponta, ou capaz de contusaõ; se he de córte, a ferida he mais superficial, e naõ he sujeita a huma gran-

grande ſuppuraçaõ; ſe he de ponta, a ferida he mais profunda, mas he de pequena conſequencia; ſe he por contuſaõ, a ferida cauſa huma grande ſuppuraçaõ, álèm do aballo, e commoçaõ que nella ſaõ inſeparaveis, e que trazem comſigo muitas vezes grandes accidentes.

Tambem ſe tiraõ indicaçoẽs da peſſoa que ferio: porque hum homem robuſto póde dar mayor pancada do que o fraco: a paixaõ tambem faz accreſcentar a violencia: todas eſtas couſas naõ ſaõ de deſprezar, e daõ lugar a uteis conjecturas.

Que ha de particular para ſaber na cura das feridas do roſto?

He que deve ſer mais delicadamente que nas outras partes: as inciſoẽs devem ſer ſupprimidas quanto puder ſer; e tambem os remedios izentos de roim cheiro, e he que neſta parte principalmente ſe deve valer dos balſamos, e evitar a ſuppuraçaõ para impedir as cicatrizes, e as deformidades.

CAPITULO IV.

Das feridas particulares do peito.

QUe ſe deve obſervar nas feridas do peito?

Duas couſas, a ſaber: ſe penetraõ dentro na capacidade, ou naõ; iſto ſe conhece pela tenta, e por hum rolo delgado acceſo applicado á entrada da ferida, fazendo tomar ao ferido a poſtura, em a qual recebeo a ferida, e fazendo-lhe fechar o nariz, e boca; porque entaõ ſe vê a chama do rolo vacillante, e que o lugar da abertura eſtá cheyo de bolhas, e tambem pela ſahida do ſangue.

Quan-

Quando com certeza ſe ſabe que a ferida he penetrante dentro na capacidade do peito, que he o que ſe ha de fazer?

He neceſſario examinar que parte póde ſer ferida, conſiderando a ſituaçaõ da ferida, e ſeus accidentes; ſe o boſe eſtá paſſado, ha eſcarros de ſangue eſcumoſo, e vermelho, huma difficuldade de reſpirar, e toſſe: ſe ha vazos grandes abertos, ſente-ſe pezo em baixo no peito, ſuores frios, reſpira-ſe com difficuldade, vomita-ſe ſangue, e ſahe tambem da ferida: ſe o diaphragma he cortado em ſua parte tendinoſa, cahe em convulſaõ rindo; ſe o coraçaõ he ferido na ſua baze, ou nos ſeus ventriculos, cahe-ſe em desfallecimento, e morre.

Se a tenta naõ entra, e naõ apparece algum dos accidentes que temos dito, deve-ſe eſtar certo que a ferida naõ he de muita conſequencia.

Quando a ferida he penetrante, e que naõ ha partes offendidas, mas ſómente huma derramaçaõ de ſangue ſobre o diaphragma, que he o que ſe ha de fazer?

He neceſſario fazer a empyema, porque de outra ſorte o ſangue derramado, vindo a corromperſe, ſerá cauſa de inflammaçaõ, gangrena, e morte ſem remiſſaõ.

Que couſa he empyema?

He huma operaçaõ, pela qual ſe dá ſahida ás materias, que eſtaõ derramadas ſobre o diaphragma, fazendo huma abertura no peito.

CA-

CAPITULO V.

Das feridas particulares do ventre baixo.

QUe he neceſſario fazer para ſe conhecer a qualidade de huma ferida feita no ventre baixo ?

He neceſſario applicar a tenta, obſervar a ſituaçaõ da ferida, e conſiderar todos os accidentes: pela tenta ſe conhece ſe penetra dentro na capacidade, ou naõ, fazendo tomar ao ferido a poſtura, na qual eſtava no tempo que recebeo a ferida: pela ſituaçaõ ſe conjectura que tal, ou tal parte póde eſtar offendida; e pelo exame dos accidentes ſe ſabe inteiramente a qualidade da ferida: v. g. conhece-ſe que ha hum inteſtino groſſo aberto, quando a ferida ſe acha no hypogaſtro, e que os excrementos ſahem pela ferida; em lugar, quando com certeza ſe ſabe que hum dos inteſtinos miudos eſtá furado, quando a ferida ſe acha no embigo, e que o chylo ſahe delle, e aſſim dos mais.

Que condiçoẽs ſe devem guardar na cura das feridas do ventre baixo ?

He de lhe naõ deixar entrar ar; he de dilatá-las para cozer hum inteſtino furado, e o tornar a pôr logo em ſeu lugar; he de ligar o zirbo, que ſahio pela abertura, e de o cortar, porque naõ venha a ſe corromper, e naõ inficione as partes vizinhas; lavaõ ſe eſtas partes com *vinho abſtero*, em o qual ſe terá cozido *macella*, *loſna*, *roſas*, e por cima ſe lhe deita *pós de azebre*, *de myrrha*, *e incenſo*, e ſe coze a ferida para a curar interiormente, fazendo obſervar huma exacta dieta; neſtas occaſioẽs he ne-

 ceſſa-

cessario abster-se de ajudas, sobre tudo quando algum dos intestinos grossos está ferido, sómente se poderá usar de tizana laxativa, para evitar a extensaõ, que com a força se póde saber.

CAPITULO VI.

Das feridas de arcabuzes, ou armas de fogo.

Estas feridas saõ sempre contusas, rasgadas, com perda de substancia, e ordinariamente com ruido, e ossos esmigalhados: saõ vermelhas, negras, lividas, e inflammadas, naõ saõ sempre acompanhadas de hemorrhagia; saõ ordinariamente redondas, e mais estreitas á entrada que na sua sahida, salvo se saõ feitas com bálas encadeadas, ou com quartos.

DO PRONOSTICO DAS FERIDAS de armas de fogo.

Quando estas feridas estaõ dentro na substancia do cerebro, na medulla do espinhaço, no coraçaõ, no pericardio, nos vazos grandes, e nas outras partes nobres, a morte he sempre infallivel, e muitas vezes succede morrer o ferido no mesmo instante. Mas ainda se póde emprender a cura das que saõ superficiaes, e que succedem no pescoço, nas costas, nos braços, e em todas as outras partes do corpo.

DO

DO TRATAMENTO DAS FERIDAS de armas de fogo.

PAra as bem tratar, he neceſſario informar-ſe de que qualidade he a arma, ou arcabuz; porque hum moſquete he mais perigoſo do que huma piſtóla, hum canhaõ mais que hum moſquete. Examinar-ſe-ha ſua ſituaçaõ, e os acccidentes, que ſe ſeguem; porque quanto mais complicadas, tanto mais perigoſas. Far-ſe-ha muito para que o doente explique, ou ſe ponha na meſma poſtura, em que eſtava quando recebeo a ferida, para ſe poder conhecer a direcçaõ della pela tenta, com a qual ſe buſcará a bála, ou outras couſas eſtranhas, como páo, panno, eſtopa &c.: far-ſe-ha diligencia para os tirar pela meſma abertura, por onde entráraõ, e tomar-ſe-ha ſentido que ſe naõ lacere a ferida quando ſe tirarem. Se aſſim ſe naõ puderem tirar as couſas eſtranhas, faraõ huma abertura na parte oppoſta, ſobre a parte aonde ſe ſentir alguma dureza, ſem tocar muſculo, arteria, ou vêa: eſtando feita a inciſaõ, tirará as couſas eſtranhas com os dedos, ou com algum inſtrumento.

Se a bála eſtiver taõ profunda dentro de hum oſſo, que ſe naõ poſſa tirar ſem o rachar, ſerá melhor deixá-la: ſe ha grande dilaceraçaõ de oſſos nas pernas, ou braços, he neceſſario fazer amputaçaõ. Mitiga-ſe a dôr, e a inflammaçaõ pela ſangria, pelos remedios topicos anodinos, por ajudas refrigerantes, pelos purgantes; e ſe ſe tem perdido muito ſangue, naõ he neceſſario ſangria.

As ajudas ſe faraõ com *malvas*, *violas*, *urtigas mortas*, *cevada*, *e mel roſado.*

Ha alguns praticantes, que querem que ſe purgue o ferido de dous em dous dias, e no meſmo dia que foi ferido, ſe as forças o permittem. He neceſſario purgar com remedios muito brandos, como *a canafiſtula*, *tamarindos*, *manna*, *xarope de violas*, *e roſado ſolutivo.*

Far-ſe-haõ anodinos para applicar ſobre a ferida para mitigar a dôr, como ſaõ: cataplaſmas feitas com *miolo de paõ*, *leite*, *açafraõ*, *huma gemma de ovo*, *e oleo roſado quente*, que eſte, ſendo bem feito, e cheiroſo, por ſi ſó he muito bom anodino.

Para applacar as grandes inflammaçoẽs pôr-ſe-ha ſobre as partes viſinhas *oleo roſado*, *huma gemma de ovo*, *e vinagre*, tudo junto bem batido.

Pôr-ſe-haõ com brevidade ſobre a ferida remedios eſpirituoſos, ou chumaços, ou fios molhados *em agoa-ardente alcanforada*, e applicados ſobre a parte ſaõ admiraveis; mas ſe o ſangue ſobrevem, he neceſſario applicar agoas eſtipticas, ou outros remedios adſtringentes; todos eſtes remedios devem ſer applicados quentes.

Para abbreviar a ſuppuraçaõ deſtas feridas contuſas, far-ſe-ha hum diggeſtivo com *oleo roſado*, *gemma de ovo*, *e trementina de Veneza.*

Se a ferida eſtiver ſobre nervos, tendoẽs, ou outras partes nervoſas, ſerá neceſſario uſar-ſe de remedios eſpirituoſos, e deſſeccantes, e nunca de unguentos, porque eſtes naõ deixaráõ de corromper as partes: póde-ſe fazer huma cataplaſma com *farinha de cevada*, *de ervilhaca*, *de tremoços*, *e de lentilhas*, que ſe fará cozer com *vinho tinto*, e ſe

lhe

lhe ajunta tambem o *oleo de hypericaõ*.

O *balſamo do Perû*, *oleo de copaîva*, *oleo de trementina*, *oleo de cera*, *de alfazema*, *de tijolos*, *de louro deſtillado*, *o balſamo de hypericaõ*, *o eſpirito de vinho*, *a gomma elemi*, ſaõ admiraveis para os nervos: ou

Recip. *Quatro onças de unguento de Altéa*, *huma oitava e meya de oleo de bagas de louro deſtillado*, miſture-ſe. De outra ſorte:

Recip. *Huma onça de oleo deſtillado de trementina*, *huma oitava de eſpirito de vinho*, *meya onça de alcanfor*; miſture-ſe, e ſe appliquem ás pingas na ferida: ou

Recip. *Hum eſcropulo de euforbio em pó*, *meya onça de rezina de trementina*, *com huma pouca de cera*, miſturados, ſe applique quente ſobre as partes nervoſas.

Se as feridas ſaõ profundas, far-ſe-haõ injecçoẽs com eſta agoa vulneraria, que he muito boa para todas as contuſoẽs, para a gangrena, e chagas.

Recip. *Salva*, *conſolida mayor*, *artemiſia*, *de cada hum quatro molhos*, *tanchagem*, *erva ſanta*, *betonica*, *verbena*, *agrimonia*, *hypericaõ*, *loſna*, *de cada hum trez molhos*, *funcho*, *eſcrophularia*, *bugula*, *ſanicula*, *piloſela*, *de cada hum dous molhos*; *trez onças de ariſtoloquia redonda*, *e duas onças da longa pizadas*, e as ervas cortadas medianamente, ſe deixará tudo em diggeſtaõ por eſpaço de trinta horas em *oito canadas de bom vinho branco*, e depois ſe deſtille no banho de Maria mais de metade.

Se a gangrena ſuccede na parte, ſe lhe porá o *eſpirito matrical*; faz-ſe *com duas oitavas de almecega*

cega fina, de incenso macho, de myrrha, e de alambre, e *meya canada de agoa-ardente rectificada*, desstille-se tudo. Esta fomentaçaõ he excellente.

Recip. *Partes iguaes de espirito de vinho alcanforado, e agoa de cal.* Esta cataplasma he tambem excellente.

Recip. *Hum quartilho de lixivio, ou decoada, e outro tanto de espirito de vinho, meya maõ cheya de arruda, de salva, de escordio, e de losna, huma oitava de cada huma das aristoloquias em pó, com duas oitavas de sal armoniaco*; faça-se cozer tudo até a diminuiçaõ da terça parte, e se lhe ajunte *myrrha, e azebre em pó, de cada hum meya oitava, e huma pouca de agoa-ardente.*

DA QUEIMADURA FEITA com polvora.

SE a queimadura he recente, e que a pelle naõ esteja ulcerada, logo se lhe ha de applicar o *espirito de vinho, ou agoa-ardente.* Ou far-se-ha hum unguento com *azeite commum, ou oleo de amendoas amargosas, sal, çumo de cebola, e de agraço.*

Se a pelle está ulcerada, e tem bolhas, far-se-ha unguento com a *segunda casta de sabugo*, que se pōem a cozer em *azeite*; depois de o haver coado, se lhe ajunta *alvayade, chumbo queimado, e fezes de ouro*, bem levigado tudo em almofariz de chumbo até ficar em ponto de linimento.

Naõ he necessario tirar os graõs de polvora, que ficáraõ na pelle, porque se quebraõ, e lhe entranhaõ mais; he necessario deixá-los vir á suppuraçaõ.

Quan-

Quando a queimadura he ſuperficial, e que a pelle eſtá ainda inteira, *as cebolas pizadas com mel commum*, ſaõ hum bom remedio. Mas ſe a pelle eſtá raſgada, ſe naõ ha de uſar deſte remedio, porque cauſará dôr. O *oleo de tartaro por deliquio*, he bom remedio &c.

Se a febre ſe ſegue á queimadura, ſe abrandará com o *nitro fixo*: *o nitro de antimonio*, *a polvora*, tomada interiormente, ſaõ muito bons remedios, e os *pós de olhos de caranguejos*. Em quanto aos remedios externos, quando a queimadura naõ he mais que ſuperficial.

Recip. *Cebolas pizadas*, *cal viva extincta em cozimento de rabaõs*, e applicar eſta agoa quente com pannos dobrados molhados nella: ou

Recip. *Cal viva bem lavada*, bata-ſe em almofariz de chumbo com *manteiga crûa*, para fazer hum unguento, que ſe applicará liquido ſobre a parte queimada: ou

Recip. *Cal viva em pó*, *nata de leite*, *mel eſcumado*, *de cada hum hum pouco*; miſture-ſe tudo até a conſiſtencia de unguento, e ſe applique: he excellente remedio.

Outro.

Recip. *Cal viva em pedra deitada em agoa commũa*, deſorte que a agoa ſobrepuje quatro dedos, depois de ferver ſe lhe miſture *oleo roſado*, e tudo ſe congelará em fórma de manteiga, e ſe applique.

Tambem ſe faz hum lavatorio bom com o *çumo de cebolas*, *e de alhos* na queimadura recente; ou de outra ſorte faça-ſe eſte unguento:

Recip. *Huma onça e meya de cebola crûa*, *de ſal*, *e ſabaõ de Veneza*, *meya onça de cada hum*, miſture-ſe

re-se tudo em hum almofariz, lancem-lhe emcima huma quantidade sufficiente de *oleo rosado*, misturando tudo em almofariz; ou de outra sorte, façase dissolver *minio*, *ou fezes de ouro em vinagre*, filtre-se esta dissoluçaõ, e lhe ajuntem *oleo de semente de rabaõs recente*, a quantidade que baste para dar consistencia de linimento liquido, remoendo tudo em almofariz de chumbo, até que se faça pardo, e se guarde; he hum bom linimento: ou

Pizem-se *caranguejos vivos* em almofariz, espremaõ-os bem, e untem a parte com o succo que sahir quente; he muito bom remedio.

Outro.

Misturem-se *caranguejos pizados com manteiga crûa sem sal*, e se façaõ cozer, e escumar até que se faça hum unguento ruço, que se coará. Em fim, todos os unguentos, e outros medicamentos, aonde entraõ os *caranguejos*, saõ verdadeiros especificos contra a queimedura feita com polvora.

As *mucilagens de semente de zaragatoa*, *e melhor de pevides de marmellos preparados com a esperma de raãs*, *e hum pouco de açucar de chumbo*, untada a queimadura com huma penna, he excellente remedio.

O remedio composto de *huma parte de azeite*, *e duas de claras de ovos bem batidos*, *e misturados*, he remedio simplez, e singular; ou o seguinte:

Recip. *Meya onça de oleo de linhaça lavado em agoa rosada*, *quatro gemmas de ovos*, tudo bem batido se applique quente sobre a parte queimada.

Se a queimadura he consideravel, e que haja pustulas, Ettmulero quer que as abraõ, e que se lhes

appli-

applique logo o unguento composto de *esterco de gallinhas frito com manteiga crûa*; ou de outra sorte:

Recip. *Hum punhado de folhas de salva frescas, dous punhados de tanchagem, seis onças de esterco de gallinha recente, e o mais branco que se achar*: frija-se tudo por espaço de hum quarto de hora, esprema-se, e se guarde: ou

Recip. *Duas onças de maçaãs doces assadas sobre a cinza, farinha de cevada, e de alforvas, meya onça de cada huma, meyo escropulo de açafraõ*; misture-se tudo para fazer linimento, ou cataplasma molle, abranda as dores, e faz a pelle branda.

Se a queimadura he ainda de mais consideraçaõ, e que tenha escara, se lhe abraõ todas as pustulas, e se lhe faça cahir a escara nos dous primeiros dias, fazendo hum linimento com *mucilagens de pevides de marmello tiradas em esperma de raãs com manteiga crûa, oleo de açucenas, e huma gemma de ovo*; ou de outra sorte:

Façaõ hum linimento com *manteiga crûa*, bem batida em almofariz de chumbo com *cozimento de malvas*, e estendido sobre folhas de couve quente, se applique sobre a escara, que cahirá. Se a escara naõ cahe por estar dura demasiadamente, he necessario fazer-se-lhe incisoẽs para dar sahida á materia, que naõ faça huma chaga profunda, e putrida; quando o humor for evacuado, applicar-se-lhe-haõ os emollientes de que fallamos, até a separaçaõ da escara, depois se consolide a chaga com diggestivos, e mundificativos, que seraõ o *unguento de cal viva, com oleo rosado, e gemmas de ovos. O unguento*

ento branco alcanforado, *e o unguento de alabaſtro*, ſaõ bons.

Se a gangrena ſobrevem, he neceſſario tomar interiormente os ſudorificos, como o *eſpirito theriacal alcanforado*, *a eſſencia*, *e eſpirito de bagas de ſabugo*, *o eſpirito de ponta de veado*, *com ſeu proprio ſal*, *a triaga bebida com eſpirito de vinho alcanforado*, *agoa de cidra com alcanfor*, *&c.*

Em quanto aos remedios exteriores no principio da gangrena, o *eſpirito de vinho* applicado quente he excellente remedio; ſe ſe lhe miſturar o *azebre*, *myrrha*, *e incenſo*, ſerá melhor: he neceſſario miſturar ſempre nos tópicos para a gangrena o *alcanfor*.

O *cozimento de cal viva*, em o qual ſe tenha cozido *enxofre com mercurio doce*, *e eſpirito de vinho*, he excellente remedio.

Em huma gangrena conſideravel depois de haver feito eſcarificaçoẽs profundas, far-ſe-ha cozer *eſterco de cavallo em vinho*, para applicar em fórma de cataplaſma: eſte remedio he approvado. E ſe o eſphacelo começa, eſcarifique-ſe a parte, e lhe ponhaõ abundantemente *unguento egypciaco*, e por cima os unguentos, e cataplaſmas, que temos já dito.

Quando a gangrena degenerou em eſphacelo, he neceſſario ſeparar tudo o que eſtiver morto.

CA-

CAPITULO VII.

Das chagas em geral.

QUe cousa he chaga?

He huma ruptura da uniaõ natural das partes, feita em muito tempo, a qual se entretem pela sanies, ou materia, que della sahe. Ou a chaga procede de huma ferida, que naõ póde ser curada em seu tempo por causa da má qualidade de seus pûs.

Que differença ha entre a ferida, e a chaga?

He que a ferida se faz sempre por huma causa exterior, e a chaga se faz por huma causa interior, como saõ os humores, que carregaõ sobre huma parte; ou a ferida envelhecendo degenera em chaga.

Donde se tira a differença das chagas?

Tira-se das causas que as produzem, e dos accidentes que as acompanhaõ: saõ chamadas benignas, ou malignas, grandes, pequenas, perigosas, ou mortaes; e por seus accidentes saõ chamadas podres, corrosivas, cavernosas, fistulosas, cancrosas, &c.

As chagas accaso procedem sempre das causas externas, ou de huma ferida exterior degenerada?

Naõ, tambem procedem algumas vezes de causas internas, da acrimonia dos humores, de sua malignidade, e da demóra de alguma esquirola, e de outras cousas similhantes: estas chagas se chamaõ primitivas, e as outras degeneradas.

Que couſa he chaga podre, corroſiva, caverno-ſa, fiſtuloſa, e cancroſa?

A chaga podre he aquella, dentro na qual as carnes eſtaõ molles, e a modo de coſtras; e o pûs, ou materia he viſcoſa, fedórenta, e de cheiro de cadaver.

A chaga corroſiva he aquella, que pela acrimonia, e malicia de ſua ſanies, ou materia, corroe, cava, gaſta as carnes, e as mortifica.

A chaga cavernoſa he aquella, cuja entrada he eſtreita, e o fundo largo, em a qual ha varios buracos cheyos de huma materia maligna, ſem dureza, nem calloſidáde nos ſeus labios.

A chaga fiſtuloſa he aquella, que tem buracos compridos, eſtreitos, e profundos com muita dureza nos labios, cuja materia he humas vezes virulenta, e outras naõ.

A chaga carnoſa he larga, os labios eſtaõ inchados, duros, e nodoſos, de côr eſcura com vêas groſſas ao redor chêas de hum ſangue de côr livida negra, e ſeu fundo he cheyo de cavidades redondas, e fedorentas, extraordinariamente, por cauſa da má qualidade de ſanies, ou materia que dellas ſahe.

Naõ ha outras eſpecies de chagas?

Tambem ha as chagas com bichos, cronicas, celephias, venereas, eſcorbuticas, e outras, as quaes tem muita ſimilhança, e ſe pódem referir ás cinco eſpecies denominadas.

Que tratamento pedem as chagas?

As chagas querem ſer mundificadas, deſſeccadas, e cicatrizadas; mas em razaõ das cauſas, e dos accidentes, que as fazem rebeldes, he neceſ-

ſario

ſario ordenar interiormente os remedios, que os emendem, e deſtruaõ; ſe tem labios calloſos, he neceſſario eſcarificá-las para os fazer cahir em ſuppuraçaõ; ſe ha excreſcencias, he neceſſario comê-las *com pós de pedra hume queimada, pedra infernal, &c.*

Quaes ſaõ os remedios proprios para deſſeccar, e mundificar as chagas?

Uſa-ſe *de agoas, de pós, e de emplaſtros*; as agoas ſe fazem de *raizes de norça, e de celidonia mayor, de cal, a agoa amarella, a tintura de myrrha, azebre, e açafraõ, o ſoro, em que ſe ajunta o ſal Saturno*, com que ſe lavaõ as chagas, e ſe lhes fazem injecçoẽs, que lhes ſaõ de muita utilidade.

Os pós ſaõ os de *farinhas, de caruncho de pào de carvalho, de pedra hume, e de cinabrio*, uſando deſtes ultimos, fazendo-os queimar para levar o fumo á chaga por hum funil. A gente do campo ſe ſerve com bom ſucceſſo do *barro de olleîros*, com o qual deſſeccaõ as chagas, mas naõ haõ de ſer malignas.

Os emplaſtros ſaõ os de *betonica, diaſulphuris, deſſiccativum rubrum, e outros.* Os unguentos como os ſeguintes:

Recip. *Trez gemmas de ovos, meya onça de mel, e hum copo de vinho*; faça-ſe unguento para mundificar: ou

Recip. *Cal viva lavada, e ſecca muitas vezes*; miſture-ſe com *oleo de linhaça, e bolo armenio*, e ſe faça unguento para mundificar, e deſſeccar: ſe lhe querem miſturar huns poucos de *pós de Joannes*, deſſeccará mais; póde-ſe ajuntar o *mercurio doce* nas injecçoẽs.

Para as chagas das pernas; e para as chagas cancrosas, applique-se a *agoa de tanchagem*, *e a luminosa*, ou o *espirito de vinho*, *unguento egypciaco*, *e triaga*, ou o *extracto de raiz de aristoloquia redonda*, *feito em espirito de vinho*. *A polvora sómente dissolvida em vinho* para lavar as chagas, e applicar-lhes pannos molhados, he muito excellente. Os dous remedios seguintes saõ particulares especificos para adoçar os cancros.

Recip. *Açucar de chumbo*, *alcanfor*, *e ferrugem de chaminé*, *incorporem-se com çumo de serralha*, *e de tanchagem*, *e em almofariz de chumbo*; faça-se linimento, e cubra-se a parte com panno muito fino, ou com papel pardo.

Outro.

Recip. *Agoa distillada de maçaãs podres*, *misture se com tintura da raiz de aristoloquia redonda feita em espirito de vinho*, lave-se a parte, e se façaõ injecçoẽs.

CAPITULO VIII.

Das doenças venereas, ou morbo gallico.

Do esquentamento.

OS finaes deste mal saõ: huma tensaõ dolorosa no membro, huma dôr picante ourinando; as ourinas saõ pallidas, esbranquecadas, e chêas de varios filamentos: algumas vezes os testiculos estaõ inchados, e tambem a glande do prepucio, com

com huma purgaçaõ de materia amarella, que ás vezes declina para verde &c.

Se ha grande inflammaçaõ no membro, se tratará de abrandar por alguma sangria, far-se-ha depois tomar o doente huma tizana refrigerante, e diuretica, e amendoadas feitas com as *sementes frias em soro de leite.* Huma boa tizana, que se póde fazer em toda a parte, e sem trabalho, he lançar *huma oitava de sal prunel*, *em meya canada de agoa*, da qual o doente beberá quantas mais vezes melhor: esta tizana he muito refrigerante, e diuretica; e a continuará até que a inflammaçaõ seja abrandada. Entaõ purgar-se-ha o doente com remedios benignos no principio, que seraõ *huma onça de polpa de canafistula*, *outro tanto de manná em dous copos de soro de leite*, tomados huma hora, ou duas, hum depois do outro.

Ao depois he necessario purgar varias vezes com *doze grãos de diagridio*, *quinze grãos de calamelanos*, e continuar os purgantes até que a materia, ou purgaçaõ naõ seja nem amarella, nem verde, nem de alguma má côr. Quando forem brancas, e formarem fio, será necessario applicar remedios adstringentes para parar: o *alambre*, *ossos de ciba em pó*, *de cada hum dezoito grãos*, *com hum grão de laudano*, tudo misturado em *conserva de rosas vermelhas*: *o crocus martis adstringente*, *ou o seu extracto tomado de meya oitava até huma*, saõ tambem adstringentes. Quando já naõ houver purgaçaõ de materia, nem dôr, para se assegurar huma perfeita saude, se ordenará *huma oitava de panacéa mercurial quente*, *ou vinte grãos de cada vez*, *com conserva de rosas*; se succeder alguma sali-

ſalivaçaõ, he neceſſario deixá-la continuar, e quando a quizerem parar, o faraõ com algum purgante. Quando ſe quer parar a gonorrhea, naõ ſe ordenará mais mercurio, porque faz a delgaçar, e naõ he bom ſenaõ quando as glandulas das virilhas, ou os teſticulos eſtaõ tumidos; ou quando ſe quer que o eſquentamento purgue, quando pára muito depreſſa. No tempo que ſe tomaõ os adſtringentes pela boca, ſe faraõ injecçoẽs no membro com a *pedra medicamentoſa huma oitava em oito onças de agoa de tanchagem*: todos os adſtringentes que naõ ſaõ cauſticos, ſaõ bons para ſiringar.

DOS CANCROS VENEREOS, OU cavallos.

SAõ chagas redondas, e cavas no meyo, que vem ſó á glande, e prepucio. Para os curar he neceſſario tocá los com a *pedra infernal*, e fazê-los ſuppurar com os pós *de Joannes*, *miſturados com o unguento de André da Cruz. O oleo de mercurio*, *algumas gottas nos fios* applicadas, he bom para abrir os cancros, e lhes comer as carnes. Purgar-ſe ha bem o doente com *calamelanos*, *e diagridio doze ou quinze graõs de cada hum*, *com a conſerva de roſas*: quando eſtiver bem purgado, ſe lhe dará *alguma doſe da panacéa mercurial*, he hum excellente remedio para todo o genero de gallico naõ conſummado.

DOS BUBOENS VENEREOS, OU mulas.

AS mulas saõ tumores groſſos, ou abſceſſos, que vem nas virilhas, naõ he neceſſario eſperar ſua perfeita maturaçaõ para os abrir, porque ſe póde recear que as materias, que nellas reſidem demaſiado tempo, ſejaõ levadas ao ſangue pela circulaçaõ, e que deſta ſorte cauſaſſem o gallico; he neceſſario abrî-las cedo com a lanceta, ou com cauterio potencial, ſe ſaõ muito duros. Far-ſe-haõ ſuppurar muito tempo, ter-ſe-ha cuidado de purgar bem o doente com o *diagridio*, *e calamelanos*, e ſe lhe dará a *panacéa mercurial.*

DO MAL VENEREO, OU MORBO gallico.

O Gallico começa algumas vezes por huma gonorrhea virulenta; ſente-ſe huma canceira em todos os membros, he acompanhado de huma ſalivaçaõ, dores de cabeça, que carregaõ mais para a noite; ſentem-ſe dores picantes nos braços, e nas pernas; a boca eſtá ás vezes chagada: ſe o gallico he antigo, os oſſos ſe fazem carioſos, ſobrevem nodoas, e puſtulas ſeccas redondas, e vermelhas ſobre a pelle; as cartilagens do nariz eſtaõ algumas vezes roidas; ha exoſtoſes. Quando o gallico eſtá no ſeu ultimo gráo, o cabello cahe, as gingivas eſtaõ ulceradas, os dentes aballaõ, e ca-

hem, todo o corpo ſe deſſecca, os olhos ſaõ lividos, experimentaõ-ſe zonidos nos ouvidos, o nariz fetido, as amygdalas inchaõ, a campainha ſe relaxa, ſuccedem chagas nas partes naturaes, os buboens vem ás virilhas, verrugas no glande, ou balano, e prepucio, e condilomas no anus.

Quando o gallico ſómente começa, he facil de curar; mas ſe he antigo, e o doente de má conſtituiçaõ, tem a voz rouca, com chagas, caries, exoſtoſes, ſerá difficultoſa a cura.

A primavera, e o veraõ ſaõ os tempos idoneos para a cura deſte mal. Começar-ſe-ha por huma dieta, ou regimento, o doente eſtará em lugar quente, dar-ſe-lhe-haõ alimentos de bom ſucco, como ſaõ: os *caldos de boas gallinhas*, *perdiz*, *&c.* darſe-lhe-haõ por bebida cozimentos ſudorificos feitos com *páo goyaco*, *raiz da China*, *ſalſa parrilha*; e naõ comerá couſa de adubos: dar-ſe-lhe-haõ ajudas para diſpôr ſempre o ventre livre; dar-ſe-lhe-haõ algumas ſangrias, e ſe purgará com *meya oitava de jalapa*, *e quinze graõs de mercurio ſublimado doce*; repetir-ſe-haõ as purgas as vezes que parecer melhor: tomará banhos nove, ou dez dias, de manhaã, e de tarde; em quanto tomar os banhos, ſe lhe dará o *ſal volatil de viboras*, *a doſe he de ſeis até dezaſeis graõs*; *ou da enxundia de viboras meya oitava*, *em cozimento de roſas.*

Ao depois ſe lhe procurará o fluxo da boca, ou ſalivaçaõ com as unturas, ou fricçoẽs, que ſe faraõ com o unguento de azougue: *faz-ſe com o azougue miſturado*, *e bem extinto com trementina*, *e depois ſe lhe miſture manteiga de porco*; pôem-ſe ordinariamente *huma parte de mercurio com trez partes*

de

de manteiga de porco : começa-se untando a planta dos pés, outro dia as pernas, e por dentro das coxas : naõ he necessario untura no espinhaço : quando os sujeitos saõ delicados, huma só untura basta algumas vezes; a untura se dará perto do lume, se for Inverno, ou em camera quente depois de haver tomado hum bom caldo : *cada untura naõ passe de huma até duas oitavas de azougue*, que virá a fazer huma onça de unguento para cada vez. O doente vestirá siroulas, e pôr-se-ha na cama. De tempo em tempo ver-se-lhe-ha a boca, para ver se o mercurio obra; o que se conhece facilmente; porque a lingua, gingivas, e campainha inchaõ, e se engrossaõ, o doente tem dôr de cabeça, o bafo fetido, a cara vermelha, engole a saliva com difficuldade, ou começa a salivar.

Se naõ apparece algum destes sinaes, se continuaráõ as unçoẽs o dia seguinte de manhaã, e de tarde; e se se naõ percebe salivaçaõ alguma, dá-se algumas vezes *quatro, ou cinco fricçoens, ou unturas, e huma pouca de panacéa mercurial interiormente para provocar a salivaçaõ.* Em quanto se derem as unturas, dar-se-ha ao doente para se alimentar *ovos frescos molles, ou escalfados, bons caldos, e substancias.* O doente estará de cama em lugar agazalhado, e se naõ levantará senaõ quando se quizer parar o fluxo, que dura vinte, ou vinte e cinco dias, ou mais cedo, até que a baba seja clara, fluida, e sem roim cheiro.

Se durante a salivaçaõ succede fluxo de ventre, faz este commummente com que aquella salivaçaõ pare; e para fazer tornar a vir outra vez, convém parar os cursos com *ajudas de leite, e gemmas de*

ovos; e se naõ tornar a vir, será necessario excitála com *huma leve infricçaõ*, *ou untura*: se o fluxo, ou salivaçaõ for em demasia, diminuir-se-ha com algum leve purgante, ou com *quatro*, *ou cinco graõs de ouro fulminante em conserva de rosas.*

Ordinariamente se saliva trez, ou quatro quartilhos por dia, em bacia feita para isso, que o doente tem na cama junto á boca para lhe correr a saliva dentro.

Se o fluxo de boca naõ parar por si mesmo no tempo licito, he necessario purgar o doente para o fazer parar.

Se ficaõ chagas na boca do doente, para as desseccar usar-se-ha de *gargarejos de agoa de cevada*, *mel rosado*, *ou vinho morno.*

As callosidades, ou verrugas se curaõ ligando-as, se a ligadura he possivel, ou consumindo-as com alguns causticos, como saõ os *pós de sabina*, *ou as agoas fortes*, naõ tocando as partes vizinhas: alguma vez se cortaõ, e se deixaõ sangrar, e ao depois se lavaõ com *vinho quente.*

Quando o doente se houver de levantar, hade mudar de roupa, de cama, e de aposento, e se purgará; ao depois dar-se-lhe-haõ bons alimentos, e bom vinho, para tomar outra vez forças.

Se o doente estiver muito enfraquecido, tomará *leite de vaca com açucar rosado.*

Se o gallico naõ estiver muito inveterado, se excitará o fluxo de boca pela panacéa mercurial sómente, sem dar fricçoẽs. Depois das sangrias, purgas, e banhos, dar-se-ha *dez graõs de panacéa mercurial pela manhaã*, *e outro tanto á tarde*: no dia seguinte *quinze graõs de manhaã*, *e outro tanto*

to á tarde: no terceiro dia *vinte graõs de manhaã, e outro tanto á tarde*: no quarto dia *vinte e cinco graõs de manhaã, e outro tanto de tarde*: no quinto dia *trinta graõs de manhaã, e outro tanto de tarde*: continuar-se-ha assim augmentando a dose até que o fluxo de boca venha abundantemente; e se entreterá dando de dous em dous, ou de trez em trez dias *doze graõs de panacéa*, e se continuará até que a salivaçaõ seja clara, e que os accidentes desappareçaõ.

A PANACE'A MERCURIAL SE FAZ do modo seguinte:

PRimeiramente he necessario tomar mercurio revivificado de cinabrio, porque he mais puro que o que vem immediatamente da mina, o qual se revivifica do modo seguinte: Tome-se de cinabrio artificial reduzido a pó subtil hum arratel; misture-se exactamente com trez arrateis de cal viva tambem em pó: ponha-se esta mistura em huma retorta de barro vidrado, ou de vidro lutada, da qual fique ao menos a terça parte vazia: pôr-se-ha em fornalha de reverberaçaõ, e depois de lhe ter juntado hum recipiente cheyo de agoa, passadas vinte e quatro horas se lhe dará fogo por gráos, e no fim se dará vehementissimo; o mercurio coará dentro no recipiente ás gottas; continue-se o fogo até que naõ saya mais nada: ordinariamente a operaçaõ se acaba em seis, ou sette horas: se lançará a agoa do recipiente; e tendo lavado o mercurio, para o alimpar de alguma porçaõ de terra, se enxugará

xugará

xugará com pannos, ou com migalhas de paõ; haõ-ſe de tirar treze onças de mercurio de cada arratel de cinabrio artificial.

A panacéa ſe faz do ſublimado doce, e eſte ſe faz do ſublimado corroſivo. Para fazer o ſublimado corroſivo, ſe ponha hum arratel de mercurio revivificado de cinabrio em hum recipiente, e emcima ſe lancem dezoito onças de eſpirito de nitro, ponha-ſe o recipiente ſobre arêa hum pouco quente, até que a diſſoluçaõ ſeja feita: vaze-ſe eſta diſſoluçaõ, que ſerá clara como agoa, em hum vazo de barro, ou vidrado a modo de cadinho, e ſe faça evaporar brandamente a humidade a fogo de arêa, até que fique huma maſſa branca, que ſe ha de pizar em almofariz de vidro, e ſe miſturará com hum arratel de caparroſa calcinada, até ficar branca, e outro tanto de ſal decrepitado: ponha-ſe eſta miſtura em hum recipiente, do qual as duas terças partes fiquem de vazio, ponha-ſe o recipiente ſobre arêa, e ſe lhe dê calor pouco a pouco continuado trez horas; depois ſe accreſcente com carvaõ baſtante a fogo violento, e ſe fará hum ſolimaõ no alto do maſtracio; a operaçaõ ſerá feita em ſeis, ou ſette horas: o maſtracio eſtando frio ſe ha de quebrar, e guardem-ſe deſte pó, que he taõ ſubtil como farinha, e em bolindo na materia, ſe levanta o ar, ſe achará dezanove onças de ſublimado corroſivo. As eſcorias vermelhas que ſe achaõ no fundo, ſe deixaráõ fóra como inuteis. Eſte ſolimaõ he hum poderoſo eſcarotico, e corroſivo, come as carnes flacidas, e alimpa muito bem as chagas velhas: diſſolve-ſe meya oitava em huma libra de agoa de cal, que a faz amarella, e he o que chamaõ agoa phagedenica.

O

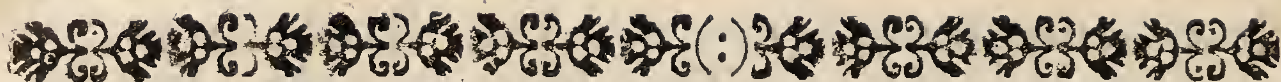
O ſublimado doce, ou calamelanos, de que ſe faz immediatamente a panacéa, ſe faz com dezaſeis onças do ſublimado corroſivo acima eſcrito, feito em pó em gral de pedra, ſe lhe miſtura pouco a pouco doze onças de mercurio revivificado do cinabrio artificial, mexendo ſempre eſta miſtura até que naõ appareça azougue: ponhaõ-ſe eſtes pós, que ſeraõ de côr parda eſcura, em hum matracio, do qual as duas terças partes fiquem vazias: ponha-ſe ſobre arêa, dando pouco fogo ao principio, depois ſe aumente até o terceiro gráo: continue-ſe neſte eſtado até que a ſublimaçaõ eſteja acabada, que ſe acaba ordinariamente em quatro, ou cinco horas: quebre-ſe o matracio, e ſe deite fóra como inutil huma pouca de terra que ſe acha no fundo: faça-ſe ſeparaçaõ de huns pós que ſe achaõ no gargálo do matracio, e ſe guardem para os unguentos contra a ſarna, mas guarde-ſe exactamente a materia do meyo, que ſerá branca, e criſtalina, e tendo-a reduzida em pó ſe faça ſublimar em matracio como acima: ſepare-ſe a materia do meyo como temos dito, e ſe repita terceira vez a ſublimaçaõ em outro matracio: ſepare-ſe em fim a terra do fundo, e a fuliginoſidade do gragálo do matracio, e ſe guarde o ſublimado do meyo que ſerá muito bem dulcificado, e ſe acharáõ vinte e cinco onças e meya: he bom para todas as doenças venereas, he deobſtruente, e mata as lombrigas. Purga brandamente por curſos, ſendo tomado de ſeis grãos até vinte em pirolas com purgantes.

PANACE'A MERCURIAL DO *ſublimado doce.*

RƎcip. A quantidade que ſe quizer de ſublimado doce ſe reduza em pó em gral de pedra, ou almofariz de vidro, e ſe ponha em hum matracio, do qual trez quartos fique vazio, e ſe lhe terá cortado a mayor parte do gargálo no meyo de ſeu comprimento: ponha-ſe eſſe matracio em banho de arêa, e lhe façaõ debaixo hum fogo lento para aquentar brandamente a materia por eſpaço de huma hora, e depois ſe augmente pouco a pouco até o terceiro gráo, e ſe continue neſſe eſtado cinco horas pouco mais, ou menos: resfriado o vazo ſe quebre, e ſe deite fóra a terra que ſe achar leve avermelhada, e ſe ſepare do vidro todo o ſublimado: torne-ſe a fazer em pó, e o ſublimem como acima: repitaõ-ſe as ſublimaçoẽs ſette vezes mudando de matracio a cada vez, e lançando fóra a terra leve: reduza-ſe eſte ſublimado em pó impalpavel ſobre huma pedra de moer tintas, e ſe ponha em huma cucurbita de vidro, e por cima ſe lance eſpirito de vinho rectificado até a altura de quatro dedos: cubra-ſe a cucubita com ſeu capitel, e fique a materia de infuſaõ quinze dias mexendo de tempo em tempo com a eſpatula de marfim: ao depois ſe ponha a cucurbita no banho de Maria, ou no banho de vapor, e ſe ajunte hum recipiente no bico do alambique, lutem-ſe as juntas exactamente com bexiga molhada, e com hum fogo lento ſe fará deſtillar todo o eſpirito de vinho; resfriados os

vazos

vazos se deslutem, achar-se-ha a panacéa no fundo da cucurbita; senaõ está bem secca, se acabará de seccar por hum fogo lento de arêa, mexendo dentro na cucurbita com espatula de marfim, ou páo, até que esteja em pó; e se guardará em vazo de vidro. He hum grande remedio para todas as doenças venereas, obstrucçoẽs, scorbuto, alporcas, ou escrophulas, impigens, sarna, lombrigas, chagas velhas. A dose he de seis graõs até dous escropulos em conserva de rosas.



TRATADO

DAS DOENC,AS DOS OSSOS.

CAPITULO I.

Da dislocaçaõ dos ossos.

QUAES saõ as doenças dos ossos ?

Saõ cinco : dislocaçaõ , fractura , caries , exostoses , e o nodus.

Que cousa he dislocaçaõ , ou luxaçaõ ?

He a sahida da cabeça de hum osso fóra da cavidade de outro osso , com privaçaõ do movimento proprio á parte ; ou he apartamento de dous ossos unidos juntos para o movimento de huma parte.

Quantas saõ as causas de dislocaçaõ em geral ?

Saõ duas, huma violenta , ou primitiva , e outra lenta , ou remota. A dislocaçaõ se faz violentamente nas quedas , nas forças , e por pancadas ; e se faz lentamente nas fluxoẽs , ou ajuntamentos insensiveis de humores entre as juntas , e sobre os ligamentos ; donde se póde tirar esta consequencia , que a dislocaçaõ violenta depende ordinariamente de causa externa , e a dislocaçaõ lenta , de causa interna.

De quantos modos se faz a dislocaçaõ ?

De dous modos : o primeiro se chama dislocaçaõ completa , total , e perfeita ; e o segundo incompleta,

pleta, parcial, e imperfeita: huma, e outra se pódem fazer por diante, por detraz, por dentro, e por fóra, e pódem ser, ou simplices, ou complicadas.

Quaes saõ os sinaes de huma dislocaçaõ perfeita, total, e completa?

Saõ quando se percebe hum tumor duro chegado a huma cova na parte do articulo, ou junta, onde se sente huma dôr muito grande, e privaçaõ do movimento.

Quaes saõ os sinaes da dislocaçaõ incompleta, parcial, e imperfeita?

Saõ quando o movimento naõ está de todo impedido, sentindo alguma dôr na junta, e que se percebe alguma deformidade em comparaçaõ da outra parte saã: esta dislocaçaõ se chama de outro modo torcedura, quando he feita de causa externa; ou se chama relaxaçaõ, quando procede de causa interna.

Que cousa he dislocaçaõ, ou luxaçaõ simplez, e dislocaçaõ complicada?

A dislocaçaõ he chamada simplez, quando he sem algum accidente; e he complicada, quando ha accidente que a acompanha, como inchaçoẽs, inflammaçoẽs, fracturas, e outros.

Que se ha de fazer a huma dislocaçaõ simplez?

Huma prompta, e simplez reducçaõ, a qual se faz estendendo o membro dislocado, ou luxado, e repondo a cabeça do osso em seu lugar natural, e depois se fortifica o articulo, ou junta com huma fomentaçaõ feita de *rosas vermelhas*, *losna*, *alecrim*, *macella*, *hypericaõ*, *e musgo de carvalho cozidos em vinho tinto*, *e agoa ferrada de ferreiros*,

tendo a parte bem ſubjugada, e ſoſtida com ataduras, e ligaduras, em ſituaçaõ accommodada: ſe ha alguma conſequencia que temer, pôr-ſe-ha o *emplaſtro oxicroceo, ou diapalma, diſſoluto em vinho.*

Que ſe ha de fazer a huma dislocaçaõ complicada?

He neceſſario applacar os accidentes, e ao depois ſe faz a reducçaõ, que he impoſſivel fazer-ſe de outra ſorte, ſendo perigoſo tentar o fazê-la antes de os mitigar, por cauſa da muita grande violencia que ameaça infallivelmente a convulſaõ, ou a gangrena.

Se a dislocaçaõ he com ferida, acaſo ſerá neceſſario curar a ferida antes da operaçaõ da reducçaõ?

Naõ; mas he neceſſario applacar os accidentes da ferida que impedem a reducçaõ, como a inchaçaõ, e o mais, ao depois ſe faz a reducçaõ, e ſe cura a ferida como as mais.

Se a dislocaçaõ ſe acha complicada com a fractura, que ſe ha de fazer?

Deve-ſe começar pela reducçaõ da dislocaçaõ, e ao depois fazer a da fractura por cauſa da extenſaõ que he neceſſario fazer para reduzir a dislocaçaõ, a qual poderia abſolutamente deſtruir a reducçaõ da fractura.

Como ſe applaca a inflammaçaõ, e inchaçaõ?

Com pannos molhados em agoa-ardente, e agoa commua, que ſe renovaõ muitas vezes, ou cozimento, em vinho tinto, de loſna, macella, ſalva, e alecrim, applicado quente com pannos molhados. Haõ ſe de evitar todos os repercuſſivos, e adſtringentes.

Como

Como ſe conhece que a reducçaõ eſtá bem feita?

Pelo reſtabelecimento da parte no ſeu eſtado natural, por ſua indolencia, ſeu bom, e livre movimento, e pela conformidade á ſua oppoſta que he a ſaã.

Quaes ſaõ as dislocaçoẽs das partes mais difficeis a reduzir?

Saõ as da coxa com a nadega, a qual quaſi nunca ſe reduz; a das primeiras vertebras he muito difficultoſa, e a do queixo inferior, e da planta dos pés, cujas dislocaçoẽs ſaõ mortaes.

A reducçaõ das dislocaçoẽs he mais facil aos meninos do que nas peſſoas de mayor idade, mas ella ſe faz a mais difficil, quando he retardada de muitos dias por cauſa da abundancia da lympha, e do ſucco nutriente.

Se a inflammaçaõ ſuccede antes que o membro foſſe reduzido, ſe naõ deve fazer couſa alguma ſem primeiro ſer applacada, como temos dito, mas para a prevenir, e applacar, ſe chapejará o articulo repoſto, e as partes vizinhas com *vinho morno*, em o qual terão cozido *flores de hypericaõ*, *macella*, *verbaſco*, *alecrim*, *roſmaninho*, *e outras ſimilhantes*; tambem ſe haõ de molhar as ataduras neſte cozimento.

Se ſe faz hum tumor edematoſo no membro dislocado depois do articulo repoſto, ſe ordenaráõ remedios ſudorificos internos, e faraõ linimentos com *oleo deſtillado de tartaro*, *e de oſſos humanos*, *que ſe rectificarà com a ponta de veado queimada*, *ou qualquer outra parte de animaes*, para tirar a fedor deſte oleo: ou ſe faça hum *emplaſtro de cera amarella*, *e rezina branca*, e derretido tudo ſe lhe

ajunte

ajunte de *alambre branco*, e *gomma elemi*, *huma quantidade sufficiente de cada hum*, para fazer huma massa que se incorporará com *balsamo Peruviano*, e far-se-ha hum emplastro para applicar sobre o membro desmanchado; naõ he necessario que o emplastro sobreponha as suas extremidades huma sobre outra, por não molestar a parte. Unte-se o membro com *oleo de hypericaõ*, *ou com oleo de trementina*, e ainda melhor com o *cozimento só das plantas nervinas feito em vinho.*

Se o osso lançado fóra de seu lugar por huma materia coagulada em fórma de gesso, se usará de resolutivos, e attenuantes, como o *espirito volatil de tartaro tirado das borras de vinho*, o *espirito volatil de tartaro ajudado pelo nitro*, em huma retorta de pescoço comprido; ou o *espirito de tartaro preparado pela fementaçaõ pelo tartaro*, e *seu proprio alcali*; este he o melhor de todos, he necessario continuar o uso delle: o *espirito volatil de ossos humanos he muito efficaz*, mas he necessario que precedaõ os remedios laxativos, e sudorificos appropriados conforme as circunstancias: poder-se-ha tambem applicar exteriormente o *espirito de minhocas*, *prepara-se pela fermentaçaõ*, e se applica na parte repetidas vezes, ou só, ou com o *espirito de sal armoniaco.*

Se se naõ repôs logo o osso deslocado, forma-se na cavidade hum coalho, que o impede repôr: poder-se-ha dissolver este coalho com o oleo seguinte antes de repôr o osso.

Recip. *Huma parte de oleo destillado de ossos humanos*, *duas partes de oleo de tartaro fetido*, *misture-se tudo*, e se ponha por cima *cal viva* para destillar

tillar por huma retorta, e ſe fomente a parte com eſte oleo.

Se a deslocaçaõ ſuccedeo por huma relaxaçaõ dos ligamentos, e ſe recorrerá aos ſudorificos internos univerſaes, com os remedios cheyos de *hum ſal oleoſo, e volatil, os oleos aromaticos, e o eſpirito de ſal armoniaco.* Applicar-ſe-haõ exteriormente os aromaticos, e reſolutivos, e os adſtringentes temperados.

CAPITULO II.

Da fractura dos oſſos.

QUe couſa he fractura de oſſo?

He huma diviſaõ da continuidade de ſuas partes.

Em quantos modos póde o oſſo ſer quebrado?

Em quatro, a ſaber: atraveſſado, obliquamente, ao comprido, e póde ſer quebrado em aſtilhas.

Por quantos modos póde ſer o oſſo fractado?

Por trez: por inſtrumentos contundentes, por incidentes, ou que cortaõ, e por torcentes: quer dizer, que o oſſo póde ſer dividido da continuidade de ſuas proprias partes, ou por contuſaõ, ou por contorçaõ de entaladura.

Como ſe conhece a fractura de hum oſſo?

Pela má figura da parte, que ſe faz mais curta; pela falta de movimento, por ſe entortar para outra parte melhor do que para ſuas articulaçoẽs; pela deſigualdade, que ſe acha na ſua continuidade; pelo eſtallo, que ſe ouve, e algumas vezes pela ſahida de hum de ſeus cabos atraveſſando as carnes

que

que tem abertas; e em fim, pela comparaçaõ que se faz com a parte saã, que está da outra banda, como do braço direito para o esquerdo.

Qual he a especie da fractura a mais difficil de conhecer?

He a fractura ao comprido, que se chama de outro modo a fendedura, ou rachadura, a qual causa grandes accidentes quando he ignorada, ou desconhecida: conhece-se pela dôr, e pelo tumor, que se vê para baixo da fendedura do osso, tocando-o, álèm das conjecturas que ha do que diz a pessoa, que deo a queda, e que póde ter ouvido o estallo do osso.

Qual he a especie de fractura a mais custosa de curar?

He aquella, em que se quebra o osso em muitas lascas, que fazem todos os dias dores, e novas suppuraçoẽs.

Que cousa he fractura simplez, e fractura complicada?

A fractura simplez he aquella, em a qual o osso he quebrado sem outro accidente: a fractura complicada he acompanhada de algum accidente, como a em que o osso he quebrado em duas, ou muitas partes; ou quando a fractura he junta a huma laxaçaõ, a huma chaga, ou que ha inflammaçaõ, &c.

Quaes saõ os mais sujeitos ás fracturas dos ossos, os velhos, ou os meninos?

Saõ os velhos, porque seus ossos saõ mais seccos; e pelo contrario os dos meninos saõ quasi cartilaginosos, e obedecem ás violencias que lhes pódem ser feitas; donde procedem as covas, e as elevaçoẽs,

vaçoẽs, que lhe ſuccedem ao craneo, e outras partes, que ſe lhes remedea com emplaſtros, e ligaduras accommodadas á figura da parte; e pela meſma razaõ tambem os oſſos ſe quebraõ com mais facilidade no inverno, do que no veraõ.

Em que partes ſaõ as fracturas mais perigoſas?

Saõ as que ſuccedem ao craneo, e ás juntas: ao craneo por cauſa do cerebro, e ás juntas por cauſa das partes nervoſas.

Que he o que deve fazer o Cirurgiaõ que he chamado para curar huma fractura?

Trez couſas: trabalhar logo pela reducçaõ, para dar á natureza mais facilidade na reuniaõ que deve fazer das partes do oſſo, e para ter menos difficuldade a reconjuntar ſuas extremidades, antes que a inchaçaõ, inflammaçaõ, ou gangrena ſobrevenhaõ á parte: reter as partes em figura, e na ſua ſituaçaõ natural; e impedir os accidentes.

Como ſe faz a reducçaõ de hum oſſo quebrado?

Quando a ruptura, ou fractura he atraveſſada, a reducçaõ ſe fará por extenſaõ, e contra-extenſaõ: e quando eſtá ao comprido, naõ ha mais que fazer a coaptaçaõ, ou o ajuntamento.

Que ſe ha de fazer a huma fractura complicada com chaga, ou ferida?

Deve-ſe começar pela reducçaõ, e applicar os outros ſoccorros, como na fractura ſimplez.

Quando he que ſe conhece que a reducçaõ da fractura eſtá bem feita?

He quando a dôr ceſſa, a parte tornou a tomar ſua figura natural, ſe lhe percebe mais deſigualdade, e acha-ſe conforme a parte ſaã, que eſtá da outra banda.

Quaes ſaõ os ſinaes, que fazem conhecer que tem ficado eſquirolas na fractura, depois da reducçaõ feita?

Saõ os formigueiros intrinſecos, e continuos, que ſe ſentem por intervallos na parte com grandes dores, que ſaõ os ſinaes de hum abſceſſo, que ſe lhe fórma; e quando tem havido ferida junto á fractura, os labios da ferida engroſſaõ, ſaõ mais molles, e pallidos, e o pûs, ou materia, he mais abundante do que de ordinario.

Quando apparecem as eſquirolas, acaſo ſe haõ de arrancar?

Naõ, por nenhum caſo, mas ſim ſe ha de eſperar com paciencia ſua ſahida com o pûs, ou materia; quando muito ajudá-las a ſahir com o uſo das injecçoẽs feitas de *tinturas de myrrha*, *e de azebre*,pela applicaçaõ do *emplaſtro de André da Cruz*, e pelas pinſetas.

Que aparelho ſe ha de pôr ſobre huma fractura ſimplez depois da reducçaõ feita?

He neceſſario fortificar, e conſolidar as partes pelos linimentos de *oleo de minhocas*, *ou de hypericaõ*, miſturado com *vinho*, *ou agoa-ardente*, pelas fomentaçoẽs *de roſas vermelhas*, *alecrim*, *e hypericaõ*, *cozidos em vinho*, *pelo emplaſtro contra rupturam*, *ou de betonica*, obſervando que o emplaſtro cubra o membro quebrado, mas deſorte que as extremidades naõ ſobreponhaõ huma ſobre a outra, e que fique hum pequeno intervallo livre entre os dous, ao depois ſe appliquem as *talas*, *ou taboinhas*, ſubjugando tudo com ataduras naõ muito apertadas, e de trez em trez dias viſitá-las para as ſegurar, impedir as comichoẽs enfadonhas, e dar

algum ar á parte, para por estes meyos evitar a gangrena, que se lhe poderia gerar pela suffocaçaõ do calor natural.

Se a coxa, ou perna he que foraõ quebradas, se usa de talas, para as sustêr, e manter na cama.

Que tempo he necessario para curar huma fractura de osso?

He necessario mais, ou menos tempo conforme as partes, ou differente grossura dos ossos: assim que para formar o póro do queixo quebrado he necessario vinte dias. Para o da clavicula, ou da espadoa, vinte e quatro. Para o dos ossos do ante-braço, trinta. Para o do braço, quarenta. Para o dos ossos do carpo, e dos dedos da maõ, vinte. Para o das costellas, vinte. Para o da coxa, cincoenta. Para o da perna, quarenta. Para o do tarso, e dos dedos dos pés, vinte.

Que ha de particular para ajudar a formaçaõ do póro?

Fomentar a parte da fractura com *oleo de minhocas*, *e espirito de vinho quentes*, *e misturados*; ordena-se o uso *dos cozimentos de agrimonia*, *de sabina*, *e de saxifragia*: *ha a pedra osteocola*, que he especifica, dá-se *agoa de consolida mayor*, *ou no cozimento de pervinca*, *ou congorça em vinho*, e se repita varias vezes.

CAPITULO III.

Das fracturas particulares do craneo.

QUe cousa he huma fractura do craneo?

He huma ferida da cabeça complicada com fractura no craneo.

Em quantos modos póde o cranco ser fractado?

Em trez: por contusaõ, por incisaõ, e por picada.

Qual he a mais molesta destas fracturas?

He a que se faz por contusaõ; porque o aballo, ou a commoçaõ he mayor.

Todas as fracturas do craneo obrigaõ acaso ao trepano?

Naõ, he necessario para isso que estejaõ profundas, porque as que saõ superficiaes se curaõ legrando simplezmente.

Qual he a fractura do craneo, que obriga ao trepano?

He a que se faz das duas taboas do craneo, que penetra até ás meninjes, sobre as quaes ha entaõ sangue derramado, que he necessario tirar pela operaçaõ do trepano.

Como se conhece que as duas taboas do craneo estaõ quebradas?

Pelos olhos, e discurso.

Os olhos naõ bastaõ sómente, e naõ saõ mais certos que o discurso?

Sim: mas como as cousas se naõ vem sempre, muitas vezes he necessario o discurso, que suppre ao que os olhos naõ descobrem.

Quan-

Quando he que descobrem os olhos sómente a fractura?

Quando a ferida he bastantemente grande, e aberta para se deixar ver.

Quando he que suppre o discurso na falta dos olhos?

Quando a ferida he pequena, que o osso naõ está descoberto, e naõ apparecem mais que os accidentes.

Quaes saõ os accidentes, e sinaes da fractura do craneo?

Saõ os desmayos, e a falta de juizo, e vista, que succedem no tempo da pancada, ou queda, com vomitos biliosos, que se seguem dahi a pouco tempo: estes sinaes se chamaõ univocos; ha outros, que se chamaõ equivocos, que saõ para confirmar os primeiros, como a perda do sangue pelos narizes, olhos, e ouvidos, a vermelhidaõ dos olhos, a cabeça pezada, o rosto balofo; ao depois os arripiamentos de todo o corpo, a febre, os trasvarios, e convulsoẽs.

Será necessario que todos estes sinaes appareçaõ, para julgar da necessidade do trepano?

Naõ basta haver os sinaes univocos, para fazer a praça em cruz na parte da ferida, e descobrir o osso para ver a fractura, a qual he algumas vezes taõ delgada, que obriga a usar da tinta dos impressores, que se insinua, dentro na cisura, e dos pós de çapatos, mistos com oleo rosado, com os quaes se naõ póde tirar o vestigio, ou sinal negro, que penetra até o fundo, quando a fractura he completa: pelo contrario facilmente se tira quando a fractura he sómente superficial.

Que

Que tempo he neceſſario aos accidentes para apparecerem?

No veraõ apparecerem em trez, ou quatro dias, e o mais tarde no ſetteno; no inverno ſaõ mais tardonhos, e naõ apparecem algumas vezes ſenaõ no quatorzeno; mas no fim deſte termo ſe póde dizer que o trepano he muitas vezes ſem fructo.

Que ſe ha de fazer em huma occaſiaõ duvidoſa: applicar o trepano, ou abſter-ſe delle?

Neſte caſo he neceſſario conſultar a conſciencia, que nos deve ſervir de regra, e que quer que tratemos ſempre confórme o conhecimento que a Arte nos enſina; deſorte, que depois de haver ponderado os accidentes com todas as circumſtancias da ferida, ſe ſe naõ acha fundamento ſufficiente para a empreza da operaçaõ, he neceſſario deſiſtir della, e neſte caſo attender mais ao parecer dos outros Cirurgioẽs, do que ao ſeu proprio, para que naõ tenhaõ que lhe imputar de deſacerto.

O trepano applica-ſe ſobre as fracturas?

Naõ; mas ſim na ilharga ſobre huma parte firme.

Que ſe ha de fazer quando a fractura ſe ache ſobre huma ſotura, ou commiſſura?

He neceſſario fazer dobrado trepano, e applicá-lo á ilharga da ſotura, de huma parte, e da outra, por cauſa da derramaçaõ do ſangue, que póde ſucceder.

Qual he o methodo, que ſe deve obſervar na cura das feridas da cabeça, e nas fracturas do craneo?

Nas ſimplices feridas da cabeça he neceſſario ſómente uſar de *balſamos*, e por cima o *emplaſtro de betonica*.

Quando ha contuſaõ, ſeja no pericraneo, ou no

no craneo, he neceſſario entreter a ferida até depois da ſuppuraçaõ, ou exfoliaçaõ.

Quando naõ ha mais que inchaço ſem ferida, e ſem accidentes, he neceſſario reſolvê-lo logo com *geſſo em pó*, *ferrugem de chaminé*, *azeite*, *e vinho*, que ſe applicaõ entre dous pannos, ou com *ferrugem de chaminé*, *eſpirito de vinho*, *o oleo de hypericaõ*, em que ſe molhaõ almofadinhas, que ſe applicaõ com atadura.

As feridas com fractura pedem abſolutamente o trepano; em a qual ſe deve uſar do *oleo de trementina*, para deſtillar ſobre a membrana do cerebro; ou do *eſpirito de vinho miſturado com oleo de amendoas doces*, e naõ o oleo, ou xarope roſado; e fazer muito para provocar a ſuppuraçaõ exterior abundante.

He neceſſario antes, e depois da operaçaõ valerſe da ſangria, ſe ha febre, ou pletora, e ſobre tudo fazer que o doente tenha o ventre livre, dandolhe de dous em dous dias ajudas, e ordenar regimento exacto, e que eſteja izento de qualquer agitaçaõ do corpo, e do eſpirito, abſtendo-ſe de comer até o quatorzeno, prohibindo o acto venereo, que he mortal em eſte tempo, no decurſo de quarenta dias, contando do dia da operaçaõ, como o he tambem em todas as mais feridas conſideraveis.

CA-

CAPITULO IV.

Da caries, ou ulceraçaõ dos ossos, dos exostoses, e nodos.

QUe cousa he caries?

He a podridaõ da substancia do osso, ou chaga, e a gangrena do osso.

Como se faz a caries do osso?

Faz-se de causa interna, e externa: a causa interna he aquella, que foy primeiramente concebida dentro na substancia do osso; e a causa externa he aquella, que vem de huma chaga putrida nas carnes, a qual communicou sua malignidade até á substancia do osso, que apodreceo.

Como se conhece a caries que vem de causa interna?

Pelas dores profundas, e continuas, que precedem, e duraõ muito tempo sem diminuiçaõ; ao depois pela alteraçaõ das carnes, que cobrem o osso, as quaes se fazem molles, espongiosas, e lividas.

Como se conhece a caries, que vem de causa externa?

Pela qualidade do pûs, ou materia, que sahe da chaga, a qual he denegrida, oleosa, e fedorenta com extremo; e ainda pela tenta, que faz perceber a aspereza do osso, que está descoberto.

Que se ha de fazer quando se reconhece que esta caries procede de causa externa?

Applicaõ-se os *pós de lirio Florentino*, o qual he sufficiente quando a caries he superficial, mas sendo profunda, molhaõ-se fios em *oleo de goayaco*, que

que ſe pőem ſobre a fiſtula; ou ſe uſa da *agoa-ardente*, em a qual ſe haja infundido raiz de lirio Florentino, canéla, e cravos da India: em fim ſe applica o cauterio actual, que he o fogo.

Quando a caries procede de cauſa interna, que he neceſſario fazer?

He neceſſario abrir as carnes para dar ſahida á ſanies, que mana do oſſo cariado, para procurar ao depois a exfoliaçaõ; e ſe a chaga naõ tem ainda deſcoberto o oſſo ao exterior, ſe lhe deve applicar o trepano, e tratar entaõ a chaga, ou a caries como temos dito.

Que couſa he exoſtoſi?

He huma inchaçaõ n'o oſſo feita pelo depoſito de hum tumor infiltrado em ſua propria ſubſtancia.

Que couſa he nodos?

He huma eſpecie de tumor gomoſo, e vacillante, que ſe faz por hum depoſito de humor groſſeiro entre o oſſo, e o perioſtio.

Os exoſtoſes, e os nodos ſaõ por ventura tumores capazes de ſuppuraçaõ?

Sim; porque cauſaõ algumas vezes chagas, e gangrenas no oſſo, que he o que ſe chama caries, procedida de cauſa interna: com tudo muitas vezes ſe reſolvem com fricçoẽs de *unguento de azougue*, ou pela applicaçaõ dos *emplaſtros de tabaco, ou de Vigo quadruplicato mercurio*; por eſſa meſma razaõ tambem ſe ordenaõ interiormente os remedios diaphoreticos, e ſudorificos, com os purgantes convenientes.

CAPITULO V.

Dos cauterios, veſicatorios, ſedenhos, ſanguixugas, e da ſangria.

QUe couſa he veſicatorio?

Chama ſe veſicatorio tudo o que he capaz de fazer bolhas, ou bexigas na pelle; com tudo na Cirurgia ſe entende por veſicatorio hum medicamento preparado com as cantaridas, que depois de ſeccas, e reduzidas a pó ſe miſturaõ com trementina, fermento, emplaſtros &c.

Em que partes ſe applicaõ os veſicatorios, porque, e como?

Applicaõ-ſe por toda a parte, conforme a neceſſidade que ha de attrahir, e deſcarregar algumas partes: nas fluxoẽs ſobre os olhos, ou ſobre os dentes, ſe applicaõ no peſcoço, e nas fontes; na apoplexia atraz das orelhas &c.; obſervando ſempre de fazer esfregaçoẽs ſobre a parte aonde ſe haõ de applicar, para que ſe veja effeito mais prompto.

Quanto tempo ſe haõ de deixar applicados os veſicatorios?

Naõ he neceſſario mais que cinco, ou ſeis horas para fazer bolhas, ou bexigas; iſſo depende da delicadeza, mais, ou menos grande, da pelle; e quando as bolhas, ou bexigas apparecem, ſe eſpera dous, ou trez dias para as abrir, para dar tempo á natureza de criar nova cutis, que poupa a dôr que ſe ſentiria ſe a pelle eſtiveſſe expoſta ao ar.

Que couſa he cauterio?

He huma compoſiçaõ que ſe faz de varias couſas,

que

que corroe, queima, e faz efcara fobre a parte onde fe applica.

Quantas differenças ha de cauterios em geral?

Ha duas: actuaes, e potenciaes; os cauterios actuaes saõ os que fazem seu effeito logo, como fogo, ou ferro em braza; os potenciaes saõ os que tem o mesmo effeito, mas com o tempo, como saõ: os cauterios ordinarios compostos de medicamentos causticos.

Quaes saõ os mais seguros: os cauterios potenciaes, ou os cauterios actuaes?

He necessario fazer distincçaõ: na operaçaõ os cauterios actuaes saõ mais seguros, porque se applicaõ em qualquer parte, para o effeito que se requere, e com a brevidade que se póde desejar, o que se naõ póde esperar taõ facilmente dos potenciaes; mas nas hemorrhagias os cauterios potenciaes saõ mais seguros, porque a escara, que fazem, naõ sendo taõ repentina, fecha melhor os vasos, ou vêas, as quaes se naõ abrem ao cahir da escara, como fazem ordinariamente na cahida da escara pelo fogo.

Em que parte se applicaõ os cauterios?

Em toda a parte aonde se quer fazer attracçaõ, emendar a intemperança, ou parar o curso dos humores, fazendo escara na parte: com tudo as partes aonde ordinariamente se applicaõ, saõ na nuca entre a primeira, e segunda vertebra, na parte exterior do braço, em huma cova pequena que está entre o musculo de eltoides, e o biceps por cima da coxa entre o musculo costureiro, e o vasto interno, por dentro do joelho, por baixo das dobraduras da perna, observando sempre que o cauterio

ſeja poſto perto dos grandes vazos, para que puxe, e purgue mais humor.

Qual he a compoſiçaõ dos cauterios potenciaes?

Compõem-ſe com *cal viva*, *ſabaõ*, e *ferrugem de chaminé*, ou de outra ſorte:

Toma-ſe *huma onça de ſal armoniaco*, *duas onças de caparroſa romana queimada*, *trez onças de cal viva*, *e outro tanto de ſarro calcinado*; miſture-ſe tudo junto em *lixivia de cinzas de caſcas de favas*, que ſe faz evaporar a fogo lento até a conſiſtencia neceſſaria, e ſe guarda eſta maſſa para o uſo, conſervando-a em parte ſecca, em vidro tapado; ou de outra ſorte ſe prepara o cauterio de prata, ou pedra infernal do modo ſeguinte:

Recip. *De prata fina a quantidade que quizerem*, faça-ſe diſſolver *com trez tantos de eſpirito de nitro*, em hum vidro ſobre o fogo de arêa, para evaporar as duas terças partes da humidade, ao depois ſe lance a materia que fica em hum cadinho, e ſe ponha ſobre fogo lento, e feita a fervura ſe accreſcentará o fogo até que a materia ſe abaixa, e naõ ferve mais, e parece como azeite, entaõ ſe vaze logo em moldes, e ſe coalhará: eſte cauterio he melhor, e de huma onça de prata ſe tirará huma onça, e cinco oitavas de pedra infernal.

Que couſa he ſedenho?

O ſedenho he huma mecha de algodaõ, q̃ ſe enfia em huma agulha propria, com a qual ſe fura huma parte, de parte, a parte, para lhe fazer huma chaga, que faz quaſi o meſmo effeito que hum cauterio.

Que ſe ha de obſervar na applicaçaõ do ſedenho?

He neceſſario obſervar que a mecha eſteja embebida de *oleo roſado*, e fazer-lhe hum cabo mais com-

comprido do que o outro, para que o humor escorra.

Em que partes se applica o sedenho?

He ordinariamente na nuca, posto que se possa fazer em toda a parte onde for necessario; succede muitas vezes ser precizo uzar delles nas estocadas, e arcabuzadas que passaõ de parte a parte, entaõ a mecha ha de ser embebida em unguentos, ou medicamentos convenientes, e de cada vez que se tira o aparelho, se corta a parte que está embebida de pûs, ou materia, que lança fóra da chaga todas as vezes que se tira o aparelho.

Que cousa he ventosa?

He hum vazo de vidro, hum pouco mais largo no fundo que na entrada, o qual se applica sobre a pelle para lhe fazer attracçaõ. Ha duas castas de ventosas, humas seccas, e outras humidas: chamaõ-se ventosas seccas as que se applicaõ sem abrir a pelle: chamaõ-se humidas as que se applicaõ com escarificaçaõ.

Para que achaques se applicaõ as ventosas?

Applicaõ-se para todas as doenças, em as quaes se quer fazer attracçaõ; mas ordinariamente se usa dellas nas apoplexias, nos vapores uterinos, nas paralisias, e outras similhantes. As applicaçoẽs que se fazem saõ differentes; nas apoplexias se applicaõ sobre as espadoas, ou sobre a ponta do espinhaço: nos vapores da madre na parte de dentro das coxas: e nas paralisias sobre as mesmas partes paraliticas.

Que cousa he sanguixuga?

A sanguixuga he hum animal similhante a huma pequena lombriga que chupa o sangue; ordinariamente se applicaõ aos meninos, e ás pessoas fracas

para

para ter lugar de ſangria; tambem ſe applicaõ em partes carregadas de fluxoẽs para as deſcarregar, como nas hemorrhoidas demaſiadamente chêas, nas varizes, em differentes partes do roſto.

Que eſcolha ſe deve fazer das ſanguixugas?

Tomaráõ as que ſaõ por cima verdoengas, e tem o ventre vermelho, haõ de ſer peſcadas em agua clara, corrente, e no meyo dia, e ſe rejeitaráõ as que ſaõ negras, e cabelludas.

CAPITULO VI.

Da ſangria.

QUe couſa he ſangria?

He huma evacuaçaõ de ſangue procurada pela inciſaõ artificial de huma vêa com intenſaõ de dar ſaude.

Quaes ſaõ os vazos que ſe abrem na ſangria?

Saõ geralmente todas as vêas, e arterias do corpo; com tudo ha algumas que ſaõ deſtinadas principalmente a eſta operaçaõ, como a vêa preparata na teſta, as ranulas debaixo da lingua, as vêas, e arterias jugulares no peſcoço, as arterias temporaes nas fontes, as vêas cephalicas, mediana, e baſilica na parte de dentro do cotovello, a ſalvatella entre o dedo annullar, e o dedo minimo, apoplitica na curva da perna, a ſaphena ſobre a malleola interna, e a iſchiatica ſobre a externa.

Quaes ſaõ as condiçoẽs requiſitas para fazer bem a ſangria?

He de bem eſcolher a vêa, de a naõ picar ſem certeza de naõ fazer ſangria ſem neceſſidade, e ſem avizo

avizo do Medico, que deve ſaber o tempo idoneo, como o da intermiſſaõ nas febres intermitentes, o da freſquidaõ no veraõ, o do dia já mais tarde no inverno, e as ſangrias mais pequenas no veraõ, e mais grandes no inverno.

Quaes ſaõ os accidentes da ſangria?

Saõ o apoſtema, o thrombus, a echymoſe, o aneuriſma, a lypothymia, o deſmayo, ou fraqueza, e a convulſaõ.

Que couſa he thrombus?

He hum tumor de ſangue que vem á parte ſangrada por haver feito a abertura muito pequena, ou por havêla feita mais grande que a capacidade do vazo. Cura-ſe o thrombus applicando-lhe em cima *huma almofadinha molhada em agua fria*, entre as dobras da qual metteráõ *hum pouco de ſal*, que reſolve, e impede a ſuppuraçaõ.

Como ſe ſabe que ſe tem picado, ou aberto huma arteria ſangrando?

A picada da arteria cauſa o aneuriſma, e a abertura cauſa a perda de hum ſangue vermelho que ſahe em abundancia, e por eſguichos.

Os eſguichos que o ſangue faz ſahindo, ſaõ por ventura ſinaes certos que eſte ſangue vem de huma arteria?

Naõ: porque póde ſucceder que a baſilica achando-ſe deitada directamente ſobre a arteria, a pulſaçaõ faça ſahir o ſangue da baſilica ſaltando; e aſſim he neceſſario ajuntar eſtas trez circumſtancias, de côr vermelha, de abundancia, e de reſalto, para aſſegurar que o ſangue vem de huma arteria.

Como ſe conhece que ſe tem offendido o tendaõ ſangrando?

Quan-

Quando ſe faz a abertura na mediana, ſe ſe achou alguma reſiſtencia na ponta da lanceta, o doente ſentio grande dôr, e ſe vê que o tendaõ incha, e o braço tambem. O remedio para eſte accidente he, que depois de ter acabado a ſangria, ſe ha de applicar huma almofadinha molhada em *oxycrato*, fazer ligadura idonea, e pôr o braço ao peito: ſe ſuccede que a inflammaçaõ que ſobrevem, ſeja ſeguida de ſuppuraçaõ, he neceſſario entretêla com huma pequena mecha; ſe a ſuppuraçaõ he grande, ſe deve dilatar a chaga, e uſar de *oleo de gemmas de ovos, e agoa-ardente*, *ou de balſamo Arcei*, com hum bom diggeſtivo, pôr em cima *hum emplaſtro de cerato*, fazer a emborcaçaõ com *oleo roſado*, e molhar almofadinhas, ou pannos dobrados *em oxycrato, id eſt, agoa com vinagre*, para cobrir tudo.

Naõ ſe ha de temer de offender algum nervo na ſangria?

Naõ; porque eſtaõ demaſiadamente fundos para os poder tocar.

Debaixo de que vêa eſtá a arteria do braço?

Eſtá ordinariamente debaixo da baſilica.

Que ſe ha de fazer para evitar de picar a arteria ſangrando?

He neceſſario ſentilla no tacto antes de fazer a ligadura, e obſervar bem ſe eſtá profunda, ou na ſuperficie; porque ſe eſtiver profunda, naõ ha que temer; e ſe eſtiver na ſuperficie, ſe evita facilmente picando a vêa mais alto, ou mais baixo.

Que ſe ha de fazer quando a arteria eſtiver aberta?

Se eſtá bem aberta, he neceſſario deixar correr o ſangue até que a peſſoa caya em ſincope, e por eſte meyo ſe evita o aneuriſma, e ſe para o ſangue

com mais facilidade, fazendo huma ligadura boa com varias almofadinhas, na primeira das quaes se porá huma moeda de real e meyo, ou melhor, hum pouco de papel mastigado com as almofadinhas.

Se as arterias daõ tanto cuidado quando estaõ abertas por accidente, donde procede que se abrem de proposito as das fontes para mitigar as grandes dores de cabeça?

He porque nesta parte as arterias estaõ situadas sobre os ossos que as comprimem por detraz, o que facilita muito sua reuniaõ.

As arterias dos velhos saõ por ventura mais difficeis a unirem-se do que as dos rapazes?

Sim.

Ha que temer algum accidente nas sangrias do pé?

Ha muito menos do que no braço, porque as vêas das malleolas naõ saõ acompanhadas nem de arterias, nem de tendoẽs; donde procede o dizer-se que se naõ ha de dar o braço senaõ a hum Mestre para ser sangrado; mas que se póde dar o pé a hum Aprendiz.



TRATADO
DAS OPERAC,OẼS DA CIRURGIA.

CAPITULO I.
Da operaçaõ do Trepano.

ESta operaçaõ ſe faz quando ſe julga, pelos ſinaes que já temos dito, que ha materia derramada ſobre a duramater. Naõ ſe deve uſar do trepano ſobre os ſinus das ſobrancelhas, por cauſa de ſua cavidade; ſobre as ſoturas, por cauſa dos vazos que lhes paſſaõ; ſobre o oſſo das fontes ſem grande neceſſidade, principalmente ſobre a parte, que ſe ajunta com o oſſo parietal; ſobre o meyo do coronal, e do occipicial, por cauſa de huma eminencia interior, aonde ſe ata a duramater; nem ſobre a paſſagem dos ſinus lateraes, que eſtaõ ſituados na ilharga do occipicial.

Se a fractura he muito pequena, poder-ſe-ha applicar o trepano em cima; mas he melhor trepanar á ilharga da fractura para a parte inferior: naõ ſe deve applicar o trepano ſobre as covas; ſe os oſſos ſe deſataõ, naõ he neceſſario fazer outro trepano, ſenaõ tirá-los com o elevatorio.

Começar-ſe-ha logo pela inciſaõ, a qual ſe faz em cruz, ſe a ferida eſtá longe das ſoturas, e que naõ haja muſculos para cortar: na figura de hum

T,

T, ou 7, ſe faz a inciſaõ junto ás ſoturas; o pé do 7, ou do T, ha de ſer parallelo á ſotura, e o alto da letra deſcerá para a parte das fontes: tambem ſe faz no meyo da teſta. Se he ſufficiente fazer huma inciſaõ longitudinal na teſta, ſe ſeguiráõ as ſuas rugas, e a cicatriz ſerá menos deforme; nunca ſe lhe faz em cruz, nem ſe cortaõ os labios da ferida. Se ſe faz a inciſaõ ſobre o muſculo crotaphites, e ſobre os de detraz da cabeça, faz-ſe em fórma de V, cuja ponta ſe ha de achar para baixo dos muſculos: he ainda melhor fazer-lhe a inciſaõ longitudinal, porque ſe cortaõ menos fibras: he neceſſario começar as inciſoẽs pela parte inferior, para que o ſangue ſeja menos. Far-ſe-haõ as inciſoẽs com o verdugo, com preſteza, ſe naõ ha covas; ſe as ha, naõ ſe ha de carregar muito em cima. Eſtando feita a inciſaõ, ſe ſeparaõ os labios do craneo com os dedos, ou com algum inſtrumento idoneo. Se naõ ha accidentes, que apertem para ſe applicar o trepano, ſe dilatará até o dia ſeguinte, e encher ſe-ha a ferida de *fios*, *e mechas*, *hum emplaſtro*, *huma almofadinha*, e ſe fará o capacete para cobrir a cabeça, que enſinaremos depois da operaçaõ.

Começa-ſe pelo perforativo, para fazer hum pequeno furo para aſſegurar a pyramide, que eſtá dentro na coroa; depois diſto ſe applica a coroa, ſuſtem-ſe com a maõ eſquerda a arvore do trepano, com a outra maõ ſe dá volta baſtantemente de preſſa no principio. Quando o caminho da coroa eſtá feito, leva-ſe para tirar a pyramide, para que eſta naõ pique a duramater. Levanta-ſe de tempo em tempo a coroa, para limpar a ſerradura, que ſe lhe pegou; torna-ſe a pôr a coroa, e ſe torna a come-

çar a voltar á roda. Quando ſe percebe ſangue, he neceſſario ir de manſinho, para que a primeira taboa do pedacinho do oſſo, que ſe levanta, naõ largue a ſegunda. Quando ſe chega á duramater, he neceſſario ir de manſo, e tentear com huma penna ao redor do oſſo, para ver ſe ſe tem já chegado ao craneo. He neceſſario de tempo, e muitas vezes levantar o trepano para tentear o furo, para o alimpar, e porque ſe naõ eſquente. Todas as vezes que ſe levanta o trepano, ſe ha de tentear com huma penna, para ver ſe oſſo eſtá cortado igualmente; ſe naõ eſtá cortado igualmente, he neceſſario carregar mais hum pouco da parte que eſtá menos cortado. Se ſe quer uſar da legra, he neceſſario fazer hum furo logo no principio, em quanto o oſſo eſtá ainda firme. Quando a peça começa a bolir, ſe põem a legra de manſinho no ſeu furo, ſem opprimir o oſſo, para o tirar, ou ſe levanta com o inſtrumento chamado folha de murta. Quando ſe tem levantado a peça, ſe cortaõ as deſigualdades, ou eſquirolas, que ficáraõ em baixo do furo, com a faca lenticular. Se ha covas, ſe levantaõ com o levantador. Acalca-ſe hum pouco a duramater com o lenticular, para facilitar a ſahida do ſangue; faz-ſe baixar a cabeça ao doente, e tapar os narizes, e boca, e ſe lhe faz reter a reſpiraçaõ, para fazer ſahir as materias, ou ſangue, e ſe enxuga a duramater com mechas falſas. Se ſe percebe que haja pûs, ou materia debaixo da duramater, he neceſſario furá-la com huma lanceta, que ſe embrulha na falſa mecha, para que os circunſtantes naõ advirtaõ. Põem-ſe hum panninho molhado em hum medicamento entre a duramater, e o craneo, atado com hum

hum fio, para o tornar a tirar, e este tal panninho he a que propriamente chamaõ cendal: enche-se o buraco com fios molhados em medicamentos convenientes. Guarnece-se a ferida com lechinos, chumaços, hum emplastro, huma almofadinha com a coifa. He necessario tapar bem o orificio com chumaços, porque a duramater se inflamma ás vezes de tal sorte que sahe fóra. Se se geraõ excrescencias sobre a duramater, e que sayaõ, se tem a raiz miuda, se liga, e se corta; se he larga, he necessario comprimî-la com almofadinhas pequenas molhadas em remedios espirituosos.

He necessario ir mais de vagar, ou levemente, quando se trepanaõ os meninos, do que os adultos, porque seus ossos saõ mais tenros.

Naõ se usaráõ de medicamentos oleaginosos, mas sim de espirituosos: a exfoliaçaõ se faz ás vezes mais cedo, ás vezes mais tarde.

Faz-se o póro ordinariamente na abertura do craneo, em quarenta, ou cincoenta dias, se naõ succede algum accidente.

Nas grandes fracturas, aonde os ossos naõ tem mais colligaçaõ huns com outros, he necessario tirá-los.

Aparelho do trepano.

He huma coifa, ou barrete, que se faz com hum guardanapo grande, dobrado em duas dobras, mas de modo que a banda, que toca a cabeça, passe de quatro dedos áquella que a naõ toca; applica-se sobre a cabeça pelo meyo: hum servo, ou ajudante deve suster com a maõ o aparelho, as duas pontas superiores do guardanapo se haõ de suster debaixo

da

da barba, o Cirurgiaõ toma as duas pontas inferiores, e as puxa direito para as ilhargas, de maneira que os quatro dedos do guardanapo, que eraõ mayores, eſtejaõ levantados ſobre a teſta, encruzaõ-ſe as duas pontas do guardanapo detraz da cabeça, e ſe ataõ aonde findaõ com alfinetes, ſem fazer dobras que poſſaõ moleſtar; as pontas do guardanapo, que cahem ſobre as eſpadoas, ſe levantaõ ſobre a teſta á ilharga do angulo pequeno dos olhos; as duas pontas debaixo da barba ſe ataõ com alfinetes, ou dando-lhes nó.

CAPITULO II.

Da operaçaõ da fiſtula lacrimal.

ESta operaçaõ ſe faz quando ha huma chaga fiſtuloſa no angulo grande do olho. O doente põem-ſe em huma ſituaçaõ commoda; tapa-ſe-lhe o olho ſaõ, para que naõ veja os inſtrumentos; ſubjuga-ſe-lhe o olho com huma almofadinha, na qual ſe tem maõ com huma colher por cima: faz-ſe huma inciſaõ com a lanceta em fórma de meya lua ſobre o tumor, evitando de cortar as peſtanas, e a cartilagem pequena, que ſerve de roldana ao grande obliquo; e ſe o oſſo eſtá cariado, ſe lhe paſſa levemente hum cauterio actual: para iſſo ſe uſa de hum funil pequeno, pelo qual ſe introduz o cauterio ſobre o oſſo. Naõ he neceſſario furar o oſſo onguis, exfolia-ſe por cauſa de ſua delgadeza, e aſſim o furo ſe faz ſem furar.

Apa-

Aparelho, e atadura da fiſtula.

Enche-ſe a chaga de lechinos pequenos ſeccos, e em cima delles huma prancheta, por cima hum emplaſtro, e ſobre tudo huma almofadinha. A ligadura ſe faz com hum lenço, que ſe dobra em triangulo, cujas pontas ſe ataõ atraz da cabeça. Se as carnes creſcem muito abundantemente, ſe conſomem com a pedra infernal; e ſe he neceſſario dilatar a chaga para facilitar a exfoliaçaõ, far-ſe-ha *com pedacinhos de eſponja preparada com cera*, que ſe poraõ dentro. Ao depois ſe uſará de cauſticos para gaſtar as calloſidades, miſturados com remedios oleoſos, para lhe enfraquecer a acçaõ, tomando muito ſentido naõ offendaõ o olho. Se o oſſo eſtá cariado, ſe lhe porá *hum pouco de euforbio*, ou lechinos pequenos molhados em *tintura de myrrha, e azebre*: ao depois ſe curará a chaga como as mais.

CAPITULO III.

Da operaçaõ da cataracta.

ESta operaçaõ ſe faz quando dentro no olho ha hum pequeno corpo que ſe põem diante da menina, que impede entrar a luz. Poucas vezes ſe faz eſta operaçaõ na cataracta amarella, negra, ou chumbada. Faz-ſe ſim ás cataractas azues, verdes, côr de perola, ou de ferro bornido. Para ſaber ſe a cataracta eſtá em eſtado de ſer abatida, ſe faz esfregar o olho ao doente; ſe a cataracta fica immo-

immovel, he neceſſario abatê-la; ſe muda de lugar, eſperar que eſteja mais ſolida. A primavera, e outono, ſaõ os tempos mais convenientes para fazer eſta operaçaõ.

Para iſſo ſe manda aſſentar o doente com os olhos virados da banda da luz: depois de lhe haver tapado o olho ſaõ, o Cirurgiaõ ſe aſſentará em aſſento mais alto que o do doente, hum ajudante lhe terá maõ na cabeça. Far-ſe lhe-ha voltar o olho para a parte do nariz, e ſe ſujeitará o globo do olho com o *ſpeculum oculi*, que he hum ferrinho feito como huma colher furada no meyo, faz-ſe paſſar o olho por eſte buraco. O Cirurgiaõ toma huma agulha de aço redonda, ou chata, como melhor lhe parece, fura a conjunctina na ponta da cornea da banda do pequeno angulo do olho; puxa a agulha com deſtreza até ſobre o meyo da cataracta para cima, para a deſapegar com a ponta da agulha, e logo a puxa para baixo, e a detém algum tempo por baixo da menina com a agulha; ſe torna para cima, depois de a haver largado, he neceſſario baixá-la outra vez: a operaçaõ ſe conhece eſtar feita, quando a cataracta fica no lugar aonde foy abatida. Naõ ſe retira a agulha em quanto a cataracta naõ eſtá de todo abatida, e que naõ fique no lugar para onde a empurráraõ. Retirando-ſe a agulha, ſe abaixaõ as peſtanas comprimindo-as hum pouco ſobre o olho.

O aparelho, e atadura.

He cobrir ambos os olhos ao doente com atadura idonea, o qual eſtará na cama ſette, ou oito dias: pôr-ſe-ha ſobre o olho algum defenſivo para impedir a inflammaçaõ.

Mon-

Monsieur Dupré, Cirurgiaõ do Hospital em Pariz, e de muita distincçaõ pelas felices operaçoẽs que fez da cataracta, tem observado que do mesmo modo que se formavaõ em muito pouco tempo cataractas em huma perfeita madureza, succedia tambem frequentemente que as cataractas, que se cuidaõ saõ remontadas, naõ saõ as mesmas que foraõ abatidas, mas sim huma nova pellicula, que toma algumas vezes sua origem no alto da uvea, e que naõ he causada mais que por huma relaxaçaõ consideravel dos vazos excretorios, donde mana o humor aquoso, que filtrando-se permitte o correrem varias materias heterogenias, cujo accrescimo faz a nova cataracta.

Das outras operaçoẽs, que se fazem nos olhos.

Algumas vezes ha materia debaixo da cornea; para a tirar se sujeita o olho com o *speculum oculi*, e se faz huma pequena incisaõ com huma lanceta fina, e se comprime hum pouco o olho para fazer sahir a materia; se he muito espessa, se tirará chupando-a brandamente com hum canudinho, que terá no meyo hum vaõ a modo de frasquinho, aonde a materia cahirá chupando-a.

Vem algumas vezes hum pequeno tumor dentro no olho, faz-se ligadura na sua raiz com hum nó corrediço, para apertar de tempo em tempo o tumor, que cahirá. Se o tumor está sobre o meyo da menina, naõ se ha de fazer esta operaçaõ, porque a cicatriz impediria a vista. A's vezes se fórma no angulo grande do olho huma membrana hum pouco dura, que se chama Unha. Se este humor naõ

he adherente fenaõ ao angulo grande, he neceſſario cortá-la na ſua raiz ligando-a; iſto ſe faz com huma agulha enfiada, que ſe paſſa por baixo deſta membrana, e ao depois ſe liga.

Se as peſtanas eſtaõ pegadas huma na outra, tomar-ſe ha huma agulha curva ſem ponta, enfiada com linha, paſſar-ſe-ha eſta agulha por baixo das peſtanas, puxar-ſe-ha pelas pontas da linha para levantar as peſtanas, e ſe ſepararáõ com huma lanceta.

Se os cabellinhos das peſtanas picaõ o olho, he neceſſario arrancá-los hum a hum com pinſas.

Se ha tumores pequenos duros, e tranſparentes nas peſtanas, he neceſſario abrî-las, e fazer ſahir a materia.

CAPITULO IV.

Da operaçaõ do polypo.

ESta operaçaõ ſe faz quando ha excreſcencias de carnes nos narizes. Se os polypos, ou excreſcencias, ſaõ lividos, fétidos, duros, doloroſos, muito adherentes, naõ ſe lhes ha de tocar, eſtes ſaõ cancros. Se ſaõ esbranquiçados, vermelhos, pendentes, e ſem dôr, ſe fará a operaçaõ com pinſas; ha-ſe de pegar nelles o mais perto de ſua raiz que puder ſer; virar-ſe-haõ as pinſas de huma banda, e outra, para deſatar o polypo. Se o polypo deſce até á garganta, tirar-ſe-ha pela boca com pinſas curvas. Se depois da operaçaõ ſuccede huma hemorrhagia, parar-ſe-ha introduzindo dentro nos

nari-

narizes mechas molhadas em algum licor eſtiptico, ou ſiringando-lhes o meſmo licor.

CAPITULO V.

Da operaçaõ do labio leporino, ou beiço ſuperior rachado.

ESta operaçaõ ſe faz quando o beiço ſuperior eſtá de todo rachado. Se ha grande perda de ſubſtancia, ſe naõ fará a operaçaõ: naõ ſe faz aos velhos, nem aos ſcorbuticos; e poucas vezes ſe faz aos meninos, porque ſeu chorar perpetuo impede a reuniaõ. Se ſe lhes quer fazer eſta operaçaõ, he neceſſario impedî-los muito tempo de dormir, para que adormeçaõ depois da operaçaõ.

Para a fazer, ſe o beiço eſtá pegado á gingiva, he neceſſario deſapegá-lo com hum verdugo, ſem offender a gingiva. Corta-ſe-ha hum pouco dos labios leporinos com tiſouras para que ſe poſſaõ reunir; para iſſo ſe pega com pinſas nos ditos labios. O ajudante que tem maõ na cabeça do doente, lhe apertará as faces para diante, para conchegar os beiços. Paſſar-ſe-ha a agulha enfiada com linha encerada nos dous labios da ferida de fóra para dentro, a huma linha de diſtancia dos labios. He neceſſario tomar ſentido que os dous labios do beiço leporino, ou rachado, eſtejaõ bem iguaes, e ajuſtados; ha-ſe-de rodear a linha ao redor da agulha encruzando por cima.

Aparelho, e ligadura.

Lavar-ſe-haõ os beiços com vinho quente, cortar-ſe-ha a ponta das agulhas, pőem-ſe almofadinhas debaixo de ſeus cabos, pőem-ſe ſobre a chaga hum pequeno chumaço cuberto de balſamo, e entre o beiço, e a gingiva hum panninho molhado em algum licor deſſeccativo, porque o beiço ſe naõ pegue á gingiva, ſe foy neceſſario ſepará-lo. Pőem-ſe ſobre tudo hum emplaſtro glutinante ſuſtido com a ligadura unitiva, que he huma tira pequena furada no ſeu meyo: paſſa-ſe por detraz da cabeça, e ſe faz vir por diante; paſſa-ſe hum de ſeus cabos por ſua abertura, que ſe applica ſobre a ferida; paſſaõ-ſe as duas pontas da tira detraz da cabeça ſobre as meſmas voltas da tira aonde ſe ata: pőem-ſe hum numero de agulhas á proporçaõ que a ferida he comprida.

Trez dias depois ſe faz ſegunda cura, e neſta ſe naõ ha de deſenrolar mais que a metade da agulha do fio do meyo, ſe ha trez; para iſſo hum ajudante ha de empuxar hum pouco as faces para diante: ao oitavo dia ſe tirará a agulha do meyo, ſe he criança: com tudo ſe não hão de tirar as agulhas ſem ver os labios bem pegados; tambem ſe não deixaráõ muito tempo, porque os furos ſe não fechariaõ com facilidade.

CAPITULO VI.

Da operaçaõ da broncotomia.

ESta operação se faz quando a inflammação, que succede ao larinx, impede a respiração.

Abre-se a tracha arteria entre o terceiro, e quarto annel por cima do cricoides, ou no meyo da tracha arteria. Separando os musculos sternohioidianos, tomar-se-ha sentido de não cortar os nervos recurrentes, porque se perderia a voz; nem as glandulas tiroides. Abrir-se-ha entre hum e outro annel com huma lanceta estreita sugigada com huma tirinha, faz-se huma incisaõ transversal entre os anneis. Antes de retirar a lanceta se introduz huma pequena mecha canulada, forrada com fios, a qual mecha ha de ser na abertura curta, e chata, hum pouco curva no cabo, que se não introduzirá muito adiante, porque não cause tosse. A mecha terá dous anneis pequenos para se lhe atar fitas, que se enlearáõ ao redor do pescoço. Deixar-se-ha a mecha dentro na ferida, até que os accidentes tenhaõ cessado. Depois disto se tira, e se conchegaõ os labios com a ligadura unitiva, que descrevemos acima, e se cura a ferida.

CAPITULO VII.

Da operaçaõ da campaînha.

QUando a campaînha eſtá inchada de modo que impede a reſpiraçaõ, ou a de glutiçaõ, ou que eſtá gangrenada, ſe faz a extirpaçaõ. Abaixa-ſe a lingua com o *ſpeculum oris*, pega-ſe-lhe com pinſas, e ſe corta com tiſouras, ou ſe lhe faz ligadura, e ſe gargareja com licores adſtringentes.

CAPITULO VIII.

Da operaçaõ do cancro do peito.

NO principio do cancro não he mayor que huma ervilha; he hum pequeno tumor duro, denegrido, algumas vezes livido, e importuno por ſuas picadas. Quando eſtá no ſeu creſcimento, o tumor apparece duro, chumbado, e livido, cauſando huma dôr ſoffrivel no principio, e inſopportavel no augmento, e ſeu fedor he em extremo. Quando eſtá propinquo para ſe ulcerar, o calor he grande, e a pulſação picante; as vêas do redor eſtão inchadas, e cheyas de hum ſangue negro; eſtendem-ſe como pernas de caranguejos até que a morte ſobrevenha. Quando o cancro não he ulcerado, chama-ſe occulto, e cancro manifeſto quando he ulcerado.

Para remediar palliativamente ao cancro occulto, e para impedir de ſe ulcerar, ſe lhe applica a cataplaſma de cicuta feita recente. *Todas as eſpecies de chico-*

chicoria, *o cozimento de ſolanum*, *ou erva moura*; *os çumos deſtas plantas*, *o de eſcabioſa*, *de geranium*, *de herniaria*, *de tanchagem &c.* ſaõ muito bons no principio. Os *caranguejos do rio* pizados em almofariz de chumbo, e ſeu çumo batido em hum ſimilhante almofariz, he excellente remedio. As *materias fecaes humanas*, *ou a ourina* deſtillada, e applicada ſobre o cancro occulto, he muito bom remedio. O remedio ſeguinte he bom:

Recip. *Huma onça de chumbo queimado*, *duas onças de oleo roſado*; *ſeis oitavas de açafraõ*; bata-ſe tudo em almofariz, e com huma mão de chumbo quente, e ſe applique. A *amalgama do mercurio com o chumbo*, he muito bom.

Purgar-ſe-ha o doente com o *eleboro negro*, *e o mercurio doce*, *ou calamelanos*.

Tomar-ſe-ha interiormente *hum eſcropulo até meya oitava de pós de millepedes*, *ou bichos de conta*, que ſe dará a beber com *meya parte de olhos de caranguejos*; não ſe lhe deve por nenhum acontecimento applicar maturativos, nem emollientes, porque farião ulcerar o tumor.

Quando o cancro eſtá ulcerado, ſe uſa com bom ſucceſſo do *eſpirito de ferrugem de chaminé*: *o oleo de caranguejos do mar*, poſto quente na chaga he hum bom remedio. Em fim, ſe ſe quer arrancar o cancro, faremos do modo que ſe ſegue.

Deitar-ſe-ha a doente ſobre a cama, pegar-ſe-lhe-ha no braço da banda do cancro, que ſe levantará para cima, e para traz, para dar mais vulto ao tumor. Se paſſará huma agulha enfiada de fio bem forte na baſe do peito, ou mamma, cortar-ſe-ha o fio para tirar a agulha, com fio para ficar em fór-

ma

ma de cruz, e as pontas deftes fios fe ataõ huns juntos com outros, faz-fe huma aza para levantar o tumor, que fe ha de cortar ao redor com huma boa navalha bem affiada. Começa-fe a cortar na parte inferior, para findar nos vazos junto ao fovaco do braço, onde fe deixa hum pouco por cortar, para parar mais facilmente o fangue. Pŏem-fe fobre os vazos *hum botaõ de caparrofa*, *ou chumaços molhados com agoa eftiptica*, e fe comprimem com as mãos as bordas da mamma, para fazer fahir o fangue, e os humores; paffa-fe-lhe levemente por cima hum cauterio actual.

Aparelho.

Cobre-fe a chaga *com chumaços cubertos de pós adftringentes*, *hum emplaftro*, *huma almofada*. O guardanapo ao redor do peito, e o efcapulario para o fufter.

Em lugar de paffar linhas em cruz para fazer huma aza, com a qual fe tira a mamma, he melhor ter tenazes viradas pelos dous cabos em fórma de lua, de modo que os cabos das duas meyas luas paffem huma fobre a outra quando as tenazes eftaõ fechadas. Pega-fe, e fe tira a mamma com eftas tenazes, e fe corta de hum fó golpe com huma faca muito chata, curva, e bem affiada.

Não fe deve ufar de cauterio actual para parar a hemorrhagia, porque torna a começar, quando a efcara cahe.

Em quanto o tumor não eftá ulcerado, faz-fe huma incifaõ em cruz na pelle, fem entrar no corpo glandulofo; feparão-fe os quatro ligamentos das glan-

glandulas, abraça-ſe todo o tumor cancroſo com as tenazes, e ſe corta.

Se ha vazos inchados, ſe ligaráõ antes de cortar o tumor. Se o tumor eſtá adherente ás coſtellas, ordinariamente ſe não emprende a operaçaõ.

CAPITULO IX.

Da operaçaõ do empiema.

ESta operaçaõ ſe faz quando ſe julga que ha pûs, ou materia derramada no peito, que ſe conhece por hum pezo, que o doente ſente reſpirando, ſente chocallar a materia, quando ſe move de huma parte, ou da outra.

Se o tumor apparece por fóra, ſe abre o abſceſſo entre as coſtellas; mas ſe ſe naõ percebem eſtes ſinaes exteriores, o Cirurgiaõ eſcolherá a parte que melhor lhe parecer para fazer a abertura. Faz-ſe ſentar o doente ſobre a cama, e ſe ſuſtêm; faz-ſe a abertura entre a ſegunda, e terceira coſtella falſa, a quatro dedos do eſpinhaço, e do angulo inferior do omoplata; para a fazer ſe pega na pelle atraveſſada para a cortar ao comprido, o Cirurgiaõ tem maõ nella de huma banda, e o ajudante da outra: faz-ſe a inciſaõ com hum verdugo direito; ha de ter dous, ou trez dedos de comprido; corta-ſe atraveſſando as fibras do grande dorſal, para que eſtas naõ impidaõ a abertura. Põem-ſe o dedo moſtrador da maõ eſquerda dentro na inciſaõ, para apartar as fibras, e ſe cortaõ os muſculos intercoſtaes; he neceſſario conduzir o verdugo com o dedo para furar a pleura, porque naõ ſucceda ferir os bofes

que lhe estaõ algumas vezes pegados. Estando feita a abertura, se a materia corre bem, he necessario tiralla; mas senaõ corre bem, he necessario pôr o dedo mostrador dentro na chaga, para romper as adherencias dos bofes pegados na pleura.

Para fazer sahir a materia, he necessario fazer inclinar o doente; faz-se-lhe fechar a boca, e narizes, e se lhe manda fazer força como para assoprar: se he sangue, tirar-se-ha mais do que se fora materia; porque a sahida da materia enfraquece mais do que se fora sangue.

Quando se faz a incisaõ, he necessario cortar os musculos interiores ao travez para naõ descobrir o labio das costellas: a chaga naõ se fará taõ depressa fistulosa.

Se se julga que haja materia de ambas as bandas do peito, he necessario fazer-lhe a operaçaõ, porque se sabe que está separada em duas pelo mediastino: neste caso se naõ haõ de deixar as duas aberturas abertas juntamente, porque naõ desfalleça o doente.

Aparelho, e atadura.

Faz-se com huma mecha bem molhada em algum balsamo, será mollesinha sem ponta no cabo, para que naõ toque, ou moleste os bofes. Hum bom lechino de fios he melhor do que huma mecha de panno. He necessario atar huma linha á mecha, porque naõ caya dentro no peito. Póem-se chumaços na chaga, hum emplastro, e huma boa almofadinha sobre tudo. Segura-se este aparelho com hum guardanapo grande, que se ata ao redor do peito com alfinetes, e se sustêm com hum escapulario;

he

he huma tira larga de ſeis dedos, aberta pelo meyo, para lhe paſſar á cabeça, huma das pontas cahe para traz, e a outra parte para diante, e ſe ataõ ambas ao guardanapo. O doente ſe põem na cama meyo ſentado: ſe os bofes impedem a ſahida da materia, ſe uſa de huma mecha canulada, ao depois ſe cura a ferida.

CAPITULO X.

Da operaçaõ da paracenteſis do ventre inferior.

ESta operaçaõ ſe faz quando ha agoas dentro na capacidade do ventre entre as cuberturas. Eſta doença he manifeſta pelo grande tumor. Eſta operaçaõ ſe faz com o inſtrumento chamado o trocarte, que no Portuguez quer dizer furador, e aqui ſe entende pela agulha com que fura: os antigos a faziaõ com huma lanceta. Suſtem-ſe o doente ſentado na cama, ou em huma cadeira, para melhor correrem as agoas. Hum ajudante ha de apertar o ventre com as maõs das bandas para diante, para melhor formar hum tumor no ventre. Fura-ſe o ventre trez, ou quatro dedos abaixo do embigo, e ſe faz a picada para huma banda, para evitar a linha branca. Antes de picar he bom levantar hum pouco a pelle. O furador he acompanhado de ſua canula, a qual fica no ventre depois da picada. Tira-ſe o furador para deixar ſahir a agoa, e ſe tira conforme as forças do doente. O furador, ou trocarte faz huma pequena abertura, que ſe naõ deve temer que as agoas poſſaõ ſahir, o que póde ſucceder quando ſe uſa da lanceta, porque he neceſſario huma canula mais

grossa. Quando se faz nova picada, far-se-ha por baixo da primeira. Se as agoas fazem sahir o embigo para fóra, far-se-lhe-ha a picadura no mesmo embigo.

Aparelho, e ligadura.

Faz-se com huma almofada em quatro dobras, que se sustêm com hum guardanapo dobrado em trez, ou quatro dobras. Sustêm-se o guardanapo com o escapulario.

A operaçaõ do paracentesis do escroto.

Esta operaçaõ se faz quando a bolsa se acha cheya de agoa. Faz-se estar o doente em pé, ou assentado, pega-se na bolsa com huma maõ, aperta-se hum pouco para lhe fazer formar hum tumor duro, em o qual se pica com o trocarte, ou agulha de Hernia, como no paracentesis do ventre. Aos hidrocelos dos meninos póde-se fazer a picada com a lanceta para se tirar a agoa por huma vez; mas nos homens, quando as agoas saõ muitas, he melhor fazê-la com trocarte. He necessario desviar os testiculos, porque naõ os firaõ a ponta do instrumento. Se se julgar que a agoa esteja encerrada em alguma membrana, he necessario consumir a membrana, em a qual a agoa he conteúda, com causticos.

Para o fazer se applica o caustico sobre a parte onde se quer fazer a incisaõ, abre-se ao depois a escara com a lanceta.

Quando se faz a picada, ha de ser na parte superior do escroto, que he menos dolorosa que a inferior, e menos sujeita a inflammaçaõ.

CA-

CAPITULO XI.

Da operaçaõ da gaſtroraphia.

ESta operaçaõ ſe faz quando ha huma ferida no ventre baſtantemente grande para deixar ſahir os inteſtinos. Se ha huma grande ferida no inteſtino, ſe lhe fará a coſtura de peliteiro, que já enſinamos como ſe faz. Se o zirbo eſtá mortificado, cortar-ſe-ha o que eſtá alterado; para iſſo ſe toma huma agulha enfiada com linha encerada, paſſa-ſe na parte ſaã atraveſſando o zirbo ſem picar os vazos; liga-ſe o zirbo de ambas as bandas com cada hum dos fios dobrados já paſſados. Corta-ſe huma pollegada por baixo da ligadura: as linhas ſahiráõ pela ferida, para as tirar depois da ſuppuraçaõ. Haõ-ſe de repôr os inteſtinos no ventre, mettendo-os alternativamente com a ponta dos dedos. Se houver difficuldade para os metter, ſe lhes faraõ fomentaçoẽs eſpirituoſas com *hum punhado de flor de macella*, e *de coroa de Rey*, *huma onça de erva doce*, *com outro tanto de ſemente de funcho*, e *cominhos*, *meya onça de cravo da India*, e *noz moſcada*; coza-ſe tudo em leite, e ſe lhe ajunte *huma onça de eſpirito de vinho alcanforado*, *duas oitavas de açucar de chumbo*, *com dous eſcropulos de oleo de erva doce*; e ſe chapejem os inteſtinos com eſta fomentaçaõ quente; ou ſe applicaráõ ſobre os inteſtinos animaes vivos, e abertos; ou ſe cozerá *linho crû em leite*, e ſe fomentaráõ os inteſtinos com eſte cozimento quente.

Antes que ſe faça a coſtura dos inteſtinos, ſe haõ de

de fomentar com o *efpirito de vinho*, em o qual fe terá diffolvido *hum pouco de alcanfor*; mas fe os inteftinos eftaõ mortificados, naõ fe cozeráõ, fomentar-fe-haõ com licores efpirituofos. Naõ fe dará ajuda ao doente por naõ inchar o inteftino; mas fe introduzirá hum fuppofitorio, ou fe lhe dará alguma tizana laxativa, fe he neceffario defpejar-lhe o ventre. O doente comerá pouco em quanto naõ eftiver curado de todo, fuftentar-fe-ha de geleas, e caldos fortes. Se fe naõ pódem repôr os inteftinos, dilatar-fe-ha a ferida defviando-fe da linha branca, e para baixo antes do que para cima, fe ella he fuperior. Para dilatar fe arredaõ os inteftinos para a banda, ou ilharga da ferida, e fe põem por cima huma almofada molhada *em vinho quente*, manda-fe ter maõ por alguem. Introduz-fe huma tenta cava dentro no ventre; e fe toma fentido de não entalar o inteftino entre a tenta, e o peritoneo, affegura-fe puxando hum pouco o inteftino, toma-fe a tenta na mão efquerda para introduzir huma faca curva pequena, dentro com fua canula, e fe corta a cobertura igualmente por fóra, e por dentro. Empurraõ-fe os inteftinos dentro na ferida com os dedos indices, empuxando-os alternativamente dentro na ferida.

A coftura ferá a entrecortada; faz-fe com duas agulhas curvas enfiadas em cada cabo da mefma linha. Mette-fe o dedo moftrador da maõ efquerda dentro no ventre para reter o peritoneo, os mufculos, e a pelle no labio da ferida. Paffa-fe a agulha dentro ao ventre com a outra mão, cuja ponta fe conduz com o dedo moftrador, e fe furará baftante adiante; paffa-fe a outra agulha no outro labio da ferida

ferida por dentro do ventre, obſervando o meſmo que na primeira, e ſem retirar os dedos do ventre: hum ajudante chega aos labios da ferida, e ſe daõ os nós. Curar-ſe-ha a ferida, e ſe ſubjugará o aparelho com o guardanapo, e o eſcapulario. O doente ſe deitará ſobre o ventre os primeiros dias para cicatrizar a ferida do ventre, ou dos inteſtinos.

Se o inteſtino eſtava inteiramente cortado, ſeria neceſſario cozê lo ao redor da ferida de maneira que ficaſſe ſempre aberto; ſe o doente eſcapa, lançaria os eſcrementos por eſſa ferida: ha hum exemplo de hum ſoldado no Hoſpital dos Invalidos, ou incuraveis em Pariz, que viveo muitos annos neſſe eſtado.

CAPITULO XII.

Da operaçaõ da exomphale.

ESta operaçaõ ſe faz quando os inteſtinos tem feito huma hernia dentro no embigo. Deita-ſe o doente de coſtas, faz-ſe huma inciſaõ ſobre o tumor até chegar á gordura, puxando pela pelle, ſe póde ſer; ſe naõ, far-ſe-ha até á gordura ſobre o tumor ſem a puxar.

Raſgaõ ſe depois as membranas com hum inſtrumento chamado deſcalçador, para deſcobrir o peritoneo, e ter cuidado de não cortar o inteſtino.

Quando ſe percebe o peritoneo, ſe puxa para cima com as unhas, para lhe fazer huma pequena abertura com algum inſtrumento, que corte. Pôr-ſe-ha o dedo moſtrador da maõ eſquerda no ventre, para conduzir as pontas das tiſouras, com as quaes

ſe alargará a inciſaõ. Repôr-ſe-ha o inteſtino no ventre, e ſe o zirbo eſtá pegado ao tumor, ſe deſatará: ſe os inteſtinos eſtão atados ao zirbo, he neceſſario ſeparallos cortando hum pouco do zirbo antes, do que tocar no inteſtino. O inteſtino eſtando reduzido, hum ajudante comprimirá o ventre para os labios da ferida; ſe ſe acha huma maſſa de carne no zirbo, que commummente ſe fórma pela adherencia delle com os muſculos, e o peritoneo, ſe deſatará toda eſſa maſſa carnoſa, e depois ſe lhe faz huma ligadura para a arrancar com huma parte do zirbo, como temos feito na gaſtroraphia. Ao depois ſe fará a coſtura da gaſtroraphia, e ſe curará a ferida: obſervar-ſe haõ as meſmas precauçoẽs que temos notado na gaſtroraphia. O aparelho ſerá ſuſtido com o guardanapo, e o eſcapulario.

CAPITULO XIII.

Da operaçaõ da bubonocella, e da hernia completa.

QUando os inteſtinos eſtaõ cahidos na virilha, ou dentro no eſcroto, ſe faz a operaçaõ chamada bubonocella; para iſſo ſe deite o doente de coſtas, as nadegas hum pouco altas: raſga-ſe a pelle em travez ſobre o tumor, o Cirurgiaõ tem maõ na pelle por huma banda, e hum ajudante da outra; faz huma inciſaõ ſeguindo a dobra da virilha: quando a gordura eſtá deſcoberta, raſga-ſe com hum deſcalçador, ou com as unhas, tudo o que ſe acha até que pareça o inteſtino, que ſe ha de puxar hum pouco, para ver ſe não eſtá atado aos an-

neis

neis dos muſculos. He neceſſario brandamente manear o inteſtino para diſſolver os excrementos; e podendo ſer, repôr os inteſtinos dentro no ventre com os dous dedos moſtradores, empurrando-os alternativamente; ſe ſe não pódem reduzir, dilatar-ſe-ha a ferida para cima, introduzindo huma tenta canulada no ventre, para correrem as tiſouras por dentro de ſua roſca. Se a tenta naõ póde entrar, puxar-ſe-ha hum pouco o inteſtino, pondo o dedo em cima perto do annel, e ſe fará huma pequena eſcarificaçaõ no annel com hum verdugo, que ſe conduzirá com o dedo para introduzir a tenta, ſobre a qual ſe encaminhará huma faca pequena, e curva, para cortar o annel, *id eſt*, para dilatar a ferida por dentro: naõ he neceſſario ir muito por diante, por naõ cortar algum ramo das arterias: ao depois ſe repõem as partes no ventre. Se o zirbo tiveſſe cauſado a hernia, ſeria neceſſario ligar, e cortar o que ſe achaſſe alterado; eſcarificar-ſe-ha o annel por dentro para fazer melhor cicatriz.

O aparelho, e ligadura.

Far-ſe-ha huma mecha de panno molle, e naõ muito apertada, baſtante groſſa, e comprida, para impedir que os inteſtinos por ſua expulſaçaõ naõ tornem a entrar entre os anneis, e ha de ſer atada a hum fio, para puxar outra vez para fóra: pôr-ſe-haõ na ferida chumaços molhados em hum bom diggeſtivo, como a trementina com gemma de ovo, hum emplaſtro, e huma almofada de figura triangular, e ſe fará a ligadura ſpica; faz-ſe como aquella, que temos enſinado para a fractura da clavicula.

Da hernia completa.

Esta se faz quando os intestinos cahem até dentro no escroto aos homens, e ás mulheres até abaixo dos labios da madre. Para se fazer esta operaçaõ se deite o doente de costas como na bubonocella, e se faz até dentro no escroto; rasgaõ se as membranas até o intestino, e se examina se estas estaõ pegadas ao testiculo; se for o zirbo, desatar-se-ha, e delle se deixará huma pequena porçaõ no testiculo; mas se for o intestino, e que se naõ possa separar sem offender hum, ou outro, he melhor livrar o intestino, do que o testiculo. Cortar-se-ha o zirbo até a parte saã, se está alterado. Enche-se a ferida de lechinos, e pranchetas de fios, e a ligadura como na bubonocella.

CAPITULO XIV.

Da operaçaõ da castraçaõ.

A Mortificaçaõ, ou a sarcocella dos testiculos dá occasiaõ a esta operaçaõ. Para se fazer se deite o doente de costas, as nadegas mais altas que a cabeça, faz-se-lhe abrir, e suster as pernas, abre-se a pelle do escroto, a qual hum ajudante tem maõ de huma banda, e o Cirurgiaõ da outra; faz-se-lhe huma incisaõ longitudinal, que he de cima para baixo, desata-se a carnosidade da tunica dortos, que reveste o testiculo, ligaõ-se os vazos entre os anneis, e o tumor, e se cortaõ hum dedo mais abaixo da ligadura; naõ se haõ de ligar muito fortemente

mente os vazos efpermaticos, a refpeito da convulfaõ, deixa-fe fahir huma ponta do fio fóra da ferida. Se a excrefcença de carne eftá pegada ao tefticulo, e que fe finta movediça, he neceffario desfatalla com deftreza, deixando huma pequena porçaõ deffa carne no tefticulo. Se appareceffem vazos confideraveis no tumor, feria neceffario fazer-lhes ligadura antes de o cortar.

O aparelho, e ligadura.

Faz-fe com lechinos, e pranchetas de fios, dos quaes fe enche o efcroto. A ligadura ferá o fufpenforio do efcroto, chama-fe a algibeira; he huma ligadura de quatro pontas, as fuperiores fervem de cinta, e as inferiores paffaõ por entre as coxas, e fe ataõ por detraz na cintura.

Ha outra ligadura do efcroto, de quatro pontas, as fuperiores fervem de cinta, he rafgada por baixo, e naõ fe lhe faz coftura; as pontas inferiores encruzaõ humas em cima das outras, para paffar por entre as coxas, e ir atar á cintura: huma, e outra faõ furadas para deixar fahir o membro viril.

CAPITULO XV.

Da operaçaõ da pedra na uretera.

SE a pedra eftiver parada no efphincter da bexiga, empurrar-fe-ha com a tenta; fe eftiver na ponta da glande, fe ha de apertar para fazella fahir. Se naõ póde fahir, fe ha de fazer huma pequena incifaõ na abertura da glande.

Se a pedra eſtá longe da glande, far-ſe-ha huma inciſaõ na uretera. Para iſſo ſe puxará a pelle para cima, pegar-ſe-ha no membro com os dous dedos, e ſe fará huma inciſaõ ao comprido na ilharga do membro ſobre a pedra, a qual ſe aperta com os dedos para fazella ſahir, ou ſe tira com hum inſtrumento chamado Curete. Se a inciſaõ for muito pequena, baſtará deixar fechar a pelle, que ſarará per ſi; mas ſe for muito grande, ſerá neceſſario metter dentro na uretera huma pequena canula de chumbo para que a cicatriz naõ feche a uretera; he neceſſario untar a canula com algum deſſeccativo, e curar a ferida com balſamo: far-ſe ha depois hum ſaquinho, ou bainha de panno, em a qual ſe porá o membro, para ſuſter o aparelho; que ſerá furado no cabo para ourinar, e terá no outro cabo duas ataduras, para ſe atar á roda da cintura.

CAPITULO XVI.

Da operaçaõ da pedra na bexiga.

ESta operaçaõ ſe faz quando ſe eſtá bem certo que eſtá pedra dentro na bexiga: para ſe ſaber a certeza, ſe introduz o dedo dentro no anus, chegando-o perto do pubis; ſente-ſe algumas vezes a pedra, ſe ha alguma. Põem-ſe o dedo dentro na vagina das mulheres, e ás donzellas no anus; mas melhor he uſar da tenta, que ſe ha de untar com algum unto: para iſſo o doente ſe deitará de coſtas, tem-ſe o membro levantado com a glande deſcuberta entre o dedo pollegar, e o moſtrador. Tem-ſe a tenta na maõ direita da banda dos anneis, e ſe introduz

troduz dentro no membro; quando tem entrado, vira-ſe o cabo para a parte do pubis, puxando hum pouco o membro, para que o cano da uretera fique direito. Se ſe perceber que a tenta naõ eſtá dentro na bexiga, ſe ponha o dedo no anus, para a conduzir dentro á bexiga.

Para ſaber ſe ha pedra na bexiga, ſe bole devagar com a tenta para huma banda, e para á outra dentro na bexiga, e ſentindo-ſe algum tumor, ſerá certo que tem alguma pedra. Se ſe julgar que a pedra nadaſſe dentro na bexiga, o que impediria ſentir-ſe a pedra, ſerá neceſſario fazer ourinar o doente com a tenta acanulada.

Outro modo de tentear. Levantar-ſe-ha o membro para cima, inclinando o hum pouco para a banba do ventre; virar-ſe-haõ os anneis da tenta ſobre o ventre, e o bico para a banda do anus, depois ſe introduzirá a tenta, bolindo, com ella para ver ſe ſe ſente alguma pedra.

Para fazer a operaçaõ, pôr-ſe-ha o doente ſobre huma meza de altura conveniente, para que o Cirurgiaõ poſſa obrar em pé. O doente eſtará de coſtas, encoſtado nas coſtas de hum tamborete virado, guarnecido de roupa, ou almofada, para que ſe naõ moleſte; terá as pernas afaſtadas, e os pés ſobre a borba da meſa; eſtará hum homem em cima da meſa detraz do doente para lhe pegar pelas eſpadoas; os braços ſeraõ atados com as pernas com ligaduras, ou cordas; dous ajudantes lhe affaſtaraõ as pernas. Se introduzirá huma tenta acanulada: hum ajudante em cima da meſa na ilharga do tamborete, terá entre ſeus dedos indices a parte de cima da tenta, no lugar do perineo, onde ſe deve

fazer

fazer a incisaõ, que se fará entre os dous dedos, com o verdugo, ou canivete curvado, que corte de ambas as bandas; a abertura será de trez, ou quatro dedos na parte esquerda da costura do meyo: naõ se deve fazer mais que de dous dedos aos meninos. Se a abertura estiver muito pequena para dar passagem á pedra, seria melhor fazella mayor, do que usar de dilatadores. Quando a parte convexa, onde está o canulado da tenta, estiver bem descuberta, metter-se-haõ pelo acanulado da tenta, conductores, entre os quaes se conduzem humas tenazes pequenas, tendo primeiro arredado á tenta. Alguns usaõ do instrumento chamado em Francez, Gorgeret, que he o mesmo que tenaz, conduzindo seu bico dentro no vacuo da tenta. Tira-se a tenta para introduzir melhor a tenaz na bexiga: tanto que estaõ dentro, tirar-se-haõ os conductores, ou tenaz. Busca-se a pedra, e bem preza, puxa-se fóra da bexiga. Se a pedra for comprida, e naõ possa sahir atravessada, se largará outra vez para lhe pegar por hum cabo. As pedras saõ ás vezes taõ grossas, que nos vemos obrigados de as deixar na bexiga.

Se a pedra estiver taõ adherente, ou pegada na bexiga, naõ faremos a extracçaõ; póde ser que se desataria na suppuraçaõ. Depois da extracçaõ da pedra, se introduzirá na bexiga huma colherinha, ou algalia, para tirar os fragmentos, as arêas, e os grumos de sangue. Depois da operaçaõ levaráõ o doente para a cama, tendo primeiro cuberta a ferida com huma almofada. Se houver hemorrhagia, parar-se-ha o sangue com adstringentes. He necessario pôr huma mecha dentro na ferida, quando se pre-

presume que ainda está alguma pedra, ou arêas na bexiga. Mas se se presumir que naõ ha mais, curar-se-ha a ferida com fios, com emplastro, e huma almofada de figura conveniente á parte; tem-se maõ no aparelho com hum escapulario, ou de outra sorte usaremos do T grande, de que temos dado explicaçaõ em outra parte. Manda-se chegar as pernas huma á outra ao doente, que se haõ de atar ambas com ligadura, para que se naõ alarguem. Esta operaçaõ ás mulheres se faz com o pequeno aparelho, mettendo o dedo indice, e o do meyo dentro na vagina, ou dentro no intestino recto ás donzellas pequenas, para attrahir a pedra ao collo da bexiga, e para a sujeitar, e se tira a pedra com hum gancho. Tambem se faz esta operaçaõ ás mulheres, quasi como aos homens. Depois de situada a doente como os homens, se introduz dentro na uretera conductores, ou tentas acanuladas, entre os quaes se faz entrar a tenaz com a qual se tira a pedra: se está muito grossa far-se-ha huma pequena incisaõ a hum, e outro lado da uretera. O pequeno aparelho se fazia outras vezes aos homens, pondo o dedo no anus, para chegar a pedra ao perineo; fazia-se huma incisaõ sobre a pedra na ilharga da costura do meyo, e a tiravaõ com hum gancho.

CAPITULO XVII.

Da operaçaõ da ponçaõ, ou abertura do perineo.

ESta operaçaõ se faz em huma suppressaõ de ourina, adonde a inflammaçaõ he taõ grande que se naõ póde introduzir a tenta. Faz-se huma incisaõ com o postemeiro, ou com a lanceta na mesma parte, que se faz a lithotomia; mette-se huma canula até dentro da bexiga, até que a inflammaçaõ tenha passado.

CAPITULO XVIII.

Da operaçaõ da fistula no anus.

AS fistulas saõ chagas callosas. Se a fistula está aberta por fóra, mande-se deitar o doente sobre o ventre na ilharga da cama, com as pernas afastadas, e o Cirurgiaõ fará huma pequena incisaõ com o postemeiro no orificio da fistula, para lhe introduzir hum canivete curvado pequeno, e delgado, no cabo do qual está huma ponta aguda, e huma pequena chapa de prata que o cobre, para que entre sem causar dôr. Introduzir-se-ha este instrumento dentro na fistula, tendo o dedo indice da maõ esquerda dentro no anus, tirar-se-ha a chapa; ter-se-ha o cabo do canivete curvado, de huma maõ, e da outra o do canivete direito de ponta aguda, que fura o anus: puxa-se o instrumento para cortar a fistula de pancada.

Se

Se a fistula se abre dentro do intestino, se fará huma incisaõ por fóra sobre o fundo da fistula para abrir, no lugar onde ordinariamente apparece hum pequeno tumor, ou inflammaçaõ, ou na parte onde o doente sente dôr quando se lhe toca. Se o tumor está afastado do anus, poder-se-ha abrir com o caustico potencial, para naõ causar tanta dôr. Depois de aberto o fundo do sacco, se lhe passa o instrumento referido, cortaõ-se de pancada as carnes. Se a fistula estiver profunda dentro no anus, naõ se ha de cortar todo o esphincter, porque se naõ poderiaõ reter os excrementos.

Depois de aberta a fistula abrir-se-haõ todas as durezas que se lhe acharem com as tisouras. Encher-se-ha a chaga com grossos lechinos, molhados em alguns anodinos, chumaços, emplastros, huma almofada triangular; tudo será sustido pela atadura chamada T.

CAPITULO XIX.

Da sotura, ou costura dos tendoẽs.

Esta operaçaõ se faz quando os tendoẽs estaõ cortados, e que saõ bastante grossos; se a ferida estiver curada, o Cirurgiaõ a tornará a abrir para descobrir o tendaõ: far-se-ha dobrar a parte para conchegar os cabos do tendaõ: toma-se huma agulha chata, direita, e delgada, com huma linha dobrada enfiada, encerada; passa-se pelo meyo de huma almofadinha, feito hum nó na linha: passar-se-ha a agulha no tendaõ de fóra para dentro, bastante adiante, porque o fio naõ rasgue: passar-

ſe-ha a agulha por baixo do outro cabo do tendaõ, ſobre o qual ſe metterá huma almofadinha pequena, para dar nó por cima do outro, fazendo dobrar a parte. Cura-ſe a ferida com algum balſamo: nunca poremos unguentos ſobre tendoẽs, porque os corrompe; e ſó ſe lhes deve pôr medicamentos eſpirituoſos. He neceſſario curvar a parte, porque eſtendendo-ſe ſe ſepáraõ os tendoẽs.

CAPITULO XX.

Da operaçaõ ceſarea.

QUando huma mulher naõ póde parir pelas vias ordinarias, algumas vezes ſe tem feito eſta operaçaõ. Deitar-ſe-ha a mulher de coſtas: far-ſe-ha huma inciſaõ longitudinal por baixo do embigo de huma ilharga da linha alba, até que ſe perceba a madre, abrir-ſe-ha com cautella, de naõ ferir o menino: logo ſe abriráõ as membranas, com que eſtá empellicado; deſatar-ſe-haõ as pareas da madre, e ſe tirará o menino; lavar-ſe-ha a ferida com vinho quente, e ſe fará a gaſtroraphia ao ventre, ſem cozer a madre. Depois da operaçaõ far-ſe-haõ injecçoẽs dentro á madre, para fazer ſahir o ſangue, e ſe introduzirá dentro no collo hum paſſario furado.

CAPITULO XXI.

Da operaçaõ da amputaçaõ, ou cortar pernas &c. com ſeu aparelho, e ligadura.

A Perna corta ſe por baixo do joelho: a coxa corta-ſe o mais chegado ao joelho que póde ſer. O braço corta-ſe o mais chegado ao punho que for poſſivel. Nunca ſe corta aos artigos, ou junturas, ſalvo for os dedos de maõs, ou pés.

Para cortar a perna ſe manda aſſentar o doente ſobre a ilharga da cama, ou em huma cadeira: dous miniſtros pegaõ nelle; hum ajudante lhe pega na perna, e outro puxará a pelle para cima do joelho, para que as carnes poſſaõ cobrir o oſſo depois da operaçaõ. Põem-ſe huma almofada baſtante eſpeſſa abaixo do joelho, ſobre a qual ſe haõ de fazer duas ligaduras; a primeira por cima do joelho, para parar o ſangue, apertando-a com o apertador; a ſegunda por baixo do joelho, para que as carnes fiquem mais firmes, e ſeguras ao cortar da faca. Antes de apertar a ligadura com o apertador, pôr-ſe-ha hum pouco de papelaõ, para naõ moleſtar a pelle. Eſtando a perna bem firme ſe porá o Cirurgiaõ entre as pernas do doente, para fazer a inciſaõ com a faca curvada, virando circularmente até o oſſo, tendo huma maõ ſobre as coſtas da faca: logo ſe deve raſpar o perioſtio com o verdugo, ou canivete curvado, e depois ſe cortaõ as carnes, e vazos que eſtaõ entre os dous oſſos. Eſtando as carnes cortadas, ſe applicará por cima huma ligadura rachada, encruzados ſeus cabos, para puxar as car-

nes para cima, para se cortar os ossos mais adiante, e que as carnes os possaõ cobrir depois da operaçaõ, e tambem para facilitar a passagem da serra. O Cirurgiaõ tomará a perna com a maõ esquerda, e com a direita serrará ambos os ossos juntos em hum mesmo tempo, começando pelo peroneo, e acabando pela tibia; he necessario inclinar a serra, e serrar muito de manso no principio, para fazer caminho á serra, depois ir-se ha mais depressa. Estando a perna cortada, se desata a ligadura que está debaixo do joelho, desanda-se hum pouco o apertador da ligadura de cima, para deixar correr algum sangue, e para ver mais facilmente os vazos. Torna-se a apertar a ligadura com o apertador pequeno, para parar o sangue; alguns o paraõ com huns graõs de caparrosa applicados sobre a abertura das vêas, com pós adstringentes em quantidade sobre algodaõ, ou estopadas, que se applica de sorte que cobre todo o córte. Usando deste modo, he necessario que alguem tenha maõ no aparelho vinte e quatro horas, tendo sempre a maõ sobre o aparelho: este costume se usa no Hospital de Pariz.

Outros fazem as ligaduras nos vazos, tomaõ os cabos dos vazos com as pinsas, ou outros instrumentos chamados em Francez, *Valetapatin*; manda-se pegar nas pinsas por hum ajudante, passa-se huma agulha com fio encerado nas carnes por baixo do vazo, torna-se a passar outra vez, e com os dous cabos da linha far-se-ha huma boa ligadura sobre o vazo: tirar-se-ha o apertador, e a ligadura, dobra-se hum pouco o joelho, abaixaõ-se as carnes para tornar a cobrir o osso.

Apa-

Aparelho, e ligadura.

Applicar-ſe-haõ almofadinhas ſobre os vazos, e chumaços de fios ſeccos ſobre os dous oſſos, e outros varios chumaços, carregados de pós adſtringentes, e por cima huma eſtopada, ou chumaço grande de algodaõ, ou de eſtopa, cuberto de pós adſtringentes, tudo ſe cobre de hum emplaſtro, e huma almofada feita a modo de cruz de Malta, e trez longitudinaes, e huma circular.

Applicar-ſe-ha a ligadura, e a almofada debaixo do joelho, encruzar-ſe-haõ os cabos ſobre a parte do córte, aos quaes terá maõ o ajudante, e encruzar-ſe-haõ do meſmo modo os outros cabos: pôr-ſe-haõ as duas almofadas longitudinaes, que ſe encruzaõ no centro do córte, e huma terceira longitudinal, que ſe fará circular ao redor do córte, para parar as duas primeiras; dá-ſe-lhe trez dedos de largo, e fazem-ſe baſtantemente compridas, para paſſar ſobre a parte do córte: a ligadura ſerá de quatro varas para cinco, e trez dedos de largo, enrolada, dá-ſe trez voltas ao redor no labio da parte do córte, e ſóbe-ſe para cima dando voltas, paſſa-ſe obliquamente a ligadura por baixo do joelho, deſce-ſe ſobre as meſmas voltas primeiras, e ſobre a parte, ou córte, ſóbe-ſe ſobre o joelho, deſce-ſe dando voltas até paſſar por cima do córte baſtantes vezes, até que eſteja bem cuberto, e ſenaõ baſtar eſſa ligadura, ſe continúa com outra até ficar bem cuberto: dá-ſe voltas ao redor do córte, e pára-ſe com a ligadura por cima do joelho: uſar-ſe-ha de diggeſtivos, mundificativos, e cicatrizantes.

CAPITULO XXII.

Da operaçaõ do aneurifma.

ESta operaçaõ fe faz quando o Cirurgiaõ picou a arteria, ou que ha algum tumor nella.

Para iffo fe manda affentar o doente em huma cadeira, hum miniftro que lhe pegue no braço, em huma fituaçaõ conveniente para a operaçaõ. Pôr-fe-ha huma almofadinha em quatro dobras, que figa o progreffo da arteria, para que a ligadura a comprima melhor: póde-fe arrodear de outra almofada fimplez, fobre a qual fe faz a ligadura, que fe ha de apertar com o arrochinho, ou apertador, com tanto que o braço naõ efteja muito inchado. Eftando a arteria bem fubjugada, pegará o Cirurgiaõ no braço com huma maõ por baixo do tumor, e com outra maõ fará incifaõ com a lanceta, começando debaixo do tumor, acabando em cima ao comprido do progreffo da arteria. Eftando o tumor aberto, fe tire com os dedos o fangue engrumecido. Se ha alguma fibra no fundo, corta-fe com ás tifouras curvadas, para tirar mais facilmente todos os grumos de fangue, e mais coufas eftranhas, que fe fórmaõ ás vezes nos aneurifmas quando faõ muito antigos. Defanda-fe hum pouco o apertador para defcobrir mais facilmente a abertura da arteria. Separa-fe a arteria das membranas com hum defcarnador, porque fe poderia temer de a cortar com o verdugo direito. Tem-fe maõ na arteria com huma tenta, ou pinfa, para a feparar do nervo, e das membranas; e para certeza do lugar da abertura da arteria

arteria, se desanda hum pouco o apertador, e logo se tornará a apertar. Dá-se a tenta, ou pinseta a ter maõ a hum ajudante, para passar por baixo da arteria huma agulha curvada, enfiada de hum cordaõsinho encerado, corta-se o fio, tira-se a agulha. Faz-se a ligadura por cima da abertura da vêa. Dá-se logo hum nó singello, sobre o qual se ponha huma almofadinha, que se ata com os outros dous nós. Faz-se ainda outra ligadura na parte inferior da arteria, porque as arterias pequenas lateraes poderiaõ lançar sangue.

Naõ se ha de cortar a arteria entre as duas ligaduras, porque a primeira ligadura largaria com o impulso do sangue: deixar-se-ha cahir a linha, ella apodrecerá com a suppuraçaõ.

Encher-se-ha a chaga de lechinos, chumaços carregados de pós adstringentes, hum emplastro com huma almofada dentro a dobra do cotovello.

Atadura.

Faz-se com huma tira de seis varas enrolada por hum cabo. Começa-se dando algumas voltas por baixo do cotovello mediocremente apertadas: põem-se huma almofada sobre o tumor, como se costuma na sangria, espessa, e estreita ao comprido da arteria, até ao sovaco, arrodea-se o braço, e a almofada com ligadura, subindo, e dando voltas até ao sovaco, e acaba-se dando voltas ao redor do peito.

Deitar-se-ha o doente sobre a cama, o braço hum pouco dobrado sobre hum travesseiro, a maõ hum pouco mais alta do que o cotovello.

CA-

CAPITULO XXIII.

Da operaçaõ da ſangria.

TOma-ſe a lanceta com o polegar, e o dedo indice, encoſtaõ-ſe os outros trez dedos ſobre o braço do doente, mette-ſe a lanceta dentro na vêa, levanta-ſe a ponta da lanceta para cima, para ſe fazer mayor abertura. Se eſtiver hum tendaõ, o que ſe conhece por ſua dureza, ou huma arteria, o que ſe conhece por ſua pulſaçaõ, álèm da vêa, e muito chegado a ella, ſeria ſómente neceſſario profundar baſtante a lanceta dentro na vêa, cortando, e puxar direito para cima a lanceta, para fazer elevaçaõ da ponta, porque poderia aſſim cortar a arteria, ou tendaõ com a ponta.

Se a arteria, ou tendaõ eſtiver immediatamente debaixo da vêa, ſerá neceſſario picar a vêa mais para baixo, tendo a lanceta inclinada, e metella pouco funda, a ponta acabará a abertura levantando-a para cima.

Se a arteria eſtiver muito chegada á vêa, ſeria neceſſario picar mais alto, ou mais abaixo do coſtume.

Se a vêa eſtiver ſuperficial, e adherente a hum muſculo duro, naõ ſe ha de profundar a lanceta direita dentro na vêa, mas ſim inclinada, e tomalla por baixo, porque ſe daria picada ao muſculo, e ſua membrana, o que cauſaria grande dôr, e poderia attrahir inflammaçaõ. Todos ſabem que a ſangria do braço direito ſe faz com a maõ direita, e a do eſquerdo com a maõ eſquerda.

Ligadura.

Applica-se almofadinha sobre a sangria, tem-se maõ nella com dous dedos, toma-se a atadura da outra maõ, tem-se o cabo da atadura com o dedo do meyo, o index, e o pollegar, e se applica sobre almofadinha, formando sobre ella varias voltas nesta figura ky, na dobra do braço, revira-se o pequeno cabo detido no cabo dos trez dedos, e dá-se nó dos dous cabos debaixo do cotovello.

Se succede alguma inflammaçaõ depois da sangria, molhar-se-ha a almofadinha com vinagre destemperado, ou oxycrato, que tudo he o mesmo.

CAPITULO XXIV.

Da operaçaõ dos tumores enkistados, ou encerrados.

SE os tumores saõ pequenos, e pendentes, e que tenhaõ a base estreita, far-se-ha ligadura com seda de cavallo, ou de retroz, molhado em agoa forte, em pouco tempo cahem, ou cortar-se-haõ por baixo da ligadura.

Se o tumor, lupia, ou lobinho he grosso que a base seja grande, far-se-ha huma incisaõ crucial na pelle sem offender o kistis, ou folle: feita a incisaõ, desatar-se-ha o folle com as unhas, ou com o cabo do instrumento scapel, e algumas vezes nos vemos obrigados a fazer a dissecçaõ. Se ha vêas consideraveis na raiz, far-se-ha a ligadura, ou cortar-se-ha, e parar-se-ha o sangue com adstringentes.

Se ficou por tirar alguma parte do kiſtis, ou folliculo, ſe ha de gaſtar com corroſivos. Se haõ de conchegar os labios da chaga ſem lhe fazer coſtura, e baſtará hum emplaſtro glutinativo: ſe o tumor eſtiver muito apegado no pericraneo, ſe lhe naõ ha de bolir.

Dos Ganglios.

Ganglion ſaõ tumores que naſcem ſobre tendoẽs, e ſobre partes nervoſas, curaõ-ſe com esfregaçoẽs fortes, e fazendo-lhe ligadura muito apertada, ſe forem recentes, ſe curaráõ com emplaſtros reſolutivos.

CAPITULO XXV.

Da operaçaõ do hydrocephalo.

ESta operaçaõ ſe faz para evacuar as agoas da cabeça. Se as agoas eſtaõ ſómente debaixo da pelle, faz-ſe-lhe huma abertura baſtante grande, com huma lanceta, e ſe póde applicar huma canula na abertura, para deixar eſcorrer as agoas. Neſta occaſiaõ os cauterios, e as eſcarificaçoẽs pódem ſer uteis.

Se as agoas eſtaõ entre o cerebro, e a duramater, he neceſſario furar com lanceta depois da operaçaõ do trepano, como temos enſinado.

CAPITULO XXVI.

Da operaçaõ do freyo da lingua.

QUando o ligamento da lingua ſe eſtende até o ſeu extremo, os meninos mammaõ com muita difficuldade; e quando ſaõ já grandes fallaõ gaguejando.

Corta-ſe eſte ligamento com tiſouras pequenas: pôr-ſe-ha o dedo pollegar da maõ eſquerda ſobre a gingiva do queixo inferior, para lhe fazer abrir a boca, e o index da meſma maõ levantará a lingua do menino, paſſar-ſe-haõ as tiſouras entre os dous dedos, para cortar eſſes ligamentos atè perto da lingua, evitando as vêas: ſe ſe fizer alguma hemorrhagia, ſó haverá recurſo ás agoas eſtipticas. A ama terá cuidado de lhe paſſar o dedo algumas vezes debaixo da lingua, para impedir a uniaõ.

CAPITULO XXVII.

Da operaçaõ dos ductos fechados.

SEnaõ ha mais que huma membrana que fecha a entrada da vagina, ſe lhe faz huma abertura, e ſe lhe applica huma canula, que tem argolinhas para ſe atar na cintura, para impedir a uniaõ.

Se os labios da vulva ſaõ colados, pôr-ſe-ha a doente de coſtas, os joelhos levantados para cima, e far-ſe-ha huma inciſaõ com o verdugo curvado, começando para cima, e ſe porá huma canula de chumbo na abertura.

Se o ducto da ourina, tanto nos meninos como nas meninas, estiver fechado, far-se-ha huma incisaõ com lanceta muito estreita; e se se lhe puder introduzir huma canula de chumbo, far-se-ha; mas naõ he necessario, porque as crianças ourinaõ repetidas vezes, o que impedirá a uniaõ.

Se a vagina está entupida de huma carnosidade, far-se-ha huma incisaõ até que esteja toda rasgada, applicar-se-lhe-ha huma canula de chumbo.

Se o ducto da orelha se acha entupido por huma membrana, furar-se-ha: naõ se ha de penetrar muito adiante, porque poderia furar a membrana do tambor, pôr-se-ha na abertura huma canula de chumbo.

Se ha huma carnosidade que sahe fóra do ouvido, far-se-lhe ha ligadura, ou cortar-se-ha com tisouras, para a fazer cahir, e a que remanecer dentro no ouvido, com causticos, applicados com huma canula, se poderá gastar, com cautella de naõ escandalizar o tambor.

CAPITULO XXVIII.

Da operaçaõ do phymosis, e paraphymosis.

QUando o prepucio he taõ estreito, que se naõ póde descobrir o glande, ou balano, esta doença se chama phymosis. Se o prepucio está revirado por cima da glande, de modo que se naõ possa recobrir, he hum paraphymosis. Se no phymosis o prepucio está muito pegado ao redor da glande, melhor he naõ lhe tocar; mas se maneando a glande se sente movediça, ou que sómente tem algumas

gumas adherencias, o doente ſe aſſentará, hum ajudante deterá com a maõ a pelle na raiz do membro, para que a inciſaõ ſe faça direitamente por baixo da glande. O Cirurgiaõ puxará o baixo do prepucio, introduzirá hum inſtrumento muito agudo, e chato, no cabo do qual levará hum botaõ de cera, e virando furará o prepucio por baixo da glande, de huma banda do freyo, acabará a inciſaõ virando para ſi o inſtrumento.

O paraphymoſis ſe cura fazendo fomentaçoẽs ſobre a parte para abrandar a inflammaçaõ, ſe a houver, e ſe puxa para baixo com os dedos: ſe com os medicamentos naõ quizer obedecer, ſe faraõ eſcarificaçoẽs ao redor do prepucio, e logo ſe lhe applicaráõ, medicamentos, que impidaõ a inflammaçaõ, e mortificaçaõ, ao depois puxar-ſe-ha o prepucio ſobre a glande.

CAPITULO XXIX.

Da operaçaõ das varizes.

PAra ſe fazer, corta-ſe a pelle para ſe ver a vêa dilatada, faz-ſe huma ſeparaçaõ da vêa das membranas, paſſa-ſe por baixo huma agulha curva, com linha dobre encerada, far-ſe-ha ligadura por baixo, e por cima da dilataçaõ da vêa, abre-ſe a dilataçaõ com a lanceta, para fazer ſahir o ſangue; far-ſe-ha ligadura conveniente á parte: mas ſem fazer eſta operaçaõ, póde-ſe abrir a vêa com a lanceta, para tirar huma quantidade ſufficiente de ſangue, ao depois comprime-ſe a vêa com ligadura hum pouco apertada.

CAPITULO XXX.

Da operaçaõ do panaricio, ou unheiro.

O Panaricio he hum abſceſſo que vem na cabeça do dedo. Huns ſaõ ſuperficiaes, e outros que chegaõ até o perioſtio: de qualquer modo ſe deve abrir de huma banda do dedo, para naõ offender os tendoẽs. Se o abſceſſo eſtá até debaixo do perioſtio, far-ſe-ha abertura de huma banda, e chegar-ſe-ha a lanceta até o oſſo, far-ſe-ha ſahir a materia que apodreceria os tendoẽs, ſe lhe fizer demóra muito tempo.

A ligadura, e aparelho.

Faz-ſe com o emplaſtro cortado em cruz de Malta, que ſe lhe applica pelo meyo da cabeça do dedo, fazendo encruzar os cabos ao redor do dedo. A almofada ſerá tambem cortada em cruz. A atadura da largura de hum dedo, e baſtante comprida, para arrodear o aparelho todo: ſerá furada em hum dos cabos, e cortada ao comprimento de trez dedos do outro cabo, para ſe rematar melhor.

CAPITULO XXXI.

Da reducçaõ do prolapſo do anus, ou inteſtino recto.

PAra repôr o anus, deitar-ſe-ha o doente ſobre o ventre, as coxas mais altas do que a cabeça, molhaõ-ſe os dedos em oleo roſado, com os quaes ſe empurrará o inteſtino para dentro, applicaõ-ſe almofadas molhadas em algum licor adſtringente: a ligadura para ter maõ he a meſma que temos enſinado para a fractura da coxa, he o T, o T dobre, ou a funda a quatro cabos.

CAPITULO XXXII.

Da reducçaõ do prolapſo da madre, ou mais propriamente da vagina.

DEitar-ſe ha o doente de coſtas, as coxas altas, far-ſe-haõ fomentaçoẽs, põem-ſe hum lenço ſobre o collo da vagina relaxada, e ſe empurra com os dedos de vagar com geito, e ſem a forçar, ou eſcandalizar. Se tambem a madre cahir, depois de repoſta, ou reduzida, ſe devem applicar peſſarios.

CAPITULO XXXIII.

Do cauterio, ou fonte.

O Cauterio he huma chaga que se faz na pelle por meyo de causticos. Molha-se hum pouco a pelle com saliva, ou faz-se huma leve esfregaçaõ com panno quente, applica-se sobre a parte hum emplastro furado, e applica-se no buraco pequeno do emplastro, a pedra caustica pizada deixa-se estar mais, ou menos tempo, segundo he mais, ou menos forte, ou que a pelle do sujeito he mais, ou menos delicada, escarifica-se a queimadura com a lanceta, pōem-se-lhe unguento basilicaõ, ou manteiga crûa, até que caya a escara.

Aparelho.

Depois de applicada a pedra caustica no buraco do emplastro, se lhe ponha por cima huma almofada, e hum emplastro, e atadura bastante apertada, para comprimir a pedra. Para entreter a chaga, se lhe pōem huma bolinha de cera, ou de raiz de lirio, &c.

CAPITULO XXXIV.

Das ſanguixugas.

AS ſanguixugas devem ſer apanhadas em agoas correntes, que ſejaõ compridas, delgadas, que tenhaõ a cabeça pequena, que ſejaõ por cima verdes, com alguns rayos amarellos, e o ventre vermelho. Antes de as applicar, haõ de ſer guardadas em agoa limpa, para nella ſe purgarem, e tenhaõ jejuado hum dia em huma caxinha ſem agoa: a parte onde ſe haõ de applicar, deve ſer esfregada levemente com agoa quente, leite, ou ſangue de frangaõ, gallinha, ou de pombo; applica-ſe a abertura da caxinha ſobre a parte, porque pegando-lhe com os dedos, naõ obraõ com facilidade. Corta-ſe-lhe a ponta do rabo com as tiſouras, para eſcorrer o ſangue, para ſe determinar melhor a quantidade, e tambem para que chupem melhor. Quando ſe querem tirar, ſe lhe deita em cima cinza, ou ſal, ou alguma couſa acre. Naõ ſe haõ de arrancar por força, porque deixariaõ o ſeu ferraõ na ferida. Quando eſtaõ tiradas, ſe deixa correr hum pouco o ſangue, e lavaõ-ſe as picadas com agoa ſalgada.

Aparelho.

Faz-ſe com huma almofada molhada em agoa eſtiptica, ſe o ſangue naõ quer parar, ou em agoa-ardente, ſe ouver inflammaçaõ, e applica-ſe huma ligadura conveniente.

CAPITULO XXXV.

Dos ſedenhos.

PAra ſe fazer eſta operaçaõ, ſe toma huma mecha de algodaõ molhada em oleo roſado, enfiada em huma agulha groſſa: aſſentado o doente, e a cabeça revirada para traz, ſe pega com os dedos, ou tenaz tranſverſalmente na pelle da nuca, ou cachaço, paſſa-ſe a agulha pelos buracos da tenaz, e deixa-ſe a mecha dentro na pelle. E todas as vezes que ſe levanta a almofada, que ſe tem poſto ſobre o ſedenho, puxa-ſe pela parte da mecha que eſtá dentro na chaga, e ſe corta.

CAPITULO XXXVI.

Das eſcarificaçoẽs.

FAzem-ſe mais, ou menos profundas, conforme a neceſſidade, começaõ-ſe por baixo, continuaõ-ſe para cima, para que o ſangue naõ encubra; enredaõ-ſe humas a outras, para que naõ fiquem freyos na pelle.

CAPITULO XXXVII.

Dos veſicatorios.

FAzem-ſe com os pós de cantaridas, miſturados com formento muito azedo, ou com trementina. Antes de o applicar ſe ha de esfregar levemen-

te

te a parte com hum panno quente; faz-se mais, ou menos forte, conforme a pelle he mais, ou menos delicada; estará na parte sette, ou oito horas, tiraõ-se, abrem-se as bexigas, applica-se por cima algum licor espirituoso.

CAPITULO XXXVIII.

Das ventosas.

FAr-se-ha huma forte esfregaçaõ com pannos quentes, põem-se huma pouca de estopa dentro da ventosa, e no instante se applica a ventosa, o fogo se apaga, e a pelle incha; estas ventosas se chamaõ seccas, põem-se por cima hum panno molhado com espirito de vinho. Se se quer tirar o sangue pela ventosa, se observará tudo o que temos dito, far-se-haõ escarificaçoẽs como temos ensinado; applica-se a ventosa sobre as escarificaçoẽs, levanta-se quando está meyada de sangue para se vazar, repete-se a applicaçaõ tantas vezes, confórme se quer tirar sangue, lavaõ-se as incisoẽs com algum licor espirituoso, e se faz a ligadura conveniente.

CAPITULO XXXIX.

Da abertura dos abscessos.

DEve-se fazer na parte mais madura, e adonde se inclinaõ os humores, fazendo desorte que naõ cortem as fibras dos musculos sem necessidade: deve-se evitar, ou fugir das vêas grandes,

dos tendoẽs, dos nervos: a abertura deve ſer mais grande do que pequena, e naõ apertar muito para fazer ſahir a materia. Se a pelle he muito eſpeſſa como no calcanhar, ſe ha de adelgaçar como a navalha: ſe ha materia debaixo das unhas, he neceſſario raſpallas com vidro, primeiro que ſe abraõ, ou furem.

TRA-



TRATADO

DAS OPERAC,OẼS DAS FRACTURAS.

CAPITULO I.

Da fractura do nariz.

QUANDO a fractura he consideravel, os narizes estaõ entupidos, perde-se o olfato. Para o reduzir o Cirurgiaõ tomará hum pequeno páo arrodeado de algodaõ, e o introduzirá dentro no nariz muito de vagar, para levantar os ossos, pondo o pollegar de sua maõ esquerda sobre o nariz para o reter. Estando os ossos reduzidos no seu lugar far-se-ha o

Aparelho.

Se introduziráõ dentro no nariz pequenas canulas de chumbo de figura, e grandeza convenientes; essas canulas tem maõ aos ossos, e facilitaõ a respiraçaõ, naõ se haõ de metter muito para cima, por naõ offender as laminas do nariz; haõ de ser untadas com oleo de trementina, ou espirito de vinho; essas canulas teraõ duas pequenas azas, para se atarem no barrete para naõ cahir. Senaõ ha ferida no nariz, naõ he necessario atadura; mas se a fractura he junta com ferida, depois de lhe haver applica-

do

do os remedios, pôr-ſe-ha de cada banda huma almofadinha em triangulo, cuberta por cima de hum papelaõ da meſma figura da almofadinha. Suſtentar-ſe-ha eſte aparelho com a ligadura de quatro cabos, que he hum bocado de panno de dous, ou trez dedos de largo, de meya vara de comprido, partem-ſe os dous cabos ao comprido até quaſi ao meyo, onde ſe deixa da largura de trez dedos ſem partir: ſe applica eſſe meyo ſobre a fractura, faz-ſe paſſar os cabos ſuperiores á nuca, e ſe trazem outra vez por diante; os inferiores paſſaráõ tambem por detraz encruzando ſe por baixo dos outros, trazendo-os por diante, ſe neceſſario for. Se ſe naõ reduz o oſſo do nariz, ſuccede grande disformidade, e hum fedor cauſado de carnoſidades, e polypos.

CAPITULO II.

Da fractura do queixo inferior.

POr-ſe-ha o dedo dentro na boca do doente, para apertar as eminencias dos oſſos; o meſmo ſe ha de fazer por fóra. Se os oſſos paſſaõ por cima hum do outro, far-ſe-ha huma pequena extenſaõ. Se os dentes eſtaõ ſahidos de ſeu lugar, he neceſſario repollos ao ſeu encaixe, atar-ſe-haõ aos ſaõs com linha encerada. Os oſſos eſtando reduzidos, o Cirurgiaõ fará

O aparelho, e ligadura.

Se a fractura naõ he mais que de huma banda; pôr-

pôr-se-ha sobre o chato do queixo huma almofada cozida com papelaõ, hum, e outro da figura, e grandeza do queixo. A ligadura desta fractura se chama cabestro. Para se fazer, toma-se huma tira de panno de dous dedos de largo, duas, ou trez varas de comprido, começa-se dando huma volta na cabeça, passando sobre a testa, descendo debaixo da barba, e subindo á face, passando perto do pequeno angulo do olho, passando sobre a fractura, vay-se continuando para baixo da barba pelo mesmo estylo, passando sempre sobre a fractura, acabando sobre a cabeça onde se coze, ou se ata com alfinete.

Se o queixo he fracturado de ambas as bandas, se lhe porá huma almofada, e hum papelaõ, furados de baixo da barba, e da figura do queixo inteiro: far-se-ha a ligadura como acima fica dito, ou com a ligadura de dous cabos, applicando o seu meyo debaixo da barba, subindo das faces para cima da cabeça com voltas sufficientes, acabando ao redor da cabeça.

CAPITULO III.

Da fractura da clavicula.

ASsentar-se-ha o doente em huma cadeira, e se lhe puxará o braço para traz, em quanto hum ajudante empurra a espadoa para diante, e a esse tempo o Cirurgiaõ reduzirá o osso a seu lugar, empurrando as eminencias, e puxando o osso abatido, ou profundado.

Ou de outra sorte, se tomará huma pella, ou chu-

chumaço de panno, mettendo-a debaixo do braço, ou sovaco do doente, apertar-se-lhe-ha o cotovello para as costas, e nesse tempo o Cirurgiaõ fará a reducçaõ.

De outro modo, deitar-se-ha o doente de costas, pôr-se-lhe-ha hum corpo convexo debaixo das duas espadoas, como huma grande tigella de páo, e se lhe carregará sobre as duas espadoas, para fazer levantar os dous cabos dos ossos, que o Cirurgiaõ terá cuidado de reduzir.

Aparelho, e atadura.

Encher-se-haõ as cavidades que estaõ debaixo, e por cima da clavicula com almofadas guarnecidas de papelaõ, e ainda outra sobre o osso, que será pouco mais, ou menos da figura, e grandeza da clavicula, e outra grande almofada que cobrirá as outras trez: sustentar-se-ha este aparelho com a ligadura chamada capelina, com tanto que a fractura esteja no meyo da clavicula. Toma-se huma ligadura de cinco para seis varas de quatro dedos de largo, enrolada de dous cabos, applica-se seu meyo sobre a fractura, faz-se descer hum de seus cabos sobre o peito, passa-se o outro cabo detraz das costas por baixo do braço saõ, opposto ao doente por cima do peito, para vir passar sobre o outro cabo da atadura, levantada para dar huma volta sobre a fractura, passa-se o outro cabo debaixo do braço doente, e se continûa terceira volta sobre a clavicula, continûa dar voltas ao redor do corpo, e sobre a clavicula até dar fim com a atadura.

Se

Se a fractura eſtava perto da cabeça do hombro, ſe havia de fazer a ligadura chamada *ſpica*, com huma atadura de cinco varas, enrolada toda de quatro dedos de largura: paſſa-ſe o cabo da atadura debaixo do ſovaco oppoſto, por detraz do hombro ſe paſſa o outro cabo debaixo do ſovaco doente, faz-ſe hum ky, ou hum X ſobre a eſpadoa, torna-ſe a paſſar debaixo da outra eſpadoa por detraz, torna-ſe por diante a formar hum ſegundo ky ſobre a fractura, vay ſe continuando trez, ou quatro voltas pelo meſmo eſtylo, dá-ſe duas voltas ſobre a parte ſuperior do hombro, que formaõ hum triangulo, que ſe chama *geranium*, cobre-ſe eſte triangulo com mais voltas, e dá-ſe fim no peito.

CAPITULO IV.

Da fractura do omoplata, ou eſpadoa.

HE o meyo da eſpadoa, que ordinariamente ſe quebra: conhece-ſe que eſtá quebrado o meyo do omoplata, por hum eſquecimento do braço todo. O Cirurgiaõ examinará o lugar da fractura, carregará ſobre a eminencia dos oſſos, empurrando-os para ſeu lugar; ſe as eſquirolas, picaõ, ſe fará huma inciſaõ para as tirar, ou para lhe cortar as pontas, a reducçaõ eſtando feita far-ſe-ha

O aparelho.

Deve-ſe pôr ſobre o omoplata huma almofada, e por cima hum papelaõ da meſma figura, deſorte que cubraõ o oſſo, e ſe fará a atadura chamada eſtrella, com huma atadura de quatro varas, de qua-

tro dedos de largura, passa-se a atadura de traz das costas, seu cabo debaixo do braço opposto, o outro cabo debaixo da espadoa, e depois por cima para ir formar hum ky no meyo das costas; passa-se debaixo do outro sovaco, sóbe-se sobre a espadoa, para ir formar outro ky sobre o meyo das costas, ou espinhaço. Continuaõ-se estas mesmas voltas até que o omoplata, ou espadoa esteja bem cuberta. Dar-se-haõ voltas ao redor da parte superior do hombro, como se faz ao *spica*, finda-se a atadura com voltas em redor do peito.

CAPITULO V.

Da fractura das costas.

QUando huma costella está quebrada, hum dos cabos se mette dentro no peito, algumas vezes fóra, outras vezes os ossos ficaõ cabo com cabo hum do outro. Para os reduzir se deitará o doente sobre a ilharga saã, e se applicará hum emplastro de almecega sobre a fractura, ou outro de consistencia glutinante, puxa-se de repente, e com força o emplastro, algumas vezes essa attracçaõ attrahe para cima o osso que está para dentro do peito; mas o verdadeiro modo he de fazer huma incisaõ, para a levantar com o dedo.

Se a costella estiver sahida para fóra, o doente se assentará sobre huma cadeira, e se encostará da banda opposta á fractura, e se lhe mandará reter a respiraçaõ com aperto sem a largar, para fazer dilatar bem o peito, e o Cirurgiaõ empurrará a costella para seu lugar, a qual reduzida far-se-ha

Apa-

Aparelho, e ligadura.

Se applicará huma almofada ſobre a fractura, e dous pequenos papeloẽs em fórma de cruz de Santo André, outra almofada ſobre tudo, ſobre a que ſe pȏem hum papelaõ quadrado, e em cima ſe pȏem outra almofada. A ligadura ſe faz com guardanapo dobrado em tres, que ſe pȏem ao redor do peito; coze-ſe, e ſe tem maõ no eſcapulario, que he huma tira de ſeis dedos de largo rachado no ſeu meyo, para lhe paſſar á cabeça, os dous cabos do eſcapulario ſe ataõ por diante, e por detraz no guardanapo.

CAPITULO VI.

Da fractura do ſternum, ou eſpinella.

O Doente ſe deitará de coſtas, hum corpo convexo por baixo, ſe lhe carregará ſobre as duas eſpadoas, para as encoſtar para traz, e fazer levantar o ſternum que eſtá relaxado para dentro. De outro modo, far-ſe-ha huma inciſaõ ſobre o oſſo para o deſcobrir, e com muita deſtreza, e levemente ſe lhe applicará o inſtrumento chamado tirafundo, ou levantador, para levantar o oſſo, o qual eſtando reduzido ſe fará o aparelho, e ligadura, advertindo que ſenaõ he fractura, mas ſim huma ſimplez relaxaçaõ cauſada de exceſſo de trabalho, ou de roins fermentos de accidos viciados, ſe deve ordenar ao doente regimento de ſe naõ alimentar de couſas, que facilmente ſe azedaõ nas primeiras

vias, como leite, queijo, frutas verdes, azedas, ſalgado, &c. ſe lhe ordenaráõ abſorbentes terreſtres, e depois amargos, como *antimonio diaphoretico*, *olhos de caranguejos*, *aljofar*, *coral*, *&c. flor de enxofre*, *cozimento de marroyos*, *myrrha*, *ou ſua tintura*, *&c.* exteriormente hum emplaſtro glutinante, o qual eſtando bem pegado puxa-ſe de repente, ou prezo em huma taboinha em fórma de eſpatula, para puxar para cima com mais preſteza; ſentindo que eſtá levantado, ſe lhe applicará hum emplaſtro adſtringentes: ou

Recip. *Marmellada de çumos huma onça* ſe extenda ſobre hum panno, e por cima lhe miſturem *pós de ſandalos*, *de myrrha*, *de incenſo*, *e almecega*, *de cada huma huma oitava*; outros lhe põem hum papel com dez, ou vinte gottas *de balſamo Peruviano*, em ſua falta *oleo de copaíva*. Suſtenta-ſe com guardanapo em trez dobras, e o eſcapulario.

CAPITULO VII.

Da fractura das vertebras.

SAõ ordinariamente as apophyſes das vertebras que eſtaõ fracturadas, e raramente ſeus corpos; conhece-ſe que o corpo da vertebra do peſcoço, e das coſtas he fracturado, pela paraliſia do braço com a perda do ſentimento, pela ſuppreſſaõ da ourina, e pela paraliſia do eſpincter, que faz que naõ poſſa reter os excrementos. Se eſtes accidentes ſuccedem, deve-ſe julgar que a medulla eſtá comprimida, e picada pelas agulhas; para as tirar far-ſe-

ha

ha huma incisaõ sobre o corpo das vertebras na parte fracturada.

Se as apophyses espinosas estaõ sómente fracturadas, estes accidentes naõ succederáõ, sentir-se-ha sómente alguma dôr; para as reduzir, far-se-ha deitar o doente de bruços, e o Cirurgiaõ fará por levantar os ossos, e pô-los na sua situaçaõ natural, e depois fará

O aparelho, e ligadura.

Se for a apophyse espinosa que fosse fracturada, se poria de cada banda da apophyse espinosa, huma pequena almofada, e cobrî-la com papelaõ da mesma figura das almofadinhas, e sobre o papelaõ outra compressa, ou almofada. A ligadura se faz com o guardanapo sustido pelo escapulario.

CAPITULO VIII.

Da fractura do osso sacro.

REduz-se como a das outras vertebras, seu aparelho, e ligadura se faz como T rachado na parte do anus, ou como N dobrado, que se faz com huma tira larga de dous dedos, e bastante comprida para arrodear o corpo, e por baixo das nadegas se ata no meyo desta tira outra da mesma largura, e bastante comprida, para passar sobre o osso sacro, e entre as coxas, para se atar por diante á primeira cintura. O T dobrado se faz atando duas ligaduras a dous dedos de distancia huma da outra, a atadura deve voltar ao redor do corpo. Essa ligadura ha de ser sustida pelo escapulario.

CAPITULO IX.

Da fractura do coccix.

A Coccix ordinariamente ſe quebra por cauſa de quedas, pondo-ſe para dentro. Para a reduzir, ſe ha de pôr o dedo indice dentro no anus até a fractura, para o empurrar para fóra: a outra maõ o concertará por fóra. Faz-ſe o meſmo aparelho, e ligadura, que o da fractura do oſſo ſacrum, o doente ſe deitará de ilhar, e ſe aſſentará ſobre cadeira furada, quando ſe quizer levantar.

Se o oſſo innominado eſtiver quebrado, ſe lhe faria o ſpica depois de reduzido. Temos enſinado a atadura no Capitulo da fractura da clavicula.

CAPITULO X.

Da fractura do humerus, ou hombro.

PAra reduzir eſte oſſo ao ſeu lugar, far-ſe-ha huma forte extenſaõ, ſe os dous cabos ſe encruzaõ hum em cima de outro.

Para o fazer, aſſentar-ſe ha o doente ſobre huma pequena cadeira, ou banquinho, hum ajudante o terá maõ, e outros dous puxaráõ hum pela parte ſuperior, e outro pela inferior, pegando pelo braço por cima do cotovello, e naõ por baixo. Neſte tempo o Cirurgiaõ reduzirá os dous oſſos apertando-os de toda a parte com a palma das maõs.

Aparelho, e ligadura.

Pôr-se-ha logo huma almofada ao redor da fractura, molhada em vinho, ou em oxycrato; ter-se-haõ aparelhado trez ataduras da largura de quatro dedos, e vara e meya de comprimento; applicar-se-ha a primeira sobre a fractura, ao redor da qual se daraõ trez voltas bem apertadas, e subindo dando voltas, dar-se-ha fim á ligadura ao redor do corpo. Applicar-se-ha a segunda tira sobre a fractura da banda opposta á primeira, dar-se-haõ duas voltas sobre a fractura, se descerá ao braço, dando voltas até chegar por baixo do cotovello. Por-se-haõ duas almofadas compridas sobre a fractura, subjugadas pela terceira atadura, applicar-se haõ dous papeloẽs redondos nos extremos, que se naõ sobrepõem em cima hum do outro, e que tomem todo o braço, atar-se-haõ estes trez papeloẽs com trez fitas, e o braço se atará ao peito com hum guardanapó prezó pelos cabos ao hombro opposto; a maõ ha de ser situada mais alta do que o cotovello.

CAPITULO XI.

Da fractura do osso do antebraço.

SE os dous ossos do antebraço estaõ quebrados, he necessario fazer-se huma extensaõ mais forte do que se fora hum só. Para se fazer, hum ajudante empunhará o braço por baixo do cotovello com ambas as maõs, e outro por cima do punho, neste tempo o Cirurgiaõ irá concertando os ossos com a

palma

palma das maõs, deſorte que naõ ſinta mais deſigualdade: e logo applicará o apparelho, e atadura, que ſerá a meſma da fractura do braço. As ataduras que ſubiraõ para cima, pararáõ por baixo do cotovello: deitando ſe o doente na cama deſcançará o braço ſobre almofada, o cotovello hum pouco mais alto do que a maõ.

CAPITULO XII.

Da fractura do oſſo do carpo.

SE o oſſo do carpo, ou do metacarpo eſtaõ quebrados, hum ajudante pegará no braço por cima do punho, e outro pegará nos dedos, o Cirurgiaõ reporá os oſſos a ſeu lugar, de modo que naõ appareça deſigualdade.

Aparelho, e ligadura.

Far-ſe-ha com atadura enrolada de hum cabo, largura de dous dedos, comprimento de mais de trez varas; dar-ſe-haõ duas voltas ſobre o punho, e ſe paſſará por dentro da maõ entre o pollegar, e o indice, formando hum ky ſobre o pollegar: depois de haver dado varias voltas ſobre o carpo, pôr-ſe-ha ſobre o punho huma almofada, e hum pequeno papelaõ de figura do punho, dar-ſe-haõ voltas por cima, e ſe ſubirá dando voltas por cima do cotovello, e o braço ſe atará com o guardanapo ao peſcoço.

CA-

CAPITULO XIII.

Da fractura do osso metacarpo.

DOus ajudantes pegaráõ na maõ do modo que ensinamos para a reducçaõ do carpo, em tanto o Cirurgiaõ o reduzirá pondo os ossos na situaçaõ natural.

O aparelho, e ligadura.

Faz-se com atadura de cinco varas de comprido, e dous dedos de largura, parará hum cabo da atadura no punho, dando huma volta, passar-se-ha sobre o metacarpo entre o pollegar, e o indice, formar-se-ha hum ky voltando, até que o metacarpo esteja cuberto, põem-se huma almofada, e hum papelaõ por cima da mesma figura sobre o metacarpo, e outra dentro na maõ da figura da parte, guarnece-se a palma da maõ, e se cobre tudo dando voltas com a atadura, continuaõ-se as voltas até por cima do cotovello, para dar fim á atadura.

CAPITULO XIV.

Da fractura dos dedos.

FAr-se-ha huma leve extensaõ aos dedos para os reduzir, e se fará a cada dedo hum pequeno aparelho: os dedos curvar-se-haõ hum pouco, e se guarnecerá a palma da maõ com huma almofada propria, para ter maõ aos dedos, naquella situaçaõ

se subjugará a almofada com huma atadura, e se porá o braço no guardanapo atado ao pescoço.

CAPITULO XV.

Da fractura da coxa.

SE o osso da coxa está quebrado perto de sua cabeça, a fractura he muito difficil para se conhecer. Se os ossos passaõ hum em cima do outro, o que se conhecerá porque a perna será mais curta do que a outra, deve-se fazer huma forte extensaõ; se as maõs naõ saõ sufficientes para isso, teremos recurso aos tornos, e outras maquinas com cordas. No tempo da forte extensaõ o Cirurgiaõ terá os pollegares applicados sobre o osso quebrado, para o repôr em seu lugar.

Aparelho, e ligadura.

Encher-se-ha a cavidade da coxa com huma almofada bastante grossa, será do comprimento da corvidade da coxa, haverá trez ataduras da largura de trez dedos, a primeira de trez varas, a segunda, e terceira de quatro varas cada huma, dar-se-ha trez voltas sobre a fractura, e subindo para cima, dando voltas chegadas humas ás outras, irá parar ao redor do corpo: a segunda atadura dará duas voltas sobre a fractura, e voltando igualmente se descerá para baixo, findaráõ as voltas por cima do joelho, ou se continuaráõ na perna, e se passará por baixo do pé, tornando a subir á perna; pôr-se-ha huma almofada sobre a coxa, que será mais

mais groſſa para baixo do que em cima, para fazer a coxa igual em toda a parte; pôr-ſe-haõ quatro almofadas longitudinaes, ſobre as quaes ſe metteráõ taboinhas, ou tallas da meſma figura, comprimento, e largura, e por cima huma ſimplez almofada; e com a terceira atadura ſe dará voltas por cima das tallas, começando em baixo dando voltas, e ſubindo, pôr-ſe-haõ dous papeloẽs, que tomaráõ todo o aparelho, e que ſe naõ encruzem hum em cima do outro, atar-ſe-haõ com trez fitas; pôr-ſe-ha huma ſola debaixo de pé, e o calcanhar ſerá encoſtado ſobre huma almofada, pôr-ſe-ha a perna entre dous páos, ou canas, em que eſtará enrolado hum lançol, o primeiro chegará até a verilha, e o exterior ſerá hum pouco mais comprido, pôr-ſe-haõ duas de cada banda por baixo do joelho, e outras duas debaixo das malleolas, para encher as cavidades; eſſas almofadas haõ de ſer poſtas entre os dous páos, ou canas ditas; pôr-ſe-ha huma almofada ao comprido, e ſobre a perna, e huma ſobre a coxa, ligaõ-ſe os ditos páos, &c. com trez fitas na perna, e trez na coxa, daõ-ſe os nós por fóra, e na ilharga.

CAPITULO XVI.

Da fractura da rotula.

A Rotula ſe quebra, ou ſe racha ao comprido, atraveſſado obliquamente, ou em pedaços; as duas peças ſe apartaõ huma da outra. Deve-ſe fazer huma forte extenſaõ, neſte tempo o Cirurgiaõ porá a parte ſuperior da rotula em ſeu lugar.

Se a rotula tiver fractura ao comprido, naõ ſe

deve fazer entenſaõ, porque as partes divididas eſtaõ em ſeu lugar. Depois de feita a reducçaõ, far-ſe-ha o

Aparelho, e ligadura.

Se a rotula tiver fractura atraveſſada, ſe tomará huma atadura de trez varas de comprido, e dous dedos de largura, enrolada a dous cabos: far-ſe-ha hum ky no joelho, ſe começará por cima da rotula, dando volta por baixo do joelho ſubindo, e deſcendo com voltas, até ficar cuberta a rotula. Se tiver fractura comprida de alto para baixo, ſe lhe fará o uniente: a atadura ſerá de trez varas de comprido, dous dedos de largura rachada no meyo; ſe começará de applicar por baixo do joelho, ſe paſſará o nodello de hum cabo na rachada da atadura, continuará a dar voltas até ficar a rotula cuberta.

CAPITULO XVII.

Da fractura da perna.

SE naõ ha mais que a tibia com fracturas, inclina-ſe para dentro; ſe os dous oſſos eſtaõ quebrados, ſe affaſtaõ ás vezes de ambas as bandas, ou ilhargas, ou paſſaõ hum em cima do outro, neſte caſo a perna eſtá mais curta do que a outra. Senaõ eſtá quebrado mais que o peroné, inclina-ſe para fóra.

Senaõ eſtiver quebrado mais que hum oſſo, naõ he neceſſario taõ forte extenſaõ como ſe eſtiveſſem ambos; quando ſómente hum eſtá quebrado, ſe faz a extenſaõ ſómente de huma banda, e ſendo

dous, puxa-ſe igualmente, e com mais força, em quanto os ajudantes puxaõ, o Cirurgiaõ fará a reducçaõ dos oſſos pondo juſtamente os cabos com igualdade; conhece-ſe ſe eſtaõ bem repoſtos, quando o groſſo artelho, ou dedo do pé eſtá no ſeu ſitio natural.

Aparelho, e ligadura.

Começa-ſe applicando huma almofada ſimplez, molhada em licor conveniente, haverá trez ataduras, de duas para trez voltas apertadas ſobre a fractura, ſubindo para cima dando voltas, parar-ſe-ha por cima do joelho; a ſegunda começará dando duas voltas por cima da fractura, e ſe deſcerá dando voltas para paſſar por baixo do pé, e tornará a ſubir para cima até findar onde acabar a atadura.

Aparelhos das fracturas complicadas.

Dos braços, das pernas, e das coxas, ſe faz com a ligadura de oito cabos.

Para ſe fazer ſe toma panno do comprimento da parte, e baſtante largo, para que ſe poſſa encruzar, ou ſobrepôr; ſe dobra em trez, corta-ſe em trez partes de cada banda, deixando o meyo inteiro, e ſe faz em dezoito cabos, ou tiras, que teraõ largura de quatro dedos cada huma. Os cabos de cima ſeraõ mais curtos do que os debaixo: põem-ſe a ligadura de dezoito cabos ſobre os dous páos, e ſe põem por cima huma almofada de quatro dedos de largo, taõ comprida como as taboas, eſſe impede que a materia naõ caya ſobre as ataduras, põem-ſe a perna ſobre eſſa almofada.

Quan-

Quando se tem curado a ferida, começa-se de arrodear a fractura com hum dos cabos, que devem encruzar-se, ou sobrepôr. Depois de ter apertado a perna com os primeiros cabos, põemse duas almofadas compridas de huma banda da perna, tornaõ-se a levantar os outros cabos, e o resto do aparelho que temos dito da fractura simplez.

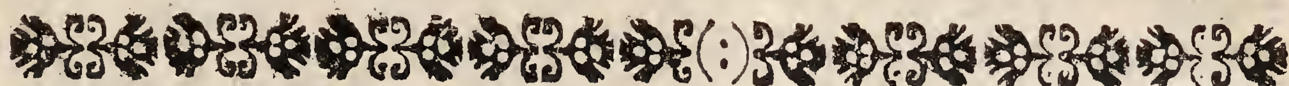
CAPITULO XVIII.

Da fractura dos ossos do pé.

A Reducçaõ da fractura dos ossos do pé, se faz como a dos ossos da maõ.

Aparelho, e ligadura.

Faz-se com huma atadura enrolada dos cabos até o meyo, de trez varas de comprido, e dous dedos de largura. Se começa dando huma volta por baixo das malleolas, se passa por cima do pé, ao redor do qual se dá volta, encruza-se a atadura sobre o metacaço, sobre o qual se dá voltas, e dahi sobre os artelhos, e finda-se a atadura no tornozello, ou por baixo do joelho. Este aparelho serve para todas as fracturas do pè, e se chama alparca.



TRATADO

DAS OPERACÇÕES QUE SE FAZEM ás dislocaçoẽs.

CAPITULO I.

Da dislocaçaõ do nariz.

OS oſſos do nariz ſe podem ſeparar do oſſo da teſta por alguma queda, ou pancada violenta. Para o repôr no ſeu ſitio o Cirurgiaõ porá o pollegar ſobre a raiz do nariz, introduzirá dentro nos narizes hum pequeno páo chato, guarnecido de algodaõ, com o qual reduzirá o oſſo a ſeu lugar. O aparelho, e ligadura o meſmo que temos dito da fractura do nariz.

CAPITULO II.

Da dislocaçaõ do queixo inferior.

O Queixo ſe disloca das duas bandas, ou de huma ſómente, quando o queixo eſtá pendente ſobre o *ſternum*, e a ſaliva corre com abundancia da boca do doente. Para ſe reduzir ſe manda aſſentar o doente, hum ajudante ter-lhe-ha maõ na cabeça, o Cirurgiaõ cobrirá ſeus dedos pollegares, para os metter na bocca ſobre os dentes mollares;

os

os outros dedos eftaráõ por baixo do queixo, que puxa para baixo levantando para cima, tendo primeiro mettido dous páos de pinho, feitos a modo de humas cunhas pequenas, fobre as duas mollares de ambas as bandas do queixo, para que o queixo naõ fira os dedos do Cirurgiaõ quando for reposto. Se a dislocaçaõ eftá por diante, pôr-fe-ha huma ligadura debaixo da barba; hum ajudante tendo os joelhos poftos em cima das efpadoas do doente, puxará pela atadura para cima, para facilitar a extenfaõ que o Cirurgiaõ fará com as maõs, e a reporá em feu lugar.

Quando o queixo eftá dislocado fómente de huma banda, a barba eftá virada para huma banda, a banda dislocada eftá chata, vê-fe-lhe huma cavidade pequena, e da outra banda huma eminencia. Naõ fe póde fechar a boca que eftá hum pouco aberta, os dentes inferiores eftaõ mais para fóra do que os fuperiores, e os caninos eftaõ debaixo das gingivas. Reduz-fe efta dislocaçaõ dando huma pancada com a maõ fobre o offo dislocado, iffo he baftante para fe repôr no feu eftado natural. O aparelho, e ligadura o mefmo que na fractura.

CAPITULO III.

Da dislocaçaõ da clavicula.

A Clavicula fe defata mais depreffa do acromion, que he aquella parte junto ao hombro, do que do fternum. Quando a clavicula largou o acromion, naõ fe póde levantar o braço; o acromion fórma

fórma huma eminencia, a clavicula desce para baixo, apparece huma cavidade no seu lugar. Para a reduzir, se manda deitar o doente sobre algum corpo convexo, que se encontra entre as duas espadoas, carrega-se sobre as duas espadoas para traz, para fazer levantar a clavicula, e logo se manda assentar, para lhe puxar o braço para traz, e nesse mesmo tempo o Cirurgiaõ aperta a clavicula, e o acromion para os ajuntar. O aparelho, e ligadura como o da fractura.

CAPITULO IV.

Da disloçaõ das vertebras.

NA dislocaçaõ das vertebras do pescoço, a cabeça está para huma banda, o rosto inchado, livido, e falta de respiraçaõ. Para as reduzir, se manda que se assente o doente sobre assento baixo, se lhe carrega sobre as espadoas para o ter maõ, o Cirurgiaõ lhe puxa a cabeça para cima, virando-a para huma banda, e para outra: se os accidentes cessaõ, o doente está curado, e saõ. Faz-se-lhe fomentaçoẽs, e se porá na cama, naõ bolirá com a cabeça.

Quando as vertebras do hombro estaõ dislocadas por dentro, apparece huma cavidade, manda se deitar o doente sobre o ventre, a extensaõ se faz com guardanapos, passando por baixo do braço por cima do osso da scia. No tempo de huma forte extensaõ, o Cirurgiaõ fará algum movimento no espinhaço, ou espina, para puxar pela vertebra; se isto naõ he sufficiente, se fará huma incisaõ so-

bre a apophyſis eſpinoſa da vertebra, para puxar melhor pela vertebra; depois de deſcuberta eſta apophyſi ſe puxa para fóra com a tenaz. A ferida ſe cura com lechinos, e hum emplaſtro, e o guardanapo que ſe naõ deve apertar muito, para naõ moleſtar a eſpina.

Quando a vertebra he dislocada exteriormente, apparece huma eminencia, manda-ſe deitar o doente ſobre o ventre, faz-ſe extenſaõ como temos dito. Para ſe repôr a vertebra ſe tomaráõ dous páos pequenos guarnecidos de panno de linho, e ſe pőem ao comprido das duas bandas da eſpina, ou eſpinhaço da vertebra, haõ de ſer de baſtante groſſura, para ſerem mais levantados do que a apophyſis eſpinoſa, far-ſe-ha rodar huma, e baſtantes vezes ſobre eſtes dous páos, hum páo groſſo roliço, carregando hum pouco, para metter a vertebra para dentro.

Quando todas as vertebras eſtiverem de igual altura, ſe entenderá a reducçaõ eſtar feita; ſe ſaõ dislocadas para a banda, far-ſe-haõ as meſmas extenſoẽs carregando ſobre a eminencia, para a repôr em ſeu lugar.

Aparelho, e ligadura.

Faz-ſe pondo duas pequenas laminas de chumbo de cada banda da apophyſi da eſpina da vertebra, para a manter em ſeu lugar, e por cima huma almofada comprida, a atadura ſerá de *quadriga*, que temos enſinado na fractura dos oſſos do peito.

CA-

CAPITULO V.

Da dislocaçaõ do coccix.

SE o coccix eſtá mettido para dentro, ſe levanta com o dedo indice da maõ direita poſto no anus; ſe a dislocaçaõ he exterior, ſe ha de apertar levemente para dentro. O aparelho, e atadura como na fractura.

CAPITULO VI.

Da corcova.

A Corcova he huma luxaçaõ, ou dislocaçaõ externa das vertebras, ſe ſe intentar de a curar, ſerá neceſſario uſar muito tempo de emollientes, para laxar os ligamentos, e de hum colete com huma placa de aço ſobre as vertebras bem apertada, para comprimir, e metter para dentro as vertebras pouco a pouco.

CAPITULO VII.

Da dislocaçaõ das coſtas.

AS coſtas ſe dislocaõ, ou para dentro, ou para fóra. Se eſtaõ dislocadas por dentro, ſe percebe huma cavidade perto das vertebras, reſpira-ſe com dôr, o doente naõ ſe póde dobrar. Quando a dislocaçaõ he exterior, e que ſuccede nas coſtas ſuperiores, mandar-ſe-ha ao doente levantar em cima

de huma porta, para fazer alçar as coſtas, e neſte tempo o Cirurgiaõ carrega na eminencia da coſta, para a repôr no ſeu lugar.

Se as coſtas inferiores eſtaõ dislocadas, manda-ſe ao doente curvar pondo as maõs ſobre os joelhos, e carrega ſe na eminencia do oſſo para dentro.

Se a coſta eſtá dislocada para dentro, he neceſſario fazer huma inciſaõ para a tirar com o dedo.

O aparelho, e atadura como para fractura das coſtas.

CAPITULO VIII.

Da cartilagem xyphoides, ou eſpinhella cahida.

PAra levantar eſſa cartilagem, he neceſſario primeiro fomentalla algum tempo com oleo de trementina, ou de alecrim, ou de outras fomentaçoẽs aromaticas, ao depois o doente ſe deite de coſtas, tendo por baixo dos hombros, e coſtas hum corpo convexo; carregar-ſe-ha ſobre as eſpadoas, e ſobre as ilhargas do peito, para fazer levantar eſſa cartilagem. Quando tudo iſto naõ he ſufficiente, ſe applicaráõ ventoſas ſecas, até que a parte eſteja levantada; entaõ ſe applica hum emplaſtro para fortificar.

CAPITULO IX.

Da dislocaçaõ do hombro.

A Cabeça do *humerus* cahe ordinariamente no ſovaco; o braço dislocado he mais comprido do que o outro, o acromion apparece por fóra agudo,

do, o antebraço se afasta das costas, e se naõ póde bolir sem grande dôr. Para reduzir este osso, o doente se assentará sobre assento baixo, ou no chaõ, alguem terá maõ o corpo do doente com huma toalha, o Cirurgiaõ pegará na parte superior do hombro, hum ajudante estará de joelhos atraz do doente, tomará o braço por cima do cotovello, que passará entre as pernas do Cirurgiaõ, que puxará para baixo quanto puder; o Cirurgiaõ puxará o braço, para affastar a cabeça do osso do lugar onde estava parada, e reduzirá o osso no seu lugar natural. O osso faz algumas vezes estrondo, quando entra na sua cavidade.

Ou de outra sorte, pôr se-ha o braço doente sobre a espadoa de hum homem mais alto do que o doente, que lhe puxará fortemente em diante para o peito, nesse tempo o Cirurgiaõ empurrará a cabeça do osso do hombro em sua cavidade.

De outro modo, deitar-se-ha o doente no chaõ; pôr-se-ha debaixo do braço no sovaco huma pella grande, que hum ajudante puxará fortemente com hum lenço passado debaixo da espadoa, outro ajudante estará detraz do doente, para empurrar para baixo a espadoa com o pé, o Cirurgiaõ se assentará entre as pernas do doente, e puxará fortemente com o lenço, e a pella para cima, para se fazer a reducçaõ.

Ou ponha-se huma tranca, ou páo comprido bem segura nos seus cabos, situada sobre os hombros de dous homens mais altos do que o doente, no meyo do dito páo estará huma pella, ou outra eminencia feita de pannos, e de cada banda desta eminencia dous tornos de páo, entre os quaes, e sobre

bre a pella porá o doente o ſovaco, e ficará ſuſpendido em quanto lhe puxaõ o braço para baixo com força. Faz-ſe o meſmo fazendo pôr o braço ſobre huma porta, ou ſobre hum degráo de huma eſcada de maõ.

Aparelho, e ligadura.

Pôr-ſe-ha debaixo do braço huma pequena pella feita de pannos, e por cima huma almofada de quatro cabos, que ſe poſſa encruzar ſobre o hombro, e huma almofada no ſovaco ſaõ, para que a ligadura chamada *ſpica* naõ arranhe. Eſta ligadura veja-ſe no Capitulo da fractura da clavicula.

CAPITULO X.

Da dislocaçaõ do cotovello.

QUamdo o cotovello eſtá luxado para dentro, o braço eſtá dobrado, e a maõ vira para fóra. Quando a dislocaçaõ he por fóra o braço eſtá mais curto. Se a dislocaçaõ he lateral, ſe vê huma eminencia na parte dislocada, e huma cavidade na parte oppoſta. Para reduzir a dislocaçaõ interna, ſe puxa pela hombro, e o antebraço, e neſſe tempo dobra o antebraço, chegando a maõ para a eſpadoa; ou de outro modo, ſe põem huma pella na dobra do cotovello, e ſe chega o braço para a eſpadoa.

Para a dislocaçaõ externa faz-ſe a extenſaõ, e o Cirurgiaõ empurra o cotovello para o ſeu lugar, de outro modo, ſe toma hum páo redondo, e guarnecido de pannos, com o qual ſe empurra o oſſo para ſeu lugar no tempo da extenſaõ: tambem deſte modo ſe póde uſar para dislocaçaõ interna.

Para

Para as dislocaçoẽs lateraes ſe faz a extenſaõ, e neſte tempo o Cirurgiaõ empurra o oſſo no ſeu lugar.

Atadura.

Será de cinco varas, e dous dedos de largura enrolada de hum ſó cabo. Se começa dando volta á parte inferior do *humerus*, ſe paſſa na dobra do braço, dá-ſe volta á parte ſuperior do antebraço, e hum ky na dobra do cotovello, ſe continuaõ as voltas ſobre o cotovello, e de ky por dentro do braço, até que o cotovello eſteja de todo cuberto, ſe ſóbe dando voltas ao alto do braço, e pára-ſe com atadura ao redor do corpo, deve eſtar na cama, ou fazer-ſe a atadura que temos dito da fractura do braço.

CAPITULO XI.

Da dislocaçaõ do punho.

SE a dislocaçaõ he interna, a maõ vira hum pouco para cima, e pelo contrario ſe for externa. Para a reduzir, ſe põem as coſtas da maõ ſobre huma meſa, ou taboa, carregando o Cirurgiaõ nella com a maõ eſquerda, e com o pollegar da maõ direita carregará no oſſo dislocado, em quanto hum ajudante faz a extenſaõ, puxando o braço doente; o meſmo ſe faz para a dislocaçaõ dos dedos. Se a luxaçaõ for externa, a maõ virará para dentro. Se a dislocaçaõ he lateral, a maõ virará para huma banda; ſe fará a extenſaõ, e virar-ſe-ha a maõ da banda oppoſta á dislocaçaõ. Coſtuma-ſe puxar os

dedos

dedos hum depois do outro, para repôr os tendoẽs em ſeu lugar.

Os oſſos do carpo ſe dislocaõ para dentro, e para fóra; para os repôr, ſe póem a maõ ſobre huma meſa, ſe faz a entenſaõ carregando ſobre a eminencia por dentro, ſe a dislocaçaõ he interior, e por fóra, ſe he exterior, far-ſe-ha o

Aparelho, e atadura.

Com huma atadura de cinco varas, e dous dedos de largura; ſe dará trez voltas ſobre a dislocaçaõ, e de caminho ſe daráõ voltas dentro da maõ entre o dedo pollegar, e indice, fazendo hum ky ſobre o pollegar; depois de varias voltas ſobre o punho, ſe poraõ dous papeloẽs na ilharga do punho, dando voltas por cima com a atadura, dentro na maõ ſe porá huma pella, para que os dedos fiquem em mediocre ſituaçaõ; ſe daráõ voltas por cima, e depois dando voltas, irá acabar por cima do cotovello.

CAPITULO XII.

Da dislocaçaõ da coxa.

A Que ſuccede mais cõmummente he a interior, acha-ſe huma eminencia ſobre o oſſo pubis, a perna doente he mais comprida do que a outra; o joelho, e o pé viraõ para dentro, e o calcanhar para fóra, naõ ſe póde dobrar a coxa, nem chegar huma á outra.

Se a dislocaçaõ he externa, a perna he mais curta

ta do que a outra, o joelho, e o pé viraõ para dentro, e o calcanhar para fóra.

Se a dislocaçaõ está por diante, ha hum tumor na virilha, naõ se póde chegar huma coxa á outra, nem dobrar a perna, e naõ se sustenta senaõ sobre o salto, ou calcanhar.

Se a dislocaçaõ he posterior, se sente hum tumor na nadega, e dôr muito grande, a perna he mais curta do seu natural, apparece huma cova na virilha, a perna está no ar, e cahe para traz.

Para reduzir a dislocaçaõ interior, o doente se deitará de costas sobre huma taboa, a qual terá hum páo, ou cabide mettido, de comprimento de hum palmo, e grossa; se porá entre as coxas do doente, para o reter quando lhe puxarem a perna para baixo; se passará hum laço por baixo da juntura da coxa, para puxar o ischion para cima, e se puxará a coxa para baixo com hum laço atado por cima do joelho; nesse tempo o Cirurgiaõ puxará a coxa para cima, para fazer entrar dentro a sua cavidade; no tempo da reducçaõ se largaráõ hum pouco os laços para a facilitar.

Para reduzir a dislocaçaõ exterior, se deitará o doente sobre o ventre, se puxará como temos dito, se carregará na coxa de fóra para dentro, para tornar a entrar na sua cavidade.

Para reduzir a dislocaçaõ interior, o doente se deitará sobre a ilharga opposta á dislocaçaõ, se fará extensaõ puxando para cima, e para baixo, como temos feito; se carregará a cabeça do osso com huma pella, que se empurrará com o joelho fortemente, chegando a perna dislocada para a outra.

Para reduzir a dislocaçaõ posterior, se deite o

doente ſobre o ventre, fazendo dobrada extenſaõ; ſe puxará para fóra o joelho do doente para repôr o oſſo. A reducçaõ feita, ſe applicará huma almofada molhada em licor eſpirituoſo, ſe fará a ligadura chamada *ſpica*, que temos enſinado no Capitulo da dislocaçaõ da eſpadoa.

CAPITULO XIII.

Da dislocaçaõ do joelho.

QUando o *tibia* eſtá dislocado por detraz, as eminencias do *tibia* eſtaõ dentro na cavidade do joelho, e a perna eſtá dobrada.

Se o *tibia* eſtá dislocado para a banda, apparece hum tumor para a banda dislocada, e huma cavidade para a banda oppoſta.

Se o conſiſte do *tibia* eſtá por dentro, a perna vira para fóra; e ſe eſtá para fóra, vira para dentro.

A dislocaçaõ poſterior ſe reduz fazendo deitar o doente de bruços, e no tempo das entenſoēs o Cirurgiaõ dobrará a perna, chegando o calcanhar ao alto da coxa.

Se o *tibia* he dislocado para a ilharga, ſe faráõ as extenſoēs ordinarias, e ſe empurrará o oſſo com o joelho.

Se a dislocaçaõ eſtiver por diante, ſe deitará o doente de coſtas, ſe faraõ as extenſoēs puxando a coxa, e a perna; e ſe carregará ſobre as eminencias.

Ata-

Atadura.

De trez varas, e dous dedos de largo enrolada dos cabos até o meyo, ſe dá duas voltas ſobre o joelho, debaixo do qual ſe fórma hum ky, e huma volta por baixo; ſe torna a ſubir ſobre o joelho dando voltas, e fazendo ky debaixo do joelho, até que eſteja de tudo cuberto.

CAPITULO XIV.

Da dislocaçaõ da rotula do joelho.

DIsloca-ſe ſubindo para cima. Para a reduzir, o doente terá a perna direita, e com a maõ ſe ha de empurrar para baixo; o doente eſtará de cama, e ſe lhe fará a ligadura como para dislocaçaõ do joelho.

Se o *peroné* ſe alarga do *tibia*, ſe carregue na ilharga do pé, para o conchegar, e ter-ſe-ha maõ com a atadura, como na fractura do tar-ſe.

O eſtragalo ſe disloca por diante, empurra-ſe para ſeu lugar, e ſe faz a ligadura como para fractura do pé.

O *calcaneum* ás vezes larga o eſtragalo para dentro, e para fóra. Os oſſos do tar-ſe, do metatar-ſe, e dos artelhos tambem ſe dislocaõ; com qualquer habilidade ſe repõem eſſas dislocações.

CAPITULO XV.

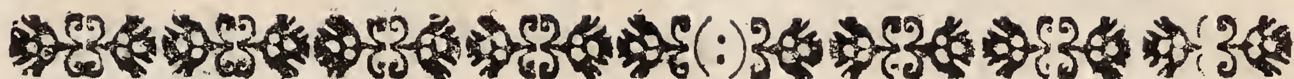
Da dislocaçaõ dos dedos.

SE os dedos eſtaõ dislocados, ſe fará a extenſaõ, para os reduzir ao ſeu eſtado natural.

Atadura.

Se he a primeira articulaçaõ, ſe fará o *ſpica* com atadura enrolada por hum cabo, de vara e meya, e hum dedo de largura; ſe começa dando voltas ao redor do punho; ſe paſſa ſobre a dislocaçaõ, paſſando entre os dedos; ſe continuaõ as voltas para formar hum *ſpica* ſobre a dislocaçaõ, e ſe finda com a atadura ſobre o punho.

Se todas as primeiras falanges eſtiverem dislocadas, ſe faria outro tanto ſobre cada falange, com a meſma atadura. Eſſa atadura ſe chama meya lua.



TRATADO
DOS REMEDIOS NECESSARIOS a hum Cirurgiaõ.

CAPITULO I.
Dos Balſamos.

Balſamos de Arceus.

REcipe, *Sebo de bode duas libras, trementina de Veneza, e gomma elemi, ou almecega do Braſil, de cada huma libra meya, unto de porco libra huma.*

Tendo derretido a fogo lento a gomma elemi, cortada miudamente, ſe lhe miſture a trementina, ao depois o ſebo, e unto, e tudo derretido ſe côe, e ſe guarde.

Eſte balſamo encarna, e conſolida as feridas, e chagas, ſe applica nas fracturas, e dislocaçoẽs dos oſſos, para curar as feridas, e contuſoẽs dos nervos.

Balſamo Hiſpanico, ou oleo de aparicio compoſto.

Recip. *Raizes de valeriana, gommos, e raizes de cardo ſanto pizadas recentes, de cada hum duas onças, trigo novo verde, e quaſi maduro onça huma e meya,* ſe infundaõ vinte e quatro horas *em deſa-*

ſeis onças de vinho bom ſobre cinzas quentes ſe lhe dê fervura, e ſe lhe ajuntem *de oleo de hypericaõ bem tinto onças dez*, ſe coza tudo a fogo lento atè ſe gaſtar o vinho, e coado ſe lhe miſture *trementina de Veneza onças oito, e quaſi frio, incenſo macho trez onças, em pó ſubtil.*

Eſte he o balſamo de Aqua-pendente, de que uſava ſempre com grandes ſucceſſos, para toda a caſta de feridas, e para as dos nervos. He neceſſario lavar logo a ferida com vinho branco bom, e frio, ao depois applicar-lhe eſte balſamo quente: ſe a ferida, ou chaga he profunda, ſe ſiringará com eſte balſamo quente, ſe ajuntaráõ os labios da ferida untados deſte balſamo; ſe applicará huma almofada em cima molhada neſte balſamo, e outra por cima deſta molhada com vinho tinto do melhor, e por cima de tudo huma almofada ſeca.

Balſamo verde.

Recip. *Oleo de linhaça, e azeite, de cada hum libra huma, oleo de bagas de louro, por expreſſaõ, quatro onças, trementina de Veneza ſeis onças, oleo de bagas de zimbro meya onça, oleo de cravo duas oitavas, verdete em pó ſubtil trez oitavas, azebre bom, incenſo macho, de cada hum ſeis oitavas, caparroſa branca duas oitavas.*

Os oleos ſobre calor lento ſe miſturem com trementina, tirados do lume ſe lhe miſture logo verdete mexendo ſempre, e quaſi frio ſe lhe miſture tudo o mais.

Eſte he o balſamo de que em Parîs os Charlatoẽs faziaõ grande ſegredo, he muito bom para toda a caſta

casta de chagas, e feridas, ou de armas de ferro, ou de fogo, se applica como o referido acima, mundifica, encarna, cicatriza; he bom contra mordeduras de animaes venenosos, e para chagas velhas, fistulosas, e malignas.

Balsamo Samaritano.

Recip. *Azeite commum do melhor, e vinho bom, de cada hum partes iguaes*, se cozaõ em vazo vidrado até se gastar o vinho, e o balsamo ficará feito.

Este balsamo he simplez, e se póde fazer em todo o tempo, mundifica, consolida as chagas, e feridas simplez, principalmente as recentes.

CAPITULO II.

Dos unguentos.

Unguento dialthea.

Recip. *Raizes de malvaisco, chamadas althea, seis onças, semente de linhaça, de alforvas, casco de cebola albarrã, de cada hum quatro onças, cera amarella, rezina, de cada hum libra huma, trementina, galbano, gomma hedera, de cada hum duas onças.* As *raizes de malvaisco*, lavadas, e pizadas, e o *casco de cebola albarrã*, se cozaõ em *duas canadas de agoa*, com as *sementes de linhaça, e alforvas*, até se gastar a metade, côe-se tudo quente fortemente espremido, e se coza este cozimento com *quatro libras de azeite*, até se gastar a humi-

humidade, e nesse azeite se derreta a *rezina*, *pez*, *cera*, *trementina*, e bem derretido, e misturados, se lhe ajunte o *galbano* depurado em ponto de mel, ao depois a *gomma bedera em pó subtil*, mexendo até ficar frio, e se guarde.

O *unguento dialthea* he detersivo das chagas, cicatriza, consolida &c.

Unguento basilicum.

Recip. *Azeite duas libras*, *cera amarella*, *sebo de carneiro que se tira dos rins*, *rezina pura*, *pez grego*, *pez negro*, *trementina fina*, *de cada hum meya libra*, se derreta tudo, e se côe, e antes que esteja frio, se lhe misturem *duas onças de almecega da India em pó*, mexendo sempre, e frio se guarde.

Este unguento faz abrir todos os apostemas, carbunculos pestilenciaes, e venereos, se continûa a applicaçaõ depois da abertura do abscesso até sua perfeita cura.

Unguento rosado.

Recip. *Manteiga de porco macho limpa, e lavada, quatro libras*, se misture *com quatro libras de botoẽs de rosas vermelhas*, pisadas em hum gral, e se pôem em hum vaso vidrado ao Sol, ou em parte quente, para ficar sempre derretida a manteiga, trez, ou quatro dias, e depois a fogo lento, e lhe dem leves fervuras, se côe, e esprema fortemente, e de novo se lhe misturem *duas libras de botoẽs de rosas machucados*, *huma onça de pós de páo Rhodio*, *outra onça de raiz de anchusa*, *ou orcanete*

canete pizada, ſe lhe dem leves fervuras até gaſtar a humidade, côe-ſe, e frio ſe guarde; ficará cheiroſo, vermelho, e de ſingulares virtudes para as inflammaçoẽs externas, principalmente nos fleimoẽs, eryſipellas, impigens, almorreimas, e contra dores de cabeça.

Unguento branco.

Recip. *Azeite roſado libras trez, cera branca em grumos nove onças, alvayade libra huma, alcanfor duas oitavas*, a cera, e oleo derretido a fogo lento, e tirado do lume ſe lhe miſture o alvayade em pó ſubtil, ſempre mexendo, e no fim o *alcanfor derretido em meya onça de eſpirito de vinho.*

Eſte unguento ſerve para queimaduras, coceiras, e varias doenças da pelle, abranda as comichoẽs, a intemperança das chagas, arranhaduras, vermelhidoẽs, contuſoẽs, conſolida as feridas leves, e refreſca.

Unguento Egypciaco.

Recip. *Verdete em pó ſubtil onze onças, vinagre forte quatorze onças, mel vinte e oito onças*, ſe coza tudo em tacho de cobre até ficar vermelho, e em ponto de mel groſſo.

Eſte unguento conſome as carnes podres, e ſuperfluas das chagas.

Unguento refrigerante de Galeno.

Recip. *Oleo roſado huma libra, cera branca em grummos trez onças*, ſe derreta a cera com oleo,

ſem ferver, em huma tigella vidrada, tirado do fogo ſe mexa até resfriar, e ſe lhe miſturem *trez onças de agoa roſada*, *e huma onça de vinagre branco*, depois de muito mexido ſe eſcorra, e guarde em boyaõ.

Eſte unguento ſe applica exteriormente ſobre todas as partes que neceſſitaõ refrigerar-ſe, mitiga as dores das almorreimas, ſerve para gretas, e outras mazellas que ſuccedem nos bicos dos peitos ás mulheres; para queimaduras ſó, ou miſturados com outros unguentos; quando ſe quer apertar, e deſſeccar, ſe miſtura com unguento branco.

Unguento para queimaduras.

Recip. *Manteiga de porco macho libra huma, vinho branco meya canada, folhas de ſalva, de hera das paredes, de manjerona, de enſayaõ, de cada huma duas maõs chêas*, cortadas miudamente ſe cozaõ a fogo lento, até quaſi ſer gaſta a humidade, ſe côe fortemente eſpremido, e ficará feito o unguento para queimaduras.

CAPITULO III.

Dos emplaſtros.

RECIP. *Fezes de ouro em pó ſubtil, azeite de cada hum trez libras, caparroſa queimada em pó ſubtil quatro onças, manteiga de porco, cozimento de palmeira, ou de crecenças de carvalho, de cada hum duas libras*, coza-ſe tudo mexendo ſempre até ficar em ponto emplaſtrico; ſe querem que fique

que vermelho, lhe misturem a *caparrosa no fim*; se o querem branco, lhe poraõ a *caparrosa branca.*

Este emplastro serve para a cura das feridas, e chagas, tumores, queimaduras, contusoẽs, fracturas; para applicar ás fontes, ou cauterios, se lhe mistura a terceira, ou quarta parte de algum oleo proprio, para se lhe dar a consistencia de cerato.

Emplastro diaquilaõ simplez.

Recip. *Raizes de malvaisco machucadas, semente de alforvas, de linhaça galega, de cada hum quatro onças*, se cozaõ em *seis libras de agoa*, até se gastar mais de ametade, se côe, e esprema-se fortemente, e esse cozimento se coza *com quatro libras de azeite, e duas libras de fezes de ouro em pó subtil*, sempre mexendo sem descontinuar, até adquirir consistencia emplastrica.

Este emplastro amolece, resolve as durezas, e tumores scirrhosos do figado, e das entranhas, derrete os tumores escropulosos, e as reliquias dos abscessos.

Emplastro de André da Cruz.

Recip. *Rezina duas onças, gumi elemi quatro onças, trementina fina quatro onças, oleo de bagas de louro por expressaõ trez onças*, tudo cortado miudamente, e misturado sobre fogo lento se derreta, se côe, e quasi frio se fórme magdeloẽs compridos.

Este emplastro he proprio para chagas, e feridas do peito, mundifica, e consolida todas as feridas, e chagas, dissipa as contusoẽs, fortifica as partes nas fracturas, e dislocaçoẽs, e faz traspirar os humores sorosos.

Emplaſtro Divino.

Recip. *Fezes de ouro libra e meya, azeite trez libras, agoa commua, ou de ferreiros duas libras*; cozaõ-ſe a fogo lento ſempre mexendo até tomar ponto de emplaſtro; tirado do lume, ſe lhe miſturem as gommas ſeguintes derretidas em ponto de mel; ſendo bem miſturadas com *gomma ammoniaco, galbano, bdelio, opoponaco, de cada huma trez onças*; e ſendo mais frio, ſe lhe miſturem os pós ſeguintes muito ſubtís, *de pedra de cevar, pós de myrrha, incenſo macho, de almecega da India, de ariſtoloquia redonda, de verdete, de cada hum huma onça.* Note-ſe que antes de o tirar do lume, ſe lhe haõ de ajuntar *oito onças de cera, ſeis onças de trementina fina.*

Eſte emplaſtro he bom para toda a caſta de chagas, tumores, contuſoẽs, abranda, reſolve, digere, e prepara a ſuppuraçaõ ás materias que devem tomar eſta via; mundifica, cicatriza, conſolida inteiramente as chagas.

CAPITULO IV.

Das cataplaſmas, ou papas.

SE fazem para abrandar as dores, para reſolver, e diſſipar os tumores novos. E ſe fazem do modo ſeguinte:

Ca-

Cataplasma anodino.

Recip. *Miolo de paõ alvo onças quatro, leite recente libra huma, gemmas de ovos numero trez, oleo rosado onça huma, açafraõ em pó oitava huma, extracto de opio oitavas duas*; cozido o leite com o paõ ralado, e tirado do lume se lhe misturaõ as mais cousas, as gemmas de ovos será a ultima cousa, mexendo muito bem.

Papas para abrandar, cozer, amolecer, e encaminhar a suppuraçaõ.

Recip. *Cebolas de assucenas, raizes de malvaisco, de cada hum onças quatro, folhas de malvas, de violas, de erva gigante, de alfavaca de cobra, de cada huma hum manipulo de linhaça, de alforvas, de cada huma duas onças, oleo de assucenas trez onças.*

As raizes limpas cortadas, e pizadas se cozeraõ na agoa, e lhe ajuntaráõ as folhas estando tudo bem cozido, que fique pouco cozimento, se côe por pineira ralla, e com huma espatula, ou culher se passe a polpa das raizes, e folhas pela mesma pineira, e a esse cozimento se lhe misturem as farinhas, dando-lhe leve fervura, se lhe ajunte o mais que o Cirurgiaõ conjectura será necessario confórme a differença do tumor.

CAPITULO V.

Dos oleos.

OS oleos saõ; ou por expressaõ, ou por incisaõ.

Oleo rosado simplez.

Recip. *Rosas recentes colhidas antes do Sol, vermelhas, cheirosas, bem pizadas duas libras, çumo de rosas huma libra, azeite cinco libras*, se põem tudo em vazo vidrado quarenta dias ao Sol, se lhe ajunte *huma onça de pào de Rhodio em pó*, de *raiz de orcanete huma onça pizada*, e depois dos quarenta dias se lhe dem leves fervuras, e se côe. Se a querem mais efficaz, se lhe dá segunda infusaõ com rosas das vermelhas aveludadas, para isso se naõ deve infundir quarenta dias a primeira, mas sim quatro dias em parte quente, e no fim fervuras bastantes para gastar a humidade, e a ultima infusaõ estará quarenta dias ao Sol, &c. ficará cheiroso, vermelho, dotado de suas virtudes todas.

Este oleo rosado adoça, e dissipa as fluxoẽs, apaga as inflammaçoẽs, mittiga as dores da cabeça, e delirios, provoca o somno, e se deve aquentar antes de o applicar ás partes: dá-se interiormente nas disenterias, e para lombrigas meya até huma onça, se untaõ as partes dislocadas, e fracturadas dos ossos, se fazem oxyrrhodinos com igual parte de vinagre rosado.

Os mais oleos por infusaõ das outras ervas, e flores, se fazem pelo mesmo estylo.

Oleo

Oleo de ovos por expressaõ.

Recip. *Ovos frescos*, cozaõ-se até ficar duros, se tomem as gemmas, e se pizem em gral, se frijaõ em vazo vidrado a fogo lento, até que pegando nelles com os dedos, e espremendo-os largaõ oleo, e assim bem quentes se ponhaõ em sacco de linho forte, e se espremaõ fortemente na prensa. Note-se que he bom borrifallos com espirito de vinho, antes que os ponhaõ no saquinho.

Este oleo mittiga as dores dos ouvidos, das almorreimas, cura a sarna, e coceiras, e todas as doenças dos bicos dos peitos, gretas, frieiras, queimaduras, &c.

Os oleos por incisaõ saõ os balsamicos, que se tiraõ dos troncos de certas arvores, como o de copaîva, de S. Thomé, &c.

CAPITULO VI.

Dos colirios.

OS colirios saõ remedios destinados para as doenças dos olhos.

Colirio de Lanfranca.

Recip. *Agoa de tanchagem, e rosada, de cada huma libra trez, vinho branco bom libra huma, ouro pimenta, verdete, myrrha, azebre, de cada hum duas oitavas em pó subtil.*

Este colirio serve para injecçoẽs, para lavar chagas,

gas, cavallos, &c. mas quando he para os olhos, se deve temperar misturando sómente huma onça deste colirio, com quatro onças de agoa rosada, ou qualquer outra optalmica.

Colirio secco.

Recip. *Duas oitavas de açucar cande, huma oitava de tutia preparada, outra oitava de esterco de lagarto, azebre sucotrino, sal de Saturno, de cada hum hum escropulo*, tudo misturado bem subtil se guarde. Usa-se deste colirio, assoprando com canudo de penna no olho dous, ou trez graõs de cada vez, para nódoas, e belidas; tambem se póde misturar destes pós em alguma agoa propria.

Colirio azul.

Recip. *Agoa de cal clara huma libra, sal armoniaco pizado duas oitavas*, se ponha em hum tacho de cobre bem limpo, vinte e quatro horas, e se guarde em frasco.

Este colirio he dos melhores remedios que se preparaõ para os olhos.

CAPITULO VII.

Dos pós.

Pós contra rabia, ou mordeduras de animaes danados.

RECIP. *Folhas de arruda, de salva, de urgevaõ, de tanchagem, de polipodio, de lozna, de artemisia, erva cidreira, betonica, hypericaõ, fel*

fel da terra, de cada hum partes iguaes. Todas estas ervas apanhadas no mez de Junho, secas em bolsas de papel, se reduzaõ a pó subtil, e se guardem em vidro tapado, dosis huma até trez oitavas, misturada com *meya oitava de pós de viboras, em meyo copo de vinho branco.*

Estes pós saõ efficazes, com tanto que naõ esteja o doente mordido na cara, ou na cabeça, e que naõ tenha molhada, nem lavada a chaga com agoa. Tambem serve para confortar o cerebro, e a memoria.

Pós adstringentes para o uso externo.

Recip. *Pedra lipis calcinada onça huma e meya pedra hume, azebre, incenso, almecega fina, terra sigillada, pedra ematites preparada, galhas, raiz de trementina, de cada hum meya onça,* tudo reduzido a pó subtil se guarde. Serve para parar o sangue das feridas.

Pós adstringentes para o uso interno.

Recip. *Alambre preparado, pedra ematites preparada, coral vermelho preparado, madre perola preparada, terra sigillada, crocus martis adstringente, de cada hum duas onças, ossos humanos, sangue de drago, raiz de trementina, semente de beldruegas, de tanchagem, balaustias, canella de cada hum meya onça, noz moscada numero trez.* Se faça de tudo pó subtil.

Serve para os disentericos, e cursos de ventre, e para todas as hemorrhagias, dá-se hum escropulo até huma oitava.

CAPITULO VIII.

Agoa ſtiptica.

REcip. *Caparroſa queimada, pedra hume queimada, açucar cande, de cada hum huma oitava, ourina de menino, agoa roſada, e de tanchagem, de cada huma huma onça,* ſe miſture, e ſirva o licor claro molhando huma almofadinha, applicada ſobre huma arteria aberta, carregando com a maõ por cima para o ſangue, e as mais hemorrhagias; tambem ſe dá interiormente para hemorrhagias, hemorrhoidaes, meſtruaes, &c. doſis huma oitava até huma onça, em agoa de centinodia, ou outros cozimentos adſtringentes.

F I M.